HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO

TOMO II.

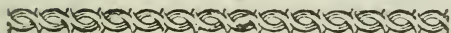
LISBOA

NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.

MDCCLXXXVI.

Com licença da Real Meza Censoria.

Vende-se na logea da Viuva Bertrand e Filhos, Mercadores de Livros junto á Igreja dos Martyres ao Xiado, em Lisboa.

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO V.

TANTO que Albuquerque começou a saborear-se com o gosto, que lhe devia causar a mudança da sua fortuna, gosto que consistia na legitima, e justa satisfaçaõ, de se ver livre de huma persiguiçaõ injurioza, antes que na preversa satisfaçaõ de ver humilhado o seu rival, já que as almas grandes saõ incapazes de sentimentos taõ viz,

Ann. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

viz, teve huma nova mortificaçaõ, que foi obrigado a diſimular, eis-aqui a ocaſiaõ.

O Bailli Amaral, que no Mediterraneo tinha desbaratado a frota, que o Califе enviara para Aſia, para alli carregar madeiras de conſtrucçaõ, tendo dado conta a ElRei da ſua expediçaõ, e do deſignio que o Califе tinha tido de ſe ſervir d'eſtas madeiras, para fazer paſſar huma frota para as Indias, ás inſtancias do Samorim, D. Manoel picado contra eſte ultimo, que o havia aſſás offendido pela obſtinada guerra, que fazia aos Portuguezes, reſolveo vingar-ſe delle por hum modo eſtrondoſo, e de ſe esforçar conſideravelmente para o arruinar deſtruindo-lhe a ſua Cidade Capital. Para o que armou eſta frota de 15 navios, e de 900 homens, de que acabo de fallar. E ainda que o motivo, apparente deſte grande armamento foſſe para ſe pôr em eſtado de ſe oppor á frota do Califе, as occultas viſtas da Corte tinhaõ principalmente por fim a deſtruiçaõ de Calecut.

D. Fernando Coutinho Grande Marechal do Reino, homem vivo, emprehendedor, e amante da gloria, pe-

pedio ao Rei lhe confiasse esta expediçaõ, o que o Rei lhe concedeo de bom grado, por quanto o amava: e fez expedir as ordens, que Coutinho quiz, e o fez absolutamente independente do Vice-Rei, e do Governador em esta expediçaõ, para della lhe dar toda a honra.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Depois da partida de Almeida, naõ tardou o Marechal em intimar a sua commissaõ. No principio quiz prevenir o Governador, o que fez por Gaspar Pereira, Secretario da Coroa nas Indias. Depois deste preliminar elle mesmo fallou, e pedio a Albuquerque, naõ sómente que lhe naõ embarassasse, mas antes que como parente, e amigo o ajudasse, e o secundasse nisto, posto que naturalmente naõ fosse do seu agrado. „ Vós tendes, „ lhe diz, adquirido já muita gloria „ por muitas, e belas acçoens que „ fizesteis. Muitas tendes para fazer, „ que vos immortalizem depois da mi„ nha partida. Deixai assignalar-me tam„ bem hum pouco nesta só occasiaõ „ para que vim. Eu naõ me quero „ estabelecer nas Indias. Naõ invejo „ as suas riquezas. Naõ tenho outra „ paixaõ mais que d'adquirir algu„ ma honra. Eu espero que a ami-

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

„ zade, e o ſangue que nos ligaõ, e
„ que entre nós tornaõ todos os bens
„ communs, façaõ com que vós naõ
„ me envejeis a vantagem de poder
„ adquirir algum merecimento, que
„ naõ pôde eſcurecer o voſſo, nem
„ ainda meſmo entrar em parallelo com
„ huma parte das voſſas acçoens, que
„ vos tem já grangeado os credi-
„ tos de hum dos maiores Capitaens.„

Muito grandes, e muito recentes eraõ as obrigaçoens, que Albuquerque devia ao Marechal, para lhe naõ acordar huma graça, que parecia taõ arraſoada. E poſto que eu creia que elle a ſentio viviſſimamente, e que lhe deſagradaſſe muito, com tudo a iſſo anuio muito bem, e ſe comportou até ao tempo da acçaõ, de maneira que naõ deo ſuſpeita.

O Rei de Cochim, a quem o projecto foi communicado, o approvou; mas julgava neceſſario, primeiro que tudo, tomar lingoa de Coje Bequi, antigo, e fiel amigo dos Portuguezes, de quem ſe ſoubeſſe exactamente o eſtado em que ſe achava a Cidade de Calecut. Delle com effeito ſouberaõ, que o Samorim eſtava actualmente occupado na ſua fronteira, em fazer guerra a hum Principe alia-

do

do do Rei de Cochim: que na Cidade eſtavaõ poucos Naires, em comparaçaõ dos muitos que nella reſidiaõ quando ahi eſtava o Samorim. Além diſto que a Cidade eſtava ſem defenſa pela parte do Norte; mas aſſás bem defendida pelo meio dia, aonde o Samorim tinha huma caza de recreio em alguma diſtancia, chamada *Cerame* a qual tinha huma boa cerca, e hum forte entrincheiramento bem guarnecido de artilheria: que em fim alli lhe faria grande perda queimando-lhe vinte embarcaçoens novas, que eſtavaõ nos eſtaleiros, e que eraõ deſtinadas para fazerem a viagem de Meca.

ANN. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

AFFONSO D ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Com eſtas viſtas ſe determinou a expediçaõ, fazendo-ſe todos os preparos com a diligencia poſſivel, publicando-ſe que eſtes preparos pertenciaõ á carga de alguns navios, que ſe deſpunhaõ a partir para Portugal. A pezar de todo ſegredo, foraõ advertidos, e tudo ſe achou preſtes em Calecut para os receber.

Eſtando tudo prompto, a armada compoſta de trinta náos divididas em duas frotas, huma chamada a frota de Portugal, commandada pelo Marechal, e a outra a frota das Indias, conduſida pelo Governador Gene-

ne-

Ann. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

neral, partio no ultimo de Dezembro de 1509, e chegou á viſta de Calecut no ſegundo de Janeiro do anno ſeguinte.

Os Generaes tiveraõ conſelho á viſta da Cidade, onde ſenaõ deſcubria algum movimento, poſto que ahi eſtiveſſem trinta mil Naires deſtribuidos pelos poſtos importantes. O Marechal renovou entaõ o ſeu primeiro cumprimento a Albuquerque, e lhe declarou, que deſejava commandar a vanguarda. Albuquerque lho conſentio, poſto que com violencia, ou porque temeſſe o genio impetuozo, e colerico do Marechal, ou porque na ſua avançada idadade ſe eſtimulaſſe dos brios, que animaõ a mocidade. Mas conſentindolho, regulou de modo as coiſas, que ſenaõ quiz alongar do Marechal. De commum acordo ordenaraõ de hirem cada hum na teſta da ſua frota: e por huma ordem expreſſa affixada no maſtro grande de cada náo, ſe prohibio aos Officiaes de ſaltar em terra antes dos Generaes. Deſte modo pertendeo Albuquerque poder moderar a cólera do Marechal, ou roubar lhe de facto huma honra, que lhe concedera ſó de palavras, e por pura complacencia.

Ma-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Manoel Paſſanha Official velho, augurou mal eſta expediçaõ, e naõ podendo calar-ſe, diſſe que eſperava pouco de hum corpo que tinha duas cabeças, e acrecentou que ſendo aſſás feliz por ter viſto morrer quatro dos ſeus filhos na cama da honra, e no ſerviço do Rei nas Indias, teria ainda a vantagem de lhe fazer ſacrificio de ſi meſmo neſta occaſiaõ. Tinha enviado o ſeu quinto filho para Portugal, como ſe tiveſſe previſto, que as Indias haviaõ de ſer o ſeu ſepulcro, e o de quaſi toda a ſua familia.

A frota do Marechal compunhaſe de bravos Officiaes, gente de diſtinçaõ; mas que por vir de novo, naõ conheciaõ o paiz, e ignoravaõ a maneira de nelle fazer guerra. A do Governador tinha por primeiros Officiaes ſubalternos, que tinha ſido preciſo ſubſtituir aos antigos Capitaens, a quem o odio a Albuquerque tinha obrigado a embarcarem-ſe com o Vice-Rei, para naõ ficarem expoſtos á vingança, de hum homem, que elles tinhaõ offendido muito. O que era já hum peſſimo prognoſtico. O que ſe paſſou depois que a ordem ſe affixou, foi de hum preſagio ainda mais funeſ-

Ann. de J. C. 1510.
D. Manoel Rei
Affonso d'Albuquerque Governador.

funeſto; porque graſſando a emulaçaõ pelos Officiaes das duas frotas, e mocidade Nobre, que em vez de ſe alimentarem, e deſcançarem, a fim de eſtarem mais á lerta na ſeguinte manhá, cada hum occupado de ſe armar, e de tomar o ſeu lugar nas chalupas, onde paſſaraõ toda a noite, de modo, que pela manhá eſtavaõ taõ canſados da vigilia, e da fadiga, da fome, e ſede, que depois ſentiraõ cruelíſſimamente no extremo calor do dia, e da acçaõ.

Poſtas em movimento as chalupas, e aproximando-ſe a praia para fazerem a deſcida, acharaõ que o mar ahi quebrava com muita violencia. Foraõ recebidas como naõ eſperavaõ pela artilheria do entrincheiramento, e do Cerame, que os incommodou muito, e o faria muito mais, ſe as baterias eſtiveſſem mais no nivel da agua. Albuquerque fez ſaber ao Marechal, ſer mais prompto ſeparar as chalupas, e que cada hum delles na teſta das ſuas foſſe deſcer onde podeſſe. Iſto ſe fez. O Marechal, que contava ſempre com a vanguarda, naõ ſe adiantou, e foi deſcer muito longe. Mas Albuquerque uſando de mais *diligencia*, e cortando mais curto, ga-

ganhou logo a terra, e depois d'hum pequeno combate se asenhoreou do entrincheiramento, partio direito ao Cerame, que distava hum tiro de besta, onde achou huma forte resistencia, mas chegando-lhe os seus lhe lançaraõ fogo.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

O Marechal, naõ tinha ainda chegado ao entrincheiramento quando percebeo o fogo, e gritando que estava trahido, entrou em huma furiosa colera. Atirando depois com o capacete, e armas que tinha na maõ, tomou huma toalha, e huma cana. Entre tanto vindo a elle Albuquerque. „ He assim, lhe diz, Senhor Albu„ querque, que vós cumpristes a pa„ lavra que me destes? Quereis ter „ o gosto de escrever ao Rei, de que „ entrastes o primeiro em Calecut; mas „ eu lhe darei boa conta de tudo, e „ lhe farei conhecer, que coisa he esta „ canalha de Indios; de que vós „ lhe fazeis de longe hum espanta„ lho. Elle o comprehenderá bem „ quando eu lhe disser, que entrei na „ Cidade com huma toalha na cabeça, „ e huma caña na maõ. „ Isto lhe disse com tanta efficacia, que se suppos, que lhe hia dar com o bastaõ, e tudo quanto Albuquerque produzio para

AFFONSO, D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

ra

ra juſtificar-ſe, o Marechal nada quiz admitir, e d'entaõ ſe apaixonou de modo, que ficou incapaz do conſelho.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Com tudo chamando o interprete, que conhecia o paiz; lhe perguntou, onde eſtava o Palacio do Rei, e lhe pedio que o conduziſſe aonde achaſſe homens para combater. Porque dizia, naõ ſe podem chamar aſſim aquelles, que ſe renderaõ com tanta facilidade. O interprete lhe moſtrou o Palacio de cima de hum oiteiro, que poderia diſtar meia legoa. O Marechal determinou de hir lá, ordenou a Pedro Affonſo d'Aguiar ſeu Capitaõ Tenente, que tomaſſe duas pequenas peças de artilheria, e mandando tocar a marchar, ſe pôz em marcha com oitocentos homens, mandando dizer ao Governador, que o podia ſeguir, ou fazer o que quizeſſe, porque nada lhe emportava.

Poſto que Albuquerque ſe picaſſe muito, e conheceſſe bem o perigo em que o precipitava a temeridade do Marechal, o ſeguio com ſeiscentos Portuguezes, e os Malabares de Cochim. Mas antes ordenou a D. Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, a Simaõ de Andrade, e a Rodrigo Rabelo, que deixava com trezentos homens,

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

mens, que velaſſem na guarda das chalupas, que para ellas fizeſſem tranſportar a artilheria do entrincheiramento, e do Cerame, e que queimaſſem os navios, que eſtavaõ nos eſtaleiros, o que ſe executou ſem alguma opposiçaõ.

Ainda que o Palacio do Samorim foſſe defendido pelo Governador da Cidade, e por hum grande numero de Naires, fizeraõ taõ pouca reſiſtencia, que o Marechal, que ignorava que a ſua fugida era hum eſtratagema, ſe confirmou ſeguramente na opiniaõ que tinha concebido da ſua fraqueza, e do deſprezo, que delles ſe devia fazer. Manoel Paçanha o advirtio de balde, que ſe acautelaſſe, e impediſſe aos ſeus que ſe demandaſſem, que deitaſſe inceſſantemente fogo ao Palacio, e que tornaſſe para os bateis. Como elle eſtava fatigado a naõ poder mais, para chegar lá, tinha precizado, que o levaſſem pelo caminho, que naõ podia comſigo, diſſe que queria deſcançar algum tempo, e ſe aſſentou. Os Portuguezes ſe eſpalharaõ pelo Palacio, para ſaquearem as riquezas, de que eſtava cheio. Os Naires, que eſtavaõ de vigia vendo-os eſpalhados,

gri-

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

gritaraõ como coſtumaõ para ſe ajuntarem. Já os viaõ apparecer de toda a parte. Albuquerque, que chegava entaõ ao Palacio, vendo que os Naires ſe ajuntavaõ, naõ quiz entrar, e mandou por duas vezes dizer ao Marechal que ſahiſſe. O Marechal lhe reſpondeo, que ſe adiantaſſe, que elle o ſeguiria brevemente, quando viſſe o fogo bem ateado em diferentes partes. Sahio com effeito entaõ, mas era muito tarde. Os Naires incorporados, ſeguindo-o obrigaraõ-no a voltar ſobre elles, acompanhado ſómente de trinta homens. Combateraõ com muito valor para ſalvarem a vida do Marechal: mas eſte ſenhor, recebendo huma ferida nas pernas, que o fez cahir de joelhos, defendendo-ſe neſta poſtura por algum tempo, cahio em fim ſob a multidaõ dos golpes com Manoel Paſſanha, Lionel Coutinho, Vaz da Silveira, e mais treze Officiaes.

Albuquerque que ſe tinha adiantado, percebendo o perigo em que eſtava o Marechal, tornou a traz eſcoltado com hum groſſo de tropas. Mas como os inimigos eraõ muitos, naõ pôde penetrar até ao Marechal. E naõ lhe cuſtou pouco o defender-ſe. Por-

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Porque achando-ſe em huma ribanceira muito eſtreita, e profunda, os Naires, que eſtavaõ ſupperiores ao caminho, e que o dominavaõ o atacaraõ a ſeu ſalvo de ſima para baixo, ſem que os Portuguezes, por eſtarem muito juntos, podeſſem jogar as ſuas lanças. Pelo contrario; nenhum dos tiros, que lhes arremeçavaõ errava. Albuquerque foi ferido de tres flexas, que duas lhe paſſaraõ o braço eſquerdo, e a terceira o ferio na cara, ainda que levemente; mas recebeo huma grande pedrada no peito, que o derribou ſem ſentidos. Neſta occaſiaõ morrera, ſe o valor de Gonçalo Queimado ſeu Alferes, que ſe entregou á morte junto delle, e ſe o ſoccorro de Diogo Fernandes de Béja, que fez os ultimos esforços para o ſalvar, e que pondo-o ſobre huma rodela, o trouxe neſte eſtado até ás chalupas.

A iſto ſe ſeguio huma derrota geral, ſuccedendo o medo ao valor, naõ viraõ mais que Portuguezes fugir, lançando as armas para melhor correrem. Os Naires, que hiaõ no ſeu ſeguimento mataraõ muitos. Mas foraõ obrigados a parar com a chegada de de Diogo Mendes de Vaſconcellos, e

Si-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Simaõ de Andrade de huma parte, e de Antonio de Noronha, e de Rodrigo Rebelo da outra, que vinhaõ ſoccorrer os fugitivos. A pezar de tudo o terror era taõ grande, que a maior parte ainda deitavaõ as ſuas armas para ſe ſalvarem, ſem que os ſeguiſſem. O ultimo, que entrou nas chalupas, foi Jorge Botelho, que muito tempo ſe occupou em ajuntar as armas eſpalhadas.

Ambos os partidos inimigos ſentiraõ vivamente a perda, que tinhaõ feito neſta occaſiaõ, ſem ſe saborearem da vantagem, que tinhaõ conſeguido. Os Portuguezes affligidos com a morte do Marechal, e outenta dos ſeus, peſſoas diſtintas pela maior parte; deſaſocegados pelas feridas de Albuquerque que eſteve algum tempo em perigo de vida; abatidos pela injuria da ſua desfeita, e ainda mais injuriados pela fraqueza, que moſtraraõ na ſua derrota, lançando fóra as ſuas armas, ſe retiraraõ a Cochim, onde apenas ouſavaõ aparecer.

D'outra parte o Samorim recebeo neſta jornada huma perda conſideravel, que lhe cuſtou bem a reſarzir. Em Calecut morreraõ pelo ferro, ou fogo mais de tres mil peſſoas, entre

tre as quaes ſe acharaõ o Governador, e dois Caimales. Mas a perda dos homens foi menos ſenſivel a eſte Princepe; porque o que mais lhe tocou no coraçaõ, e lhe atrazou os ſeus negocios, foi a perda da ſua Capital, Palacios, Templos, navios queimados. Foi-lhe anunciado eſte deſaſtre no tempo, que elle fazia guerra com vantagem em paiz inimigo. Logo que foi aviſado, deſalojou de noite ſem trombetas, e chegou quatro dias depois da partida de Albuquerque. A viſta da deſtruiçaõ do fogo o pôz fóra de ſi. Mas quando ſoube por miudo da acçaõ, e que tinhaõ morrido taõ poucos Portuguezes, entrou em tal indignaçaõ contra a fraqueza dos ſeus, e principalmente dos Mouros da Cidade, que ajuntando eſtes, chegou a ameaçalos de os expulſar dos ſeus Eſtados. Com effeito ha de conceder-ſe, que Calecut ſe defendeo mal, e que exceptuando os Naires, que perſeguiraõ os Portuguezes na ſua retirada, todos até alli tinhaõ muito mal cumprido o ſeu dever. Em muitos ataques quaſi nenhuma reſiſtencia tinha havido, e além diſto de ambas as partes amigos, e inimigos ſe applicaraõ mais á pilhagem do que a comba-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

bater com honra. O grande numero dos mortos se achou ser de mulheres, de meninos, e muitos outros, que as chamas envolveraõ; ou em fim daquelles que correndo precipitadamente á pilhagem, foraõ surprehendidos, e se viraõ obrigados a ceder á força, á qual nada resiste.

Albuquerque foi o unico, que se aproveitou da infelicidade commum, porque além da morte do Marechal o livrar de hum inimigo, que o perderia para com ElRei, he certo que naõ ousara emprehender, vivo elle, de lhe tirar a frota que tinha levado de Portugal, como fez a Pedro Affonso de Aguiar, que succedeo ao Marechal, de quem era Capitaõ Tenente: sem esta dificuldade, que venceo Albuquerque nesta occasiaõ, naõ seria hum Governador General, mas sim hum Capitaõ de Guarda-Costa sem nada poder emprehender.

Albuquerque succedendo a Almeida no Governo das Indias, naõ succedeo em todas as suas honras, nem em todos os seus direitos. ElRei D. Manoel reflectindo, que hum homem só naõ podia vellar como preciza esta vasta extençaõ de paiz, que se estende desde o Cabo de Boa Esperan-

ran-

rança até ás extremidades das Indias, tinha determinado de a repartir em diferentes Governos. E como tinha ſempre na idéa, que o principal objecto era as viſinhanças do mar Roxo, de que queria vedar abſolutamente o commercio, ao que quiz applicar as ſuas principaes forças. Para o que fez hum governo particular, que ſe eſtendia deſde Sofala até Cambaia. Para alli chamou Jorge d'Aguiar, que enviou com huma frota. Perſuadido logo, que o Governador das Indias teria pouco que fazer, principalmente depois da deſtruiçaó de Calecut, lhe ordenou que enviaſſe a Jorge de Aguiar as galeras, e bragantins, que tinhaó ſido feitos em Anchediva, e que eraó diſtinados para corſo na Coſta do Malabar, como ſe lhe foſſe facil guardar eſta Coſta ſem eſte ſoccorro, ou como ſenaó houveſſe mais que temer. Além diſto D. Manoel tinha tambem enviado huma frota para Malaca á ordem de Diogo Lopes de Siqueira, para ahi eſtabelecer hum governo diſtincto. Deſte modo o Governador das Indias limitado no Indoſtan, ſomente achando-ſe reduſido a quaſi nada, vinha a ſer para Albuquerque a quem deraó a inviſtidura,

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei.

Affonso d'Albuquerque Governador.

naõ huma mercê, mas ſim huma eſpecie de afronta, porque naõ lho concedendo, ſem lhe tirar os contornos do mar Roxo, naõ foi ſenaõ para o tirar de hum poſto, que nas viſtas delRei, era o mais conſideravel.

Mas Albuquerque, que ſabia aproveitar-ſe das conjuncturas do tempo, ſervio-ſe ultimamente da ſua fortuna, e politica para revoltar todos eſtes projectos, chamar tudo a ſi, e niſſo fazer achar ainda o bem do ſerviço. Começou por Pedro Affonſo de Aguiar. Procurou no principio inſinualo, de que naõ convinha á ſituaçaõ dos negocios, que tranſportaſſe toda eſta frota para Portugal, que depois do deſaſtre ſuccedido em Calecut, era para temer, que o Samorim poſto em deſeſperaçaõ naõ arriſcaſſe tudo a fim de ſe vingar; que naõ deixaria de ſublevar os Principes da India amigos, e inimigos dos Portuguezes, que de boa vontade ſe aproveitariaõ da occaſiaõ para os perder, que pela ſua ultima diſgraça, acabavaõ de conhecer, que os Portuguezes naõ eraõ invenciveis, e que depois da partida deſta frota, ſeria tanto mais facil vencelos, quanto ficariaõ ſem defenſa, e naõ ſe reſtabeleſceriaõ do abatimen-

timento da ſua desfeita. Naõ ſe rendendo Aguiar, lhe falla o Governador em tom ſupperior. Diz-lhe claramente, já que ſe obſtinava a querer aquillo que era contra o ſerviço do Rei, que eſcreveria a ElRei, e que lhe faria pedir conta das duas peças de campanha, que o Marechal tinha confiado do ſeu cuidado, e que taõ froixamente tinha perdido em Calecut. Como Aguiar tinha eſte erro de que ſe corregir, atemorizou-ſe deſta propoſiçaõ, e ficou taõ docil, que paſſou por tudo o que o Governador quiz. O qual conheceo tambem eſta fraqueza, que quando Aguiar fazia alguma repugnancia ſobre algum artigo, lhe mandava perguntar onde eſtavaõ as duas peças de campanha. Em fim reduzio-o a contentar-ſe com tres navios, de quinze que compunhaõ a frota, tirou-lhe até as ſuas trombetas, e aſſim o expedio para Portugal.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Era mais dificil eludir a diſtinaçaõ, que ElRei tinha feito para o governo do mar Roxo, ſe a fortuna o naõ ſecundaſſe bem. A numeroſa frota de doze navios, que para alli ElRei enviou, tendo ſido eſpalhada por huma furioza tempeſtade, Jorge de Aguiar, que a commandava, foi

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

morrer sobre as Ilhas de Tristaõ da Cunha. Os outros navios seguiraõ diversas derrotas, e pela maior parte foraõ parar ás Indias. Duarte de Lemos, sobrinho de Aguiar a quem succedeo, tendo esperado em vaõ em Moçambique para os ajuntar, naõ pôde recolher mais que hum pequeno numero, com que foi invernar a Melinde, e tomou depois o caminho de Socotorá, aonde naõ pôde chegar, o que o obrigou a continuar o seu caminho para Ormus. Aqui manejou bem os negocios, de modo que obrigou a Atar a pàgar-lhe o tributo annual de quinze mil Serafins estipulados com Albuquerque; mas nunca pôde obrigar este Ministro a restituir-lhe a Cidadella, nem ainda a permitir-lhe estabelecer huma Feitoria Atar crendo entaõ dever apoiar-se sobre as dependencias, que tinha com o Vice-Rei D. Francisco de Almeida, e naõ ter nada que temer de Albuquerque, de quem sabia a desgraça, e a detençaõ em Cananor, illudio todas as suas petiçoens.

Lemos tendo ficado perto de dois mezes á vista de Ormus, vivendo em muito bom commercio com os Mouros, e em muito boa segurança, donde

de partio para tornar a Soco rá, e despachou de Mascate Nuno Vaz da Silveira ao Governador das Indias, para lhe pedir as galeras, e embarcaçoens, que o Rei tinha posto na sua dependencia. Vaz chegou precizamente no tempo em que o Marechal, e o Governador se dispunhaõ á empreza de Calecut. Foi facil persuadilo, que era precizo atender ás consequencias deste negocio, no qual quiz ter parte, e nelle confirmou bem a idéa que tinhaõ do seu valor; porque morreo na cama da honra, indo em soccorro do Marechal; e depois de matar tres Naires com a sua maõ.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Depois da morte de Silveira, o Governador General, fez partir Antonio de Nogueira, parente de Lemos, no navio que elle commandava, com provivisoens para refrescar Socotorá, e com huma carta de que lhe encarregou de lha remeter. Nesta carta Albuquerque se escuzava a Lemos sobre a situaçaõ dos seus negocios, que naõ lhe permitiaõ enviar mais poderoso soccorro; mas lhe prometia, que tanto que a sua frota estivesse em estado de se meter ao mar, iria unir-se com elle, e que entaõ lhe consignaria as galeras, e os bragantins,

con-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

conforme as ordens da Corte. Com tudo rogava-lhe de lhe enviar D. Affonſo de Noronha, ſeu ſobrinho, a quem o Rei tinha nomeado Governador da Fortaleza de Cananor.

Paſſado algum tempo Albuquerque, lhe enviou ainda outro navio carregado de proviſoens, conduſido por Franciſco Pantoja, com huma carta muito engraçada, mas cheia de iguaes eſcuzas para juſtificar os ſeus deſcuidos. Lemos, a quem nada diſto convinha, tendo perdido quaſi todos os ſeus pelas moleſtias, e tendo-ſe viſto obrigado de hir a Melinde para reſtabelecer a ſua ſaude, reſolveu-ſe em fim a partir para ás Indias, a fim de peſſoalmente ſolicitar, o que lhe naõ podiaõ negar ſem violentarem as ordens da Corte. Albuquerque, que lhe quis dar alguma ſatisfaçaõ, o recebeo com os braços abertos, e ſe applicou a fazer-lhe tantos cumprimentos, tantas honras, e tantas caricias, com o pretexto de fazer juſtiça ao ſeu merecimento; e de ter huma conduta differente, da que Almeida tinha tido a ſeu reſpeito, que Lemos, cuja vaidade ſe liſongeava com todas eſtas demonſtraçoens, foi muito ſatisfeito por algum tempo, e por

por tanto naõ teve mais do que boas palavras, e puros cumprimentos, como direi mais difusamente depois.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

As vistas, que a Corte tinha sobre o estabelicimento de outro Governo em Malaca, foraõ ainda menos fastidiosas ao Governador pela pouca felicidade que teve Diogo Lopes de Siqueira na sua empreza; o que eu vou agora contar.

Siqueira tinha partido de Lisboa em 5 de Abril de 1508 com quatro navios. Tinhaõ-lhe ordenado, que reconhecesse na passagem a Ilha de Madagascar, ou de S. Lourenço, e se informasse se ahi havia minas de oiro, e prata, especiarias, e outros generos, segundo as noticias, que nella tinhaõ dado a Tristaõ da Cunha, que posto que nada daquillo achara, naõ deixára com tudo de fazer muito belas relaçoens na sua retirada. Siqueira abordou a Ilha da parte do largo, tocou em muitos portos, e nelles recolheo muitos dos infelices, que se tinhaõ salvado do naufragio de Joaõ Gomes de Abreu. Mas naõ achando nada, que lhe satisfizesse as esperanças concebidas, continuou a sua derrota para á Ilha de Ceilam, que naõ pôde ganhar, pelo naõ servir o ven-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

vento; de forte que foi obrigado de hir aportar a Cochim, aonde ancorou em 21 de Abril de 1509 depois de ter consumido mais de hum anno nestá navegaçaõ.

Almeida o recebeo muito bem; e vendo a sua commissaõ, lhe deo hum navio de reforso com sessenta homens, entre os quaes embarcou alguns como banidos, e cujo crime só era de terem sido favoraveis a Albuquerque. Com estas sinco velas, partio Siqueira de Cochim em 19 de Agosto da mesmo anno, e tentando o conhecimento da Ilha de Ceilam ao terceiro dia, atravessou o golfo de Bengala cortando sobre a Ilha de Sumatra; de caminho destinguio as Ilhas de Nicobar, e aportou a Pedir, depois de alguns dias de muito bom tempo.

A Ilha de Sumatra à maior das Ilhas do Sunda, tem segundo a estimaçaõ dos Mouros que a mediraõ, setecentas legoas de circuito. He destribuida em muitos Reinos povoados por duas castas de habitantes, dos quaes huns que saõ os antigos naturaes do paiz saõ Idolatras, e alguns taõ barbaros, que se nutrem da carne dos seus inimigos. Outros mais mo-

modernos, e mais civilifados, faõ Arabes de origem, e da feita de Mahomet. Como efta Ilha he a maior deftes quarteiros, he tambem mais rica de efpeciarias, pedras preciozas, minas de oiro, cobre, eftanho, e ferro, e em toda a qualidade de generos. O meio da Ilha he cheio de altas montanhas, e n'uma ha hum celebre Volcaõ, que deita fogo, e chamas como os montes Gibel, e Vezuvio; mas nas encoftas ha belas campinas fertiliffimas, e cubertas de arvores de toda a efpecie. Huma fobre todas fe vê notavel pela fua fingularidade, a que os Portuguezes chamaõ *Arvore trifte de dia*, porque de dia parece inteiramente defpojada, mas todas as noites ao pôr do Sol os feus botoens fe abrem, derramando hum cheiro muito agradavel das folhas, e das flores, que todas cahem quando o Sol torna a nafcer no Orizonte. A linha, que corta a Ilha quafi pelo meio, a faz fujeita a grandes calores: o ar he doentio, dizem, para os eftrangeiros. Os Sabios eftaõ divididos em oppinioens, fe efta, ou a de Ceilaõ he a Taprobana dos antigos.

Como Siqueira era o primeiro Portuguez, que abordou efta Ilha,

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

o que podia paſſar por nova deſcoberta, obteve dos Reis de Pedir, e de Pacen, com quem fez aliança, ſem tratar mais que com os ſeus Miniſtros, a permiſſaõ de levantar hum padraõ com as armas de Portugal, aſſim como tinhaõ uſado os primeiros deſcobridores; mas como elle naõ tinha tençaõ de ſe demorar lá, fez-ſe á vela poucos dias depois para Malaca, aonde chegou em 11 de Setembro.

Malaca era entaõ huma Cidade das mais ricas, e das mais deliciozas do Oriente. Situada além do Golfo de Bengala, ſobre a ponta da celebre peninſula, que julgaõ ſer a Cherſoneſo de oiro dos antigos, e ſobre a borda do eſtreito, que a ſepara da Ilha de Sumatra, e eſta parece com effeito eſtar ſituada para ſer o centro do commercio da Arabia, e do Indoſtan por huma parte, e da China, do Japaõ, das Filippinas, e das outras Ilhas do Sunda pela outra. Com tudo he pequena, e naõ conta mais que trinta mil fogos. O rio em cuja embocadura eſtá, a corta pelo meio, fazendo-a como duas Cidades muito longas, e muito eſtreitas, unidas ſómente por huma ponte de madeira. Os habitantes,

tes, quaſi todos Mahometanos de origem, e de Religiaõ, vivos, eſpiritoſos, amaõ o ocio, paſſaõ huma vida muito ſuave, e muito conforme ás idéas da ſua ſeita. A abundancia dos paizes viſinhos fornecendo-lhe todas as dilicias, contribue para á ſua vida voluptuoſa, tanto como a ſua opulencia, que era tal que naõ contavaõ as ſuas riquezas, ſenaõ por muitos *Babars* de oiro (contendo cada hum deſtes quatro quintaes) naõ ſe julgava ahi hum homem rico, ſe n'um meſmo dia naõ podia pôr no mar tres, ou quatro navios, e carregalos ricamente á ſua cuſta. Tinha ſido noutro tempo ſujeita ao Reino de Siam; mas Mahmud, que reinava entaõ, tinha ſacudido o jugo, e manejava de modo as maximas da ſua politica para com os Principes viſinhos, e ainda meſmo para com os Miniſtros do ſeu legitimo Soberano, que eſte poderoſo Monarcha, ou deſprezava, ou naõ ouſava emprehender reduzilo á ſua obrigaçaõ.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Mahmud inſtruido dos motivos da vinda do General Portugues, ficou bem contente, ou o affetou. Deo-lhe audiencia com toda a pompa, que uzaõ os Reis do Oriente. Aſſignou-ſe

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

o tratado de ambas as partes, o juramento feito ſobre a lei de Mahomet de huma parte, e ſobre os Santos Evangelhos da outra. O Rei lhe aſſignou logo huma caza commoda na Cidade, de que Ruy d'Araujo, que devia ſer o Feitor; tomou poſſe, e deſde entaõ os Portuguezes tomáraõ tanta confiança aos agrados do Principe, e do *Bandará* ſeu tio, que ſe eſpalharaõ pela Cidade ſem alguma precauçaõ. Com tudo os Mouros do Indoſtan eſtabelecidos em Malaca, inimigos jurados dos Portuguezes, e naturalmente zelozos de hum tratado, que devia prejudicar os ſeus intereſſes, esforçáraõ-ſe tanto como o tinhaõ feito n'outra parte para deſacreditarem os novos hoſpedes. Naõ deixaraõ para os tornar odiozos, de contar tudo o que elles tinhaõ feito em Quiloa, em Ormuz, e no Malabar. Os factos eraõ taõ energicos, e expoſtos com cores taõ vivas, que fizeraõ todo o effeito que deſejavaõ. Os Mouros acharaõ tanta mais facilidade nos ſeus deſignios perniciozos, quanta tiveraõ em ſaber tomar por cabeça dois homens de grandiſſimo credito. O primeiro era hum chamado *Utemutis* Java de Naçaõ, a quem davaõ o titulo

lo Raia, que tomaõ todos os pequenos Regulos do Malabar. Era taõ poderoso em Malaca, que lhe contavaõ seis mil escravos casados, e muito maior numero de outros que o naõ eraõ. O segundo era hum Mouro Guzarate, que fazia o officio de Chabandar, ou Consul da sua naçaõ.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Tendo estes voltado o espirito do Rei, e do Bandara, ou primeiro Ministro, determinou-se entre elles no conselho secreto do Principe, que se tramasse aos Portuguezes algum laço para se desfazerem de todos a hum tempo. Esta resoluçaõ foi tomada contra o parecer do Almirante, e do Thesoureiro Mór, que naõ approvaraõ esta traiçaõ. Com tudo nada omittiraõ para allucinar os Portuguezes, e occultar os máos designios, que tinhaõ concebido contra elles. Mas como principalmente do General, e dos principaes Officiaes, he que se queriaõ assegurar, e como era difficil chamalos á terra, o Rei, para melhor os enganar, fez publicamente todos os preparos de huma magnifica merenda que lhe queria dar, para o que mandou fazer huma caza de madeira, junto á ponte da Cidade.

Quando Siqueira entrou no porto

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuqnerque Governador.

to eſtavaõ ahi quatro juncos da China, cujos Capitaens foraõ logo comprimentar o General, que lhe pagou a viſita; e ſe deo tambem com elles, que ſe trataraõ mutuamente nos ſeus navios, e conſerváraõ ſempre huma mutua correſpondencia. Eſtes Capitaens tendo conhecido a cega confiança do General, e a liberdade, que elle dava aos ſeus de andarem pela Cidade, o advirtiraõ como amigos, que deſconfiaſſe d'uma Naçaõ naturalmente perfida, e o avizaraõ da traiçaõ, que lhe urdiaõ. Mas Siqueira naõ fez cazo diſſo, nem ſe acautelou.

Huma eſtalagadeira, Perſiana de naçaõ, que tinha eſtalagem na Cidade, e alojava em ſua caza hum Portuguez, que entendia a ſua lingua, ſendo inſtruida da conſpiraçaõ, avizou o General por eſte meſmo Portuguez, que lhe queria fallar em ſegredo, e que iria a ſeu bordo de noite, a fim de naõ ſer percebida. Siqueira enfadou-ſe deſtas viſitas, e rejeitou tres vezes a propoſiçaõ. Mas eſta mulher a pezar da ſua obſtinaçaõ indo a bordo, e tendo-o inſtruido de todo o ſegredo, ainda que naõ pôde conſeguir o perſuadilo, conſiguio com tudo delle, que fingiſſe hum in-

con-

conveniente, com que malogrou as medidas tomadas pelo banquete, o que se fez.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Errado este tiro, recorreraõ a outro artificio mais insidioso, e que mostrava hum novo favor da Corte. O Rei fez dizer ao General, que attendendo a que o tempo da Monçaõ se chegava, e considerando que tinha vindo das extremidades do mundo, e tinha maior viagem para fazer na retirada, o queria preferir a todas as Naçoens, que estavaõ no seu porto, e expedilo primeiro: que para isso naõ tinha mais que enviar todas as suas chalupas á terra em hum dia dado, no qual lhe daria toda a sua carregaçaõ. No mesmo tempo o Bandara fez preparar grande quantidade de bateis pequenos, no fundo dos quaes despoferaõ todas as qualidades de armas, que cobriraõ de diversas provisoens de viveres. O numero dos bateis era espantoso, mas occultaraõ-nos até ao tempo em que deviaõ acometer, e começar a mortandade geral dos Portuguezes, pelo sinal que lhe seria dado por hum foguete.

Ainda que Siqueira devia julgar por muitas acçoens que se contradisiaõ, a respeito mesmo da carrega-

çaõ,

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

ção, que o Governador obrava de má fé, cegou-se cada vez mais, e naõ concebeo a menor suspeita. No dia assignado enviou as chalupas, e bateis á terra excepto huma, que deixou, para hir, e vir em caso preciso. No mesmo tempo o Bandara fez partir os bateis, que tinha prestes, e que estavaõ cheios d'armas, e soldados desfarsados de paisanos, sem que mostrassem outra pretençaõ, que a de levar provisoens, e refrescos para a frota. A seguransa em que viviaõ, fez que no principio naõ desconfiassem do numero, com que tinhaõ tratado a acçaõ, que cresscia insensivelmente.

Para melhor alucinarem o General, vieraõ a bordo como para o visitarem, o filho do Raia Utemutis, que se tinha encarregado de o matar, e o Chabandar acompanhados sómente de sete, ou oito pessoas. Siqueira jogava entaõ o Chadrez, porém os traidores testemunhando-lhe o gosto, que tinhaõ de o ver acabar a sua partida, por quanto, diziaõ elles que tinhaõ hum jogo quasi simillhante, tornou, e continuou a jugar com muita applicaçaõ.

Com tudo os navios se enchiaõ de todos estes falsos mercadores. Garcia

Ann. de J. C. 1510. D. Manoel Rei Affonso d'Albuquerque Governador.

cia de Sousa Capitaõ de hum dos sinco navios, conheceo primeiro o perigo, e gritando aos seus que fizessem sahir todo este povo, enviou Fernando de Magalhaens taõ conhecido por este famoso estreito, a que deo o seu nome, para advirtir o General se acautela-se. No mesmo tempo o contramestre do Almirante, que tinha subido á gavia, percebeo que nas costas de Siqueira o filho de Utemutis, que esperava com impaciencia pelo sinal, de tempo em tempo metia maõ a hum punhal com que o havia acometer, e o arrancava até ao meio. Assaltado desta vista deo hum grande grito, chamou ás armas, e advirtio o General; que espantado deste motim, e ignorando ainda a causa, se levantou com percipitaçaõ, de mandar as suas armas, e ordenou, que se desse fogo á artilheria. O filho do Raia, e os outros que estavaõ com elle, julgando-se descobertos, naõ se animaraõ a conseguir o seu intento, e se deitaraõ ao mar para ganharem os bateis. No mesmo instante praticaraõ o mesmo aquelles que estavaõ nos outros navios, que se salvaraõ por este subito terror.

Mas sendo entaõ dado o sinal,

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

começaraõ a dar nos Portuguezes, que eſtavaõ na Cidade, dos quaes ſó vinte ſe ſalvaraõ, em caza de Rui d'Araujo, onde ſe poſeraõ em defenſa. Franciſco Serram ganhou a chalupa do navio de Joaõ Nunes, que lhe cuſtou bem chegar a bordo.

O General neſta primeira deſordem naõ ſabendo, que partido tomaſſe, ajuntou o ſeu conſelho. Alguns foraõ de parecer, que era precizo vingar eſta traiçaõ, queimar os navios, que eſtavaõ no porto, á excepçaõ dos Chineſes, de quem tinhaõ recebido ſempre bons conſelhos, e provas de ſolidas amizades. Mas como naõ tinhaõ mais que duas chalupas, Siqueira, a quem o perigo fez prudente, foi do parecer de aparelhar, e fazer algumas tentativas para recolher os Portuguezes, que eſtavaõ em terra, e retirar-ſe.

Da outra parte o Bendara vendo o mao ſucceſſo da ſua empreza, correo á feitoria onde Araujo ſe defendia, e afugentando a multidaõ dos ſublevados, deſculpou-ſe o melhor que pôde, proteſtando que nem o Rei, nem elle tinhaõ parte neſta conſpiraçaõ, que ſem duvida procedia de hum equivoco, e dando a Araujo hum rico

co mercador Indio, amigo dos Portuguezes para ſua cauçaõ, elle o tomou, e aos ſeus na ſua protecçaõ.

Reſtabelecida aſſim a tranquilidade, mandou o Bendara dar as meſmas deſculpas ao General, exortando-o a tornar com confiança; que lhe entregaria todos os Portuguezes, e todos os ſeus effeitos. Mas o General paſſando do exceſſo da confiança ao exceſſo oppoſto, naõ ſe fiando da ſua palavra, e julgando por melhor expor a vida dalguns particulares á ſegurança da ſua frota, lhe mandou dizer que conſervaſſe precizamente os penhores, que tinha em ſeu poder, que em pouco tempo lhos viriaõ reſgatar com maõ armada, e fazer-lhe pagar caro o direito das gentes., que violara a ſeu reſpeito.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque, Governador.

Depois deſta ameaça fez-ſe á vela, e queimou no caminho dois dos ſeus navios, por naõ ter baſtante gente para os manobrar. Chegando depois a Travancor, onde ſoube que Albuquerque eſtava de poſſe do governo das Indias, a lembrança do diſgoſto, que lhe tinha dado, declarando-ſe abertamente contra eſte, para comprazer com o Vice-Rei, e o temor que teve de ſe ver expoſto ao ſeu reſentimento,

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

fizeraõ com que ſe contentaſſe com lhe eſcrever, e lhe enviar outros dois navios da ſua eſquadra, que naõ podia conduzir comſigo, por fazerem muita agua. Depois diſto partio ſó de lá para Portugal, fazendo a meſma derrota, que fizera quando foi. Albuquerque naõ deixou de ſer ſenſivel á ſua diſgraça, e ao partido que tinha tomado: porque além de terem ſido amigos, o eſtimava, e ſe diſſaboreava de perder hum Official, com quem ſe podia congraçar.

Poſto que pareceſſe, que o Governador das Indias naõ tiveſſe quem o perturbaſſe na poſſe do ſeu governo, e que depois de reſtabelecido das feridas, naõ pareceſſe occupado no principio mais, que do cuidado de receber os Embaixadores dos Principes, que vinhaõ felicitalo do ſeu novo Eſtado, o ſeu eſpirito com tudo naõ eſtava tranquilo. Fazia triſtes reflexoens ſobre as contrariedades, que tinha tido no tempo de Almeida; tinha viſto partir para Portugal com elle os ſeus mais crueis inimigos, que lhe tinhaõ já feito muito mal, para deixarem de continuar a trabalhar de o arruinar inteiramente no eſpirito do Rei. Via em torno de ſi muitos deſcontentes,

tes, que serviaõ debaixo das suas ordens. A disgraça de Calecut, e a morte do Marechal eraõ para elle huma occasiaõ para os seus adversarios lhe darem novos revezes. Mas o que mais o incommodava, eraõ as ordens do Rei, que limitando-lhe o governo, o punha em estado, de nada fazer a bem do Estado, e da sua propria gloria.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Nesta perplexidade revolvia no seu espirito incessantemente grandes idéas, cujo espanto podesse servir de destruir as piores impressoens, reter todos os esforços da inveja, e fazerse necessario a pezar de tudo. Elle tinha na maõ grandes forças para executar os seus disignios secretos, e a fim de lhe naõ escapar a occasiaõ, nem de dia nem de noite dormia; e trabalhava muito para lhe adiantar a execuçaõ.

Tanto que poz pronta sua armada que consistia em dezoito navios, duas galeras, e hum bragantim, dois mil Portuguezes de boa tropa, e alguns Malabares, logo ajuntou os seus Capitaens em conselho. „ Dizlhes „ que elle tinha recebido ordens a- „ pertadas do Rei para dar todos os „ soccorros, que pudesse a Duarte de

„ Le-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

„ Lemos, que as viſtas da Corte eraõ „ de applicar todas as forças da India „ para o mar Roxo, para poder reſiſ- „ tir ás novas frotas, que preparava o „ Califе, e para inteiramente lhe que- „ brar o commercio: que ſegundo eſ- „ tas viſtas eſtava no deſignio de hir „ peſſoalmente unir-ſe com Lemos pa- „ ra o ajudar a fundar a Cidadela, „ que o Rei l'e mandava fazer no „ lugar mais conveniente, para do- „ minar o eſtreito de Babelmendel, e „ que elle eſtava reſoluto de o aju- „ dar em tudo o que pudeſſe contri- „ buir mais para o bem do ſerviço, „ e à honra da ſua naçaõ: que do „ mais nada o impedia a ſeguir eſte „ projecto, que tudo eſtava tranquilo „ no Indoſtan, e que o Samorim eſ- „ tava taõ abatido depois da perda, „ que tivera em Calecut, que naõ eſ- „ tava abſolutamente em eſtado de „ empreender coiſa alguma.

Eſte diſcurſo, que foi recebido com grande applauſo principalmente dos que o naõ amavaõ, era oppoſto totalmente ao ſeu penſamento, e alguns Autores Portuguezes concordaõ niſto meſmo; mas elles ſe enganaraõ, creio eu, penſando que a ſua mira era de cahir ſobre Ormuz, para

ra ſe vingar de Coge Atar, e ſegurar huma conquiſta, que lhe tinha eſcapado. De outro modo teriaõ ſallado, ſe atendeſſem que Albuquerque ſahindo do ſeu governo, e entrando em diſtricto de outro perdia toda a ſua auctoridade, e ſó podia ſervir em ſubalterno. Porque eſtou perſuadido do ſeu grande merecimento, e no meſmo tempo delle ſer ambiciozo de commandar, e da ſua gloria para que fizeſſe hum taõ falſo projecto.

Ann. de J. C. 1510.

D. MAMOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O meu parecer em fim he, que o ſeu oculto projecto era cahir ſobre Goa, como fez, e niſto conviraõ ſe julgarem pelos antecedentes, e conſequentes. Porque logo que chegou o Marechal, e que ſe tratou de diſfarçar a empreza de Calecut, que queriaõ ocultar, o Governador, que tinha deſde entaõ ſuas viſtas, mandou ſondar o porto de Goa; o que motivou a rizo aos ſeus Capitaens, que julgaraõ eſta empreza como louca, e diſto fizeraõ cantigas, em que o Governador naõ foi pouco motejado.

Neſte meſmo tempo Albuquerque eſcreveo ao Rei d'Onor, e à Timoja, inimigos capitáes do Sabaio Principe de Goa, por cauza dos intereſſes, que eu já expliquei noutra par-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

parte, e lhe envio Lionel Coutinho, e Braz Teixeira. Timoia naõ pôde vir fallar entaõ ao Governador que o esperava; mas o affegurou de que a empreza de Goa era facil, e que sempre o acharia preftes a ajudalo quando a quizeffe tentar: e Albuquerque que queria grangear Timoia para as precizoens futuras, lhe levantou a feus rogos os direitos fobre as mercadorias, que entravaõ no porto de Mergeu, direitos que o Vice-rei D. Francifco d'Almeida lhe tirara injuftamente.

Finalmente depois da infeliz expediçaõ de Calecut, o primeiro cuidado do Governador foi de fe unir com o Rei de Narfinga. Para o que lhe enviou hum homem de credito, que era hum Religiofo Francifcano, chamado Padre Luiz. O ponto capital da inftrucaõ defte Padre, era fazer compreender a efte Principe, que o fim da aliança propofta era para fe unir com elle, para o ajudar na guerra, que tinha contra o Reino de Decan, e em particular contra o Sabaio: de lhe tirar o commercio dos cavallos da Perfia, o que feria tanto mais facil, que depois que o Reino de Ormuz foffe tributario de Portugal, feria facil impedir, que os cavallos fof-

fossem desembarcar noutros portos, que naõ fossem seus: e que para a execuçaõ dos seus projectos comnuns, elle estava prestes para fazer marchar as suas tropas para ás terras segundo a precisaõ: que pela sua pessoa, elle se encarregava do que pertencia ás Cidades maritimas. He muito verisimil, que no mesmo tempo o Governador fizesse recordar Timoja das suas promessas, e que occultamente ajustasse com elle a personagem, que louvou depois.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Como quer que fosse, a frota partio de Cochim no fim de Janeiro de 1510 persuadidos todos da idéa do projecto do mar Roxo. Albuquerque proveo na partida, e pela sua derrota a diversas praças do seu governo, onde deixou bons Officiaes, guarniçoens numerozas, e muniçoens em abundancia. Chegando a Cananor, recolheo os despojos dos dois navios, que voltando para Portugal se tinhaõ desfeito junto das Ilhas de Anchediva, onde chamaõ os bancos de Padoũa, onde as equipagens foraõ salvas pelo valor de Fernando de Magalhaens. Dalli o Governador se fez á vela fazendo sempre a mesma derrota. Quando elle foi a travez d'Onor, appareceo Ti-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Timoja, como Duende ſahido da maquina, para voltar todo o ſyſtema deſta empréza. Vinha n'um batel comprido, ſem outro motivo na apparencia, que o de ſaudar o Governador na ſua paſſagem, e de lhe levar refreſcos. Depois dos primeiros cumprimentos fallaraõ muito tempo em particular, e ouvindo-o Albuquerque, quiz que elle expozeſſe em pleno conſelho, o que em ſegredo lhe tinha dito.

Junto o Conſelho, fallou aſſim Timoja. „ Eu ſei com extrema admi„ raçaõ, que eſta poderoza armada he „ deſtinada para hir fazer guerra ao „ Califé dentro no mar Roxo, e que „ todo eſte preparo he para impedir, „ que as ſuas frotas cheguem até aqui: „ confeſſo que eſtou admirado, e que „ naõ poſſo compreender, como tan„ tas peſſoas recommendaveis pela ſua „ prudencia, e pelo ſeu valor, ſe „ levem tanto do ſeu erro. Para que „ hides buſcar taõ longe hum ini„ migo que tendes no voſſo ſeio: „ ignorais que o Califé tem em Goa „ hum dos ſeus Generaes, e mais de „ mil Mammellus, ou Rumes, que pa„ ra ahi ſe retiraraõ depois, que „ foraõ desfeitos por Emir-Hocem? „ Que eſte General eſcreveo ao Ca-

„ life

„ lise que lhe enviasse sómente homens, e navios, que esperava fazer de Goa huma praça d'armas, a qual seria a ruina de todos os Portuguezes, que estaõ nas Indias? Vós sabeis sem o poder duvidar, que Sabaio, o mais cruel inimigo da vossa naçaõ depois do negocio de Dabul, estabelceeo por ponto principal, o dar asylo a todos os estrangeiros da sua Costa, e principalmente aos Europêos? que fez construir vinte navios do porte dos vossos, e que resolve tudo para se pôr em estado, naõ sómente de vos resistir, mas de vos destruir. Mas o que vós ignorais talvez he, que elle morreo á pouco na forsa destes preparos, e que o Idalcaõ seu filho, e seu successor, moço sem experiencia, se acha hoje no ultimo embaraço, occupado em fazer guerra aos estrangeiros seus visinhos, dos quaes todos querem recuperar, o que seu pai lhe tinha usurpado, e aos seus proprios vassallos, que pela sua revolta se vingaõ das violencias, que contra elles se fizeraõ n'outro tempo, determinados a sacudir o pezado jugo da sua servidaõ. Já o Chefe dos Mammelus, e

„ dos

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

„ dos Rumes naõ reconhece ſenhor.
„ Aſſim poſto que Goa ſeja huma Ci-
„ dade forte, eſtá hoje bem fraca pe-
„ la diviſaõ que nella reina. A con-
„ quiſta he facil, eu conto com ella
„ de modo, ſe vós a quereis empre-
„ ender, que eu me offereço para ter
„ parte nella. Eu hirei pôr as minhas
„ tropas, e os meus navios em eſta-
„ do de me unir com voſco, e quan-
„ do voltar, embarcarei no navio *Flor*
„ *do Mar*, a fim de eſtar em voſſo
„ poder, como ſeguro penhor da
„ minha palavra, em que vós vos
„ poſſais vingar, fazendo-me cortar a
„ cabeça, ſe eu vos engano.

Fazendo eſte diſcurſo huma grande impreſſaõ na aſſemblea, Albuquerque que naõ queria dar ſuſpeita, de que entre Timoja, e elle havia algum ajuſte, repreſentou com muita gravidade, que na verdade lhe ſeria moleſto perder a taõ boa occaſiaõ, que ſe lhe offerecia de tomar Goa, e deixar os Mammelus tomar pé n'um poſto, donde tal ves naõ pudeſſem mais lançalos; mas que em tudo o que Timoja tinha dito, via muitas coiſas ſobre que podiaõ racionavelmente duvidar: que naõ convinha facilmente deixar o certo pelo incerto, ſacrificar

as

as ordens do Rei, e vantagens seguras aos inconvenientes, que poderiaõ seguir-se, se a relaçaõ que acabava de fazer-se naõ fosse exactamente verdadeira.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO, D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Como se inclinavaõ á proposiçaõ feita por Timoja, e que só se tratava de ter informaçoẽs mais seguras, e positivas, resolveraõ em fazelo voltar para fazer novas averiguaçoẽs, e o General o visitou nas Ilhas de Anchediva, onde se devia demorar com o pretexto de fazer aguada.

Timoja naõ deixou de tornar com a prontidaõ possivel trazendo as declaraçoẽs, que lhe pediaõ. Condusio comsigo quatorze fustas bem armadas, e cheias de gente escolhida, sem que no paiz, podessem ter suspeita, que prejudicasse o segredo da empresa, pelo cuidado que tivera de divulgar, que o Governador Geral lhe fazia a honra de lhe dar parte na gloria, que hiaõ ganhar na sua expediçaõ do mar Roxo, e depois na conquista de Ormuz.

Tendo em fim Timoja confirmado, e segurado por novos testemunhos, o que tinha avançado, naõ teve mais do que algumas contestaçoẽs a respeito da barra de Goa, de que

os

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

os Officiaes estavaõ persuadidos, que naõ tinha sufficiente fundo. Timoja porém affirmando pela sua cabeça, que tinha ao menos tres braças, e meia de agua em baixa mar, determinou-se a conquista de Goa. O Governador quiz ter por escrito o parecer de todos os que assistiraõ ao Conselho, e lhes fez juntamente assignar outro acto, pelo qual se obrigaraõ todos a reconhecer por Governador General, D. Antonio de Noronha, supposto que como a sorte das armas he incerta, faltou nesta guerra.

Tomada esta resoluçaõ, Timoja por ordem de Albuquerque voltou outra vez, deixando a sua pequena frota no Cabo de Rama, onde devia esperalo, foi cahir com as suas tropas sobre a Fortaleza de Cintacora, cuja visinhança incommodava muito a Cidade d'Onor, levou-a á força descuberta, e passou tudo á espada, e lançou-lhe fogo, e com incrivel celeridade tornou a unirse a Albuquerque com as suas fustas, no tempo que esté General chegava á barra de Goa.

A Cidade de Goa situada em dezasseis gráos de latitude do Norte na Ilha de Tiçuarim, a qual tem quasi nove, ou dez legoas de circuito, e

e he fechada pelas correntes de dois pequenos rios, era entaõ huma das mais consideraveis Cidades da Peninsula d'aquem do Gange situada n'uma igual distancia entre Cambaia, e o Cabo Somorim, he mui propria para fazer hum grande commercio, por ter o melhor porto de todos estes contornos; de modo que naõ he deficil comparalo aos portos de Constantinopla, e de Toulon, que passaõ pelos melhores do nosso grande continente· era antigamente do Reino de Decan. O Rei de Decan, a quem os principaes senhores dos seus Estados tinhaõ só deixado huma pequena sombra de auctoridade a tinhaõ confiado a hum Official da sua Coroa, Mouro de origem, e de Religiaõ, chamado Adil, Can, e por corrupçaõ Idalcan, que os Portuguezes continuavaõ a chamar sem razaõ Zabaia, nome que so propriamente convinha ao Principe Gentio, a quem Goa tinha sido uzurpada. Este Idalcaõ conservou sempre huma grande correspondencia com o seu Soberano em quanto viveo, pondo-se em estado de se conservar por força no cazo de lhe ser precizo. Tinha munido a Cidade de boas muralhas, de torres, e de Cidadellas. Tinha

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR

nha

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

nha fortificado do mesmo modo as passagens por onde podiaõ entrar na Ilha, e as fazia guardar com escrupulosissima attençaõ. Naõ se fiando dos Indios nem dos Mouros do paiz, de quem conhecia a fraqueza, e a má fé, tinha formado hum corpo de tropas composto de Arabes, de Persas, de Mahometanos da Europa, e de Mammelus do Egypto, em que punha a sua principal confiança. Tinha tido extremo cuidado de prover a sua Cidade de toda a sorte de muniçoés, e sobre tudo de armas á maneira da Europa; os seus armazens estivaõ cheios, os arcenaes em bom estado: tinha nos seus estaleiros muitos navios de modelo similhante ao dos Portuguezes. Finalmente como elle era intelligente, vigilante, e activo, ainda que o seu governo fosse hum pouco duro, tinha chegado a fazer a sua Cidade bella, forte, e florecente, naõ se esquecendo de tudo, para chamar o commercio, e recebendo perfeitamente bem os estrangeiros, que sabia empregar, e recompensar segundo seus talentos, e seus serviços, e que ahi se estabeleciaõ tanto mais voluntarios, quanto o paiz naturalmente rico, e fertil, alli fornesse abundantemen-

mente ás commodidades, e delicias da vida.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

A inquietaçaõ em que eſtava Albuquerque, e o temor que tinha de hir encalhar na barra, fez com que ordenaſſe por precauçaõ a D. Antonio de Noronha, e a Timoja que foſſem antes ſondala. Ordenou logo ao primeiro, que foſſe attacar o forte de Pangim, que eſtava na Ilha, e a Timoja, que ſe apreſentaſſe de fronte de outro Forte, que chamavaõ o Forte de Bardes, que eſtava no continente. Eſtes dois portos tinhaõ ſido eſtabelecidos pelo Zabaia para a defença da barra. Noronha devia ſer defendido por Simaõ d'Andrade na ſua galera, por Simaõ Martins no ſeu bragantin, por Jorge Fogaça, por Jeronymo Teixeira, Jorge da Silveira, Joaõ Nunes, e Garcia de Souſa nas ſuas chalupas. Timoja devia conduzir as ſuas fuſtas.

A' viſta da frota inimiga, e deſde o primeiro rebate Milique Suſe-Curgi, eſte Official do Califе, de que temos fallado, que tinha maior auctoridade na Cidade, ſahio com precipitaçaõ para hir defender o Forte de Pangim. Combateo valerozamente ſobre a ribeira na primeira trincheira, para impedir a deſcida, mas ſendo fe-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

rido de huma flexa, que lhe paſſou a maõ, eſta dor o obrigou a retirar-ſe para o Forte, onde pouco depois recuperou a Cidade. Vendo-ſe os ſeus ſem Chefe recolheraô-ſe tambem ao Forte com preſſa, mas Noronha tendo dado algumas bandas de artilheria, que naõ fizeraõ effeito, os perſeguio taõ vivamente, que os Portuguezes entraraõ baralhados com os fugitivos. Timoja naõ achando reſiſtencia na outra parte, foraõ tomados os dois Fortes, e toda a artilheria.

Huma victoria taõ repentina conſternou toda a Cidade, onde naõ havia cabeça, obcdecendo cada hum ſem vontade áquelles que arrogavaõ a ſi a auctoridade. Albuquerque, que tinha feito avançar todas as chalupas, e bateis, e que tinha paſſado elle meſmo para á galera de Fernando de Beja, porque o vento naõ o ſervia para fazer entrar os navios de porte no rio, ſoube logo deſta deſordem por alguns Mouros de Cambaia, e de Diu, que vieraõ buſcar a ſua protecçaõ. Reprezentando-lhe eſtes o eſtado das coiſas, e aſſegurando-lhe que a gente de Melique-Sufe-Curgi lhe obedecia pouco, porque lhes pagava mal: o General enviou ao campo eſ-

tes

tes meſmos Mouros para fazerem da ſua parte propoſiçoẽs vantajozas aos habitantes , a quem fez dizer : „ Que bem longe de vir para tirar- „ lhes a liberdade, naõ tinha elle ou- „ tra intençaõ , que de os livrar do „ jugo odiozo ſob o qual gemiaõ : „ que elle confirmava todos os ſeus „ privilegios , permitia a cada hum „ que viveſſe na Religiaõ em que ti- „ nha ſido criado , e que lhes alivia- „ va a terça parte do tributo , que „ pagavaõ ao Idalcaõ : exceptuando „ porém aos eſtrangeiros armados pa- „ ra ſerviço deſte Principe, de quem „ queria ſer General , com os quaes „ uzaria de maneira , que todos ſeriaõ „ contentes. „

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Recebidas eſtas propoſiçoẽs com agrado na Cidade, conſentio ella em dar-ſe aos Portuguezes, e o tratado foi aſſignado d'ambas ás partes a pezar dos esforços de Sufe-Curgi , que naõ podendo impedir-lhe a execuçaõ, ſáhio de Goa pouco acompanhado , e foi levar ao Idalcaõ a triſte noticia da entrega deſta praça.

Os Magiſtrados tendo levado as chaves a Albuquerque , fez o General pacificamente a ſua entrada em 17 de Fevereiro de 1510, no meio das

ANN. de J. C. 1510.

D. MAMOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

acclamaçoẽs do povo ſempre adorador da novidade. Hia montado n'um belo cavallo da Perſia, precedido de trombetas, e outros inſtrumentos militares, de hum Religioſo Dominicano, que levava diante delle o eſtendarte da Cruz, e d'um Official que levava a bandeira de Portugal. As tropas ſeguiraõ em fileira marchando em boa ordem, com os ſeus Officiaes na teſta.

Tendo dado graças a Deos de joelhos, e derramando muitas lagrimas de goſto d'um taõ glorioſo ſucceſſo, tomou poſſe da Fortaleza, e do Palacio do Idalcaõ, e ordenou tambem tudo, que ninguem podeſſe prejudicalo, e que nenhum dos ſeus incommodaſſe hum povo, que de taõ boamente ſe tinha entregado.

Acharaõ na Cidade quarenta peças de groſſo calibre, ſincoenta e ſinco falconetes, e outras muitas peças de artilheria ligeira, polvora, balas, granadas, e toda a ſorte de armas, e muniçoẽs de guerra. Contaraõ nos eſtaleiros até quarenta embarcaçoẽs, entre grandes e pequenas, entre as quaes havia dezaſete fuſtas, com todos os ſeus aparelhos nos armazens. Contaraõ tambem nas cavalharices do Idalcaõ cento e ſecenta cavallos da Perſia,

ſia. E aſſim do mais á proporçaõ.

O Governador, que tinha determinado fazer de Goa a Metropole das Conquiſtas dos Portuguezes na Indias, começou por declarar aos ſeus Officiaes o deſignio de invernar alli, e tomou todas as medidas para ſe ahi conſervar, e para introduzir huma boa fórma no governo, que pretendia eſtabelecer.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Nomeou logo Antonio de Noronha ſeu ſobrinho Governador da Cidade, e lhe cedeo a Fortaleza. E para ſe alojar tomou o Palacio do Idalcaõ, onde eſtavaõ ainda as ſuas mulheres, e o ſeu ſerralho. Fez Mordomo mór a Gaſpar de Paiva, e deo a feitoria a Franciſco Corvinel. Tendo-ſe depois d'iſto informado exactamente do producto das Alfandegas, tanto da Cidade de Goa, como das Ilhas viſinhas, que montavaõ á oitenta e dois mil pardaos cada anno, eſtabeleceo rendeiros aſſim Mouros, como Gentios, que ſubordinou a Timoja, a quem fez rendeiro geral, e a quem deo além diſſo o cargo de Sargento mór do Eſtado, e Reino de Goa.

Tendo logo feito tomar alguns poſtos, onde os inimigos ainda ſe mantinhaõ na Ilha, fez entrar a ſua frota no porto, reſtabeleceo os poſtos

de

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

de Cintacora, de Pangin, e de Bardes, que tinhaõ ſido arruinados: acreſcentou novas obras á Cidadella de Goa para ſe poder retirar para ella em qualquer precizaõ, e acautelou as paſſagens da Ilha, pondolhes Officiaes ſubordinados á D. Antonio de Noronha, que devia vigiar ſobre todos, torneando a Ilha, e levar ſoccorro a toda a parte que o preciſaſſe.

Dada eſta primeira fórma ao governo interior, o Governador mandou chamar os Enviados dos Principes eſtrangeiros, que ſe achavaõ em Goa, e depois de ſaber delles o motivo da ſua legaçaõ, expedio primeiro os dos Reis de Narſinga, e de Vengapour, aos quaes ajuntou Gaſpar Chanoca, e o Padre Luiz Franciſcano, com o caracter de Embaixadores para procurarem fazer liga offenſiva, e defenſiva com eſtes Principes inimigos do Idalcaõ, e pedir conſentimento ao primeiro para fundarem huma Fortaleza em Baticalá. Ouvindo depois os Enviados de Ormuz, e do Sofi da Perſia, deſpachou tambem eſtes, e enviou com elles em qualidade de Embaixador a Rui Gomes Gentilhomem da caza delRei de Portugal.

Iſmael *Schah*, ou Sofi da Perſia era

era hum dos maiores Principes, que occuparaõ eſte Throno, que elle tinha quaſi conquiſtado. Era reſpeitado como hum dos mais poderoſos Monarcas do Oriente, e ſe tinha diſtinguido por duas grandes batalhas, que tinha ganhado, huma contra o grande Senhor, e outra contra hum Cam poderoſiſſimo da grande Tartaria. Eſtimava Albuquerque particularmente, e lhe havia enviado Embaixadores, mas naõ chegaraõ a Ormuz ſe naõ depois da ſua partida, como já diſſe. Nada he mais belo, que a carta que Albuquerque lhe eſcreveo, e as inſtruçoẽs que deo ao ſeu Embaixador, como largamente ſe lê nos ſeus Commentarios. O projecto d'uniaõ, que propunha a eſte Principe para deſtruir o Califе, manifeſta bem a grandeza da ſua alma, e a nobreza dos ſeus ſentimentos, a ſuperioridade do ſeu valor, e a ſolidez dos ſeus conhecimentos. Mas eſta embaixada naõ ſe effeituou. Atar ſempre inimigo oculto dos Portuguezes, e de Albuquerque, fez envenenar Gomes no caminho, depois de lhe ter feito toda a ſorte de honras.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Com tudo o moço Idalcaõ ferido da triſte nova da entrega de Goa, deo-ſe todo a fazer paz com todos os

ſeus

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

ſeus inimigos aſſim exteriores como interiores, com as condiçoês menos deſavantajozas, que pôde para procurar recuperar eſta praça, que era o que mais lhe importava, o que conſeguio. O Rei de Narſinga, que eſtimava antes ver Goa em poder do ſeu inimigo, que no dos Portuguezes, de quem temia o grande poder, foi o primeiro que approvou o tratado. Os inimigos domeſticos acommodaraõ-ſe mais facilmente. Naõ deixaraõ os habitantes de Goa, e aquelles meſmos que tinhaõ entregado a Cidade, injuriados da ſua fraqueza, e penhorados do amor do ſeu Principe ligitimo, de tomar com elle as medidas para ſacudirem hum dominio eſtrangeiro, que cada dia ſe lhes fazia mais odiozo.

O Governador naõ ignorava eſtes ocultos conſelhos, que naõ era o que elle mais ſentia. Eſte grande homem era diſtinado, para ter mais para combater a ſua propria Naçaõ, do que os inimigos da ſua Naçaõ. Tinha entre os ſeus principaes Officiaes eſpiritos turbulentos, cuja má vontade tinha ja exprimentado. Porque eſtando em Cananor antes de vir a Goa, quatro Capitaens ſeus tinhaõ projetado deſde entaõ de o deixarem, para hir á corſo

pa-

para á Ilha de Ceilaõ. Mas, este projecto foi interrompido, porque o Governador tirou a Jeronymo Teixeira, o principal da facçaõ, o commando do seu navio, que pouco despois lhe restituio.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Timoja naõ estava contente, tinhase lisongiado, que lhe cederiaõ o dominio de Goa, mediando algum censo que pagasse a ElRei de Portugal; e obrigando-se a defender a praça só com as suas tropas, e á sua custa, o que era huma quimera. Elle tinha querido persuadir-se que Albuquerque lho tinha promitido, e vendo que naõ lhe cumpria a palavra, que lhe tinha dado assim como elle o pretendia, trabalhou occultamente de grangear os Officiaes, e polos da sua facçaõ. O Governador tinha muito boas razoens para lhe naõ dar a conhecer a indiscripçaõ da proposiçaõ, que elles lhe tinhaõ feito, e para os naõ envergonhar de lha fazerem. Mas quando soube que o Idalcaõ, feita a paz com os seus inimigos, se adiantava com grandes jornadas, que tinha quarenta mil homens de Infantaria, e sinco mil cavalos; Timoja tendo renovado os seus occultos artificios, o temor entaõ de naõ poder resistir a grandes forças, o fastio de trabalhar nas fortificaçoens, e a ambi-

Ann. de J. C. 1510. D. Manoel Rei. Affonso d'Albuquerque Governador.

ambiçaõ de ſe empregar n'outros interesses mais peſſoaes, fizeraõ que cada hum achaſſe razoens plauziveis do bem do eſtado, para apoiar as pretençoens de Timoja, e para obrigar o Governador a deſiſtir de huma empreza que todos julgavaõ ſuperior ás ſuas forças.

Albuquerque diſſimulava, preciza-va ſua conſtancia para reſiſtir a eſta torrente, mas era obrigado a ter paciencia. A pezar da ſua moderaçaõ adiantaraõ-ſe tanto os revoltoſos, que lhe corromperaõ até 900 entre os ſeus ſubalternos. Teve a felicidade de os apanhar n'uma caza, onde deliberavaõ de lhe fazerem propor ſediciozamente pelas ſuas tropas, que lhes pagaſſe o ſoldo em dinheiro, e naõ em viveres. E chamando dois dos principaes, por quem ſoube quaes eraõ os Auctores de todos eſtes movimentos, remunerou-os, e ſe contentou de reprehender fortemente os outros. Paſſado algum tempo livrou-ſe de Jeronymo Teixeira, concedendo-lhe a licença, que lhe pedia para hir a Cochim, onde Jorge da Silveira tomou a confiança de o ſeguir ſem licença.

Em quanto o General eſtava aſſim occupado em defender-ſe das traiçoẽs dos habitantes, e das conſpira-

raçoẽs dos ſeus, o Idalcaõ ſe diſpôz a vir ſitiar Goa com todas as ſuas forças. Primeiramente fez, que ſe adiantaſſe huma parte das ſuas tropas, dirigida por hum dos ſeus melhores Capitaẽs, chamado Pulatecaõ, eſperando unir-ſe-lhe com o groſſo do exercito. Pulatecaõ naõ encontrando reſiſtencia na ſua marcha, adiantou-ſe até ás duas paſſagens da Ilha, a que chamaõ os Poſſos de Benaſtarin, e de Agacin, e ſe acampou ſobre o pequeno rio de Salcete, ao pé da cadêa das montanhas de Gate, que atraveſſaõ toda eſta Peninſula da India. Intentava eſte General entrar na Ilha em a primeira occaſiaõ favoravel que tiveſſe, para o que mandou fazer grande quantidade de jangadas, e de canoas de ſalgueiros para á paſſagem das ſuas tropas. E porque a artilheria de Garcia de Souſa, que commandava no paſſo de Benaſtarin, e a do navio de Ayres da Silva, que eſtava no meſmo porto, poderia incommodalo muito, fez correr huma cortina, que o eſcudou inteiramente d'uma, e outra.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O dezejo, que Pulatecaõ tinha de poder entrar em Goa, antes que o Idalcaõ o encontraſſe, o fez tentar as vias da negociaçaõ, primeiro que

as

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

as hoſtilidades. O trombeta que inviou, era hum dos degradados, que Pedro Alvares Cabral tinha deitado na Coſta de Affrica, chamado Joaõ Machado, Portuguez de naçaõ. De Melinde tinha paſſado a Diu, e dalli a Goa, onde o Idalcaõ ultimamente morto ſuppondo-o Turco em Religiaõ, e em origem, e achando-lhe merito, lhe deo huma companhia de Rumes. As propoſiçoẽs de Machado eraõ de modo, que parecendo querer o bem da ſua naçaõ, favoreciaõ todas as pertençoẽs de quem o enviara, e repreſentando ao Governador „ A impoſſi-„ bilidade em que ſe achava para re-„ ſiſtir a hum taõ poderoſo exercito, „ no meio d'uma Cidade preſtes a ſub-„ levar-ſe, com hum punhado, por „ aſſim dizer, de Portuguezes, que „ pouco ſe uniaõ com elle, e iſto na „ entrada d'um inverno, que o impoſ-„ ſibilitaria a retirar-ſe, ſe elle „ naõ tomaſſe as ſuas medidas para o „ previnir por huma capitulaçaõ hon-„ rada, e vantajoza. „

Poſto que Albuquerque teſtemunhaſſe o ſeu agradecimento a Machado, pela boa vontade que eſte lhe moſtrava, e pelos ſerviços que lhe poderia fazer, ſabendo bem o pouco cazo, que ſe de-

ve

ve fazer da fé deſtas peſſoas, naõ ſe fiou delle mais que a bom partido, e ſuppondo que lhe poderia ter exagerado muito as forças do inimigo, confirmou-ſe no propoſito de ſe conſervar na ſua conquiſta, e de niſſo pôr o ultimo esforço.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Timoja cauſava-lhe ſugeiçaõ. O diſgoſto que elle lhe tinha dado pelas ſuas intrigas com os Officiaes, e a pouca ſolidez das tropas deſte Indio, que eſtando poſtadas ao Paço d'Augin, eſtavaõ ſempre no ponto de o deſemparar, lhe faziaõ ſuſpeita a ſua fé. Certamente creio, que Timoja naõ penſava em traiçaõ. Eſtava prezo por muito grandes vantagens, porém a ſua conducta occaſionava algumas ſuſpeitas. O Governador, que queria certificar-ſe o fez cahir n'um laço, em que elle meſmo ſe meteo. Hum dia em que Albuquerque lhe teſtemunhava a deſconfiança, que tinha dos principaes Mouros da Cidade, que temia ſe voltaſſem para o ſeu antigo ſenhor, e fallando-lhe com o coraçaõ aberto como quem preciza de conſelho, lhe preguntou como ſe tiraria de cuidado neſte ponto „ Reſpondeo Timoja, obrigai-os a meter ſuas mulheres, e „ filhos na Fortaleza, como ſeguros

„ pe-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

„ penhores da ſua fidelidade. Iſſo ſe„ rá dificil, replicou Albuquerque, „ ſe naõ tiverem quem lhe dê exem„ plo; mas como vós eſtais aqui á „ ſua teſta, ſe virem que o fazeis „ ſem repugnancia, elles o faraõ de „ boa vontade.„ Timoja atterrado deſte golpe impreviſto naõ pôde arrecuar, obedeceo, e fez obedecer os outros. Deſte modo aquietou o eſpirito do Governador, que niſto fez huma venida de meſtre.

Eſta prevençaõ naõ impedio as traiçoẽs, e o General teve muitas provas por eſcrito, abrindo as cartas, entre as quaes elle achou, de Miral, e de Melique Sufe-Condal, de quem parece, devia menos deſconfiar; porque o primeiro tinha moſtrado grande dezejo de entregar a Cidade aos Portuguezes, e o ſegundo era intimamente ligado a Timoja, que lhe tinha n'outro tempo dado hum aſilo, depois que fora expulſado de Goa pelo defunto Idalcaõ. Albuquerque disfarçou no principio, deixando a vingança para ſeu tempo.

Com tudo vigiava como Capitaõ mor, e tinha a Ilha tambem fechada, que os inimigos naõ podiaõ penetrala. Nada eſtava mais bem eſtabelecido, que todos os ſeus poſtos. Tinha fei-

to

to armar trincheiras de huns a outros, visitava-os pessoalmente, e tinha posto corpos de reserva para socorrer a todos em cazo precizo. Hum dos primeiros cuidados foi de ajuntar todos os bateis, para que os inimigos se naõ podessem aproveitar delles: mas quando elle deo a ordem, o Sabandar, ou Commissario da Marinha, que era traidor, e a esperava, os tinha enviado todos para os inimigos, que delles se tinhaõ apoderado. Naõ se lhe demorou o castigo, porque naõ podendo dar razaõ desta conducta, Albuquerque o fez matar pelos seus guardas, e deitar seu corpo no rio.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei.

Affonso d'Albuquerque Governador.

A sentinela, que fasiaõ as tropas Portuguezas, que estavaõ sempre á lerta, cortando a esperança a Pulatecaõ de as poder forçar de dia, rezolveo surprendelas n'uma das noites do inverno em que entravaõ, e que saõ acompanhadas de vento, e chuva. Escolheo a de 17 de Maio, que veio como à desejava. Sufolarim Official de credito commandando hum corpo de dois mil homens, entre os quaes havia mil e trezentos Rumes, ou brancos, devia hir descer ao Passo de Benastarim, e Melique Sufe-Curgi com outro igual corpo, devia hir descer

com

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Alebuquerque Governador.

com os *Coties*, ou pequenos bateis, que o Sabandar tinha enviado de Goa, ao posto de Gondalim. Foraõ taõ felices, que desembarcaraõ metade dos seus, antes que fossem percebidos. E posto que ao despontar do dia os Portuguezes fizessem grande fogo com a sua artilheria, e huma grande destruiçaõ nos que tinhaõ passado, com tudo crecendo sempre o numero dos inimigos, foraõ tomados os dois postos, e os Portuguezes forçados a se retirarem para á Cidade; de sorte que Pulatecaõ naõ achando quem lhe fizesse cara, passou as suas tropas para á Ilha, e veio acampar-se em hum lugar chamado *as duas arvores* a meia legoa de Goa. Victoria facil, mas que naõ o teria sido, se dois dos principaes Officiaes Portuguezes tivessem querido fazer a sua obrigaçaõ.

O Governador naõ foi inteirado, de que os inimigos estavaõ na Ilha, se naõ pensando no perigo mais eminente, fez sahir da Cidade todas as tropas Indianas, que ahi estavaõ, com o pretexto de soccorrerem o posto de Benastarim. Bem preveo que ellas hiriaõ encontrar os inimigos, assim como tinhaõ já feito as tropas de Timoja; mas era-lhe mais vanta-

jozo

jozo apartalas,do q̃ confervalas na praça, onde poderiaõ dar-lhe maiores trabalhos.

Querendo depois vingar-fe dos traidores, fez degolar alguns, e fez enforcar outros na Cidadella, mui fecretamente para que os habitantes ignorando efta execuçaõ fe confervaffem no refpeito dos penhores, que elle tinha em feu poder. Mas como naõ poderaõ perfuadir-fe, que elle foffe ás ultimas a feu refpeito, naõ occultaraõ a inclinaçaõ que tinhaõ ao inimigo, e tanto que Pulatecaõ avançou as fuas tropas para á Cidade, tudo pareceo preftes a fublevar-fe. Pulatecaõ perdeo com tudo tres dias diante da praça, foi obrigado a fazer huma obra avançada, e nella cavalgar algumas peças de artilheria para fazerem brecha. Entaõ correraõ os habitantes ás armas Os Portuguezes attacados dentro, e fóra, combateraõ com muito valor. Timoja, e Menaique, ambos Indios, e fieis ao feu partido, affignalaraõ-fe nefta occafiaõ: porém arraftados pela multidaõ dos agreffores foraõ obrigados a ganhar a Cidadella com Albuquerque, que lhe cuftou bem falvar-fe nella. Antes de fe recolher teve a pervençaõ de deitar fogo aos armazens, e ás embar-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

caçoës, que eſtavaõ nos eſtaleiros, o que fez alguma diverſaõ, ſendo os inimigos obrigados a concorrer ahi para trabaharem na ſua extinçaõ.

Na precizaõ em que Albuquerque ſe achava deſpachou para Cochim, e enviou ordem a Jeronymo Teixeira, e a Jorge da Silveira para virem unir-ſe-lhe, e lhe conduzirem ſoccorro. Mas eſtes dois homens a quem o odio cegava, deſprezaraõ as ſuas ordens, e as ſuas rogativas. D'outra parte a divizaõ ſe augmentava entre os ſeus, cujo atrevimento, e a revolta cobravaõ novas forças á medida, que lhe parecia ter mais razaõ para combater a ſua obſtinaçaõ. Pulatecaõ que eſtava informado de tudo o que ſe paſſava, atiçava o fogo deſta divizaõ pelas licenças, que dava ao General de retirar-ſe com honra, e pelo terror que lhe queria inſpirar, publicando o deſignio, que elle tinha de queimar a ſua frota, ſeja porque eſperaſſe por iſſo obrigalo a deixar a partida, ou porque naõ dezejaſſe mais, que augmentar a perturbaçaõ. Machado ſempre zelozo, quando menos na apparencia, avizava de tudo, e os ſeus avizos, que ſe achavaõ ſempre verdadeiros, produſiaõ o effeito de en-

volve-

volverem ſempre cada vez mais o Governador com os ſeus ſubalternos.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Niſto chegou o Idalcaõ, e entrou na Cidade com o reſto das tropas. A primeira coiſa que fez, foi tentar embocar o canal do rio, para impedir a ſahida á frota Portugueza, e aſſegurar-ſe de poder queimala. Para eſte effeito fez alli encalhar dois corpos de embarcaçoẽs no lugar onde o canal era mais eſtreito. Albuquerque ſe achou entaõ n'uma terrivel extremidade. Vio-ſe na precizaõ de abandonar a Cidadella, para ſalvar a ſua frota, com o que naõ ſabia ſe o canal eſtava abſolutamente fechado, ainda na ſuppoſiçaõ, que podeſſe forçar a paſſagem, era obrigado a invernar nos ſeus navios, tendo toda a probabilidade, que a barra eſtaria entupida pelas areas, que as tempeſtades alli ajuntaõ no principio do inverno.

Felizmente como eſte era o tempo das innundaçoẽs, o creſcimento das aguas lhe abrio caminho, de modo que os ſeus navios podiaõ paſſar em fileira a lado das embarcaçoẽs encalhadas. Sobre iſto tomando a reſoluçaõ de deſpejar a Cidadella, foi juſtificar novamente os traidores, fazendo

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

do morrer até cento fincoenta peffoas que tinha em penhor. Fez depois efpedaçar, e falgar os cavallos das eftrebarias do Idalcaõ, para remediar a fome, e tendo pefquizado o modo para embarcar tudo o que queria levar, tomou a noite para fazer a fua retirada. D. Antonio de Noronha fazendo largar fogo a hum armazem intempeftivamente, advertio com iffo os inimigos do intento da fugida. Albuquerque os teve logo em fima, de forte, que naõ pôde ganhar as fuas náos fem combate, e correo muito rifco matando-lhe o cavallo em que hia.

A alegria, que teve o Idalcaõ de fe ver fenhor da Cidadella, foi bem aguada pelo horrorozo efpetaculo de tantas cabeças cortadas, e cadaveres defcabeçados, que elle achou na praça, e pelos gritos dos parentes dos mortos, os quaes fendo todos dos principaes da Cidade pertenciaõ quafi a todas as cazas, que fe cubriraõ de luto. Entre tanto Albuquerque vogou com as velas cheias, e foi ancorar em hum portinho efpaçozo entre a ponta de Rebandar, a barra, e os Fortes de Pangim, e de Bardes. O Idalcaõ que o tinha feito feguir por

hum

hum bragantin, temendo que elle se apoderasse destes Fortes, enviou-lhe Machado para o enterter com proposiçoés de paz. E posto que a altivez do Governador fosse tal, que as coisas que elle fazia da sua parte, podiaõ passar por extravagancias, por serem arrogantes, este Principe naõ deixou de continuar as suas negociaçoés, até que estes dois pontos fossem inteiramente estabelecidos. Doutra parte os Capitaẽs queriaõ absolutamente obrigar Albuquerque a sahir da barra, e posto que isto fosse contra o voto de todos os Pilotos, naõ socegaraõ senaõ quando por condescendencia elle permitio a Fernando Peres de Andrade, tentar a sahida com o navio S. Joaõ, que a teima deste Official fez perecer, de modo com tudo que salvaraõ a equipagem, e toda a carga.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Preparada a artilheria dos Fortes, começou a jugar com tanta felicidade, que como o portinho onde estava a frota, posto que grande, naõ o era assás para ella, Albuquerque naõ sabia aonde se metesse, e era obrigado a fazer mudar continuamente de lugar os seus navios, sem lhes poder achar seguro azilo. Sentio-se taõ cruel fome, que foraõ obrigados a comerem

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

rem ratos, e até os couros dos baús, e dos escudos: porém o que mais mortificou o General, foi a deserção de tres dos seus, que contaraõ ao Idalcaõ o estado miseravel, a que estavaõ redusidos. Este Principe que era taõ civilizado como valerozo, lhe enviou, logo que teve a primeira notocia, huma fusta cheia de viveres, e refrescos, mandando-lhe dizer: „ Que „ pelas armas he que queria vencer „ os seus inimigos, e naõ pela fo„ me. „ Mas Albuquerque que creo que o Idalcaõ desejava saber na verdade se elle estava com effeito em taõ grande extremidade, uzou de fingimento. Porque fazendo expor sobre a tolda hum quarto de vinho com o pouco biscouto, que tinhaõ reservado para os doentes, como para todos uzarem á descripçaõ, illudio o laço, e recambiou o prezente, respondendo ao Official que o trazia, engraçada, e altivamente no mesmo tempo. „ Di„ zei ao vosso Senhor, que eu lhe sou „ obrigado, mas que naõ receberei os „ seus prezentes, senaõ quando for„ mos bons amigos. „

Soffrendo sempre a frota muita artilheria dos fortes de Pangim, e de Bardes, resolveo o Governador de se li-

livrar defta impunidade, intentando ganhalos por viva força. A empreza era atrevida, e mefmo temeraria. Na má vontade, que os Officiaes lhe tinhaõ, vio bem que naõ confeguiria refolvelos a iffo, propondo o negocio em deliberaçaõ no Confelho: e por iffo juntando-os, lhes diz determinadamente, que elle eftava determinado a attacalos, que naõ obrigava algum a feguilo, mas que iria na frente dos que voluntariamente o feguiffem. Efta maneira de propor furtio effeito. Todos quizeraõ, e todos ahi deraõ as maõs.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Idalcaõ, que tinha fido avizado por hum fugido, tinha reforçado a guarniçaõ de Pangim com quinhentos homens, feguindo o confelho de Machado, que fe tinha obftinado, contra o parecer dos outros Officiaes, dizendo que os Portuguezes ganhavaõ o Forte, ainda que foffem muito incommodados. Ainda que depois da evazaõ do fugido, Albuquerque desdonfiaffe, que o Idalcaõ enviaria efte reforço, com tudo preparou-fe a dar o feu golpe desde a mefma noite. Tendo feito o feu projecto, e deftribuido a fua gente por mar, e terra, para attacar por differentes partes ao mefmo tempo os dois Fortes, e o mef-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

mesmo campo de Pulatecaõ, que estava postado sobre hum oiteiro muito perto do Forte de Pangim, para o socorrer segundo a necessidade; chegou ao desembarque duas horas antes do dia, sem que o percebesem. Tendo entaõ feito tocar á combate com o maior numero de trombetas, e tambores, que lhe foi possiuel, attacou todos os lados. Pulatecaõ, que julgou ter toda a armada Portugueza sobre si, naõ lhe lembrou mais do que porse em fugida para se retirar para á Cidade com precipitaçaõ. Os que guardavaõ o forte de Pangim, tinhaõ passado muita parte da noite a beber, e todos estavaõ sepultados em profundo sono. Como elles todos estavaõ dormindo dentro, e fóra do Forte, onde naõ podiam caber todos, sem alguma precauçaõ, portas abertas, e as mesmas guardas dormindo, foraõ vencidos antes que tivessem, por assim dizer, tempo para se defenderem. Foraõ ganhados os Fortes, a artilheria, e os viveres embarcados, e esta valentia, que foi huma acçaõ muito memoravel, custou aos Portuguezes poucos homens, e alguns feridos. O Idalcaõ nella perdeo tres dos seus Capitaẽs, 150 Rumes, e 100 Indios, que ficaraõ na praça. Fi-

Ficou elle taõ assustado, que temendo que os vencedores o viessem sitiar a Goa, sahio d'ahi, e fez novas proposiçoẽs de paz.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Restavalhe hum grande recurso na esperança, que tinha de queimar a frota. Tinha para este effeito preparado quantidade de jangadas cheias de materias combustiveis, que devia fazer seguir, e sustentar por oitenta embarcaçoẽs a remos, cujo destino era para matar os Portuguezes, que se deitassem ao mar quando os seus navios se queimassem. Albuquerque naõ ignorava este projecto, e tomou logo algumas medidas para se defender delle, mas pensando tudo bem, julgou que era melhor prevenir o golpe, e hir queimar as jangadas antes que ellas fossem lançadas. Deo esta commissaõ a Antonio de Noronha seu sobrinho, a quem deo 300 homens escolhidos repartidos em dez chalupas, que elle fez preceder d'uma fusta, d'um paráo, e das duas galeras de Fernando de Beja, e de Antonio de Almada. Ordenou a estes ultimos, que deitassem gente em terra para trazerem alguem, que os pudesse instruir da situaçaõ dos inimigos, mas estes naõ vendo apparecer pessoa alguma, e enfadan-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso, d'Albuquerque Governador.

fadando-fe de efperar, foraõ ancorar a hum tiro de canhaõ longe da Cidade. Joaõ Gonçalves Caftelbranco, que commandava o paráo, foi affás animozo para hir ahi dar-lhe huma vifta dólhos, e paffar por baixo do fogo das batarias, de que naõ recebeo incommodo.

D. Antonio de Noronha chegando aonde as fuas galeras eftavaõ ancoradas, percebeo pelo feu travez trinta paráos commandados por Sufolarim, que vinhaõ da parte da Ilha de Divarin. Temendo entaõ fer metido entre dois fogos, e attacado pelas outras pequenas embarcaçoẽs, que veriaõ da parte da Cidade, dividio as fuas chalupas em dois corpos. Entregou feis ao commando de Jorge da Cunha, que inviou contra eftes ultimos, dando-lhe ordem de naõ atirar, fem que elle deffe fignal. Elle com as quatro chalupas defendidas pelo paráo, e pela fufta, e pelas galeras, foi afrontar Sufolarim.

Começado o combate por todas as partes, Cunha pôs em fugida logo os paráos, que tinha em frente, e os acuou contra a praia, onde naõ podendo feguilos, os varejou muito tempo a feu gofto. Sufolarim refiftio

mais,

mais, e batalhou bem, mas hum tiro de canhaõ bem apontado levando-lhe alguns remeiros, o voltou para a Cidade: Noronha o ſeguio de taõ perto, que o obrigou a encalhar defronte da porta da Cidade, que ſe chamou depois de Santa Catherina. E porque entaõ acharaõ eſtar a proa da ſua chalupa na poupa da fuſta inimiga, os dois Andrades ſaltaraõ logo dentro, e foraõ ſeguidos de mais tres, o que atemorizou de modo o Sufolarim, e os ſeus, que deitando-ſe abaixo, abandonaraõ a embarcaçaõ. Em todo eſte tempo chovia de ſima dos muros, e da praia huma nuvem de tiros, dos quaes hum ferindo Noronha na polpa da perna eſquerda no tempo em que hia ſaltar para á fuſta de Sufolarim, depois dos outros ſinco, que tinhaõ já entrado, recahio para á ſua chalupa, que tendo-ſe ſeparado da fuſta, porque entaõ naõ penſaraõ mais que ſoccorrelo, os ſinco valerozos ficaraõ expoſtos ao furor dos inimigos que os rodearaõ. O ſeu numero era taõ grande, que nenhum dos Capitaẽs ouzou deſembarcar para hir ſoccorrelos: mas Luiz Coutinho, que commandava huma das ſeis chalupas da eſquadra de Cunha, entran-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

entrando em huma das outras chalupas com a maior parte dos ſeus, enviou a ſua com o ſeu Patraõ, e ſete remeiros para os tomar. Fernando de Beja chegando no meſmo tempo com a ſua galera para defender a chalupa, o Patraõ ſe encoſtou á fuſta, e ſalvou os valerozos, que combatiaõ como Heroes, á excepçaõ porem de Joaõ d'Eiras, que ſeu muito valor lançou entre os inimigos, que o mataraõ. Beja intentando inutilmente trazer a fuſta a reboque, foi obrigado a deixala, depois do que, todos ſe retiraraõ de noite para ſe unirem á frota.

O Idalcaõ, que tinha voltado a Goa, e que foi o obſervador de todo eſte combate, agradou-ſe tanto do valor dos ſinco valerozos, e mais que tudo dos dois irmaõs Andrades, que fizeraõ prodigios de valor, e ſerviraõ de eſcudo aos outros tres, que enviou Machado para os comprimentar da ſua parte, mandando-lhe dizer, que elle eſtimava tanto o ſeu valor, que com elles elle eſperaria conquiſtar toda a India; que os aſſegurava da ſua amizade, e lhes pedia a ſua. Elle lhes teria mandado algum prezente, ſe Machado lhe naõ tiveſſe certificado, que elles lho naõ recebiaõ.

Eſ-

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Esta victoria, que destruio o projecto do Idalcaõ, naõ foi completa pela perda de D. Antonio de Noronha, que morreo tres dias depois da ferida. A sua morte foi tanto mais sensivel a Albuquerque, quanto a dor foi complicada com a noticia, que teve pouco depois do desastre succedido a D. Affonso de Noronha, irmaõ de D. Antonio. Tinha partido de Socotorá para vir tomar o governo da Fortaleza de Cananor, como já dissemos; o navio que o trazia dando por huma tempestade sobre a Costa de Cambaia, confiando-se D. Affonso nas suas forças, foi dos que se deitaraõ ao mar para se salvarem: elle apanhou huma boia, mas chegando á praia onde o mar batia furiozamente, a mesma boia sobre a qual elle estava, o despedaçou. Os que ficaraõ agarrados ao corpo do navio, salvaraõ-se todos, e foraõ conduzidos prezioneiros para á Corte do Rei de Cambaia. Albuquerque amava estes dois irmaõs, filhos de sua irmã, como se fossem seus proprios filhos. Elles ambos tinhaõ infinito merecimento, e por belissimas acçoẽs se tinhaõ destinguido, e eraõ geralmente estimados, e amados. Parece que D. Anto-

Ann. de J. C. 1510.

tonio tinha ſuperior lugar a ſeu irmaõ no coraçaõ do ſeu tio. Porque ainda que tinha ſó 24 annos, elle o diſtinava para ſeu ſucceſſor no governo geral.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Foi eſta verdadeiramente huma perda para o Governador. Porque como D. Antonio era amado, e tinha modos inſinuantes, reſtabelecia os negocios que a rigida auſteridade de ſeu tio tinha perdido. Elle de ordinario ſe fazia medianeiro, e acommodava tudo. Albuquerque experimentou bem de preſſa a ſua falta n'uma precizaõ.

O General tinha no ſeu navio muitas moças filhas dos Mouros rebelados, que nunca quiz reſtituir a ſeus parentes, tendo reſolvido de as fazer inſtruir na noſſa ſanta Religiaõ, e cazalas com Portuguezes, como com effeito fez pouco depois. Chamava-lhes ſuas filhas, e havia muito fundamento para ſuppor, que ellas eraõ a ſua paixaõ. Com todas as precauçoẽs, que elle tomou para as guardar, houveraõ muitas deſordens, de que os principaes Officiaes ſe acharaõ os primeiros culpados. Rui Dias moço voluntario convencido do facto foi condenado á forca. Os Capitaẽs mais fogozos, entre os quaes foraõ

os

os dois Andrades, foraõ taõ indignados desta sentença, ainda que dada pelo Auditor das Indias, que tendo sublevado os seus, foraõ tirar o criminozo, e tumultuariamente vieraõ a bordo do navio do Governador, para lhe preguntar em virtude de que poder exercitava elle tal justiça; e entre muitas palavras pouco decentes lhe differaõ decedidamente, que era precizo livralo, ou mudar-lhe a pena, que naõ convinha por nenhum modo a hum Fidalgo. Albuquerque muito Senhor de si fez semblante de lhe querer mostrar os seus poderes. Os Capitaẽs foraõ sinceros em hir a bordo. Albuquerque entaõ tirando pela sua espada. „ Disse, eis-aqui em cuja vir-„ tude eu obro. „ E fazendo-os logo meter em conselho, e tirando-lhe o commando das suas embarcaçoẽs, fez executar a sentença sem remissaõ. Acçaõ de valor, que conteve todos no maior respeito, porém que naõ fez mais que irritar cada vez mais os espiritos.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

As vantagens, que os Portuguezes tinhaõ conseguido, os tinha feito alargar-se hum pouco por cauza dos viveres, e pela facilidade que lhe deraõ de os tirar das Ilhotas visinhas

de

de Goa. Os ſimplices rumores de paz lhe tinhaõ ſido uteis para iſto. Porque como o Governador tinha ainda em ferros muitos Mouros, a que naõ tinha dado a pena ultima, fez-ſe rogar a permiſſaõ para que o feitor Corvinel trataſſe do ſeu reſgate com os parentes dos preſioneiros, e o reſgate era ſempre pago em viveres. A pezar de tudo iſto a frota ſofria fome; porém como o inverno declinava, liſongeavaõ-ſe de ver ſedo o fim de todas eſtas mizerias.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

O deſignio do General era naõ ſahir de lá, ſem tomar a Cidade, e neſtas viſtas fez logo partir D. Joaõ de Lima, que devia conduſir os doentes para Anchediva, e ordenar aos navios, que de novo chegaſſem de Portugal, que foſſem unir-ſe com o General á barra de Goa. Timoja foi deſpachado no meſmo tempo com as ſuas fuſtas, para hir buſcar viveres a Onor. Albuquerque tinha noticia certa, de que o Rei de Narſinga deſenganado da falſa idéa, que lhe tinhaõ dado da tomada de Goa, tinha de novo rompido com o Idalcaõ, e ſe tinha unido aos Principes ſeus tributarios, para hir ſitiar a Cidade de Tiracol, o que obrigava ao Idalcaõ a dei-

deixar Goa; para hir em socorro desta praça. Porém os Capitaẽs estavaõ taõ estimulados contra o Governador, que elle os naõ pôde persuadir com as melhores razoẽs, de modo que intimidado das afrontas que recebia sempre, se resolveo a levar a ancora para se retirar. A primeira tentativa foi inutil, e foi obrigado a tornar a tras com Lima, e Timoja, que naõ tinhaõ podido passar. Finalmente em 15 de Agosto estando prestes, sahio da barra, e no mesmo dia avistou a frota de Diogo Mendes de Vasconcellos, que chegou de Portugal.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Além de huma frota de trinta velas, que o Rei D. Manoel pôs no mar contra os Mouros de Fez, e de Marrocos a quem elle continuava a fazer guerra, este Principe fez partir neste mesmo anno outras tres frotas para o novo Mundo. Vasconcellos commandava huma de quatro navios, que elle enviava a Malaca, antes de ter recebido noticia alguma de Diogo Lopes de Siqueira, que ahi tinha enviado nos annos precedentes. A segunda era de sete navios conduzida por Gonçalo de Siqueira, cujo destino era para as Indias: e a terceira de tres embarcaçoẽs, que deo a Joaõ Serraõ,

 que

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

que tinha ordem de hir tomar exacto conhecimento da Ilha de Madagascar, e das utilidades, que della se poderiaõ tirar. Porém Serraõ tendo perdido muito tempo nesta Ilha correndo-lhe os seus portos, sem maior felicidade, do que os que o tinhaõ precedido, continuou a sua derrota para ás Indias.

A vinda de todas estas náos deo grande gosto a Albuquerque, que disso teve noticia em Anchediva por Vasconcellos, porém a distinaçaõ deste naõ lhe emportava nada. Livrouse com tudo ao principio de lhe tocar nisso: mas antes o recebeo com muito agrado, dando-lhe a entender que o naõ podia expedir taõ depressa, porque a navegaçaõ para Malaca se naõ abria antes de tres mezes, prometendo-lhe que quando fosse propria, lhe daria maior numero de náos com que podesse executar com honra huma empreza, que naõ poderia conseguir com a sua pequena frota.

Fazendo logo quatro esquadras de tres náos cada huma, para cruzar em diferentes lugares da Costa, foi a Cananor, onde Duarte de Lemos que ahi chegou entaõ, o embaraçou muito. Albuquerque tomou o par-

partido de o receber com diſtinçaõ, como já diſſe, e Lemos ſe contentou por algum tempo com eſtas demonſtraçoẽs honrozas; porém os Capitaẽs deſcontentes, tinhaõ atiçado o fogo da diſcordia, e elle ſe picou a reſpeito de hum Embaixador do Rei de Cambaia, que veio tratar paz com Albuquerque. Lemos entendeo, que o General ſe intrometia nos ſeus direitos, e que elle devia enviar-lhe o Embaixador, porque Cambaia eſtava no ſeu deſtricto. Albuquerque diſſimulou com Lemos, e lhe ſofreo muitas coiſas, que lhe naõ ſofreria noutro tempo. Elle julgou, que o devia conſervar por reſpeito a ElRei, e ás Provizoẽs que tinha. Naõ deixou com tudo de proſeguir na ſua carreira, e de expedir o Enviado de Cambaia. As diferenças deſtes dois homens teriaõ peſſimas conſequencias, ſenaõ foſſem terminadas pela chegada dos navios de Siqueira, que traziaõ ordem a Lemos de voltar para Portugal, e de entregar o Governo a Albuquerque.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Governador concluindo os negocios que tinha em Cananor, e tendo viſto o Rei, de quem recebeo toda a ſorte de honras, vio-ſe obriga-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

do por hum novo acontecimento de hir a Cochim. Trimumpara era morto no ſeu retiro. A lei do paiz requeria, que o Rei que o tinha ſuccedido no Throno, foſſe ſubſtituir neſta ſolidaõ, e cedeſſe o ſeu lugar ao ſobrinho, que Trimumpara tinha excluido, porque elle tinha tomado o partido de Samorim no tempo que eſte lhe fazia guerra. O moço Rei naõ tinha muita devoçaõ para encerrar-ſe taõ depreſſa. Os Portuguezes de Cochim ſe oppozeraõ a iſto com todas as ſuas forças, mas o ſeu competidor que tinha já entrado com maõ armada na Ilha de Vaipim, parecia eſtar na obrigaçaõ de o conſtranger a iſſo. A prezença do Governador lhe tirou os meios, mas o Governador que tinha outros deſignios no penſamento, tendo tornado a Cananor, eſte Principe ambiciozo tornou com novas forças, que tinha tido do Samorim, as quaes lhe aproveitaraõ pouco. Nuno Vaz de Caſtelbranco o deſtruio de modo, que penſou fazelo prezioneiro, e lhe tirou para ſempre a eſperança de reinar.

A empreza de Goa eſtava ſempre ſobre o coraçaõ de Albuquerque; mas as contradiçoẽs, que tinha ſofrido

do da parte dos feus Officiaes, faziaõ com que elle naõ ouzaffe declarar-lhe a paixaõ que tinha. Elle a propoz no Confelho, como por tomar parecer fobre a conjuntura dos tempos, os quaes fe acharaõ taõ favoraveis, que ella foi determinada pela pluralidade. Albuquerque teve grande cuidado em tomar os pareceres por efcrito, e naõ perdeo hum momento em a executar.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Elle bem quiz conduzir a efta empreza os Capitaẽs deftinados a voltar para Portugal com Lemos, e Gonçalo de Siqueira, que tinhaõ ordem de vir com os navios de carga. Porque ainda que os feus Capitaẽs foffem os principaes defcontentes, e revoltozos, de que elle fe defejaria livrar; com tudo como elles eraõ bons Officiaes, e coftumados ás guerras das Indias, naõ fe defagradou de que o quizeffem feguir. Porém Jeronymo Teixeira, e os outros bem longe de o ajudar, fizeraõ quanto poderaõ para fazer encalhar a empreza. Elles lhe corromperaõ 500 homens, que fe efconderaõ no momento da partida, e naõ tendo podido feduzir Vafconcellos, o calumniaraõ na prezença de Albuquerque, fazendo dar a efte por

Gaf-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Gaſpar Pereira Secretario das Indias; o falſo avizo de que Vaſconcellos queria eſcapar-ſe para hir a Malaca. Por eſta cauza o General, que facilmente cahio neſte engano, o fez ſenterciar com os Capitaés da ſua eſquadra, a quem tirou o governo das ſuas náos, que lhe reſtituio logo depois, tendo conhecido a falſidade da acuzaçaõ.

Perto do principio de Novembro, o General ſe fez á vela, e foi ancorar a Onor, que achou em feſtas pelas nupcias de Timoja, que eſpozava a filha da Rainha de Gozampa. Albuquerque quiz honrar eſtas nupcias com a ſua prezença. A ſua frota que era de 34 navios, ſendo logo reforçada de outras tres embarcaçoés que Timoja lhe deo, ſe voltou ao mar em quanto o Principe Indio ajuſtado com o General, deixando a ſua noiva, ajuntou tres mil homens das ſuas tropas para hir unir-ſe-lhe á viſta de Goa.

O medo foi taõ grande em Goa com a chegada da frota, que os Fortes de Bardes, e Pangim foraõ logo deſemparados dos que os guardavaõ. Albuquerque que naõ quiz perder tempo, aproveitou-ſe da occaſiaõ, e envioú

viou algumas chalupas ás ordens dos dois irmaõs, D. Joaõ, e D. Jeronymo de Lima para darem huma vista d'olhos á Cidade, e fazerem sua relaçaõ do estado em que ella se achava. Satisfizeraõ bem elles á sua commissaõ, indo até junto da Cidadella, e descubriraõ a terra de muito perto, a pezar das salvas de artilheria, e a chuva de flexas, de que naõ recebéraõ algum incommodo.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Idalcaõ tinha deixado na praça nove mil homens, entre os quaes contavaõ dois mil Rumes. Tinha-lhe acrescentado novas obras, e a tinha provido de toda a sorte de municoẽs de guerra. O General tendo regulado o projecto das suas operaçoẽs, foi descer duas horas antes do dia 25 de Novembro a huma justa distancia d'uma obra avançada, que elle precizava ganhar logo. Diviaõ attacala a hum tempo por tres partes, em quanto Albuquerque, que devia fazer outro attaque a huma das portas da Cidade, esperava que o mestre da Capitania seguido de trinta marinheiros, tivesse cortado huma estacada, que se achava no caminho, que elle havia fazer. Sendo dado o final do attaque com grande estrondo de instrumentos

beli-

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

belicos, D. Joaõ de Lima, Diogo Mendes de Vaſconcellos, e hum terceiro, que commandavaõ os tres corpos deſtinados a dar o aſſalto á obra avançada, a forçaraõ todos tres no meſmo tempo, e ſeguiraõ os inimigos até á porta da Cidade, que eſtes naõ poderaõ bem fechar nas ſuas coſtas, porque Diniz Fernandes de Mello, que ſe achava na teſta dos que os ſeguiaõ, atraveſſou entre as duas tranquetas da porta, que depois ſe chamou de Santa Catherina, a haſte de huma grande lança. Depois de grandes esforços de ambas as partes, os Portuguezes ſe aſſenhorearaõ da porta, e ſe eſpalharaõ inſtantaneamente pelas ruas; e á pezar das pedras, e flexas, que lhe lançavaõ dos telhados, e das janelas das cazas, levaraõ os inimigos diante de ſi, vendo-ſe algumas vezes abafados: porém ſocorridos ſempre a tempo, foraõ ganhar o terreno até ao Palacio do Idalcaõ.

Em quanto eſtes ſe aproveitaõ das ſuas vantagens, Albuquerque, que tinha ouvido todo o eſtrondo, que ſe tinha feito daquella parte, enviou Simaõ Martins para lhe dar relaçaõ do que ſe ahi paſſava: porém

naõ

naõ tendo paciencia de esperar pela sua reposta, enfiou a rua do Arrabalde, que desembocava na porta, que tinhaõ attacado. Ahi lhe cahio em sima hum corpo de Mouros, que fugiaõ da Cidade, e que achando-se entre dois fogos fizeraõ da necessidade virtude, e batalharaõ bem. O General com tudo lhe passou por sima, e entrou no praça.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Com tudo os primeiros, que chegaraõ ao Palacio foraõ muito mal tratados, alguns dos mais fogozos ahi morreraõ, e D. Jeronymo de Lima ahi foi ferido mortalmente. Elles seriaõ todos passados á espada, senaõ fora hum novo reforço, que lhe chegou a tempo. D. Joaõ de Lima vendo seu irmaõ desbaratado quiz-se demorar, mas este, que no estado em que se sentia, naõ fazia já conta da vida, mostrou-lhe o caminho da gloria, e lhe fallou como Heroe. D. Joaõ combatido de duas paixoẽs, seguio o seu parecer, e julgou por melhor vingar-lhe a morte, do que certificar-lhe huma ternura intempestiva. Elles naõ deixaraõ de ter bem que fazer; porque sahio por diferentes partes do Palacio tanta gente a pé, e a cavallo, que logo os investiraõ. Porém

Dio-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Diogo Mendes de Vaſconcellos chegando neſte tempo, fez declinar a balança, e teve verdadeiramente a honra deſta jornada; como tambem Manoel de Lacerda, que tendo hum ferro de flexa na cara, donde lhe corria muito ſangue, naõ ceſſou de combater: matou hum Abixim, que parecia homem de conſideraçaõ, e montando no cavallo deſte inimigo derribado, acharaõ-no ainda ſó fazendo cara á oito peſſoas que deſafiou.

Depois diſto os inimigos naõ fizeraõ mais reſiſtencia. Cada hum naõ penſou mais que em fugir, e ſe ſalvaraõ pelas portas, ou por ſima dos muros, de ſorte, que quando o General chegou, tudo eſtava feito. Elle fez logo fechar as portas, para empedir os ſeus de ſe deſmandarem, e depois de dar graças a Deos de huma vantagem taõ aſſignalada, armou Cavalleiros Manoel da Cunha, e Frederico Fernandes, que tinha primeiro entrado na Cidade, e alguns outros que ſe tinhaõ diſtinguido mais.

Neſta acçaõ morreraõ ſó perto de quarenta Portuguezes na praça, e trezentos feridos; entre eſtes foraõ os dois irmaõs Andrades, que eraõ ſempre os primeiros expoſtos. A perda dos

dos inimigos foi muito conſideravel, contando os que paſſaraõ pelo ferro do vencedor, ou ſe precipitaraõ dos muros, e dos telhados das cazas, ou ſe afogaraõ. Fizeraõ particularmente mortandade ſobre os Mouros, e o General banío lógo da Cidade, e do ſeu territorio, todos aquelles que tinhaõ eſcapado á deſtruiçaõ, que ſe lhes tinha feito. Mandou tambem lançar fogo aos arrabaldes de Goa, aſſim como tinha jurado, para ſe vingar dos Canarins, e Malabares, que tinhaõ favorecido a vinda de Idalcaõ. Pôs a Cidade á ſaque, e para punir os habitantes, impôs-lhe os meſmos tributos, que elles pagavaõ a ſeu primeiro Senhor.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso, d'Albuquerque Governador.

Timoja chegou pouco depois da acçaõ, e naõ teve com que podeſſe juſtificar a ſua tardança, e deſvanecer as ſuſpeitas da traiçaõ, ſenaõ a preſſa, e brevidade, com que tudo ſe fizera. O eſpirito do General victoriozo era muito vivo para ſoccegar com o goſto d'uma nova conquiſta. A execuçaõ d'um projecto fazia nelle deſpertar a idéa d'outro. Elle tinha tres principaes. O primeiro era o do mar Roxo. ElRei D. Manoel apertava muito pelas noticias, que tinha tido

do

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

do Levante, de que o Calife preparava huma poderoza frota em Suez pelas vivas inſtancias do Samorim, dos Reis de Ormuz, d'Aden, e de Cambaia; e elle tinha dado as ordens neceſſarias para obrigarem ao Rei de Aden, por bem ou por mal, a deixar edificar huma Cidadella na ſua Capital: que a naõ poder ſer, ſe fundaſſe huma na Ilha de Camaran, que era melhor que a de Socotorá, onde os navios naõ podiaõ invernar. Com effeito Albuquerque enviou entaõ Fernando de Beja para a deſtruir, porque além de ſer inutil, cuſtava muito a conſervar. O ſegundo projecto era o de Ormuz, que elle tinha ſempre no coraçaõ: e o terceiro era em fim a empreza de Malaca, na qual naõ parecia que penſava ſenaõ por favorecer a commiſſaõ de Diogo Mendes de Vaſconcellos, que ſe tinha deſtinguido muito na tomada de Goa. Effectivamente hum dos ſeus primeiros cuidados, foi mandar ordens a Cananor para aprontarem tudo para á viajem deſte Official.

Entre tanto empregava-ſe todo a aſſegurar-ſe de modo de Goa, que lha naõ podeſſem tirar nunca; e depois do fim de Novembro até ao fim

de

de Março do anno ſeguinte, naõ perdeo elle hum ſó momento, aſſim em a fortificar como em lhe introduzir huma fórma de governo eſtavel. Como elle queria fazer ahi huma Cidade Portugueza, o ſeu maior diſvelo foi eſtabelecer nella os Portuguezes, que ſe quizeraõ ahi conſervar. Cazou-os com as filhas dos Mouros, e Gentios, que elle conſervava preſioneiros; e a fim de os obrigar mutuamente diſtribuio-lhe as cazas, e as terras dos Mouros, que tinha banido, ou lhe deo empregos nas rendas, e Alfandegas; e ſe fez além diſſo em extremo humano, e agradavel para com eſta nova Colonia. Aſſiſtia ás ceremonias deſtes cazamentos, e poſto que ſe pareceſſem com os dos primeiros Romanos com as Sabinas roubadas, com tudo aproveitaraõ. Elle mandou logo bater moeda, para tirar o valor á dos Mouros, e regulou muito bem a fazenda Real, como tambem as rendas das quaes conferio a Superintendencia a Merlao irmaõ do Rei d'Onor.

Por todo eſte tempo, recebeo os Embaixadores de quaſi todos os Soberanos da India, que o enviaraõ ſaudar ſobre a ſua nova conquiſta, e pro-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

procuraraõ a sua aliança. A sua Corte assimilhava-se entaõ á d'um dos maiores Monarcas do mundo, e elle conservava-lhe o esplendor com toda a pompa, que se pode imaginar.

O tempo passava, e Diogo Mendes de Vasconcellos, vendo que o Governador o entretinha com boas palavras, pedio-lhe que se declarasse. Elle o fez com razoẽs muito solidas, fazendo-lhe conhecer a impossibilidade da sua empreza; porém querendo adoçar-lhe o disgosto do que lhe negava, ofereceo-lhe, ou o Governo de Goa, ou outras vantagens consideraveis, no cazo que elle intentasse voltar para Portugal. Naõ se satisfazendo Mendes, Albuquerque lhe fez fallar pelos seus amigos. Mas naõ bastando nada para o adoçar, e mostrando-se este Official sempre determinado a seguir o seo destino, naõ lhe obstando nada. O Governador pôs o negocio em deliberaçaõ no Conselho, e fez intimar judicialmente a sentença a Mendes sob pena de degredo para elle, e de morte para os mais da sua esquadra, no cazo de passarem ávante. Partindo Mendes a pezar desta prohibiçaõ, elle o fez seguir com ordem de o fazerem voltar, ou de

de o meterem no fundo. Mendes teve a infelicidade do tempo contrario o demorar na barra de Goa. Elle com tudo naõ ſe rendeo ſenaõ depois de alguns tiros, que lhe cortaraõ a verga do maſtro grande, e lhe mataraõ dois moços. Os culpados foraõ procurados. Mendes foi condemnado a ſer reconduzido para Portugal, e á prizaõ até partir. Diniz Cerniche Capitaõ devia ſer degolado, e os meſtres pilotos enforcados. Houveraõ dois executados no principio em prezença de todos os Miniſtros eſtrangeiros, que approvaraõ muito eſta juſtiça do General, por onde conceberaõ delle huma grande idéa. Porém á rogos dos Officiaes Portuguezes, elles pediraõ perdaõ de vida para os mais, e o obtiveraõ.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFÓNSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O General parecia querer ſempre ſeguir o projecto do mar Roxo. Com effeito fez-ſe á vela para o executar; mas tendo-ſe feito hum pouco ao largo, para evitar os baixos de Padova, experimentou huma tempeſtade. Devia elle tela preſentido, por ſer a ſezaõ dos ventos geraes, e regulares, que fazem por alguns mezes impoſſivel a navegaçaõ da India no Golfo Arabico, e pelo contrario fazem a

mon-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

monçaõ para Malaca. Pareceo entaõ que elle naõ tinha deficultado a Vasconcellos esta empreza em razaõ de a querer tentar elle mesmo. He certo que só elle com todas as suas forças o podia conseguir.

Tendo em fim tomado a resoluçaõ do parecer de todos os seus Capitaẽs, virou de bordo, e tocou de passagem Goa, Cananor, e Cochim, onde depois de ordenar os negocios do seu Governo, atravessou o Golfo de Bengala, tomou no caminho alguns navios de Cambaia, que navegavaõ sem passaportes seus, e abordou a Pedir na Ilha de Sumatra. O Rei de Pedir, a quem a sua vista intimidou, lhe enviou nove, ou dez Portuguezes da tropa d'Araujo, que tinhaõ escapado de Malaca. Estes lhe noticiaraõ a revoluçaõ succedida n'esta Cidade, onde o Rei no ponto de ser opprimido por Bendará seu tio, evitou-lhe os designios fazendo-o degolar. Elle teria ahi feito o mesmo ao Chabandar dos Guzarates, que era da conspiraçaõ, se este attentando pela sua vida senaõ salvasse junto do Rei de Pacen, com quem estava. Como o Bendará, e o Chabandar tinhaõ sido os principaes autores da trai-

çaõ

çaõ feita a Siqueira, esta noticia que deo gosto ao General, porque della tirou hum bom agouro.

Elle partio do porto de Pedir muito contente das attençoẽs, que o Rei lhe fez, e foi ancorar no de Pacen onde lhe fizeraõ as mesmas demonstraçoẽs, porém alli conheceo logo a pouca sinceridade: porque o Rei de Pacen, que lhe tinha prometido de lhe entregar o Chabandar dos Guzarates, lho deixou escapar, na esperança que elle poderia obter o seu perdaõ do Rei de Malaca, pela noticia que elle lhe levava da chegada da frota Portugueza. No mesmo tempo procurava divertir o General, para dar tempo a Mahmud para se pôr em defensa. Albuquerque percebeo isto, porém naõ querendo romper com este Princepe, tornou logo a fazer-se á vela. O Chabandar alcançou logo o merecido castigo; o General o apanhou na sua fugida sem o conhecer. Elle brigou como hum desespeperado. Todos os da sua embarcaçaõ ficaraõ mortos com elle, e elle ferio todos os da que o attacaraõ. Aconteceo entaõ huma coisa que pareceo prodigioza, porque quando o despiraõ, o acharaõ todo coberto de

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

feridas, ſem que appareceſſe huma gota de ſangue: porém depois que lhe tiraraõ hum bracelete de oiro, no qual eſtava engaſtado hum oſſo d'um animal, que no Reino de Siaõ chamaõ Cabis, ſahio em torrentes de todas as feridas, onde eſte oſſo tinha a virtude de o reter.

Mahmud Rei de Malaca depois do que fez a Siqueira, devia eſperar alguma hoſtilidade da parte dos Portuguezes, por iſſo ſe naõ devia admirar da vinda d'Albuquerque; e antes parece que a eſperava. Porque ainda que a ſua Cidade eſtiveſſe toda aberta, tinha mil homens de tropa, e hum numero prodigiozo de peças de artilheria, de ſorte que parecia fiarſe muito das ſuas forças. Com tudo naõ deixou de enviar ſaudar o General, e de dar algumas ſatisfaçoẽs á cerca do paſſado, deſculpando-ſe com o Bendará, a quem dizia elle, tinha punido com os rigores da ſua juſtiça pela pena ultima. Albuquerque naõ quiz receber as ſuas ſatisfaçoẽs, e ſe contentou com lhe pedir, que lhe remeteſſe Rui d'Araujo, e os outros Portuguezes com todos os effeitos d'El-Rei ſeu Senhor, que tinhaõ ſido apanhados, e decipados.

Ma-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Mahmud dezejou dar alguma ſatisfaçaõ a Albuquerque pelo temor que lhe inſpirou a ſua prezença, e pela incerteza em que eſteve ſe devia rezolver-ſe á guerra, cujos acontecimentos temia. Porém Aladin ſeu filho, e Principe hereditario de Malaca, e o filho do Rei de Pam, que ſe achava entaõ neſta Cidade, onde tinha vindo para eſpozar-ſe com a filha de Mahmud, e o novo Chabandar dos Guzarates, que naõ era menos inimigo dos Portuguezes, que o ſeu predeceſſor, inſtigando-o inceſſantemente contra eſtes eſtrangeiros, de quem tudo devia temer, determinou-ſe elle com effeito a arriſcar tudo, antes do que dar-lhe a ſatisfaçaõ que lhe pediaõ. Com tudo elle os enterteve com boas promeſſas, a fim de dar tempo ao ſeu Almirante, que eſtava actualmente no mar, de voltar com a ſua frota para ſe unir a outras muitas embarcaçoẽs de remos, que tinha todas preſtes, para com todas juntas queimar a frota Portugueza.

Com tudo a maneira com que elle paleava o General era taõ groſſeira, que ſe podia conſiderar como huma ſerie de inſultos. Albuquerque bem o percebia, e precizava de to-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

toda a sua fleugma para naõ perder a paciencia; porém julgava, que devia sofrer tudo por amor d'Araujo, a quem devia grandes obrigaçoẽs, e que naõ se achava em Malaca em perigo de lá morrer, senaõ por ser seu intimo amigo, e que pela razaõ desta amizade o Vice-Rei D. Francisco de Almeida ali o enviara como banido. Além disto julgava dever este respeito ás ordens do Rei de Portugal, que naõ queria que constrangessem intempestivamente a hum negocio, em quanto houvesse esperança de o conseguir pelos meios de brandura. Emfim elle naõ se incommodava de ver que os seus Officiaes se picavaõ dos insultos, que lhes faziaõ, para mais os animar á vingança pela grande indolencia, que oppunha á colera delles.

Por tanto enfastiado finalmente de naõ ver fim algum á negociaçaõ, fez reprezentar a Araujo a triste precizaõ em que se achava de emprehender alguma coisa. Este lhe respondeo nobremente, que naõ cuida-se por modo algum nelle, mas sómente em se vingar de hum Principe infiel, que só pensava em perdelo. Sobre este respeito enviou o General algumas chalu-

lupas para lançarem fogo a alguns bairros da Cidade, e a alguns navios de Cambaia. O que aproveitou, porque Mahmud enviou ao campo Araujo, e todos os Portuguezes prezioneiros, pedindo por mercê ao General premitisse, que trabalhassem para extinguir o fogo.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O gosto que teve o General de recuperar Araujo, e os seus o ensoberbeceo muito, e o pôs em estado de fazer proposiçoẽs muito mais fortes. Com effeito elle pedio entaõ: „Que naõ sómente lhe pagassem o „valor do que lhe tinha sido tirado „da feitoria, mas ainda todos os „gastos do armamento que tinha feito. Porque como naõ tinha vindo „para negocio, mas sómente para repetir o que lhe detinhaõ injustamente, naõ era de razaõ, dizia elle, „que supportasse essa despeza. Finalmente exegia, que lhe dessem hum „lugar para fundar huma Cidadella, „porque depois da traiçaõ feita a Siqueira, naõ convinha que os vassallos d'ElRei seu Senhor, e os „seus effeitos estivessem expostos a „similhantes perfidias.„

Mahmud fingio que aceitava estas proposiçoẽs, e deo a liberdade ao Gene-

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

General de escolher o lugar, que lhe fora mais conveniente. Porém os subterfugios de que se servio, e os avizos secretos, que alguns Indios amigos dos Portuguezes deraõ, descobrindo a sua má fé, obrigaraõ a Albuquerque a uzar de força, e a fazer hum assalto á Cidade com a esperança de a ganhar. Araujo o tinha capacitado de que elle seria senhor da Cidade, tanto que o fosse da ponte, e que ao menos dividiria as forças do inimigo, naõ podendo metade da Cidade communicar a outra. A ponte estava muito bem fortificada; tinhaõ edificado nella huma especie de Castello de madeira, onde commandava hum dos principaes Officiaes do Rei. Estava bem guarnecida de artilheria. Dos dois lados tinhaõ feito algumas incisoẽs, ou fossos, que era precizo tomar logo. Além disto huma das faces da ponte estava defendida pela visinhança d'uma Mesquita de pedra, e do Palacio do Rei: A outra o estava igualmente pelos telhados das cazas.

Na Vigilia de Sant-Iago Maior, em que o General tinha huma grande confiança, porque este grande Santo he protector das Espanhas, e

Pa-

Patrono d'uma Ordem, de que elle era Commendador, todas as chalupas, e efcaleres da frota tiveraõ ordem para hirem a bordo da Almirante, para ahi ajuftarem o projecto do attaque. O General fez dois corpos de exercito, que cada hum devia hir defcer a hum dos limites da ponte, para fe reunirem depois ambos no meio. D. Joaõ de Lima commandava o corpo, que devia defembarcar da parte da Mefquita, e do Palacio do Rei. Albuquerque em peffoa condufia o outro, e devia defcer na parte oppofta onde eftava o bairro dos Mercadores. O defembarque fe fez com felicidade ao defpontar do dia Santo, a pezar do fogo de artilheria, mofquetaria, e d'uma chuva de flexas: e de ambas as partes começou o combate com muita animofidade.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Albuquerque forçou logo os foffos por onde Simaõ d'Andrade entrou primeiro. Naõ fem muito trabalho, e grandes combates, pôde o General penetrar até á ponte, e fenhorear-fe de metade. Elle fe admirava que Lima, que tinha defcido da outra parte, naõ tiveffe feito outro tanto, e fe via embaraçado. Porém Lima antes de chegar á ponte, tinha

ti-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

tido á cara Aladin, e o filho do Rei de Pam ſeu cunhado, na teſta d'um groſſo corpo de tropas: e apenas a partida foi unida com eſtes, foi elle obrigado a dividir a ſua gente, para fazer face ao Rei, que vinha tomar-lhe a rectaguarda. Eſte Principe vinha montado n'um Elefante, precedido de dois outros, e ſeguido de muito grande numero, eſcoltados de mais de quinhentos homens. Cada Elefante tinha huma torre, e a ſua tromba armada de fouces, e de ſabres. A viſta deſtes Elefantes intimidou no principio os Portuguezes. Porém Lima fazendo abrir fileiras, como para lhe dar caminho, e deixalos paſſar, os tomou no flanco. Fernando Gomes de Lemos, e Vaz Fernando Coutinho foraõ os primeiros que os attacaraõ. Elles embeberaõ no Elefante do Rei as ſuas lanças, e o firiraõ perigozamente. O animal ferido deo grandes gritos, tomou com a tromba o ſeu conductor, e o pizou aos pés, e retrocedendo, derribou os que vinhaõ atraz delle, e pôs tudo em deſordem. Mahmud, que conheceo o perigo em que eſtava, porque eſtava já ferido n'uma maõ, deſceo occultamente, e ſe pôs em ſalvo. A tropa de Ala-

Aladin naõ reſiſtio mais que a do Rei, Lima ſe aſſenhoreou da Meſquita, e da outra entrada da ponte.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Governador General naõ tinha tido pouco que fazer da ſua parte. Porque no meſmo tempo que o Rei ſe aprezentou para attacar Lima, e os ſeus, tres Officiaes principaes deſte Principe ſe ſepararaõ delle, e correraõ para á ponte, ſeguidos de hum corpo de ſetecentos homens, para fazer cara ao General, que ſe achou entre dois fogos, obrigado no meſmo tempo á fazer cara a eſtes, e aos do lado oppoſto, que reſpondia á rua principal da Cidade, donde vinhaõ ſempre ſobre elle tropas de refreſco. Além diſſo era muito incommodado das flexas, e dos artificios, que lhe atiraraõ de ſima dos telhados das cazas viſinhas da ponte, ſem ſe poder livrar. Porém quando Lima chegou á ponte, os meſmos inimigos achando-ſe entre dois fogos, depois d'uma grande reſiſtencia, foraõ obrigados a deitar-ſe da ponte a baixo no rio para ſe ſalvarem. Levando-os a corrente para á parte dos bateis, os mataraõ aquelles que tinhaõ ficado em guarda deſtes bateis, de modo que eſcaparaõ muito poucos.

Reu-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso, D'Albuquerque Governador.

Reunidos assim os dois corpos, e sentindo animar-se o seu valor, pela uniaõ das suas forças, Albuquerque trabalhou por se fortificar sobre a ponte com a mesma madeira, que os inimigos ahi tinhaõ, e fez assestar duas peças de canhaõ á entrada do fosso, que enfiavaõ a rua principal. Para se livrar logo da importunaçaõ dos telhados destacou Gaspar de Paiva, e Simaõ Martins cada hum com cem homens para hirem lançar fogo ás cazas. O fogo pegou de modo, que muitas foraõ consumidas juntamente com o tecto da Mesquita, huma parte do Palacio do Rei, e outro pequeno Palacio ambulante, arrastado sobre rodinhas, que o Rei tinha feito construir, para divertimento nas nupcias da Princeza sua filha.

Albuquerque naõ conseguio com tudo fortificar-se sobre a ponte como dezejava; estava sempre a braços com novos inimigos: os seus estavaõ muito fatigados: tinhaõ passado toda a noite debaixo d'armas: tinhaõ combatido todo o dia; e padeciaõ extrema sede, fome, e o excessivo calor do dia. Apenas se podiaõ ter. O General temia além disso para á sua frota, o retorno na armada dos inimigos, ou as

ma-

maquinas que podiaõ lançar ſobre os ſeus navios para os queimar, e de ſorte que elle tomou o partido de ſe retirar, reſoluto de voltar outra vez ao porto, e contente do que tinha feito neſta jornada.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Como o General tinha confiado muito na facilidade, que teria em ſe aſſenhorear da Cidade, pela relaçaõ de Araujo; achou pelo ſucceſſo, que lhe tinhaõ faltado muitas coiſas, das quaes ſe quiz prover, antes de tentar outro attaque. Neſtes cuidados, gaſtou alguns dias em armar hum Junco, que era hum navio de grande porte, que fez armar de groſſas peſſas de artilheria, e cubrir com mantas para o prezervar da artilheria dos inimigos. Encheu-o além diſſo de muitos toneis, e de toda a ſorte de inſtrumentos proprios para ſe poderem ſervir para ſe entrincheirar. Eſte Junco, que parecia huma fortaleza fluctuante, devia encoſtar-ſe á ponte para a dominar; porém como as marés naõ davaõ baſtante agua, precizava muitos dias para o levar a reboque, e fazelo avançar pouco a pouco, á medida que as aguas creſceſem, com a aproximaçaõ da Lua nova. Os inimigos esforçavaõ-ſe pelo queimar, e lhe deitavaõ

em

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

em cada maré até tres, e quatro maquinas cheias de artificios, e materias combuſtiveis, que foraõ ſempre desviadas pelas chalupas da frota, armadas de páos compridos, e ganchos. As battarias da praia naõ ceſſavaõ de atirar-lhe, e de o crivar, em diverſas partes faziaõ igualmente grandiſſimo eſtrago, e Antonio de Abreu que commandava, teve ambas as faces paſſadas por huma bala, que lhe levou parte do queixo, dos dentes, e da lingoa, o que naõ impedio a eſte valente homem de continuar a ſervir o ſeu cargo, e de ſe agravar meſmo contra Albuquerque, que julgando-o impoſſibilitado do ſerviço, o quiz render.

Emfim no dia de S. Lourenço, vendo o Governador, que o Junco podia ſer conduſido até á ponte, tornou ao porto como dantes. Os inimigos, que tinhaõ tido tempo para ſe prepararem, faziaõ hum fogo formidavel, ſem embargo do qual a decida ſe fez feliciſſimamente. Diniz Fernandes, Jorge Nunes de Leaõ, Nuno Vaz de Caſtelbranco, e Jaques Teixeira tendo forçado as primeiras trincheiras na teſta das ſuas companhias, foraõ attacar a Meſquita. Da outra parte Albuquerque evitando, por avi-

zos

zos que tinha tido, minas, e abrolhos de ferro, que Mahmud tinha feito pôr nos lugares por onde julgava que elle passaria, levou os inimigos ante si até ao meio da rua principal da Cidade, onde fez os maiores esforços para se assenhorear d'um entrincheiramento, que os Mouros tinhaõ feito, e donde combatiaõ com extremado valor. Conseguindo-o em fim, nelle deixou huma parte das suas tropas, e voltou com a outra para ajudar os que attacavaõ a Mesquita. Na passagem achou a ponte livre, e inteiramente limpa pelo valor de Antonio de Abreu. Os que combatiaõ a Mesquita experimentando igual successo, a tinhaõ ganhado por viva força, antes da chegada de Mahmud, que vinha na testa de tres mil homens para a defender, de modo que vendo este Principe tudo concluido, voltou sobre seus passos, e se retirou para o seu Palacio, onde o General naõ quiz o seguissem.

Sendo entaõ todo o disvelo do General apoderar-se da ponte, enviou quatro barcas ás suas duas bocas, bem fornecidas de artilheria para limpar a praia. Foi logo tirar os toneis, que tinhaõ trazido no Junco, mandou que

os

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

os encheſſem de terra, do que fez duas boas batarias, huma da parte da Meſquita, e outra da parte da rua principal. Tendo aſſim fortificado as paſſagens, fez cubrir a ponte, e o Junco com grandes velas, para poder eſtar ahi defendido aſſim do grande calor, como dos tiros, e dos artificios que continuavaõ a deitar-lhe. Mas para ſe livrar mais ſeguramente deſte incommodo, fez occupar as cazas mais viſinhas da ponte, e cavalgar algumas peças d'artilheria ſobre os ſeus telhados. O combate durava ainda na Cidade, ou na rua principal, ou nas traveſſas. Hum deſtacamento, que elle enviou para ahi paſſar tudo á eſpada, acabou de decipar tudo, matando, e aſſacinando até á noite, de modo que as ruas, e o meſmo leito do rio eſtavaõ cheios de ſangue, e corpos mortos.

O General julgava ter ainda muito que fazer no dia ſeguinte no attaque do Palacio, porém o Rei o tinha abandonado á deſeſperaçaõ, e ſe tinha retirado de noite para o Rei de Pam, donde eſcreveo aos Reis viſinhos para os entereſſar a fim de reſtabelecerem ſeis mil homens de tropas inimigas, que reſtavaõ ainda em

hum

hum bairro entrincheirado tendo-se salvado do mesmo modo : a Cidade appareceo reduzida a huma medonha solidaõ. Ninguem ousava sahir das cazas. Deste modo durou isto alguns dias, nos quaes o Raja Utemutis, que tinha já tratado secretamente com o General, lhes mandou pedir protecçaõ para si, e para todos os Jovas, que eraõ da sua obrigaçaõ. Araujo entercedeo tambem por Ninachetu. Era este hum Gentio, notavel pela sua probidade, e pelas suas riquezas, que pelo espirito de Religiaõ tinha soccorrido por todos os modos os Portuguezes em quanto durou o seu cativeiro, e continuara depois em os avizar de tudo, que contra elles se urdia. Deo-se quartel aos estrangeiros, porém tudo que foraõ Mouros Guzarates, e Mouros naturaes de Malaca, os que naõ foraõ passados á espada, ficaraõ captivos. A Cidade foi por tres dias exposta a ambiçaõ dos soldados. He incrivel á riqueza, que acharaõ nella. Porque além do dinhero, e pedras preciozas, que os inimigos levaraõ, ou esconderaõ, além das que os vencedores poderaõ ocultar, o quinto de todo o saque, que pertencia por direito ao Rei, chegou a du-

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

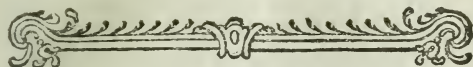
Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

a duzentos mil cruzados. Naõ tocaraõ nos armazés da Cidade, nem no que podia ſervir para reſtabelecer a frota, ou para fortificar a praça, na qual cuſtará a crer, que acharaõ tres mil peças de artilheria, de que havia até duas mil de fundiçaõ. Aſſim o dizem Autores Portuguezes, que devo ſeguir.

Eſta conquiſta, que foi obra de oito centos Portuguezes, e de duzentos Malabares auxiliares, que compunhaõ a frota de Albuquerque, naõ cuſtou ao vencedor mais que oitenta homens dos ſeus, dos quaes a maior parte morreo por cauza das flexas envenenadas, de cujo veneno ſe ignorava ainda o remedio. Os inimigos pelo contrario perderaõ infinita gente, cujo numero ſe naõ pode eſtimar. Naõ ſe pode negar que elles naõ ſe defendeſſem bem; porém vio-ſe neſta occaſiaõ o que póde o valor, e do que he capaz a gente esforçada governada por hum grande Capitaõ.

Fim do Quinto Livro.

HIS-

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO VI.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

A Conquifta de Malaca naõ era de menor importancia que a de Goa, o General fe entregou a ella pouco depois para fe affegurar da poffe daquella, do mefmo modo que tinha uzado para fe eftabelecer folidamente nefta. E no principio para cativar o efpirito dos povos, e ganhalos, deo a intendencia dos mouros eftrangeiros ao Raja Ute-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

mutis, e a dos Indios Idolatras a Ninacheru. Hum tinha muito credito, e auctoridade sobre os da sua seita, outro tinha probidade, os Portuguezes lhe eraõ obrigados, e era de nobre descendencia. Estes dois homens chamaraõ logo aquelles a quem o terror tinha apartado. De modo que Mahmud, e o Principe Aladin, que se tinhaõ acampado sobre o rio Muar oito legoas distante da Cidade, naõ poderaõ impedir a dezersaõ d'huma parte dos fugitivos, que os tinhaõ seguido na sua infelicidade, mais por temerem hum dominio estrangeiro, que por affeiçaõ que lhes tivessem. Por este modo a Cidade começou a povoar-se, e a ser commerciante, como d'antes.

Ao mesmo tempo, que o General promulgava suas leis de policia, para dar a Malaca huma nova fórma de governo, naõ desprezava o que lhe era igualmente necessario, que era edificar huma Cidadella para servir de azilo aos Portuguezes, e de freio a huma Cidade, que pôde facilmente mudar de senhor. Tinha a certeza, pela relaçaõ que lhe tinha feito Araujo, de naõ achar pedra para a fundar. Porém foi mais feliz do

que

que pensava. Porque fazendo cavar ao pé d'uma montanha, ahi achou muitas sepulturas dos antigos Reis, todas trabalhadas em bella pedra lavrada; e no mesmo tempo descubrio huma especie de pedra boa para fazer cal. Contente das duas descobertas, naõ deixou o seu primeiro projecto, de fazer hum Forte de madeira para provizaõ, e porque mais de pressa se acabasse. Porém no mesmo dia que começou este, deitou os fundamentos do outro ao pé da montanha, e para que ella o naõ dominasse fez elevar o eirado, ou a torre de homenagem de sinco andares. Fez tambem fundar huma Igreja denominada N. Senhora da Annunciaçaõ, e hum Hospital para doentes.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Trabalharaõ nesta obra com muita diligencia, porque o General vendo que os seus naõ bastavaõ, empregou tambem os *Ambaragos*, que era huma especie de povo meudo, a que chamavaõ *Escravos do Rei*, e que eraõ sustentados pelo Estado. Albuquerque os obrigou a isto, assim por brandura como por força, recebendo muito bem os que se aprezentavaõ voluntarios, e publicando hum Edicto rigorozo para obrigar os outros, assig-

 nan-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

nando recompensa a quem apresentasse hum destes fugitivos; o que deo lugar a alguma desordem, por serem denunciadas como escravas, muitas pessoas de condiçaõ livre.

Mahmud fortificou-se da sua parte sobre o rio de Muar, que fechou para cortar o caminho aos bateis, que poderiaõ invadir o seu campo. Lizongeava-se elle no principio de que Albuquerque se contentaria com saquear a Cidade, e conduzir todas as riquezas para o Indostan. Porém quando vio as medidas que elle tomava para se estabelecer nella, quiz persuadir-se que poderia ainda expulsalo com os soccorros que esperava, tanto mais que tinha noticia que o Laczamana, ou Almirante da sua frota, e o Principe da Ilha de Linda seu vassallo, se tinhaõ posto em caminho para Malaca, e que naõ estavaõ longe. Porém o Principe de Linda vendo a Cidade tomada se recolheo, e Laczamana fez algumas proposiçoens de tregoa a Albuquerque que as aceitou. Ellas naõ se effeituaraõ pelos crimes daquelles Indios, a quem o General trata com amizade. Porque concebendo que este Almirante, que era homem de merecimento, naõ tinha para com elle

maior

maior reputaçaõ, e credito que elles, elles o fizeraõ advertir ocultamente, de que se intentava sobre a sua vida, o que desfez a negociaçaõ.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Com tudo Albuquerque, a quem desagradava a proxima visinhança de Mahmud, e d'Aladin, rezolveo lançalos fóra deste posto, antes que elles se fortificassem, de modo que naõ podesse obrigalos. Deo esta commissaõ aos Andrades, que na frente de 400 Portuguezes, 600 Javas, e de trezentos Malaios do Reino do Pegu, foraõ attacalo taõ repentinamente, que naõ teve mais tempo que para fugir, deixando quasi todas as suas bagagens: entre estas se acharaõ sete Elefantes ricamente ajaezados.

Depois desta retirada ficando mais descançado em Malaca, Albuquerque tinha mais liberdade para adiantar as suas obras, e para estabelecer a ordem. As leis que pôs, fundadas sobre equidade, e justiça, foraõ recebidas com tanto gosto, que mostravaõ a diferença do Governo precedente, que tinha sido violento, e tyrannico. Porém o que lhe acabou de ganhar o coraçaõ do povo, foi o que praticou batendo nova moeda. Porque no mesmo temao que a sua politica lhe fazia publicar

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

car hum Edicto, que prohibia o uzo de qualquer outra moeda com pena de morte, fez elle fazer esta proclamaçaõ com huma pompa, e liberalidade, que parecia ter profuzaõ. Nada faltou á beleza do espetaculo, e em todas as ruas por onde passava a comitiva, Antonio de Souza, e o filho de Ninachetu espalhavaõ esta moeda d'oiro, prata, e estanho ás maõs cheias ás acclamaçoẽs de todo povo occupado em ajuntala.

Espalhada logo a noticia da conquista de Malaca, cauzou hum grande movimento em todas as Cortes dos Principes visinhos: cada hum nella tomou parte, segundo os seus enteresses. Com tudo por diversos motivos de politica todos enviaraõ seus Embaixadores para darem parabens ao General da sua victoria, e fazerem aliança com elle. O Rei de Siam mesmo, que tinha chegado, enviou a comprimentalo por lhe ter castigado hum dos seus subditos rebellados, e lhe testemunhou o gosto, que teria de viver em boa armonia com a Coroa de Portugal. Albuquerque recebeo todos estes Embaixadores com pompa, e com grandes mostras de distinçaõ, e depois de os expedir, enviou

vicu os ſeus para eſtas diverſas Cortes, Antonio de Miranda d'Azevedo, e Nicoláo Coelho ao Rei de Siam; Rui da Cunha ao Rei de Pegu, e outros, cujos nomes nos naõ chegaraõ, aos Reis das Ilhas de Java, e Sumatra.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

A occaſiaõ era muito bella para deixar de fazer reconhecer as Ilhas de Banda, e as Molucas celebres pela ſingularidade da flor da noz noſcada, e cravo d'eſpecie, que em nenhuma outra parte ſe acha, e de que ellas faziaõ hum grande commercio com Malaca. O General lhe enviou tres navios ás ordens de Antonio de Abreu, de quem quiz recompençar com eſta diſtinçaõ os recentes ſerviços feitos na conquiſta de Malaca.

Em quanto tudo corria conforme aos dezejos de Albuquerque, correo hum riſco tanto maior, por ter dentro em ſi o inimigo, que o procurava oprimir, e que era inimigo muito poderozo, e muito oculto. A idade de oitenta annos naõ tinha tirado nada á vivacidade da ambiçaõ de Utemutis, pelo contrario parecia, que lha augmentava, e atiçava todo o ſeu fogo á medida, que elle ſe aviſinhava á ſepultura onde a grandeza ſe aniquila. Eſte homem muito rico, e muito

to

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

to poderozo para vaſſallo, tinha ſempre cauzado ciume a Mahmud, que tinha razaõ para o temer; porque elle nunca perdera de viſta o deſignio de o dethronar. Porém como elle era por extremo velhaco, e com reſerva, tinha-ſe acommodado tambem ao tempo, e tinha de maneira diſpoſto as ſuas intrigas, que ſem precipitar coiſa alguma, parecia confiar tudo das conjunturas. Naõ as podia elle ter mais favoraveis, que a do ſyſtema d'um Rei deſapoſſado, fugitivo, e d'um Governo eſtrangeiro, e novo, no qual lhe tinhaõ dado huma taõ grande autoridade.

As ſuas eſperanças tendo-ſe excitado mais vivamente que nunca, aprontou d'uma parte os ſoccorros, que eſperava da Ilha de Java, onde elle tinha ſempre tido correſpondencia para conſeguir o ſeu projecto, e d'outra travou huma nova intriga com Aladin, Principe hereditario de Malaca, a quem elle bem quiz enganar com eſperanças do Throno. Albuquerque, que conhecia o caracter da perſonagem, tinha muito lugar de deſconfiar delle no mais. Porque á medida que eſte homem vaõ julgou aproximar-ſe o termo, onde devia ver coroa-

roados ſeus dezejos, fez-ſe inſolente, e deshumano: começou o povo a queixar-ſe das ſuas tyrannias, e o General dos ſeus roubos, e da ſua deſobediencia. Porém o General foi bem de preſſa ſabedor de todo o myſterio das operaçoẽs ſecretas deſte homem intrigante pelas ſuas cartas originaes que tomou, e que foraõ a cauza da ſua ruina.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Tratava-ſe de ſe apoderarem delle, o que naõ era facil; para iſto ſe ſervio o General d'hum artificio. Havia na Cidade hum Perſa, chamado Ibrahim, amigo de Utemutis, que dezejava muito hum emprego, que requeria com ardor. Albuquerque moſtrou querer defirir-lho, porém fez-lhe ſaber ao meſmo tempo, que tinha feito voto de naõ dar emprego algum, ſem tomar primeiro o parecer dos principaes Officiaes, e de todos os menbros do Conſelho. Ibrahim, que eſtava certo dos votos, os ajuntou logo na Fortaleza. Porém em vez de tratar deſte negocio o General, fez reter Utemutis, ſeu filho, ſeu genro, e ſeu ſobrinho, e convencendo-os do crime de leza Mageſtade pelo ſeu proprio ſignal, lhe fez fazer ſeu proceſſo formal, e os fez condenar a ſerem degolados. A

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

A mulher de Utemutis fez todo o possivel para evitar este golpe, e offereceo ao General sete bahars de oiro, se elle quizesse contentar-se de comutar a pena em desterro. O General, que se persuadio dever fazer hum exemplar castigo nesta occasiaõ, foi inflexivel, e respondeo que o Rei seu Senhor naõ o tinha revestido do cargo, de que o tinha honrado, para vender a justiça. Fez-se a execuçaõ com todo o apparato, que podia inspirar terror; sobre o mesmo theatro, que tinha sido preparado por avizo de Utemutis para o sumptuozo banquete, onde se tinha projectado assassinar Siqueira, e os seus no meio das delicias da meza.

Feita a execuçaõ, foi dado a Patequitir o emprego do culpado, Java de naçaõ como elle, porém que as suas riquezas, que os faziaõ concorrentes, e rivaes, os tinhaõ feito inimigos. Foi este hum rasgo de politica do General. Que naõ pode huma mulher offendida? A espoza de Utemutis, ultrajada da morte do seu espozo, unio-se logo a Patequitir, offereceo-lhe sua filha em cazamento, que lhe tinha sido negada noutro tempo, e lhe assignou para dote todo o

oiro

oiro que ella tinha querido dar a Albuquerque, com a condiçaõ, que entrando no ſeu odio, emprehendeſſe de a vingar inteiramente. Patequitir, que naõ tinha menos ambiçaõ do que Utemutis, prometeo tudo, e concebeo tanto mais facilmente o diſignio de ſe eſtabelecer ſobre o Throno; porque todas as forças dos Javas, até entaõ divididas, ſe reuniraõ em ſeu favor. Elle deo logo provas da ſua mudança, lançando fogo com frivolo pretexto ao bairro dos Quittins, e dos Charins, que tinhaõ formado queixas contra Utemutis. Albuquerque conheceo entaõ que ſe tinha enganado na eſcolha deſte homem, porém por reſpeitos particulares, naõ ouſou emprehender deſpojalo do ſeu Officio de Chabandar: e elle da ſua parte, naõ ouſou declarar-ſe abertamente rebelado, julgando que devia eſperar a partida do Governador, que naõ podia tardar muito tempo, por cauza da viſinhança da monçaõ. Com effeito tanto que ella veio, chamou elle Rui de Brito Patalim para Governador de Malaca, e Commandante em todo eſte deſtricto com toda a ſua auctoridade. Rui d'Araujo ficou com o cargo de feitor, e de Capitaõ, ou Governa-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

vernador da Cidadella; e Fernando Peres d'Andrade a quem elle deo dez navios, foi provido do emprego de Almirante destes mares. Fez tambem muitos outros Officiaes subalternos, depois do que se fez á vela para tornar para o Indostan, com grande pezar do povo de Malaca, que fez vivissimas instancias para o demorar ainda algum tempo.

Goa tinha sentido a auzencia do General, e pouco tinha faltado para que ella naõ recahisse nas maõs dos seus primeiros Senhores. O Idalcaõ suspirava sempre por esta praça, que era a sua melhor flor; elle espera o momento da partida de Albuquerque, na auzencia do qual parecia esperançar-se. Porém, muito occupado com a guerra que lhe faziaõ os seus visinhos no centro das terras, naõ pôde elle pessoalmente tentar a empreza, e foi obrigado a confialla de Pulatecaõ, á quem deo tres mil homens de tropa, e alguma cavallaria. Melrao, e Timoja avizados da sua chegada, e juntando logo quatro mil e quarenta cavallos, que tinhaõ para guardar as alfandegas da terra firme, foraõ-lhe aprezentar batalha. Pulatecaõ a aceitou, e foi destruido. As suas tropas postas logo em desor-

fordem, e o arraſtaraõ contra ſeu goſto na ſua fugida; mas hum Official do exercito de Melrao ſeguindo-o imprudentiſſimamente, e ſem ordem lhe reſtituio a victoria. Porque ſendo morto eſte Official, os ſeus ſe deciparaõ. Entaõ Pulatecaõ ajuntando os ſeus, veio cahir ſobre Melrao, que naõ o eſperando, ſe recreava em ſoccego da vantagem, que acabava de conſeguir com tanta gloria. Desbaratado Melrao na ſua volta naõ ouſou por vergonha voltar para Goa, e ſe foi para o Rei de Narſinga, e levou conſigo Timoja, depois de ter alcançado para ſi hum ſalvo conducto. Porém o ſalvo conducto naõ ſervio de nada a Timoja: o Rei de Narſinga violando com elle os direitos da hoſpitalidade, e da fé puplica, naõ ſei porque motivo, o fez aſſaſſinar. Fim triſte para eſte homem, que tinha ſeus defeitos; mas com tudo tinha muita coiſa boa, era valerozo, muitas acçoẽs boas a reſpeito de ſi, e grandes ſerviços feitos aos Portuguezes. Melrao foi mais feliz, porque neſtas circunſtancias a morte do Rei d'Onor ſeu irmaõ o livrou d'um competidor injuſto, o Throno lhe foi diffirido ſem concorrencia, e nelle ſe conſervou ſempre aliado fiel da Coroa de Portugal. Pu-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Pulatecaõ naõ tendo mais inimigos á cara, avançou-ſe até aos paços de Benaſtarin, e de Agacin. Tentou inutilmente fazer ſublevar os Indios da Ilha, que ſe conſervaraõ fieis, e avizaraõ de tudo Rodrigo Rabelo, Governador de Goa, para que proveſſe na ſegurança da Ilha, fazendo guardar as paſſagens. Com effeito elle pôs niſſo boa ordem, e com muita promptidaõ. O General inimigo naõ ſe deſanimou: eſperou que concluiſſe como na primeira vez, e aproveitou: Porque tendo feito preparar quantidade de bateis ligeiros cobertos de couro, e eſcolhido o tempo d'uma noite eſcura, e chuvoza, enganou tambem os Portuguezes por muitos fingimentos, que divertindo-lhes a attençaõ, naõ ſómente atraveçou a Ilha ſem ſer percebido, mas tomou ainda duas caravellas, e paſſou á eſpada os que as guardavaõ.

Para ſe aproveitar depois da primeira perturbaçaõ, que a ſua paſſagem devia cauzar, e apanhar o inimigo em algum laço, ſubornou hum Indio, a quem ordenou, que foſſe á Cidade fallar ao Tanadar, como de ſeu motu proprio, e o avizaſſe de que 200 Mouros tinhaõ entrado na Ilha, e eſtavaõ

tavaõ poſtados na antiga Goa, onde ſeria facil ſurprendelos. O Governador valente, mas pouco prudente, cahio no engano contra o parecer de Coje-Qui, a quem o avizo pareceu ſuſpeito. Enviou elle primeiro Fernando de Faria para deſcobrir; porém ſeguindo logo a impetuoſidade dos ſeus poucos annos, ſahio na frente de quarenta cavallos, e de quinhentos Indios. Tanto que elle ſe adiantou, o traidor que tinha dado o falſo avizo, deſcubrio a ſua velhacaria aos Indios, que o ſeguiaõ, dis-lhes o verdadeiro numero dos inimigos, e ſalvou-ſe. Eſtes pararaõ, vendo a deſigualdade do partido.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei, Affonso d'Albuquerque Governador.

Rabelo deſcobrindo de ſima d'um outeiro os inimigos, que paſſavaõ de quinhentos, e vendo-ſe abandonado dos ſeus Indios, ficou abiſmado; porém formalizando-ſe hum pouco: „ Que „ vos parece, Senhores, diz á ſua „ pequena tropa. Mal: reſpondeo Co- „ je-Qui: porém qualquer partido que „ vós tomeis, eu vos ſigo. „ Naõ dizendo os outros nada, por temerem, que ſe attribuiſſe á fraqueza o unico conſelho prudente, que niſſo ſe podia tomar. „ Vamos, lhe diz Rabelo, ho- „ je ſe verá quanto val o coraçaõ de

ca-

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

,, cada hum de nós. Isso me agrada, ,, disse Manoel da Cunha taõ valente, mas taõ temerario como o Governador; e sem mais preambulo, cahiraõ sobre o inimigo com tanto furor; que o romperaõ, desbarataraõ-no, e o pozeraõ em fugida, e o obrigaraõ a precipitar-se no rio. Trezentos ficaraõ no lugar, e houve maior numero de afogados.

Dos quinhentos Indios, que seguiraõ Rebelo, trezentos Canarins voltaraõ para traz; os duzentos que eraõ Malabares tinhaõ-no seguido de longe, e chegaraõ muito a tempo de se meterem na turba dos fugitivos. Em quanto estes os impelliaõ com ardor, vieraõ dizer a Rabelo, que havia alguns inimigos retirados num outeiro entre ruinas. Este era Pulatecaõ, e outenta homens dos mais valentes dos que o seguiaõ. O Tanadar Coje-Qui o conheceo polas suas insignias, e fez quanto pôde para conter a impetuosidade do Governador, prometendo-lhe, que elle os faria cercar pelos seus, e obrigando-os de longe com tiros de flexa, de modo que nem hum escaparia. O conselho era muito prudente para hum moço louco, a quem a sua primeira felicidade tinha cegado.

Elle

Elle correo precepitado a bufcalos com quatorze cavallos, e faltou n'uma cerca. Os inimigos o meteraõ no flanco por ambas os partes, e picaraõ-lhe o cavallo, que empinando-fe voltou fobre elle, onde logo o mataraõ ás lançadas. Manoel da Cunha, que o tinha feguido teve a mefma forte: os outros foraõ rechaffados com o mefmo vigor, e tomaraõ o partido de fe retirar para á Cidade, fem que os inimigos tomaffem o trabalho de os feguir, contentes com a morte deftes dois homens, cujo valor imprudente tinha arrebatado aos feus o fructo d'uma taõ bella victoria.

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Francifco Pantoja devia por direito fucceder a Rabelo no feu pofto, e o Confelho a iffo o obrigou, porém elle o recuzou, e fez acto de reziftencia. Na fua falta ninguem o merecia melhor, que Diogo Mendes de Vafconcellos. He verdade que fendo prezioneiro de Eftado, tinha motivo para que naõ o efcolheffem. Com tudo a neceffidade fez paffar por tudo. Offereceraõ-lho, e elle o aceitou. Pantoja quiz depois entrar, e fez feus proteftos, porém naõ foi attendido.

Mendes como homem experimentado logo fe applicou todo á fuftentar

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

hum Cerco, de que temia os riſcos, porque eſtava na entrada do inverno, e toda a ſua guarniçaõ conſtava de ſeis centos Malabares, ou Canarins, que tinha ſido obrigado a receber na Cidade, e duzentos Portuguezes, aos quaes ſe ajuntaraõ mais quaſi trinta, que conduziaõ Franciſco Pereira de Berredo, qua com eſte pequeno reforço foi recebido como huma divindade.

Naquelle tempo Pulatecaõ, que tinha tido deſcanço para ſe reparar das ultimas perdas que tinha tido, tinha entrado em poſſeſſaõ do reſto da Ilha, e ſe fortificava no poſto de Benaſtarin, onde fez huma eſpecie de Cidadella, ſegundo as regras da arte. De lá inſultava elle a Cidade ſendo ſenhor do campo, e correndo até ás portas. Porém em todas eſtas corridas foi ſempre desbaratado, e obrigado a retirar-ſe com perda.

Eſtas perdas com tudo eraõ pequenas, e elle ſe perſuadia inteiramente de ſe fazer ſenhor de Goa, que aſſegurando-ſe desde entaõ de apropriar-ſe o poder Soberano, naõ fez mais cazo das ordens do ſeu Principe, e nem ainda ſe dignava de o inſtruhir do que ſe paſſava. O Idalcaõ, a quem por eſte proceder ſe fez ſuſ-

pei-

peito, rezolveo de o fazer render, e enviou para eſte effeito Roſtomocaõ, Arabe, ou Turco de origem, e de Religiaõ, cujo merecimento peſſoal o tinha obrigado a dar-lhe ſua irmã em cazamento. Roſtomacaõ conduſia ſeis mil homens, e trazia huma ordem a Pulatecaõ para eſte lhe entregar o mando das tropas. O Idalcaõ tinha-ſe perſuadido, que o reſpeito da peſſoa, que enviava adoçaria a Pulatecaõ o deſgoſto da ſua revocaçaõ; porém tomou-o como criminozo, e recuzou obedecer-lhe.

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Roſtomocaõ tomou o partido de diſſimular, porém enviou occultamente hum prizioneiro Portuguez que tinha a Mendes para lhe dizer da ſua parte. „ Que tudo o que Pulatecaõ „ tinha feito, o tinha feito ſem ordem, e contra a vontade do Idalcaõ, que naõ appetecia mais do que „ viver em boa amizade com a Coroa de Portugal, de que ſe queria „ fazer tributario. Que ſe elle quizeſſe unir as ſuas tropas ás delle para o ajudar a ſubmeter eſte vaſſallo „ rebelado, elle lhe ficaria obrigado, „ e o deixaria depois na pacifica poſſeſſaõ de Goa, ſobre a qual naõ „ tinha elle mais nada que preten-

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

„ der, por quanto os Portuguezes ſe „ tinhaõ feito Senhores della. „ Mendes foi enganado por huma propoſiçaõ taõ lizongeira. Os dois Generaes ſe uniraõ com felicidade. Pulatecaõ deſpojado ſe retirou para o Idalcaõ para ſe queixar deſta traiçaõ, e pedir-lhe juſtiça. Elle lha fez fazendo-lhe dar veneno.

Roſtomocaõ conſeguindo o fim dos ſeus intentos, naõ ſómente naõ cumprio a palavra que déra a Mendes, mas elle o mandou notificar logo com muita ſoberba para deſpejar a praça. Como elle naõ teve outra reſpoſta que a que merecia, começou a combatela com mais ardor do que o havia feito ſeu predeceſſor; porém ficando-lhe o ſeu campo muito diſtante, foi aſſás maltratado nas diverſas carreiras que fez, pelas embuſcadas, que o Governador pôs ſobre os diverſos caminhos que elle fazia. Em todas teve ſempre prejuizo, e os citiados perderaõ ſó huma peſſoa de conſideraçaõ, que foi o Tanadar Coje-Qui, cuja perda ſentiraõ vivamente por cauza da affeiçaõ que ſempre tivera aos Portuguezes, a quem fizera grandes ſerviços; porque era esforçado, e ſempre prompto contra os Mouros inimigos.

Deraõ-

Deraõ-lhe hum tiro n'uma deſtas ſortidas, de que morreo depois de alguns dias, naõ tendo outro pezar, que o de naõ morrer no campo da batalha.

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

As continuas chuvas derrubaraõ depois grande pedaço dos muros da Cidade, de modo que o muro ficou da altura de hum homem. Servio-lhe de felicidade a noite; porque tiveraõ tempo de trabalhar para repararem a brecha. Roſtomocaõ que o ſoube pelos ſeus deſcubridores, veio dar-lhe aſſalto ao campo. Porém durando o combate todo o dia nelle foi taõ mal tratado, que naõ ouzava parecer no dia ſeguinte. Quando menos aſſim o julgaraõ pelo tempo, que deo aos citiados de fortificarem eſte poſto. Porém na noite ſeguinte moſtrou, que era fingimento para os pôr em deſcuido. Com effeito elle attacou a brecha duas horas antes do dia, e penſou tomala por aſſalto. Quatro noites ſucceſivas fez o meſmo, e foi ſempre rebatido; de ſorte que ſe pôs em mais cautella, e recorreo a hum eſtratagema para enfraquecer os citiados, e diſſipalos com fadigas, ſem lhe cuſtarem a elle nada. Aſſentou hum corpo de tropas muito perto da Ci-

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Cidade com ordem de fazerem tocar as trombetas toda a noite. Os citiados acordados por efte eftrondo eftavaõ fempre alerta, e padeciaõ muito com a vigilia, com o pezo das fuas armas, e os rigores da eftaçaõ. Com tudo livraraõ-fe defte incommodo, e desbarataraõ o deftacamento.

Até entaõ os citiados tinhaõ fofrido muito pouco aos inimigos: porém Roftomocaõ tendo-fe apoderado de hum alto, que dominava a Cidade, e cavalgando alli huma groffa colubrina, que com o feu fogo continuo varejava tudo, e fe apontava como queriaõ, naõ fómente nas cazas, porém ainda fobre os homens fez grandiffima deftruiçaõ, e cauzou grande inquietaçaõ. Por outra parte a fome fe fentio de modo que hum pequeno faco de arroz cuftava 2400, e huma galinha hum cruzado. Tendo os habitantes confumido os mantimentos, naõ reftavaõ mais que os dos armazens, cuja diftribuiçaõ fe fazia com muita cautella, e fómente aos que traziaõ armas, os outros viviaõ unicamente do producto da fua pefcaria; o que logo cauzou huma moleftia gelar, que naõ foi mais pequeno flagelo do que a fome.

Ef-

Eſtas miſerias multiplicadas revoltaraõ o animo de alguns ſoldados, que comparando o ſeu eſtado prezente com o de Machado, e d'outros fugitivos, que os Principes da India, para quem ſe retiraraõ, encheraõ de bens, e honras; paſſaraõ para o campo inimigo, e abjuraraõ a ſua Religiaõ. No princio ouveraõ poucos que deraõ eſte máo exemplo; porém os amigos que deixaraõ na praça trabalharaõ tanto, que chegaraõ a 70 que ſe conjuraraõ para fugir: d'outra parte Machado, que com o ſeu eſtado fazia inveja a eſtes mizeraveis, tyrannizado pelos remorſos da ſua conſciencia, excitado pelas reliquias do amor da ſua Naçaõ, e pode ſer que temendo ſer punido como traidor (porque começava a ſer ſuſpeito) meditava huma retirada inteiramente oppoſta. A elle era que os dezertores eſtavaõ encarregados, e os incorporava no corpo que elle commandava. A diſſimulaçaõ de que elle era obrigado a uzar, o obrigava a moſtrar-lhe agrado, e bom acolhimento: porém elle ſe compadecia da apoſtazia delles, que lhe renovava todo o arrependimento da ſua. Extremamente foi penetrado, quando vio que eſ-

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

ta

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

ta gangrena lavrava até na Fidalguia; e que ſoube a conjuraçaõ que tinhaõ feito, os que eſtavaõ ainda na praça: elle foi penetrado, e aſſuſtado, e a dor que iſto lhe cauzou lhe apreſſou o diſignio que elle á tempos, meditava.

Elle tinha tido dois filhos, que fizera baptizar occultamente, bem quereria levalos com ſigo, porém naõ vendo modo, e temendo que criados no Mahometiſmo, tiveſſem a infelicidade de ſe condenarem, a mal entendida piedade o fez parricida; ſufocou-os de noite, e depois deſte horrivel homicidio, que parreceo effeito do acazo, e achando occaziaõ, conduzio conſigo os Portuguezes captivos, e dezertores como para paſſeio; guiou-os para o pé de Goa, onde lhe fez huma falla viva, e patetica, acompanhada de copiozas lagrimas, e os exortou a ſeguirem-no para á Cidade, a corregirem ſuas culpas paſſadas por hum arrependimento, cujo perdaõ elle lhe afiançava. Os dezertores apenas ſe dignaraõ ouvilo, e tornaraõ para traz. Porém elle, e os captivos, ſeguiraõ o projecto que tinhaõ premeditado. Vieraõ recebelos em prociſſaõ, e com todas as demonſtraçoẽs d'uma alegria completa. Pareceo que a Ci-

a Cidade recebera nelles a sua salvaçaõ. E he certo que esta retirada, que penetrou o coraçaõ de todos, impedindo a deserçaõ, impedio tambem a entrega da praça, que esta deserçaõ tinha feito inevitavel.

Rostomocaõ irritado por esta retirada de Machado com mais ardor apertou o cerco. Com effeito por algum tempo naõ deixou respirar os citiados, nem de dia nem de noite. Com tudo em huma destas escaramuças, sahio o Governador na frente de oitenta cavallos, e desbaratando-lhe duzentos cavallos Mouros, e setecentos soldados infantes, que tinha posto n'uma emboscada, conserva mui bem os seus, pondo a sua confiança no que havia resultar da excessiva fome a que a Cidade estava reduzida.

Tinhaõ alli já sofrido quasi tanto como em hum dos cercos mais memoraveis de que falla a historia, e posto que a Cidade naõ fosse citiada com formalidade, estavaõ em estado de padecer muito a naõ ser a generoza resoluçaõ de Francisco Pereira de Berredo, que emprehendeo, a pezar da estaçaõ, de hir a Baticalá, buscar mantimentos em huma fusta. E ainda que o posto de Cintacora por onde devia passar,

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

ſar, eſtiveſſe guardado por fuſtas inimigas, foi huma viagem taõ feliz, que voltou carregado, e acompanhado de vinte paráos cheios de toda a ſorte de provizoẽs. Algum tempo depois Sebaſtiaõ Rodrigues fazendo a meſma viagem com igual fortuna, teve Goa de que ſe ſuſtentar até quaſi ao fim do univerſo. Fernando de Beja, que Albuquerque tinha enviado para demolir o Forte de Socotorá, chegou depois que entrou a eſtaçaõ benigna. Pouco depois delle chegaraõ ainda Joaõ Serraõ, e Paio de Sá, que vinhaõ da Ilha de Madagaſcar. Foraõ ſeguidos por Manoel de Lacerda, que conduzio os ſeis navios, que Albuquerque lhe tinha deixado para andar a corſo pela Coſta de Malabar, e por Chriſtovaõ de Brito, que tinha partido neſte anno de 1511 na eſquadra do D. Garcia de Noronha. Tambem Melique Jaz ſempre politico, querendo-ſe diſtinguir por lhe dar ſoccorro, lhe enviou dois navios, que acabaraõ de os abaſtecer.

Roſtomocaõ naõ deſcorçoou com a chegada deſtes ſoccorros; porém ficando bem derrotado em diverſos encontros, naõ penſou mais do que em conſervar-ſe no poſto de Beneſtarin,

de

de que fez a melhor praça, que teve o Idalcaõ. Eſtando ahi naõ menos ſitiado do que ſitiador, Goa ſe vio livre de todo o modo delle, depois de haver feito muita honra aos que a defenderaõ, particularmente a Mendes, que alli adquiriria mais gloria a naõ cometer os erros a que o obrigou a inveja de ſe vingar de Albuquerque, e de desfazer o que eſte tinha eſtabelecido.

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Eſte General, que nós deixamos no mar partindo de Malaca, ſómente com ſinco navios, e hum Junco, fez huma das melhores viagens poſſiveis, e ſalvou-ſe por hum milagre da ſua fortuna. Porque navegando pela Coſta de Sumatra, e achando-ſe a travez do Reino d'Auru, lhe ſobreveio huma das mais violentas tempeſtades, que ſe experimentaraõ neſtes mares: era noite, todos os ventos deſenfreados. O Ceo eſtalava com raios, e trovoẽs, e o mar eſtava taõ alto como os montes: como eſtava perto de terra, chegou-ſe para buſcar azilo, e ancorou. Porém as vagas eraõ taõ fortes, que elle empuxado ſobre as ancoras, foi dar ſobre hum banco onde o navio Flor do Mar em que hia, celebre pelas ſuas viagens, e expediçoẽs, mas mui-

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

muito velho, e meio podre, ſe partio pelo meio, e logo toda a parte da proa foi engolida pela tempeſtade. A parte da poupa ficou encravada na arêa, e foi comida pelas ondas do mar. Em quanto huns ſaõ ſorvidos pelas vagas, e os outros agarraõ a primeira coiſa que ſe lhes aprezenta, Albuquerque lutando com as ondas naõ achou mais do que hum pequeno filho de huma das ſuas eſcravas, abraçou-o por compaixaõ, pois parecia que Deos lho enviava para ſeu refugio, pondo elle meſmo a confiança da ſua ſalvaçaõ na innocencia deſta tenra idade. Pedro d'Alpoem, que commandava o navio Trindade, tinha ancorado junto d'Albuquerque, e advertido do ſeu naufragio pelos clamores que ouvio, naõ obſtante o aſſobiar dos ventos, deitou a ſua chalupa ao mar, e ſalvou o General. Os outros que eſtavaõ no caſtello da poupa tambem ſe ſalvaraõ, aſſim por algumas jangadas que armaraõ, como pelo ſoccorro, que lhes deraõ tanto que veio o dia, e que o mar ſocegou. Do mais naõ ſe pôde ſalvar nada das grandes riquezas, que eſte navio trazia. Nelle vinha o quinto delRei, e todos os effeitos do General, o qual ſentio mais ainda que to-

todo o oiro, e joias da carga, a perda de dois leoés de bronze, que tinha diftinado para á fua fepultura, e do bracelete do famozo Chabandar de Malaca, no qual tinhaõ notado huma taõ grande virtude para eftancar fangue, e delle queria fazer prezente ao Rei.

Ann. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Naõ foi fó efta a infelicidade deste funefto fucceffo. Os Javas que no Junco eftavaõ muitos, tendo-fe feparado pela tormenta do navio de Antonio Nunes que vigiava, fe revoltaraõ contra o Capitaõ Simaõ Martins, e o mataraõ com os outros Portuguezes á excepçaõ de quatro, que lançando-fe no efcaler faltaraõ á terra, e foraõ recolhidos pelo Rei de Pacen, que os tratou muito bem, para nifto obfequiar o Governador. Succedendo calmas á tempeftade, vio-fe Albuquerque em hum novo perigo de morrer de fome, e fede. Dois navios que elle tomou fazendo viagem, trouxeraõ remedio a ambas as coifas. Hum deftes navios que elle tinha dado a Simaõ d'Andrade, para o mariar com alguns da fua equipagem, lhe pregou huma peça naõ efperada. Porque como Andrade naõ pôde tomar altura, foi obrigado a confiar-fe do Patraõ, que

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

que fez a derrota das Maldivas. Alli os Indios do navio revoltando-se contra Andrade, e os seus os despojaraõ, e lhe fizeraõ toda a sorte de insultos. Com tudo naõ ouzaraõ tirar-lhes a vida, com medo que se naõ vingassem no Capitaõ do navio, que vinha por refens no do General. Elles os enviaraõ a Cochim, onde o General chegou tambem no fim de Fevereiro.

Alli o receberaõ com tanto maior gosto, como pelas primeiras noticias do seu naufragio o tinhaõ chorado morto. Se a alegria publica lhe fez impressaõ, o seu gosto teve desconto na dor, que teve dos esquerdos procedimentos, e das tyrannias d'aquelles que tinha deixado no Governo. Estes homens iniquos, cujas maõs estavaõ cheias de rapinas, roubavaõ descaradamente, e com taõ pouco pejo, que tinhaõ desterrado Simaõ Rangel, unicamente por cauza da liberdade com que elle reprehendia a publicidade, e o escandalo dos seus roubos: desterro que lhe cauzou nova infelicidade; porque foi captivo de Mouros, e conduzido para Aden. A equidade de Albuquerque, que foi vivamente penetrado desta acçaõ, teria feito a mere-

merecida juſtiça; porém o ſeu Conſelho naõ o julgando proprio, contentou-ſe de informar de tudo á Corte.

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Elle teve para conſolar-ſe hum pouco, as noticias que recebeo dos ſoccorros, que lhe vinhaõ de Portugal, e o goſto que teve de ver os Portuguezes, que tinhaõ ſido prezioneiros no navio, que deo á coſta ſobre a de Cambaia.

Deſde o anno precedente ElRei, para o conſolar da perda dos ſeus dois ſobrinhos D. Affonſo, e D. Antonio de Noronha, tinha feito partir D. Garcia ſeu irmaõ com huma eſquadra de ſeis navios. D. Garcia teve muito infeliz viagem, encoſtou-ſe de mais ás terras do Brazil; e ſubindo muito ſobre o Cabo de Boa Eſperança para o Polo auſtral, experimentou frios taõ fortes, como os que ſe ſentem nas viagens do Norte, e achou dias taõ curtos, que eraõ obrigados a confundir n'uma meſma hora o jantar, e a cea, (aſſim o dizem todos os Autores). Gaſtou ſete mezes inteiros para chegar a Moçambique, onde invernou. Os navios de Chriſtovaõ de Brito, e de Ayres da Gama irmaõ do Almirante, que eraõ da eſquadra de D. Garcia, fizeraõ pelo contrario hu-

huma viagem taõ prompta, que voltaraõ para Portugal, taõ depressa como Garcia chegou ás Indias.

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Com tudo Noronha tendo achado no caminho alguns navios, deo avizo á Corte da lentura da sua marcha. ElRei que temia sempre os preparos do Califa, fez partir doze navios divididos em duas esquadras commandadas por Jorge de Melo Pereira, e Garcia de Souza, que tinhaõ ás suas ordens muito bons Officiaes, entre os quaes eraõ Jorge d'Albuquerque, Pedro seu filho, e Vicente, todos tres proximos parentes do General. Estas frotas chegando no mesmo tempo neste mesmo anno, foraõ agradavelmente recebidas, por trazerem hum reforço de mais de dois mil homens.

No que toca aos prezioneiros de Cambaia, foraõ livres por hum modo singular, que merece ser contado. O Rei de Cambaia ainda, que ligado occultamente com o Califa, e inimigo mortal dos Portuguezes no fundo do seu coraçaõ, tinha sempre tratado estes prezioneiros com grande distincçaõ por conselho de Melique Jaz, e de Melique Gupin, ambos rivaes, e concorrentes, mas ambos de muito credito para com elle, e igualmente deze-

dezejozos de merecerem a protecçaõ dos Portuguezes para á precizaõ. Como estes prezîoneiros podiaõ servir-lhe para entrarem em alguma negociaçaõ, uzavaõ muito bem a respeito delles, e lhes davaõ todas as largas para tratarem do seu resgate. Albuquerque dezejou ardentemente o seu resgate, em quanto ignorou a sorte de seu sobrinho D. Affonso, que estava no navio encalhado; porém quando o soube, posto que estes dois Ministros do Rei de Cambaia, e os prezioneiros juntamente lhe escrevessem; naõ se apressou mais com tanta efficacia, naõ sei porque cauza, a tratar do seu resgate. Foi igualmente froxo sobre este artigo com hum Embaixador, que lhe veio da Corte de Cambaia, tanto mais sabendo que os prezioneiros estavaõ bem. Com tudo estes enfadando-se do seu estado, o Padre Loureiro Franciscano, este digno Missionario, de que falámos, pedio ao Rei que o deixa-se hir a Cochim, para elle mesmo alli tratar deste negocio. O Rei perguntando-lhe que seguro lhe dava de voltar, desatou elle o seu cordaõ, e lho entregou, como penhor mais seguro da sua palavra. Obtendo o consentimento deste Principe, para

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

——— eſte negocio ſómente, foi a Cochim. Albuquerque tinha partido, e os que governavaõ na ſua auzencia, eſtavaõ muito occupados, e mui pouco affeiçoados ao bem publico, para ſe compadecerem do eſtado dos ſeus concidadaõs; de ſorte que naõ vendo meios de conſeguir o que pertendia, voltou como tinha vindo. O Rei ficou taõ penetrado deſta fidelidade, e concebeo huma taõ grande idéa d'uma Naçaõ, que produzia homens capazes deſtes actos de virtude, que os enviou ſem reſgate.

Deſde o momento da ſua chegada a Cochim, o Governador tinha ſabido tudo o que ſe tinha paſſado em Goa, onde as coiſas eſtavaõ no eſtado em que as deixamos. Elle logo enviou para lá provizoẽs de guerra, e de boca. Tirou Mendes, e no ſeu lugar pôs Manoel de Lacerda. Fez Manoel de Souza Governador da Cidadella, e Fernando de Beja General da armada que Lacerda commandava. Tambem fez partir para Malaca Franciſco de Mello, Martim Guedes, e Jorge de Brito, com hum reforço de 140 peſſoas, quantidade de muniçoẽs de guerra, e de boca, carpinteiros de navios, e tudo o que era neceſſa-

rio

rio para pôr no mar ſeis galeras, que diſtinava para guardar os eſtreitos de Saban, e de Sincapour. Bons dezejos teve elle de ſe tranſportar a Goa, onde a ſua prezença era neceſſaria; porém os que alli governavaõ, lembrando-lhe as poucas forças que elle entaõ tinha, rogaraõ-lhe que ſuſpendeſſe a ſua viagem até á chegada do ſoccorro que vinha de Portugal, de que havia já noticia.

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Parecendo-lhe eſta propoſiçaõ juſta, e racionavel, ſuſpendeo com effeito por algum tempo a ſua viagem, e ſe applicou entretanto a reformar os abuzos, que ſe tinhaõ introduzido na ſua auzencia. Naõ eraõ ſómente os Superiores do Governo, que tinhaõ prevaricado na ſua adminiſtraçaõ, a deſordem tinha paſſado dos Grandes ao povo; e alli havia huma corrupçaõ de coſtumes taõ geral, e deſmedida, que os vicios dos Portuguezes faziaõ horror aos Mahometanos, e aos Idolatras: de ſorte que eſtes homens, que tinhaõ paſſado á India, com a idéa de a conquiſtar para Jeſus Chriſto, antes do que de a ſubmeter ao dominio do ſeu Soberano, eraõ a Cruz dos Miſſionarios, e o maior obſtaculo para o eſtabelecimen-

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

to da fé, pelo contraſte horrorozo de ſeus exemplos, e acçoẽs, com as ſantas maximas da moral do Evangelho. Albuquerque compadeceo-ſe deſtes exceſſos, e trabalhou quanto pôde para os remedear; e o remedio mais efficaz foi, que unindo-ſe com o Rei de Cochim, ſeparou os quarteis dos Malabares, e dos Portuguezes, com pena de morte ſe paſſaſſem d'uns para outros, iſto reprimio por algum tempo a deſenvoltura, e naõ ſervio pouco para á converſaõ dos Gentios.

Malaca naõ ſentio menos a auzencia do General, do que Goa. Mahmud, e Aladin poſtados na Ilha de Bintau, Laczamana ſeu Almirante, que guardava o rio de Muar, e Patequitir ſe ajuſtavaõ para lhe fazerem huma viva guerra, com a eſperança de ſe fazerem ſenhores della. Os Indios antigos dos Portuguezes, e os meſmos Portuguezes eſmorecendo do ſeu pequeno numero, temiaõ tudo da uniaõ deſtes inimigos, que cada hum de per ſi naõ era para deſprezar. Patequitir naõ tinha ſahido da ſua povoaçaõ de Upi, onde reſidia c'os ſeus Javos, depois que tivera o atrevimento de queimar o bairro dos Quitins, e Chatins. Havia-ſe alli fortificado com dobra-

dobrada estacada, da qual a segunda era feita da precioza madeira de Sandalos. Tinha tambem seus navios, que mandava a corso, e inquietava muito a Cidade.

Brito tinha feito huma trincheira desde a Cidade até á porta da Fortaleza, com a qual fazia huma especie de Bastiaõ, no angulo do qual colocou o corpo d'um grande navio que dominava as duas faces. Patequitir escolhendo huma noite escura, tomou o navio pela negligencia do Capitaõ, que nelle foi morto com todos os seus, excepto hum mestre artilheiro, que o victoriozo conservou para fazer servir á huma grossa peça de artilheria, que alli tomou.

Era precizo naõ deixar gozar muito tempo a Patequitir de hum acontecimento, que ensoberbecendo-lhe o animo abatia em extremo o dos Indios alliados, que já tinhaõ dado muitos sinaes da sua desconfiança, enlutando-se na partida de Albuquerque. Assim rezolveraõ de hir no dia seguinte attacalo no seu Forte. Affonso Pessoa conduzio por terra ao longo da praia os Malabares, e os Malayos, sustentados por alguns arcabuzeiros Portuguezes. Fernando Peres d'Andra-

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

drade, commandava a partida, e eſtava á teſta do reſto nos bateis. Affonſo Peſſoa chegou hum pouco tarde, por ſer demorado por cauza d'um váo. Botelho d'uma parte com vinte Portuguezes ſómente, e Fernando Peres da outra attacaraõ o Forte, e forçaraõ as trincheiras das duas eſtacadas. O maior perigo foi dentro da praça, onde acharaõ 400 homens em armas, e tres Elefantes, ſobre cada hum dos quaes havia huma torre, e muitos beſteiros. Botelho mais expoſto do que os outros ſuſtentou o primeiro esforço com a ſua pequena tropa. Naõ ſe perturbou, ordenou aos ſeus que fizeſſem pontaria para matar o Meſtre do primeiro Elefante, que era femea, e muito mais pequena, que os outros. Cahindo o Meſtre traſpaſado dos tiros, o Elefante voltou de lado, e no campo recebeo hum tiro d'arcabus no coraçaõ, e naõ dando mais do que hum grito, cahio morto. Fernando Peres chegou neſte momento pelo lado oppoſto: os inimigos perturbados naõ cuidaraõ mais do que em ſe acolherem para os mattos, aonde naõ fizeraõ cazo de os ſeguir. Acharaõ no Forte tantas riquezas, e ſobre tudo tantas eſpeciarias, que naõ podendo

os

os vencedores carregalas, foraõ obrigados a convindar a gente de Malaca para vir tomar parte na preza; depois disto lançaraõ fogo ao que ficou. Botelho destinguio-se muito nesta acçaõ; porém quem teve maior honra nesta jornada, foi sem contradiçaõ o mestre artilheiro, que Patequitir tinha captivado no navio que tomara. Porque preferindo antes a morte do que servir á peça de artilheria contra os seus, Patequitir lhe mandou cortar a cabeça sobre a culatra da mesma peça; a qual acharaõ ainda rociada do seu sangue esparsido de fresco quando a tomaraõ.

Ann. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

A superstiçaõ impedio Patequitir de tornar a hum lugar, onde a sorte das armas lhe tinha sido taõ contraria: transportou-se huma legoa mais longe, e ahi se fortificou ainda melhor do que no primeiro porto. Naõ se demoraraõ de ahi o attacarem, para se aproveitarem do ardor que dá a victoria aos vencidos. As duas estacadas foraõ ainda forçadas com muito calor como na primeira vez; mas como o terreno era hum lamaçal, donde as aguas estavaõ conservadas por artificio, naõ podendo os Portuguezes tirar-se delle tambem como os Indios, por cauza do pe-

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

pezo das ſuas armas, Peres mandou tocar á retirada, para ganhar os bateis. O de Araujo muito carregado de gente encalhou na area, e ſobre o campo foi o theatro d'um grande combate. Peres o fez ſoccorrer; porém Araujo ahi foi morto com Chriſtovaõ Pacheco, e Antonio de Azevedo Capitaõ de huma caravela. Fernando Peres, Pedro de Faria, e muitos outros ahi foraõ feridos: vantagem que fazendo paſſar de ſalto a victoria d'uma maõ á outra, expertou o valor dos inimigos, e abateu muito os Portuguezes.

Poucos dias depois, tiveraõ occaſiaõ de ſe pagarem na frota inimiga. Laczamana que a commandava, era hum bom Official, porém confiando mais na prudencia, que no valor, evitava expor-ſe a huma acçaõ, e contentava-ſe de moleſtar os Portuguezes, atalhando-lhe os ſoccorros, e os viveres. Com tudo Mahmud obrigado por Patequitir, e esforçado pela ſua ultima felicidade, enviou ordem ao ſeu Almirante para ſe unir ás frotas do Rei d'Arguim, e d'outro Principe ſeus aliados, e ſe aprezentar nos eſtreitos de Saban, e Sincapour, e junto da foz do rio de Muar. Peres ſaben-

ſabendo pelos ſeus exploradores que elle eſtava neſte ultimo eſtreito, foi logo buſcalo para lhe dar batalha. Laczamana percebeo primeiro a frota Portugueza, quando o navio de Botelho, que fazia a vanguarda, começou a dobrar hum cabo, que cobria toda a ſua. Bem longe de correr ſobre elles, ſe encovou muito no bahia que fazia o Cabo, para o deixar paſſar, e dar-lhe pela poupa. Botelho conhecendo o ſeu deſignio, naõ deixou de paſſar além, na eſperança de lhe fechar, e tapar o caminho. Com effeito quando ſe deſcobrio a frota Portugueza, Laczamana penſou ſómente por-ſe em ſeguro; e para que os navios inimigos naõ foſſem ter com elle, fez diante de ſi huma trincheira de navios, e de embarcaçoẽs de remos, que fez furar pelo fundo, para que enchendo-ſe d'agua, foſſem tomadas com mais difficuldade. Depois começou a artilheria a varejar d'uma, e d'outra parte promptamente, com a coſtumada differença, que a dos inimigos era mais numeroza, e a dos Portuguezes mais efficaz, e manejada melhor; porém os primeiros ſupriraõ a ſua falta, pela multidaõ de flexas, que atiravaõ da praia, com que

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

os

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso, d'Albuquerque Governador.

os Portuguezes foraõ muito incommodados.

O que naõ obſtante eſtes ganharaõ os bateis á medida que Julant os deſcubrio, ſaltando de hum a outro. Houve alli hum cruento combate. Os Javas nelle ſe deſtinguiraõ, e avançaraõ-ſe até a combater á golpes de alfange. Elles fugiraõ poſto que no fim, e os Portuguezes naõ podendo levar os bateis, alli lhe lançaraõ logo, que naõ fez muito prejuizo.

Apartando a noite o combate, Andrade eſteve attentamente vigiando o ſeu inimigo, para que lhe naõ eſcapaſſe de noite. Porém Laczamana pondo as ſuas embarcaçoẽs em ſecco, fez-lhe por diante huma trincheira de terra, ſobre a qual eſtabeleceo huma boa battaria. Iſto foi feito com tanta promptidaõ, e ſilencio, que ſe achou acabado ao deſpontar do dia. Os Portuguezes tinhaõ-no percebido taõ pouco, que eſtavaõ na duvida ſe elle teria fugido. De ſorte, que na madrugada, quando Peres vio eſta trincheira, e que percebeo os inſtrumentos belicos dos inimigos, paſmou, e naõ pôde deixar de admirar o ſeu General, que neſta occaſiaõ lhe pareceo grande Capitaõ. E naõ tendo gente pa-

para ſe arriſcar a hum deſembarque, ſe retirou deixando a eſte General, poſto que vencido, mais gloria que tivera tido em o vencer.

Ann. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

A guerra que faziaõ em Malaca, affugentou os eſtrangeiros, a penuria cauzou ahi fome, e depois as moleſtias faziaõ cahir as armas das maõs d'ambas as partes, e os obrigaraõ a fazer huma eſpecie de tregoa por neceſſidade. O mal durava, e creſcia. Peres foi conſtrangido a andar á corſo para ter mantimentos. Cahio ſobre hum Junco, que tomou depois d'um vigorozo combate. Penſou que iſto foſſe a cauza da ſua perdiçaõ. Elle tinha-ſe contentado com deſarmar os prezioneiros, e lhe deixou a liberdade para andarem por toda a ſua embarcaçaõ, para onde tinha feito paſſar huma parte. Os prezioneiros todos tinhaõ conſervado hum Cris debaixo dos veſtidos, e formaraõ o diſignio de tomarem o navio. O Capitaõ devia dar ſignal: eſcolheo o tempo em que Peres eſtava deitado para dormir a ſeſta; e quando elle ſe voltava, deraõ-lhe huma pancada por de traz. Os outros cemeçaraõ a querer jogar as facadas, porém os Portuguezes foraõ taõ deſtros, que o Capitaõ naõ teve tempo

de

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

de repetir : foi logo agarrado, os outros mortos, ou apanhados, ou se deitaraõ ao mar. Peres fez perguntar o Capitaõ, que confessou que o Junco era de Patequitir, e que o mesmo filho de Patequitir estava actualmente no navio.

Como o Junco estava cheio só de viveres, e o Capitaõ declarou outros tres Juncos, que tomaraõ sem dar tiro, a alegria foi muito grande em Malaca; porque os habitantes nisso achavaõ dobrado enteresse, hum do seu bem proprio, e outro do mal do seu inimigo, a quem os Juncos pertenciaõ, o qual morria de fome. Porém o filho de Patequitir foi taõ mal guardado, que fugio.

A Cidade foi depois mais aliviada, naõ sómente pelas prezas, que Peres continuou a fazer, mas tambem pela chegada dos soccorros que Albuquerque enviou, e pela de Gomes da Cunha, que tendo feito aliança com o Rei de Pegu, tinha conduzido alguns Juncos cheios de mantimentos, e tinha obtido a liberdade de poder hir carregar aos seus Estados. Antonio de Abreu voltou entaõ das Malucas, e Antonio de Miranda de Siam, aonde o General o havia enviado, e aonde fora muito bem recebido. Con-

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Contentes com eftes novos foccorros d'homens, e muniçoés, os Portuguezes fe rezolveraõ a. hir vifitar de novo Patequitir ás fuas trincheiras, perfuadidos de melhor fortuna, por cauza do eftado, que fabiaõ, a que a fome o tinha reduzido. Com effeito defta vez foi inteiramente deftruido, entrados feus entrincheiramentos, parte dos feus Elefantes mortos ou tomados, os feus desbaratados, ou poftos em fugida, e elle inteiramente derrotado, que defefperando do eftado dos feus negocios, fe embarcou com a fua familia para hir para á Ilha de Java: porem elle o fez com tanto fegredo, que tres dias depois da fua partida, he que conftou em Malaca. E ainda que Fernando Peres o vigiou, e o perfeguio vivamente logo, elle lhe efcapou, e fe pôs em feguro.

A deftruiçaõ de Patequitir confternou Mahmud, que fe achava defemparado, e privado d'um apoio, em que confiava, mas foi hum lançe bem favoravel aos Portuguezes. Porque no mefmo tempo que elles fe viraõ livres defte inimigo, lhes cahio outro em fima, que provavelmente os deftruiria, fe tiveffe podido unir as fuas

for-

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

forças ás de Petequitir, com quem tinha enteresses particulares, e que naõ cessava de apressar a sua partida da grande Java, onde fazia os seus preparos.

As duas Ilhas de Java saõ do numero daquellas a que os Portuguezes chamaõ do Sunda. A grande, de que aqui se trata, naõ he separada da de Sumatra, mais que por hum pequeno estreito, que dá este nome geral de Sunda a todas estas Ilhas. Ella tem quasi duzentas legoas de comprido, e mais de sincoenta de largo, e corre de Este a Oueste. He cortada pelo comprimento por huma longa cadêa de montanhas, assim como a Italia o he pelos Apeninos; porém taõ altas que os habitantes, que ellas dividem para hum e outro lado, naõ tem communicaçaõ alguma. Além disso he fertillissima de todas as coisas necessarias á vida, principalmente em especiarias, e em aromas, de que ahi se faz grande commercio. Se he verdade que os naturaes do paiz saõ originaes da China, assim como lho fazem dizer, he precizo que hajá muito tempo que fosse feita a sua transmigraçaõ. Estes Ilheos saõ igualmente polidos, e taõ bravos que chegaõ a fe-

ro-

roces, vingativos por extremo, e desprezaõ a vida quando emprehendem vingar-se. A' excepçaõ de alguns dos mais notaveis, que trazem tunicas de seda, e de algodaõ, andaõ nús, e só cobrem o que o pejo os obriga. Rapaõ a cabeça por diante, e encrespaõ o resto: nunca a cobrem, e teriaõ por huma das maiores afrontas, que ouzassem tocar-lhe com a maõ. Amaõ a guerra, e a cassa, á qual levaõ suas mulheres, e filhos em carros dourados. As mulheres, que naõ saõ ahi desagradaveis, trabalhaõ bem em muitas coisas. Os homens saõ muito industriozos, e saõ principalmente peritos nas obras de ferro, e de fundiçaõ. Originariamente eraõ Idolatras, e os que habitaõ no centro do paiz ainda o saõ. Os que estaõ nas bordas do mar, tem abraçado a lei de Masoma ligando-se aos Mouros, que ahi se tem establicido como por toda a parte. No tempo em que nós fallamos havia nove Reys na Ilha; porém tinhaõ huma auctoridade muito limitada sobre a Naçaõ, a qual se governava propriamente pelo Conselho dos Velhos.

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Pate-Onus, que he o inimigo de que vou a fallar, naõ era Rei, mas

tinha-

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

tinha-se alevantado contra o seu legitimo Soberano, era assás poderozo para se fazer temer, ou para ser lançado do throno por tempos. Parecia que elle dirigia o seu plano para se estabelecer sobre as ruinas de Mahmud Rei de Malaca, pelas intelligencias que tinha com Utemutis, e havia sete annos que se preparava com impenetravel segredo a respeito das suas vistas. Depois que os Portuguezes se assenhorearaõ desta Cidade, concebeo elle huma maior esperança de apoderar-se della. A sua frota, dizem, que constava de quasi trezentas velas de todas as especies, entre as quaes havia muitos Juncos de grande porte. O em que elle hia era prodigiozo pela sua altura, e comprimento. A gavia dos navios Portuguezes chegava só ao nivel do seu Castello de popa. Era de madeira taõ forte, que as precintas, e as bordas que eraõ de sete taboas unidas por huma argamaça, eraõ feitas á prova de bomba, e dellas reflectiaõ as balas.

Esta frota partio do porto de Japara no anno seguinte de 1513: tanto que ella passou o estreito de Sunda, Rui de Brito teve logo noticia pelos seus descubridores. A noticia

fez

fez alguma impreſſaõ em Malaca nos Portuguezes meſmo. Porque além de ſaberem que os Javas ſaõ homens reſolutos, e belicozos, naõ ignoravaõ que ſaõ tambem perigozos nos combates pelos eſtratagemas, que empregaõ no ultimo recurſo. Siqueira, e Albuquerque os tinhaõ experimentado, e ſe tinhaõ admirado. O primeiro meſmo ahi penſou morrer. Porque quando ſaõ abordados, elles tem hum fogo artificial que naõ queima; porém que aſſuſta aos que naõ ſaõ coſtumados a elle. Além diſto tem a induſtria de acravarem os ſeus navios, de modo que ſe enchem d'agua ſem avariar as mercadorias, e expoem aquelles, que os tem tomado, a ſe afogarem. Com tudo o Governador de Malaca ſem ſe aſſombrar enviou Fernando Peres d'Andrade com os ſeus navios para aviſtar eſta frota, e ſe diſpôs para hir combatela. Peres voltou ſem a ter viſto, porque a frota inimiga tinha paſſado do eſtreito de Saban para outro, que formaõ algumas Ilhas viſinhas; porem na ſua volta, elle a vio deſcobrir-ſe de fronte da Cidade, onde o numero dos ſeus navios naõ deixou de augmentar o terror.

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Com tudo vio-se huma nobre emulaçaõ entre os Chefes para convirem nesta acçaõ. E até houveraõ altos gritos entre Brito, e Peres; porque o primeiro queria commandar a frota, e as coisas foraõ levadas logo taõ longe, que Brito pôs Peres em Conselho. Porém passando o primeiro fogo, arrependeo-se, livrou-o, e o desculpou, e este sacrificando os seus resentimentos ao bem publico, se pôs todo em movimento para hir ao inimigo. A frota Portugueza compunha-se de 17 navios, sustentados por outra pequena frota toda composta de embarcaçoẽs do paiz, que commandava Nina Chetu, que tinha 1$500 Malayos ás suas ordens.

Ao amanhecer do dia seguinte, as duas frotas se prepararaõ, a dos inimigos para entrar no porto, e a dos Portuguezes para ganhar o largo. Botelho que estava na vanguarda, e que tinha hum bem veleiro, governou sobre a Capitania, a qual se destinguia assás pela sua grandeza. Foi logo investido por quinze pequenas embarcaçoẽs, de que naõ fez cazo algum. Pedro de Faria o seguio na sua galera com o mesmo ardor. O seu designio era de hir a abordagem. Porém quan-

quando viraõ de perto a ſua altura exceſſiva contentaraõ-ſe em a varejar. Naõ aproveitando alli nada a artilheria, voltaraõ a meter-ſe em linha. Todo eſte dia ſe paſſou em eſcaramuças. Os inimigos naõ tinhaõ dezejo de pelejarem ao largo, e intentaraõ entrar no porto, o que fizeraõ de noite, ſem que os podeſſem impedir. Eſperavaõ pelas ſuas maquinaçoẽs cauzar algum movimento na Cidade, e fazerem-na declarar a ſeu favor. Os Portuguezes pelo contrario cobiçavaõ tomar o largo, porém mudaraõ de idéa, com medo de ſerem cercados, e ſe colocaraõ tambem no porto muito perto da praia.

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Muito pouco ſe dormio nas duas frotas, os Chefes de ambas as partes tiveraõ conſelho. A divizaõ ſe patenteou mais do que até alli entre os Portuguezes. Brito, e os de ſeu partido mudando de parecer queriaõ evitar o combate, e enviar a pedir ſoccorro ao Indoſtan. Elles arrazoaraõ, e o acto foi declarado a Peres, que delle fez pouco cazo, arrazoou da ſua parte, e rezolveo de dar a batalha, pôsſe a prumo ſobre as ſuas ancoras, em quanto o Governador fez trabalhar na ponte, e na frente da rua principal

Ann. de J. C. 1512.
D. Manoel Rei
Affonso d'Albuquerque Governador.

para se pôr em defensa. Com tudo no fim os Officiaes se reuniraõ em favor de Peres, e rogaraõ o Governador que quizesse ficar na Cidadella, a fim de naõ pôr em risco a sua pessoa, de que dependia a salvaçaõ da praça, no cazo de qualquer contrario acontecimento.

D'outra parte alguns dos mais distinctos da Cidade passaraõ a bordo do Pate-Onus, a quem contaraõ a destruiçaõ, e fugida do Patequitir, o que o pôs de pessima condiçaõ. Porém, como em hum mal sem remedio, foi necessario deliberar sobre o partido que nisso se havia tomar. Aconselharaõ-lhe que evitasse a batalha, cujo successo era ao menos incerto com os Portuguezes costumados a vencer. Pate-Onus cedeo a este parecer, e quiz decer á terra; porém o temor de que os seus Javas pilhassem amigos, e inimigos, fez com que se oppozesse a este projecto, e que o aconselhassem para hir unir-se a Laczamara no rio de Muar, na esperança que obrando de acordo, e vigiando sómente a fechar as passagens, se fariaõ senhores da praça, evitando-lhe os soccorros, e os viveres.

Tendo prevalecido este conselho, que

que era o mais prudente, e o mais seguro, Pate-Onus se preparou; porém a fim de encobrir a sua manobra, mandou fazer hum grande estrondo de trombetas, e instrumentos, que Peres naõ pôde antever, e julgou que huma parte das suas trombetas tinha desembarcado, quando o dia seguinte lhe descubrio a sua retirada. Porém como elle estava inda á vista, naõ desconfiou de o alcançar, e tendo promptamente desatado a sua mezena, e levado ancora, todos os mais fizeraõ o mesmo, e o alcançaraõ logo, posto que o inimigo, que o vio aparelhar, deitou fóra todas as suas velas, para melhor fugir. Os Portuguezes animados por huma retirada taõ vergonhoza, e taõ pouco esperada, começaraõ a jogar a sua artilheria, e a deitar granadas, e panelas de fogo com tanta violencia, e felicidade, que senaõ via de todas as partes mais que arderem embarcaçoés, correrem á pique, voarem despedaçadas, e inimigos que se deitavaõ ao mar, onde os Portuguezes descidos nas suas chalupas se cançavaõ de os matar. Peres temendo que as muniçoés lhe faltassem, despachou para pedir a Brito, que lhas enviou, e mandou dar des-

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

car-

ANN. de J. C. 1513. D. MANOEL REI AFFONSO D'ALEUQUERQUE GOVERNADOR.

cargas pela artilheria da Cidadella, para annunciar á Cidade huma victoria, que estava já em boa figura, porem que os habitantes differentemente affeiçoados naõ ouzaraõ esperar, ou naõ se tinhaõ lembrado de temer.

Durando o combate até ao meio dia, Pate-Onus aturdido do effeito da artilheria Portugueza, cujas balas, e artilhaços tinhaõ feito alguma ruina sobre o seu convez, fez signal a quatro Juncos dos mais fortes da sua frota para se lhe virem encostar. O Senhor de Polimbaõ, seu parente, e seu Vice-Almirante, teve ordem de se pôr diante com outro Junco, e de fazer cerrar todos aquelles, que naõ estavaõ ainda fóra do combate, tudo em torno delles. Tudo foi feito. Porém foi este o peior partido, que elle podia tomar. Porque estando assim ferrados, os Portuguezes naõ perdiaõ hum só tiro, e os artilhaços faziaõ ainda maior effeito, que as balas: o mar estava todo cuberto de ruinas, ou de navios abrazados, e todo tinto de sangue, e cheio de moribundos, e mortos.

Peres tinha dado ordens, que se combatesse sempre de longe sem hir a abordagem; porém a razaõ das ordens

dens

dens mudando algumas vezes segundo as circunstancias, estas circunstancias mesmo obrigaõ a pezar de que as haja, a supplantar estas ordens. Assim Martinho Guedes foi o primeiro, que vendo-se com capacidade de tomar hum Junco, chegou para o abordar, tomou-o, e lançou-lhe fogo. Joaõ Lopes d'Alvim fez o mesmo a outro. Peres tendo reforçado o seu navio da gente que tomou de algumas outras embarcaçoēs, abordou o Vice-Almirante da armada inimiga pelo flanco junto com Francisco de Mello, que o afferrou pela proa. O sobrinho do Vice-Almirante, moço rezoluto, vendo o perigo de seu tio, perlongou-se com o navio de Peres, e unindo-se, passou por sima delle como por huma ponte sem se demorar, e combatendo como hum desesperado, conseguio vantagem. Peres, Simaõ Affonso Bisagudo foraõ feridos: elles eraõ mal guiados sem Botelho, que tendo tambem abordado, correo a soccorrelos. Naõ obstante isto elles tiveraõ muito que fazer só, depois d'um combate dos mais porfiados, afferrados sempre estes sinco navios, os Portuguezes, se apoderaraõ dos dois Juncos, aos quaes largaraõ fogo, naõ fi-

ficando alli ninguem para os defender.

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Os outros Capitaens da frota Portugueza faziaõ todos maravilhas da ſua parte, como tambem Tuan Mahamet, que combatia a favor delles no Junco que lhe pertencia, e Nina-chetu que conduzia a pequena frota Malayeza.

Depois que Peres ſe aſſenhoreou dos dois juncos, foi dar caſſa a Pate-Onus, e o perſeguio até á noite cortando-lhe as ſuas velas, e a maſtreaçaõ, ficando ſó ſaõ o corpo do navio, onde a artilheria naõ podia morder. A viſta do combate era ſempre horroroza. E ſe augmentou, porque o Ceo lhe deo parte. Encubrio-ſe tudo, e dobrou o horror da artilheria, juntando-lhe ſeus raios, trovoés, e as trevas da noite. Entaõ cada hum começou a cuidar em ſi. As duas frotas foraõ diſperſas, e confundidas, naõ ſabendo ninguem aonde eſtava. Os navios groſſos correraõ maior riſco: porque como eſtavaõ perto da terra, foraõ obrigados a ancorarem em duas braças d'agua.

No dia ſeguinte da tempeſtade, Botelho, e Tuan Mahamet ſeparados do reſto de toda a ſua frota, ſe acharaõ junto do Junco de Pate-Onus, e

de

de outros dois. A visinhança tendo atiçado o ardor do combate, elles pelejaraõ com furor, até que lhe faltou a polvora. Entaõ Botelho voltou a Malaca para tomar novas muniçoẽs, e renovar a partida. No tempo que elle alli chegava de novo, achou Peres nas Ilhas chamadas as Ilhas dos navios. Elle o exortou em vaõ para que o seguisse, porque os seus navios estavaõ muito destroçados, quasi toda a gente ferida, e abatida do trabalho do dia, e noite precedente. Botelho naõ deixou de seguir o seu conceito, porém inutilmente. Pate-Onus tinha já ganhado o largo para hir, naõ ao rio de Muar, segundo seu primeiro projecto, mas á Ilha de Java, onde elle mesmo chegou ferido, depois de ter perdido mais de oito mil homens, quasi todos os seus Juncos que eraõ sessenta, e a maior parte das suas embarcaçoẽs pequenas. Em quanto ao Junco em que elle hia, fez tirallo á terra, e conservalo em hum Arsenal feito de pensado, para eternizar a memoria desta jornada, a honra que tinha tido em hir buscar os Portuguezes, e a sua felicidade de lhe escapar.

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

No retorno de Botelho, toda a fro-

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

frota entrou em Malaca ás acclamaçoẽs do povo, que applaudio huma taõ bella victoria. E depois de haver dado a Deos solemnes acçoẽs de graças, Fernando Peres que tinha acabado o seu tempo, partio para o Indostan com Antonio de Abreu, Vazco Fernandes Coutinho, e Lopo de Azevedo, deixando o commando do mar a Joaõ Lopes de Alvim, que tinha tido provizoẽs de Governador.

As noticias d'uma frota do Califa, que deziaõ com affectaçaõ ter sortido do mar Roxo, e entrado no Golfo Arabico para vir recuperar Goa pelas instancias do Idalcaõ, cauzava estorvo a Albuquerque, que obrigado por outra parte pelas ordens da Corte a se pôr em estado de prevenir esta frota, podia fazello reprehensivel pela sua lentura, e temer que os seus inimigos secretos ahi se prevalecessem. Assim tendo provido aos negocios de mais precizaõ, e recebido os reforços que lhe tinhaõ vindo, se fez á vela em 13 de Setembro de 1512. com dezaseis navios, aos quaes se deviaõ ajuntar outros quatro, que elle havia tomar em Goa. Porém tendo tido na sua derrota avizos mais seguros dos projectos do Califa, cuja frota naõ esta-

eſtava ainda prompta, e que primeiro que tudo, queria fazer-ſe ſenhor de Adem, para o ſer das Gargantas do mar Roxo, mudou logo de penſamento, e ſe demorou em Goa, determinado a naõ partir d'alli, ſem que tiveſſe lançado Roſtomacaõ do porto da Benaſtarim.

Foi recebido com as meſmas honras, que ſe teriaõ feito á peſſoa d'El-Rei, e com as demonſtraçoẽs de ternura, e reconhecimento, que a Cidade lhe devia, como ſeu fundador, e libertador. O inimigo que ella tinha na ſua viſinhança naõ a opprimia tanto como dantes, porém cauzava-lhe todo o receio. Tinha elle feito de Benaſtarim huma praça de guerra das melhores daquelles tempos. Elle a tiñha cercado de baluartes, e fortes muralhas terraplenadas da parte de dentro até as ameias, exceptuando hum ſó lugar, onde o muro, forte por ſi meſmo, naõ tinha precizaõ deſte ſoccorro, por cauza de huma lagoa que o prezervava, e no qual tinha muitos bateis armados. Tinha elle ahi nove mil homens de guarniçaõ, naõ lhe faltavaõ muniçoẽs de guerra, e de boca, e corria fama que o Idalcaõ lhe enviava ainda hum exercito de vinte mil homens. Ten-

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Tendo o Governador tomado conhecimento do eſtado das coiſas, emprehendeo por-lhe ſitio formal por mar, e terra, e começou logo pela parte do mar. Eſte era o mais dificil. O inimigo tinha entupido as paſſagens em duas partes com fortes eſtacadas, que occupavaõ todo o leito do rio. Além diſſo eſtas paſſagens eraõ taõ eſtreitas, que eſtavaõ expoſtas a todo o fogo das muralhas. A difficuldade naõ o deteve. Fez armar ſeis embarcaçoẽs taõ cheias de artilheria, que pareciaõ ter mais ferro que páo, e fez fazer em ſima pontes, e tilheiros no ar, para ahi ter cubertos os obreiros; e como eſtes telheiros as faziaõ pender hum pouco para huma parte, elle as equilibrou com toneis que as contrapezavaõ. Tanto que eſtiveraõ preſtes, enviou ahi duas pela parte do paſſo ſeco, e as outras quatro pela velha Goa.

Chegados os navios a ſeu poſto, arrancadas, e tiradas as eſtacadas, foi eſta a força do perigo. Os inimigos faziaõ hum fogo continuo, e terrivel. Elles tinhaõ huma battaria á flor d'agua, que naõ errava tiro. Huma groſſa colubrina em particular ſervida por hum arrenegado, os deſtruia mais

que

que todo o resto. Albuquerque que em hum catur hia aonde a necessidade mais o chamava, foi cuberto pela cabeça do sangue d'um infeliz, que elle despedaçou a seu lado. O navio que commandava Ayres da Silva sendo mal governado, e tendo tocado, a artilheria dos inimigos o maltratou tanto, que deitando-lhe fogo a tres barrís de polvora, lhe fez voar huma parte, e meteo tal medo á equipagem, que todos, excepto Silva, se deitaraõ a nado. Porém correraõ-se tanto de ver o Governador no seu escaler correr ao mais forte do perigo, que animados ainda mais pela sua intrepides, que pelas reprehençoẽs que elle lhes fez, por haverem assim desemparado o seu Capitaõ, tornaraõ todos para bordo.

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Dando a Albuquerque muito incommodo a Colubrina, propoz elle cem cruzados, a quem a podesse desmontar. O seu mestre artilheiro o conseguio, elle meteo a bala direita pela boca do canhaõ, cujos artilhaços mataraõ o arrenegado, e dois ajudantes que elle tinha. Porém o fogo do inimigo foi taõ frequente em toda esta primeira jornada, que elle naõ o pôde executar senaõ no outro dia. Os ini-

mi-

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

migos atiraraõ tambem grande quantidade de flexas de que os navios estavaõ cubertos, e taõ espessas como hum bosque. Com tudo a artilheria das embarcaçoẽs tendo arruinado muito as battarias dos inimigos, fez que o fogo destes fosse mais brando. Entaõ se assenhoreou das passagens, o que era mais importante, e tiraraõ os viveres, e soccorros aos sitiados da parte do continente.

Naõ tinhaõ ainda emprehendido coisa alguma da parte da terra, quando huma aventura pareceo querer fazer os Portuguezes senhores da praça n'uma volta de maõ. Isto foi huma Sexta feira dia Santo, para os Musulmanos. Rostomocaõ sahio naquelle dia na frente de 250 cavallos, e d'um numero muito mais consideravel de infantes, e se avançou até meio caminho de Goa. Albuquerque tinha hido reconhecer algum posto, e descubrindo toda esta gente, ficou duvidozo, se haveria alli algum laço, ou se os inimigos teriaõ intençaõ de fazer alguma valentia, para mostrarem que pouco temiaõ os Portuguezes. Com tudo huma das guardas avançadas tendo dado rebate á Cidade, tocaraõ o sino, e no campo sem esperar ordem do Governador, os Officiaes

ciaes fizeraõ ſahir as tropas por polotoẽs até o numero de dois mil homens, ſem contar Malabares, e Canarins. Roſtomocaõ vendo que o ſeguiaõ, tocou á retirada, e voltou para á ſua praça: porém os ſeus que ſe viraõ muito canſados, tendo fechado as portas, os que ficaraõ de fóra, foraõ obrigados a dividirem-ſe em roda dos muros, donde lhe deitaraõ cordas para os ajudarem a ſe ſalvar; outros ſe afogaraõ, ou foraõ mortos.

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei,

Affonso d'Albuquerque Governador,

Chegados os Portuguezes ao pé da muralha, e animados pelo ardor de ſeguirem o inimigo, emprehenderaõ de a tomar por eſcala pelos meſmos lugares, ajudando-ſe das ſuas lanças o melhor que podiaõ. Como os que primeiro chegaraõ eraõ peſſoas diſtinctas, e Officiaes maiores, a emulaçaõ os eſtimulou ainda mais. D. Pedro Maſcarenhas, e Lopo Vaz de Sampaio, ſe deſtinguiraõ entre os mais. A vigoroza reſiſtencia dos inimigos, que concorriaõ á defença dos ſeus muros, naõ lhes esfriou os animos, nem menos a morte de Diogo Correa, de Jorge Nunes de Leaõ, e de Martim de Mello, nem o numero dos ſeus feridos. Porém Albuquerque que eſtava montado a cavallo, e chegou a opor-

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

oportuno tempo, vendo a desigualdade do partido, mandou tocar á retirada, e inteiramente transportado de gosto, foi abraçar Mascarenhas, e o beijou na testa, fosse por esta distinçaõ que elle o quizesse recompençar, de que sendo nomeado pela Corte Governador de Cochim, naõ quizesse tomar posse para ter a honra de vir assistir ao cerco de Benastarim, ou fosse porque elle quizesse com isto dispor a gente, para que o quizessem ver no governo de Goa a que o distinava. Porém esta distinçaõ fez muitos zelozos, e pôs o Governador na necessidade de se justificar contra a vivacidade de huns, e desfarçar a zombaria de outros.

Foi precizo fazer hum cerco regular, que se começou dois dias depois. O exercito constava de tres mil Portuguezes de belissima tropa. Huma sahida que fez o inimigo sobre o quartel de Manoel de Souza Tavares, onde Garcia de Noronha estava mal disposto, sem Mascarenhas que conduzio hum novo refresco, obrigou o General a fazer linhas de circumvalaçaõ. Os inimigos se defendiaõ com valor, porém as battarias dos sitiantes, tendo começado a fazer brecha, Rostomoçaõ, que temeo ser toma-

do

do por aſſalto, fez tocar á chamada, e arvorou bandeira branca.

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Os artigos da capitulaçaõ foraõ aſſignados hum pouco contra a vontade dos Officiaes, que queriaõ tomar a praça por aſſalto. As condiçoẽs foraõ que os inimigos ſahiriaõ com ſeus bens, e ſuas peſſoas ſalvas, deixando ao vencedor a artilharia, as muniçoẽs de guerra, os navios que tinhaõ na Ilha, os cavallos, e os arrenegados. Eſte ultimo artigo cauzou alguma conteſtaçaõ. Albuquerque lhes prometeo a vida, e Roſtomocaõ por eſcrupulo de Religiaõ ſahio antecipadamente da praça, para que ſe naõ diſſeſſe que elle os tinha entregado. Deſpejada a praça, entrou nella o vencedor. Entaõ appareceo o ſoccorro enviado pelo Idalcaõ, e commandado por Sufolarim. O que veio muito tarde, e voltou como tinha vindo.

Albuquerque ſatisfez a promeſſa aos dezertores, naõ lhes tirou a vida; mas querendo fazer hum exemplo de terror, pior que a meſma morte, depois de os expor aos inſultos do povo, fez-lhes cortar o nariz, as orelhas, a maõ direita, e o dedo pollegar da maõ eſquerda, e os enviou prezionioneiros para Portugal, para dar hum

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

espetaculo horrorozo do caſtigo, que tinhaõ merecido pela apoſtaſia. Hum deſtes, homem de qualidade, naõ podendo ſofrer a viſta da ſua patria que tinha deteſtado, alcançou por mercê que o deitaſſem na Ilha de Santa Helena entaõ dezerta. Deixaraõ-no ahi com alguns negros, e com que fizeſſe huma habitaçaõ. Elle ahi fez penitencia dos ſeus peccados, e reparou a injuria que tinha feito ao ſeu nome, e á ſua Naçaõ, cultivando eſta Ilha, que foi depois d'uma grandiſſima utilidade aos navegantes deſtas longas carreiras.

ElRei D. Manoel em conſideraçaõ ao Governador, lhe havia enviado D. Garcia de Noronha ſeu ſobrinho, e o tinha feito General do mar das Indias, para que neſta qualidade podeſſe ajudar ſeu tio com auctoridade, e ſupprir a muitas coiſas, que elle naõ podia fazer por ſi meſmo. Aſſim Albuquerque, a quem os negocios retinhaõ em Goa, o enviou a Cochim para expedir os navios de tranſporte, que deviaõ partir neſte anno de 1512 para o Reino, e lhe deo ordem ao meſmo tempo de fazer cruzar ſobre a Coſta de Calecut, para impedir os navios Mouros d'ahi entrarem, ou ſahirem.

El-

Anno. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Elle fez partir Garcia de Souza para cruzar ſobre a Coſta de Dabul, com ordem de enviar á Goa todos os navios que foſſem carregados de cavallos da Perſia, ſem lhes permitir que foſſem a outra parte; fazendo-lhes declarar pela meſma via, que ſeriaõ aliviados d'uma parte dos direitos, que d'antes pagavaõ por eſte commercio.

Eſta monobra produzio o melhor effeito, que elle poderia dezejar de ambas as partes. O Samorim havia muito tempo que eſtava enfadado da guerra, que lhe tinha traſido infelicidades ſobre infelicidades. Os ſeus alliados, ou o tinhaõ ſervido mal, ou o haviaõ abandonado. O ſeu commercio eſtava inteiramente morto. Os ſeus concorrentes, e os ſeus rivaes tinhaõ-ſe aproveitado dos ſeus deſpojos, fortificando-ſe da alliança dos Portuguezes. Os Portuguezes meſmos tinhaõ-ſe feito taõ poderozos, depois da tomada de Goa, e de Malaca, que elles eraõ d'alguma ſorte os Senhores da India; de modo que eſte Principe naõ vendo outro caminho para ſahir do embaraço em que eſtava metido, que o da ſubmiſſaõ, deo commiſſaõ ao Principe Naubeadarin para entrar em conferencia, e concluir a paz por to-

Ann. de J. C. 1513. D. Manoel Rei Affonso d'Albuquerque Governador.

do o preço que fosse. Este escreveo a D. Garcia de Noronha, offereceo-se para ser medianeiro entre o Samorim, e elle, e se obrigou a fazer consentir seu tio para dar hum lugar para huma Cidadella.

Por outra parte, Goa fez-se mais florente que nunca. A diminuiçaõ dos direitos de entrada, e sahida atrahia os commerciantes, sempre ávidos do maior ganho, e sempre attentos a qualquer interesse. Viaõ-nos para ahi correr de tropel, e á profia. ElRei de Portugal naõ perdeo nada; porque o que parecia perder na deminuiçaõ dos direitos, recuperava pela abundancia dos generos precizos, e augmento dos rendimentos. Elles eraõ de taõ grande rendimento, que o Rei de Vengapur, de quem o Governador dezejava muito a alliança, enviou huma embaixada, a fim de ser preferido para o arrendamento total. O seu Embaixador trouxe hum soberbo prezente de chayreis, sellas, e outros jaezes de cavallos ricamente bordados, de grande preço. Pedia juntamente, que lhe vendessem trezentos cavallos da Persia, o que lhe concederaõ. O Rei de Narsinga, e o Idalcaõ mesmo sempre inimigos, conceberaõ disto

ciu-

ciumes, e temendo ser hum pelo outro prevenido, enviaraõ seus Embaixadores a Albuquerque para fazerem seus tratados.

No mesmo tempo Albuquerque se vio procurado de novo pelos Reis da Persia, e de Cambaia. E o Emperador dos Abexins, e o Rei d'Ormuz lhe enviaraõ seus Embaixadores, para os fazer passar á Portugal: e hum Rei das Maldivas se sujeitou, fazendo-se tributario da Coroa.

A politica de Albuquerque a respeito de todos estes Principes foi maravilhoza. Porque no mesmo tempo que tratava os seus Enviados com explendor, e amizade, naõ fazia mais do que travar as negociaçoẽs sem se apressar de concluir difinitivamente, e fingindo remeter a inteira concluzaõ dos tratados para á vinda d'uma expediçaõ que meditava, e para a qual o viaõ fazer grandes preparaçoés, de que ninguem sabia o destino; a fim de que temendo cada hum, que a tempestade lhe cahisse em sima, fizesse proposiçoés mais vantajozas, e desse mais facilmente as maõs ás que elle mesmo lhe quizesse fazer.

De todos estes Embaixadores, o de que teve gosto mais sensivel, foi do

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

do Preſte-Joaõ, ou do Emperador dos Abexins, Principe conhecido até entaõ d'uma maneira taõ confuza, e que os Reis D. Joaõ II. e D. Manoel tinhaõ taõ grande dezejo de conhecer. Albuquerque ſe lizongeava de que as primeiras noticias ſeguras chegaſſem á Corte por elle, e que iſto podeſſe parecer como hum effeito das diligencias, que elle tinha feito para chegar a conſeguilas. Aſſim ſobre o primeiro avizo que elle teve, de que eſte Embaixador eſtava em Dabul, onde o retinha prezioneiro o Tanadar, ou Rendeiro da Alfandega do Idalcaõ, ordenou a Garcia de Souza que o pediſſe, e o fizeſſe conduzir com toda a diligencia. Souza cumprio bem a ſua commiſſaõ. E porque eſte Embaixador eſtava encarregado d'um preciozo Santo Lenho, que o Emperador, e a Emperatriz Helena enviavaõ a ElRei de Portugal, o Governador o fez receber em prociſſaõ na frente do Clero, e das tropas. E depois de converſar muito com elle a reſpeito da ſua viagem, o fez partir para Cochim, cheio de honras, com ordem ao Commandante de Cochim para o fazer paſſar para Portugal no melhor navio de tranſporte.

A

A frota d'Albuquerque composta de vinte navios. 1$700 Portuguezes, e 800 Malabares, estando prestes, sem que della podessem penetrar o mysterio, se fez á vela; e no ponto de sahir da barra de Goa, ajuntou os seus Capitaẽs, que todos eraõ Officiaes distinctos, ou pela sua qualidade, ou pelos seus serviços, e lhes propoem as ordens que tinha recebido d'ElRei para á viagem do mar Roxo: elle as appoiou com fortes razoẽs, que foraõ todas approvadas pelo Conselho.

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

As calmas o detiveraõ muito tempo no mar. Foi obrigado chegar a Socotorá, e naõ chegou á vista d'Aden senaõ no dia de Quinta feira maior. Porém como era perto da noite, e conhecia pouco a praça, pôs-se á capa. Pouco depois vindo-lhe dizer Pedro d'Abuquerque que achava fundo a 35 braças, fez continuar a derrota só com a mezena, sempre com o prumo na maõ, e ancorou em quatorze braças sem se querer fiar nos fogos que os habitantes, que o tinhaõ percebido, fizeraõ sobre alguns rochedos com o disignio de o fazerem encalhar.

Só a vista da praça fez julgar a Al-

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Albuquerque que a empreza era mais dificil do que lhes tinhaõ feito. A Cidade d'Adem ſituada na foz do mar Roxo em 12 gráos, e 15 minutos de Latitude do Norte ſobre a Coſta da Arabia, faz huma bela viſta pela ſua ſituaçaõ, e pela beleza dos ſeus edificios. Huma pequena lingoa de terra, ſobre que ella ſe acha, avançando-ſe para o mar fórma ahi dois portos, que fazem huma eſpecie de Peninſula ao pé d'uma montanha, a qual elevando-ſe em muitas pontas muito eſcarpadas, aprezenta hum belo eſpetaculo, porém de huma beleza miſturada com horror. O ſolo deſta montanha he taõ arido, que nelle nunca creſce a menor herva, e em lugar de ter algumas fontes, imbebe logo toda a agua que lhe cae do Ceo. Hum ſó aqueducto conduz á Cidade da diſtancia de quatro milhas toda a que ſe ahi bebe. Saõ obrigados a trazer por mar, ou do interior das terras todo o precizo para a vida. Com tudo a Cidade naõ deixava de ſer povoada, rica, e abundante. Devia ella eſta obrigaçaõ em particular aos Portuguezes, porque ſe tinha augmentado por todos os modos depois do eſtabelecimento delles nas Indias. Porque d'antes como os navios

vios que entravaõ, ou sahiaõ do mar Roxo naõ tinhaõ nada que temer, faziaõ sua derrota em direitura, sem pensar em Aden. Porém o perigo dos navios Portuguezes, que cruzavaõ, obrigou logo os Mercadores a retirarem-se a ella como para hum azilo; e d'entaõ ficou huma das celebres. A mesma razaõ fez que a fortificassem de boas muralhas, e de fortes torres da parte do mar, e tambem da parte da montanha adiantaraõ as fortificaçoẽs até o mais alto, edificando torres similhantes sobre todos os seus cumes, e bons muros que cortavaõ todos os seus desfiladeiros.

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Rei, ou Cheque d'Adem naõ assistia ahi de ordinario. Morava no certaõ, para estar mais prompto para se defender dos seus visinhos. Tinha sómente em Adem hum Emir, que era o Governador. Mir-Amirjam, que o era quando Albuquerque alli se aprezentou, era politico, e valerozo. Deo prova d'ambas as coisas, porque o entreteve com muita maxima, para ter tempo de fazer entrar tropas na praça, e se defendeo depois com muito valor, e rezoluçaõ. Albuquerque perdidas as esperanças, que lhe tinhaõ feito conceber as primeiras civilidades,

com

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

com que o Emir o previnira, julgou, para ſahir gloriozo, era eſte hum negocio com que devia romper, e ſe determinou a hir á eſcala. O Emir naõ lhe tomou o contra pé. Naõ ſe embaraçou em impedir-lhe a deſcida, e eſperou a pé firme ſobre as muralhas.

A ſua prudencia, e valor teriaõ com tudo esbarrado contra o esforço dos Portuguezes, ſe o eſpirito de vertigem, e a loucura do ponto de honra naõ ſe apoderaſſem deſtes. Os Capitaẽs deraõ elles meſmos exemplo aos outros. A precepitaçaõ com que cada hum ſe esforçava para ſer o primeiro que ſubiſſe á muralha, para ahi arvorar os ſeus eſtendartes os fazia correr como loucos. Muitos ſe lançaraõ á agoa por impaciencia para chegarem primeiro ao pé da muralha. Encoſtaraõ depois as ſuas eſcadas, e a pezar da furioza reſiſtencia dos inimigos, ſobem como a correr, arvoraõ ſuas bandeiras; porém com tanta inveja huns dos outros, que naõ ſe pôde deſtinguir na multidaõ, ſe naõ hum Clerigo de ſobrepeliz, que arvorou hum Crucifixo em lugar de eſtendarte. Com tudo as eſcadas muito carregadas ſe quebraraõ, quando havia já per-

perto de 150 homens, que tinhaõ entrado na praça donde elles apartaraõ logo os Mouros, que se lhes oppunhaõ.

ANN. de J. C. 1513. D. MANOEL REI AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Governador, que chorava huma desordem que naõ podia impedir, se applicou a fazer reparar as escadas. Porém Garcia de Souza, que se havia adiantado pelas ameias, tendo entrado por huma canhoeira da muralha, que fez destapar com quasi sessenta homens: Albuquerque se transportou ao mesmo sitio, e fez abrir outra, por onde entraraõ ainda quarenta. Enviou elle logo ordem a Joaõ Fidalgo para hir com a sua companhia de Ordenança para impedir, que entrassem da parte da montanha, o que elle naõ pôde fazer, por ser o terreno muito escarpado, e os inimigos se defenderem alli com muito valor.

Elles cobraraõ animo á vista da desordem. Os Portuguezes, que estavaõ sobre os muros, combatiaõ com vantagem, e Gracia de Souza mais animado que todos os outros, se tinha apoderado d'um pequeno entrincheiramento; porém Amirjam na frente d'um corpo de cavallos, deo sobre elles com tanto vigor, que limpou os muros, e obrigou os Portuguezes a sahir pelas mesmas canhoeiras, por onde ti-

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

tinhaõ entrado. Souza ficou cercado com alguns que eſtavaõ com elle. Albuquerque lhes fez dar cordas para deſcerem, porém a maior parte deſtes valerozos, crendo que naõ ſeria honrozo, eſtimaraõ antes morrer, e elles todos ſe quizeraõ matar. Outros que combatiaõ n'outra parte naõ tiveraõ eſte eſcrupulo. Deſceraõ do melhor modo que poderaõ, e alguns ſe precipitaraõ. Garcia de Souza, que ficou entre os mortos, tinha provizoẽs da Corte para o Governo d'Adem, foi iſto que lhe deo tanto calor para ſe deſtinguir neſta jornada. Dizem que elle deitou ao peſcoço do Patráõ da ſua chalupa hum colar doiro que trazia, e que lhe deo a ſua bolça, para o animar ao pôr no eſtado de ſaltar primeiro na praia. Penſamento cego d'um homem, que ſe apreſſava a hir buſcar a morte, onde cria achar o principio da ſua fortuna.

Deſcorçoado por hum taõ infeliz ſucceſſo Albuquerque ſe retirou para os ſeus navios, tendo aprendido á ſua cuſta, que a victoria naõ eſtá ſempre attada ao carro dos Conquiſtadores, e que ella abandona algumas vezes os ſeus maiores validos. Com tudo antes de partir, quiz aſſenhorear-ſe d'um baluar-

luarte que eſtava ſobre huma reponta, d'onde a artilheria incommodava muito a frota. Porém em quanto deliberou, o Meſtre do navio de Manoel de Lacerda, que ahi padecia mais que os outros, deſceo a terra com parte da ſua equipagem, tomou-o, e paſſou á eſpada os que o defendiaõ. Altivo com eſte ſucceſſo, queria que attacaſſem de novo a Cidade, de que eſte baluarte fazia a principal força. Eſtando os Capitaẽs neſte penſamento notificaraõ iſto ao General. Porém Albuquerque naõ quiz entender niſto. Contentou-ſe de fazer tirar a artilharia do baluarte, de ſaquear os navios que eſtavaõ no poſto, e queimalos, ſem que a Cidade fizeſſe algum movimento, depois do que ſe fez á vela para entrar no mar Roxo.

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Eſte mar, ſobre cujo nome os Sabios ſe tem cançado muito, tem a figura d'um lagarto, ou Crocodilo, cuja cabeça he comprehendida entre os Cabos de Fartaque, e de Gardafu, até ao eſtreito de Meca, ou de Babelmandel, que fórma o peſcoço. Dilatando-ſe o corpo entre as coſtas da Arabia d'uma parte, e as da Ethiopia alta, e do Egypto da outra, vai terminar-ſe em ponta, que faz a cau-

da

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

da de Suez, que crem ser Affiongaber, donde partiaõ as frotas de Salomaõ, e onde começa o Ifthmo, que o fepara do mediterraneo, e que une as terras d'Affrica ás da Afia. O mar Roxo naõ recebe em feu feio quafi outras aguas que as do Oceano Indico. He pouco fujeito a tempeftades, e quafi que naõ conhece outros ventos que os de Norte, e Sul, que ahi tem feu tempo regrado como a monçaõ no mar das Indias. O feu comprimento he quafi de 350 legoas fobre quarenta de largo, contando de Suez até ao eftreito. Os Arabes o repartem em tres partes, ou lizirias, que a do meio, que faz como o efpinhaço do Crocodilo, he clara, e navegavel de dia, e noite, ancorando ahi fempre entre 25, e 60 braças. As outras duas, que eftaõ fobre os flancos, e bordaõ as coftas, faõ pelo contrario retalhadas de ilhotas, de rochedos, de baixos, e bancos d'arêa. Com tudo como ahi fó fe navega em embarcaçoẽs muito pequenas, que chamaõ Gelvas, os Pilotos naõ deitaõ ao largo, fenaõ quando temem alguma borrafca de vento. Elles amaõ fempre a vifinhança das terras; porém temendo accidentes, ancoraõ d'ordinario antes

tes de se pôr o Sol. Achaõ-se duas Ilhas neste mesmo estreito, que formaõ dois canaes. O da parte da Arabia he mais frequentadó. N'uma destas Ilhas he que se tomaõ os Pilotos, de que se servem para entrar no mar Roxo. Além dos defeitos desta navegaçaõ, que nós já tocamos, e a dificuldade de abordar os portos, tanto da parte da Asia, como da Africa, ha ainda hum muito grande, e he que as Ilhas que se achaõ neste mar saõ quasi desertas, aridas, e tem falta d'agua, e doutras coisas necessarias á vida.

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Governador entrou no mar Roxo contra o parecer de todos os seus Capitaẽs, e de todos os seus Pilotos, a que naõ teve outra rasaõ que dar, se naõ que era ordem da Corte. Entrando fez dar huma salva geral de toda a sua artilheria, como por huma especie de triumfo, porque elle era o primeiro dos Européos, que nelle entrou com huma frota. Ninguem o havia feito antes delle depois do descobrimento do novo Mundo. Com tudo o que se lhe tinha augurado lhe succedeo. Pensou morrer sobre os baixos. Foi obrigado a invernar na Ilha de Camaraõ. Naõ pôde chegar nem

a

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

a Suez, nem a Gidda, nem ter noticias da frota do Sultaõ. Padeceo muita cede, fome, e murmuraçoẽs dos subalternos. Naõ pôde executar o projecto, que parecia, ter de fundar huma Fortaleza na Ilha de Camaraõ, ou na de Macuá. Finalmente depois de ter experimentado todas as sortes de disgraças, fez dar crena aos seus navios, sahio do mar Roxo, e veio a prezentar-se defronte de Adem.

Parecia que o esperavaõ. Tudo ahi estava bem fortificado, ahi apparecia mais obra, mais gente, e mais rezoluçaõ que d'antes. O que ahi ha de singular, he que elle, que naõ tinha querido tomar a Cidade, quando para isso foi excitado por toda a sua frota, quiz tentar tomala depois, contra o sentimento geral de todos os seus Capitaẽs, e de toda a gente de guerra. Indignou-se tanto com a contradiçaõ que achou sobre este ponto, que para os envergonhar, deo a commissaõ aos das equipagens, para hirem tomar o mesmo baluarte, que tinhaõ tomado a primeira vez; o que fizeraõ. Com tudo depois de ter feito varejar a Cidade, e tentado inutilmente queimar os navios do porto, foi obrigado a fazer-se á vela para voltar.

Na

Ann. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Na ſua paſſagem ſe demorou em Diu, onde Melique Jaz, de quem queria obter licença para ahi fundar huma Cidadella, ſoube tambem divertilo, aſſim com prezentes, como com boas palavras, que ſem nunca ſe moſtrar, ſem lhe dar lugar para queixar-ſe, conſeguio canſar-lhe a paciencia, e obrigalo a ir-ſe, ſem concluir nada. Tanto que elle ſe fez á vela, o Melique o ſeguio para o viſitar. Eſtava taõ adornado, que parecia naõ ter outro deſignio que o de obſequialo; e tambem armado, que diſſe que ſe queria fazer temer. Albuquerque naõ pôde deixar de louvar a ſua prudencia. Diſſe: „ Que naõ „ tinha nunca conhecido cortezaõ mais „ habil, mais firme em recuzar tudo „ o que d'elle queriaõ exigir, e mais „ proprio para fazer receber agrada„ velmente as ſuas negaçoẽs. „ O General continuou logo a ſua derrota, ſem colher fructo algum d'uma expediçaõ que tinha cuſtado tantas deſpezas, e que parecia prometer-lhe as maiores vantagens.

Acontecimentos ha, que parecem ſer unicamente effeito da fortuna, e do acazo, porém que tem cauzas ſecretas, que o publico nem ſempre

 pene-

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

penetra; porque lhe naõ vê as cauzas. Verdadeiramente deve parecer espantozo que Albuquerque naõ quizesse tomar a Cidade de Adem, quando o podia, e que o seu Conselho o obrigava, sem ser desanimado pelo máo successo que tinha tido á escalada. He verdade que elle deo por cauza, que a Cidade era muito grande, e que precizaria quatro mil homens para a guardar. Porém esta razaõ naõ satisfaz. Lopes de Castanheda o julgou, e suppoem para o justificar, que cobria com este pertexto o designio que tinha de hir a Suez. Porém eu estou persuadido, que elle tinha motivos mais poderozos para suspender toda esta empreza.

As Indias eraõ o theatro das paixoẽs dos Portuguezes. A grande distancia da pessoa do Soberano parecia auctorizar ahi, naõ sómente as luxurias mais monstruozas, os roubos mais enormes, as injustiças mais execraveis, a cubiça mais insaciavel; mas tambem tudo o que o ciume, o odio, e a vingança tem de mais atroz. Albuquerque muito zelozo pelo bem do serviço, muito austero no seu modo de governar, naõ podia sofrer o exceso da liberdade, principalmente nas pes-

pessoas distinctas. Isto era bastante para lhe criar tantos inimigos mortaes, e injustos columniadores, que naõ cessando de escrever á Corte contra elle, procuravaõ desvanecer as accuzaçoens, que elle poderia fazer contra elles, tornando-o a elle mesmo suspeito por outras accuzaçoês armadas, e provadas pela pluralidade de testemunhas daquellas que se conspiraõ para o mal.

Ann. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Do numero destes ultimos, cuja memoria naõ devia existir, era Gaspar Pereira Secretario das Indias. Era este hum homem perigozo, máo espirito, e da especie dos que diz o o proverbio, que só querem pescar em agua turva: proprio para fazer a personagem de criminozo, de accuzador, de testemunha, e de Juiz tudo juntamente. O Vice-Rei D. Francisco d Almeida tinha tido provas do seu caracter preverso, e Albuquerque foi a sua victima. Pereira tinha vindo a Portugal, onde tinha adquirido a confidencia d'ElRei, e muito credito dos seus Ministros. Tinha apoiado bem os artigos secretos, que tinha escrito contra Albuquerque, e ElRei se tinha deixado persuadir, que tudo o que este General tinha feito de bem era con-

Ann. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

trario ao feu ferviço, particularmente na tomada de Goa, e lhe tinha enviado ordem para a reftituir ao Idalcaõ, depois de ter com tudo pofto o negocio em deliberaçaõ no feu Confelho. Albuquerque tinha recebido efta ordem pelas frotas, que chegaraõ de Portugal depois do feu retorno de Malaca. Porém elle a tinha prudentemente difimulado nas circunftancias em que tudo fe temia nefta Cidade, pela vifinhança de Roftomocaõ, que eftava ainda Senhor de Benaftarim. Gafpar Pereira tendo voltado das Indias com a mefma ordem, entaõ o Governador deo parte ao Confelho das cartas da Corte. Felizmente fe acharaõ ahi baftantes peffoas bem intencionadas, para que a negativa venceffe, e Goa foffe confervada.

No mefmo tempo que os calumniadores d'Albuquerque fizeraõ tantos esforços para deftruirem a fua obra, trabalharaõ a fepara-lo por outro caminho, fazendo continuas inftancias á Corte, para atrahir as forças da India para o mar Roxo, na efperança, que iffo fó arruinaria o feu Governo: affim como elle tinha penfado, aconteceo na repartiçaõ que foi feita em favor de Jorge d'Aguiar, a quem Le-

mos

mos tinha ſuccedido. Albuquerque o ſentio bem, e comprehendia ainda melhor, que iſto era arruinar os negocios do ſeu Principe debaixo do eſpeciozo pretexto do bem. Por iſto he que eu me convenço, que tomando como homem habil todas as medidas que convinhaõ para parecer entrar nas viſtas d'ElRei ſeu Senhor, e d'uma Corte enganada por relaçoẽs infieis, naõ ſe admirou que podeſſe parecer que ellas naõ eraõ praticaveis.

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

No ſeu retorno da viagem do mar Roxo, o General achou que os ſeus envejozos tinhaõ ainda trabalhado para malograrem todos os ſeus projectos. Tinhaõ perſuadido aos Reis de Cochim, e Cananor, que a paz feita com o Samorim hia arruinar o commercio delles, porque ella deſtruhia o ſeu. Era com o meſmo eſpirito que tinhaõ ſublevados eſtes Principes contra a empreza de Malaca. Com effeito perdiaõ muito huns, e outros, porque os Portuguezes ſendo ſenhores deſta Cidade ahi tomavaõ os generos na primeira maõ, e partiaõ da Cidade em direitura para Portugal, em lugar que d'antes todos os generos vinhaõ parar de Malaca no Indoſtan. Eſtes Principes poſto que inimigos do Samo-

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

morim, tinhaõ achado o meio de perturbar toda a ſua Corte, para o impedir de concluir, e de cumprir a palavra que tinha dado ao Governador, de aſſinar hum terreno para conſtruir huma Cidadella. O Velho Samorim era morto. Eſte era Naubeadarim, que lhe tinha ſuccedido: e eſte Principe, taõ amado como era dos Portuguezes, achava tantos obſtaculos na ſua propria Corte pelas intrigas dos perturbadores, que naõ ſabia que partido tomaſſe. O que ſervia por huma parte a animar eſtes Principes, e a ſuſpender pela outra, era a noticia que Gaſpar Pereira tinha affectado eſpalhar quando chegou, de que vinha novo Governador, que teria idéas todas diferentes, e que era precizo attender ao bem publico.

Além deſtas praticas, que Albuquerque ſabia quaſi todas, teve ainda avizos ſecretos d'uma carta cheia de crimes, que Antonio Real eſcreveo a ElRei contra elle por ſolicitaçoẽs de Gaſpar Pereira, que occultamente andava de caza em caza para a fazer aſſignar. O Governador teve meios de alcançar huma copia: alguns dos culpados confeſſaraõ tudo, e pediraõ perdaõ. A carta foi propoſta

posta em pleno Conselho, e Pereira convencido. O parecer do Conselho foi que Albuquerque enviasse Pereira attado de pés, e maõs para Portugal, e fora bem feito. Porém contentou-se d'enviar huma justificaçaõ assignada pelo mesmo Conselho, ou fosse por temer o credito que Pereira tinha na Corte, ou por lhe parecer que estando os Réos auzentes lhes fariaõ mais facilmente os seus processos.

Ann. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Com tudo elle negociou tambem com o novo Samorim, que este Principe deitou fóra dos seus Estados os Mouros, que se oppunhaõ á paz, deo o lugar para a Fortaleza que se dezejava, fez-se tributario de Portugal, cedeo metade dos seus direitos da entrada, forneceo os materiaes, e a gente necessaria para construir a Cidadella; e naõ se contentando que este tratado fosse assignado pelo Governador, enviou hum Embaixador a El-Rei de Portugal cheio de ricos prezentes, a fim que elle ratificasse por si mesmo esta paz que elle merecia, dizia elle; porque sendo só Principe de Calecut, o havia sempre favorecido, e que nesta consideraçaõ vinha renunciar a amizade do Calife, fechar a entrada de seus portos aos

vassa-

Ann. de J. C. 1514.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

vassallos deste Principe, e a todas as vantagens que disso poderia tirar.

Os Reis de Cananor, e Cochim convieraõ igualmente, depois que apartaraõ de si os perturbadores, que lhe introduziaõ más idéas. Albuquerque os capacitou dos seus interesses, e os virou de modo, que se mostraraõ satisfeitos da sua conducta, e elles mesmos fizeraõ suas pazes com o Samorim.

O Governador tratou tambem com os Reis de Narsinga, o Idalcaõ e o Rei de Cambaia, em confirmaçaõ do que se havia começado entre elles. Obteve particularmente deste ultimo licença para fazer huma Fortaleza em Diu, com a condiçaõ que lhe daria a mesma vantagem em Malaca. Melique Jaz tinha sempre mostrado concorrer para esta Fortaleza, obrigando os Portuguezes a que requeressem immediatamente ao Rei de Cambaia, que era o Senhor, para lha conceder. Porém trabalhava occultamente com este Principe, e empregava os meios mais fortes para disso o retirar. O Melique Gupi, que lhe era igualmente agradavel, e que por esta razaõ era seu inimigo, o fez em fim consentir nisso. He verdade que se naõ

effei-

effeituou por então; porque Melique Jaz fez tantos esforços occultamente, de que o Rei mudou de parecer, e Melique Gupi descahio muito do grande favor em que estava para com o Monarca.

Ann. de J. C. 1514. D. Manoel Rei. Affonso d'Albuquerque Governador.

Todas estas vantages derão a Albuquerque tanto gosto, como as intrigas dos sediciozos, que tinhão trabalhado para as impedir, o havião affligido. Esta alegria foi ainda augmentada por Fernando Peres d'Andrade, que tinha chegado nestas circunstancias, para obter a permissão de voltar para Portugal, trazia a gostoza notia da insigne victoria, que tinha alcançado contra Pate-Onuz no porto de Malaca.

Com tudo esta Cidade pensou ser tirada aos Portuguezes d'uma maneira muito singular, e com pouca despeza. Mahmud vendo que todas as suas forças, e as dos seus alliados não erão sufficientes para o restabelecerem, recorreo á industria. Tinha na sua Corte hum Mouro Bengala de Nação, chamado Tuam Maxelis no qual confiava muito. Ajustou com elle o projecto da sua traição, e traçou o plano sobre o do antigo Zopiro Babilonio. Fingio cahir-lhe da graça este

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

te valido, lança-o do pé de si, suscita-lhe accuzaçoés, como se elle houvesse procedido mal na administraçaõ da sua Real fazenda, da-lhe infinitos desgostos successivos, e todos grandes, de modo que naõ faltou se naõ fazer-lhe o seu processo, e fazelo matar n'um cadafalso. Ninguem ignorava este revez da fortuna em Malaca, onde ninguem pensava que fosse fingimento. Com tudo Maxelis achou meio de se escapar. Refugiou-se em caza de Brito, que o recebeo c'os braços abertos. Como era esperto, e se mostrou muito afeiçoado aos Portuguezes, para se vingar da ingratidaõ do seu Principe, insinuou-se logo no coraçaõ do Governador, e de Pedro Pessoa, que era feitor, de modo que tinha entrada franca na Cidadella, e ahi trazia huma guarda que lhe haviaõ dado para sua segurança. Hum dia na força do calor, Maxelis tendo disposto os seus, concertado com Tuam Colascar, que era hum dos Chefes dos Mouros o mais visinho da Cidadella, entra na praça como costumava, deixa a sua gente á porta, vai ao quarto do Feitor, que achou deitado para dormir a sesta: chega-se a elle, falalhe, e quando elle menos o cuidava, o se-

o fere mortalmente com hum cris, e corre logo pera introduzir os ſeus. O Feitor, ainda que entre agonias, teve muito accordo para fechar a porta, e chamar ás armas, e no meſmo tempo cahio morto. A guarda correo ao eſtrondo; tomou as portas, antes que Maxelis ſe fizeſſe dellas ſenhor. Naõ daõ quartel aos Mouros que eſtavaõ eſpalhados pelo Forte. Maxelis meſmo cahio traſpaſſado combatendo como deſeſperado, e pagou a ſua perfidia com o ſeu ſangue, infeliz na execuçaõ de hum projecto bem ajuſtado, e bem ſeguido. Mahmud, que diſto foi logo avizado, tirou diſto ſó pezar, e confuzaõ, e ſe vio pouco a pouco obrigado a pedir huma paz, que eſtava rezoluto a naõ guardar ſem ſer obrigado pela precizaõ, e que ſe lhe naõ concedeo ſe naõ por huma eſpecie de neceſſidade.

Malaca vio pouco depois duas ſcenas crueis no ceio da paz, que teve neſta alguma coiſa de mais eſpantozo, que os horrores da guerra. Eisaqui a occaſiaõ. O Rei de Cambaia, genro de Mahmud, e cunhado de Aladin, deſgoſtozo deſtes dois Principes, ſe tinha ſeparado dos ſeus intereſſes, pouco depois da tomada da Cida-

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Cidade, para fazer alliança c'os Portuguezes. Tinha enviado ſeus Embaixadores a Albuquerque, tinha depois conferido com elle, e ſe tinhaõ ajuſtado, o que foi depois cauza dos dois ſucceſſos funeſtos que vou a contar.

Na diſtribuiçaõ dos empregos, que foi feita logo depois que os Portuguezes tomaraõ poſſe de Malaca, Ninachetu tinha tido o de Bandará, que era o mais conſideravel de todos. Elle o merecia, como já diſſe, pela ſua probidade, e pelos ſeus ſerviços: naõ podiaõ lançar-lhe em roſto mais que o ſeu naſcimento, porém iſto meſmo tinha hum grande obſtaculo, por naõ haver no mundo nada de que os Indios ſejaõ mais zelozos, que das prerrogativas das ſuas Caſtas. Os das principaes naõ podendo ſofrer veremſe ſubmitidos a hum homem d'uma Caſta inferior á ſua, fizeraõ ſentir a Albuquerque eſte inconveniente, que hia apartar de Malaca toda Nobreza dos Indios Idolatras. Com tudo eſte General naõ ouzando entaõ tirar o emprego de Bandará a Ninachetu por cauza d'uma certa decencia, contentou-ſe com prometer ao Rei de Campar, que o meteria de poſſe deſte emprego, quando as circunſtancias do tem-

tempo lho permitissem. Com effeito dois annos depois, tendo enviado Jorge d'Albuquerque para substituir Brito, que tinha acabado o seu tempo no Governo de Malaca, lhe ordenou que desapossasse Ninachetu, e que pozesse em seu lugar o Rei de Campar.

Ann. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Jorge d'Albuquerque naõ tinha ainda chegado, quando pensou em dar execuçaõ a este negocio, e para fazer mais honra a este Principe, lhe enviou Jorge Botelho seguido de algumas embarcaçoẽs a remos para o receberem, e o conduzirem a Malaca. O Rei de Campar estava entaõ sitiado na sua Capital pelo Rei de Linda, vassallo de Mahmud, e o executor das suas vinganças. Este tinha huma frota de 60 velas, e o Rei de Campar via-se quasi redusido pela fome ás ultimas necessidades. Ignoravaõ a sua situaçaõ em Malaca; porém Botelho tendo noticia da sua derrota, e tendo mandado buscar reforço, besbaratou a frota inimiga, livrou o Principe sitiado, e o conduzio para Malaca, onde foi recebido em triumfo, e metido de posse do emprego de Bandará.

Ninachetu recebeo este golpe da for-

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

foruna, e da ingratidaõ como heroe Indio, e rezoluto de dar hum efpetaculo fimilhante ao que Calano deo n'outro tempo á Grecia no reinado de Alexandre Magno, expectaculo muito ordinario nas Indias, porém muito novo para os Portuguezes. Fez preparar huma fogueira de lenha de Sandalos, e dos mais preciozos aromas. Tendo depois convidado todos os feus amigos, ahi fe aprezentou no dia determinado em fua companhia, e em prezença de todo o povo.

Onde de ar tranquilo, e com admiravel defafombramento fez pouco depois efte difcurfo. „ Os Portuguezes „ me haviaõ honrado com o emprego „ de Bandará. Nelle entrei fem o ter „ cubiçado, exercitei-o fem entereffe, „ mais para utilidade delles, do que pa„ ra á minha, e naõ me fica pezar „ de o deixar. Mal por elles fómen„ te fe em mo tirar recompenfaõ a „ minha virtude, affim como punem „ os crimes; e fe naõ fabem diftinguir „ que o que fe empenha por hum em„ prego, o merece menos que o que „ naõ o dezejou. Saiba Albuquerque „ hoje, e com elle todos os Por„ tuguezes, que faltando ao reconhe„ cimento a meu refpeito, elles po„ dem

„ dem fazerme a afronta de me de-
„ sapoſſar, ſem pôr huma mancha na
„ minha gloria; e que elles bem com-
„ prehendem que aquelle, que ſacrifi-
„ ca as riquezas, as dignidades, a ſua
„ meſma vida á ſua honra, naõ era
„ capaz de ſacrificar eſta honra ao
„ amor das dignidades, das riquezas, e
„ da vida. Minha alma he innocente,
„ e vai purificar-ſe neſte fogo, como
„ o oiro na forja, para voar ao autor
„ da ſua origem. Vós, Senhores do
„ mundo, que he voſſa obra, Deo-
„ zes immortaes, que os homens naõ
„ podem enganar, e que diſpençais
„ as recompenças, e as penas ſegun-
„ do o merecimento, recebeime na voſ-
„ ſa gloria; fazei juſtiça á minha in-
„ nocencia, e vingai-me da ingrati-
„ daõ. „ Dito iſto, lançou-ſe na fo-
gueira, onde logo foi conſumido.

O Rei de Campar exerceo por algum tempo o officio de Bandará com dignidade, e com tanta inteireza, e fidelidade como Ninachetu. A Cidade ſentio o ſeu Governo: fez-ſe muito florecente, e frequentada dos Gentios, e Mouros, que vinhaõ atrahidos pela eſtimaçaõ de ſuas virtudes. Mahmud, antigamente Rei de Malaca, que chamaremos daqui em diante Rei de

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

de Bintam, onde ſe tinha eſtabelecido depois de ter expulſado o que era legitimo Senhor, naõ pôde ſofrer eſta proſperidade. Determinou de o perder procurando fazelo ſuſpeito, como ſe tiveſſe entretido com elle intelligencias ſecretas: e o alcançou com muita delicadeza. Jorge d'Abuquerque muito credulo, e confiando muito de ſimplices apparencias, que fizeraõ fortes impreſſoẽs ſobre o ſeu eſpirito ſuſpeitozo, fez prender eſte Rei innocente, fezlhe fazer ſeu proceſſo formal, e eſte infeliz Principe, condenado por prezumpçoẽs mais que por provas, teve a infelicidade de perder a cabeça ſobre hum cadafalço pela maõ do algoz. A crueldade barbara deſta execuçaõ ſanguinoza em huma perſonagem d'ſta ordem, e que ſabiaõ naõ ſer culpado, revoltando todos os eſpiritos, deſpertou a lembrança do paſſado, a morte de Ninachetu, e o ſupplicio de Utemutis, a Cidade ſe fez dezerta, e o nome Portuguez ſe fez execravel.

Ainda que a expediçaõ do mar Roxo naõ fez grande honra a Albuquerque, havia com tudo feito huma terrivel impreſſaõ ſobre todos os povos deſta viſinhança, e particularmente na

Cor-

Corte de Calife. Porque este Principe que no principio tinha feito pouco cazo da tentativa sobre Adem, e tinha feito responder ao Cheque, que lhe tinha enviado a pedir soccorro, e de quem naõ estava contente „ Que „ defendesse os seus Estados como po- „ desse, que elle saberia prover na se- „ gurança dos seus. „ Com tudo tanto que soube que a frota Portugueza tinha entrado no mar Roxo, teve tanto medo com a noticia que se espalhou no mesmo tempo, de que devia vir outra frota dos Principes Christaõs pelo Mediterraneo da parte d'Alexandria, que se considerou entaõ como perdido. No Cairo já movido pelo supplicio de tres principaes cabeças do Estado, tudo foi prestes a huma sublevaçaõ geral, e nesta occasiaõ o Emir que commandava em Alepo se revoltou, e fez declarar a Cidade a favor do Rei da Persia; de sorte que o Calife, tanto que vio o perigo hum pouco apertado, pensou seriamente em tomar medidas para guardar o mar Roxo, e pôr os seus Estados em segurança daquella parte.

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

ElRei D. Manoel, sendo avizado pelas correspondencias que tinha no Levante, enviou novas ordens a

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Albuquerque para tornar ſobre Adem, deixandolhe com tudo a eſcolha de pôr em deliberaçaõ, ſe ſeria melhor cahir ſobre Ormuz. O Embaixador que o Rei d'Ormuz tinha enviado a Portugal, era hum Seciliano, que criado de tenra idade cuſtara-lhe taõ pouco a fazer-ſe Muſulmano, que naõ tinha de Chriſtaõ mais que o baptiſmo. Eſtando em Lisboa tornou á religiaõ de ſeus pais, e tomou o nome de Nicoláo Ferreira, que ElRei lhe deo. Tendo-lhe a mudança de religiaõ mudado ſeus intereſſes, e inclinaçoẽs, tinha inclinado muito ElRei a aſſegurar-ſe d'Ormuz, perſuadindo-o que naõ ſe deixa-ſe prevenir pelo Sofi, que cubiçava eſta praça; e ElRei abalado dos ſeus penſamentos o havia enviado a Albuquerque com as ordens de que falei.

O General tendo aprontado a ſua frota, que era de 27 velas de diverſos portes, e em que tinha 1$500 Portuguezes, e 790 Malabares, ou Canarins, fez Conſelho á viſta de Goa no navio de Vicente d'Albuquerque em que hia; e além dos ſeus Capitaẽs chamou o Governador da Cidadella de Goa, e Nicoláo Ferreira. Os pareceres foraõ muito differentes ſobre

as

ás duas expediçoés: porem tendo fallado Ferreira, a affirmativa foi para Ormuz, para onde logo virou a proa.

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Albuquerque eſtimou iſto mais que tudo, havia muito tempo que elle correria a eſta praça, e depois que elle foi obrigado a abandonala pela reclamaçaó dos ſeus Capitaés, tinha guardado o juramento que havia feito de naó fazer a barba, em quanto ſe naó vingaſſe deſta Cidade, que ſe tinha viſto conquiſtar com tanta frouxidaó. Os Reis d'Ormuz naó tinhaó nunca querido entregar a Cidadella que Albuquerque tinha começado, nem conceder aos Portuguezes huma Feitoria na Cidade, nem ainda reſtituir os effeitos que tinhaó ſido tomados: mas como ſem o commercio das Indias, a ſua Cidade eſtava abſolutamente arruinada, e que elles naó o podiaó fazer ſem os paſſaportes do Governador; a ſua politica os tinha obrigado a pagar á Coroa de Portugal o tributo annual a que ſe haviaó obrigado. Tinhaó com tudo procurado fazelo diminuir, e eſte era o motivo porque tinhaó enviado ſeu Embaixador á Portugal.

A face dos negocios tinha mudado em Ormuz. Coje-Atar tinha morrido n'uma velhice honroza. Rais

Ann. de J. C. 1515. D. Manoel Rei. Affonso d'Albuquerque Governador.

Nordin, que lhe ſuccedera no miniſterio, tinha feito empeçonhar Suſadin, para pôr em ſeu lugar, em deſprezo dos ſeus dois filhos, Torun-Cha irmaõ deſte Principe. Para mais fortalecer a ſua auctoridade, Nordin tinha feito vir da Perſia tres ſobrinhos ſeus, dos quaes o ultimo chamado Rais-Hamed, homem de talento, e determinado tomou pouco a pouco huma tal auctoridade, que ſe fez ſenhor da peſſoa do Rei. Nordin enganado nas ſuas eſperanças, naõ ſómente naõ tinha credito algum, mas eſtava bem como prezioneiro em ſua caza com ſeus dois filhos. O habil Hamed obrava tudo diſpoticamente. Pertendem que o ſeu deſignio era de entregar o Reino a Sofi Iſmael. D'acordo com eſte Principe, que zelava muito a Seita d'Hali, tinha já feito tomar a Torun-Cha o Turbante encarnado, que Iſmael enviava pelos ſeus Embaixadores a todos os Principes Muſulmanos da India, e da Arabia, para os unir aos ſeus intereſſes pela religiaõ.

Hamed tinha tambem trazido a Ormuz a ſua familia, que faziaõ mais de ſetecentas peſſoas. Pouco a pouco introduzia tropas da Perſia em Ormuz, e na ſua viſinhança. E ſe ainda naõ tinha

nha feito morrer Torun-Cha, era provavelmente porque naõ eſtava tudo ainda prompto para a revoluçaõ que elle meditava.

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso D'Albuquerque Governador.

Hamed naõ deixava de continuar a pagar o tributo á Coroa de Portugal; porém tinha refuzado entregar a Cidadella, que o General de novo lhe tinha feito requerer por Pedro D'Albuquerque, que tinha enviado á cruſar as Coſtas d'Adem, e do Golfo Perſico; de ſorte que todas eſtas coiſas juntas, determinaraõ o Conſelho a preferir a empreza de Ormuz, que teria ſido dificil tirar das maõs de Iſmael, ſe tiveſſe entrado na poſſe della.

Tendo a frota ancorado de fronte de Ormuz, e ſalvando o Palacio do Rei com toda ſua artilheria, Albuquerque communicou as ſuas intençoẽs a eſta Corte, e depois d'algumas idas, e vindas, o Rei o meteo de poſſe da Cidadella, que ſe apreſſou a concluila: aſſignou-lhe algumas cazas da Cidade, para ahi eſtabelecer ſeus quarteis, e fez arvorar ſobre ſeu Palacio a Bandeira de Portugal. Hamed que era o Governador, conſentia em tudo por medo. A' viſta da frota havia com tudo diminuido a ſua autoridade,

ANN. de J. C. 1515. D. MANOEL REI AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

de, e fez conceber ao Rei, e a Nordin a eſperança de ſahirem da eſcravidaõ. O ſuſpeitozo Miniſterio eſtava muito duvidozo, e naõ permitia que ninguem fallaſſe ao General Portugues, ou a qualquer que vieſſe da ſua parte, ſenaõ em prezença d'um de ſeus irmaõs, que lhe ſervia de eſpia. Com tudo Nordin fez ſaber a Albuquerque, que o Rei, e elle teriaõ muito goſto que elle os tiraſſe da opreſſaõ.

No tempo em que as coiſas eſtavaõ neſte eſtado, havia em Ormuz hum enviado de Iſmael, que eſperava occaſiaõ favoravel para paſſar á India, e hir encontrar Albuquerque, a quem ſe dirigia da parte de ſeu Senhor para buſcar a ſua amizade, e a d'El-Rei de Portugal. Eſte Principe deſde a idade de oito annos até vinte, que podia ter entaõ tinha conquiſtado muitas Provincias, e tinha augmentado a ſua Monarquia, que emparelhava com a do Gram Senhor, e do Calife. A eſtimaçaõ que elle fazia do verdadeiro merecimento, tendo elle muito, o tinha feito procurar Albuquerque havia muito tempo, e eſta paixaõ ſe havia augmentado pelas bellas acçoẽs que Albuquerque havia feito depois. Como os grandes homens ſe eſtimaõ

mu-

mutuamente, Albuquerque naõ dezejava menos travar amizade com Ismael, de que esperava tirar grandes vantagens.

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

A idéa lisongeira, que trazia comsigo huma tal petiçaõ da parte do Sofi, fez que Albuquerque desse a esta Embaixada toda a pompa, que ella poderia ter nas Cortes mais brilhantes da Europa. Tudo se passou com pompa, e magnificencia, e se terminou todavia com simplices testemunhos de estimaçaõ sem concluir nada, ao menos que se saiba; porém o General despedindo o Embaixador o fez acompanhar á Corte de Ismael por Fernando Gomes de Lemos, que foi carregado de prezentes de estimaçaõ, e d'um belissimo projecto d'aliança, que poderia produzir coisas grandes, se podesse ter sido seguido por quem o havia concebido.

Entre tanto Hamed, e Albuquerque buscavaõ mutuamente destruir-se, e attentavaõ na vida hum do outro. Albuquerque auctorizado com o que o Rei lhe tinha mandado dizer, achou primeiro os meios do que o seu adversario, posto que este suppos conseguilo pela mesma via. O General fez finalmente propor huma pratica com o Rei.

Ha-

ANN. de J. C. 1515. D. MANOEL REI AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Hamed quiz que isto fosse em huma tenda feita de pensado de fronte do Palacio, onde pretendia lograr o seu intento. O General teimou que fosse isto na Cidadella. Hamed confiando de o conseguir lá mesmo, consentio nisto. Regularaõ o ceremonial, e as condiçoẽs desta visita. A principal destas condiçoẽs era, que das duas partes naõ haveriaõ armas, condiçaõ que nenhum dos dois partidos queria observar.

Com effeito no dia seguinte Albuquerque tendo tomado todas as suas medidas, e tambem Hamed, Hamed entrou primeiro. Formaraõ-lhe queixa sobre as suas armas, ao mesmo tempo que elle se queixava justamente do mesmo; e como elle começava a enfadarse, foi traspassado de muitas feridas. O Rei que veio depois, ficou suspenso, e temendo ao mesmo tempo; porém logo se soccegou. Os irmaõs de Hamed, e os seus guardas, a quem tinhaõ fechado as portas, as quizeraõ abrir. As tropas Portuguezas, que estavaõ de fóra, e que tinhaõ ordem, acodiraõ. O povo hia tomar partido, sem saber se o Rei estava morto: mas a prezença deste Principe que se lhe mostrou d'uma janela

o

o ſoccegou. Entretanto os irmaõs de Hamed ganharaõ o Palacio do Rei, que era a principal Fortaleza da Cidade, e ahi ſe entrincheiraraõ. Eſtava entaõ em Ormuz hum Official do Sofi, que acompanhava o Enviado da Perſia, de que temos fallado, e que occultamente devia apoiar os deſignios de Hamed. Albuquerque o mandou buſcar, e lhe mandou dizer, que foſſe dizer aos irmaõs deſte perfido, que ſe elles naõ ſahiſſem logo do Palacio, elle naõ faria quartel a ninguem. Eſta ameaça produzio effeito, abandoraõ o Palacio, e pouco depois toda a familia deſte Miniſtro foi banida do Eſtado, com pena de morte. Publicaraõ no meſmo tempo huma prohibiçaõ com a meſma pena de trazer armas de noite, ou de dia; e eſta prohibiçaõ, que deſarmou o povo, reſtituhio a tranquilidade.

Ann. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Paſſado eſte tempo o Rei, e o General ſe viraõ com mais liberdade, e Albuquerque pareceo tela dado a eſte Principe, que naõ cabia em ſi de goſto de ſe ver Rei, quando nunca o tinha ſido. O General naõ ſe embaraçava nos negocios do Governo, porém eſſencialmente tomou taes medidas, que Ormus nunca pôde ſacudir o jugo que elle lhe poz.

Hum

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Hum rumor que se espalhou entaõ de que vinha huma frota do Califé sobre Ormuz, foi a principal cauza. Naõ se pode determinar quem fosse o autor; se foraõ os Ministros do Rei, que se tivessem agoniado com a partida de Albuquerque, ou se fosse o mesmo Albuquerque, que o fizesse espalhar com o disignio de fazer o que fez a este respeito. O que quer que fosse, acreditando esta noticia, que naõ tinha nenhuma probabilidade, enviou D. Garcia de Noronha pedir da sua parte toda a artilheria do Palacio, e da Cidade, com o pretexto que tinha precizaõ da sua, para hir na vanguarda desta frota, e naõ podia deixar a Cidadella sem armas. Nordin prometeo tudo no princio; mas tendo-se depois arrependido da sua facilidade, quiz-se retratar. D. Garcia, que tinha ordem secreta de a tirar por força, se lha negassem, lhe tirou todo o pretexto de dilaçoẽs, dizendo que naõ partiria, sem que a artilheria fosse dada, como foi com effeito.

Albuquerque acabou de segurar este estado á Coroa de Portugal, por hum lançe muito espantozo. Porque fez tambem, com o pretexto de que poderiaõ nascer perturbaçoẽs no Reino

por

por cauza da multidaõ dos Principes de ſangue dos Reis de Ormuz a quem tinhaõ cegado, para os ſeparar do Throno, porém que tinhaõ mulheres, e filhos, de que ſe poderiaõ prevalecer contra o Rei reinante, elle fez que lhe entregaſſem eſtes Principes, que eraõ quinze, e os enviou para Goa com as ſuas familias na eſquadra de Garcia de Noronha, a fim de os ter ahi bem guardados. E quando elle meſmo partio d'Ormuz, ordenou a Pedro de Albuquerque, que deixou Governador da Cidadella, que ſe aſſenhoreaſſe dos dois filhos de Zeifadim, a fim de ter o Rei enfreado com eſtes dois moços Principes, que eraõ os legitimos herdeiros da Coroa.

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Com iſto governava de modo o Rei, que eſte Principe, que lhe chamava ſeu Pai, parecia ſer-lhe obrigado em todas as acçoẽs: e continha tanto os Portuguezes, que naõ havia hum que ouſaſſe fazer-lhe o menor inſulto, ou que o fizeſſe ſem que foſſe punido. Houveraõ ahi ſete que deſertaraõ, e paſſaraõ para os Arabes. O General os fez ſeguir, e para iſſo ſe ſervio de Raes Nordin: foraõ apanhados, e por ſentença do Juiz foraõ queimados vivos no meſmo batel, em

que

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

que tinhaõ fugido, excepto dois, que tendo feito algum ferviço no infeliz fucceffo de Calecut, onde foi o Marechal, mereceraõ que lhe commutaffem a fua pena pela de galez. Efta feveridade, que continha todos no feu dever, augmentava a eftimaçaõ do General, e o pôz em tal reputaçaõ, que os Duques, ou Principes vifinhos fe apreffaraõ a procurar a fua amizade, ou por fi vindo peffoalmente faudalo, ou pelos principaes Officiaes da fua Corte.

Entre tanto cahio doente: huma indigeftaõ cauzada pelos feus continuos trabalhos o abateo tanto em taõ pouco tempo, que fez feu teftamento, e recebeo todos os Sacramentos como para morrer. Hum pequeno alivio que teve na moleftia o obrigou a embarcar-fe para tornar a Goa. Taõ fecretamente o fez, que deo cauza a que o fuppozeffem morto; o que com tudo foi defvanecido por aquelles que o Rei mandou em feu alcance para da fua parte lhe levarem refrefcos.

Apenas fahio do Golfo quando appareceo huma pequena embarcaçaõ de Mouros vinda de Diu, que lhe trazia cartas. Huma era d'um Mouro, chamado Cid-Alle, e outra d'um Em-

baixa-

baixador do Sofi junto do Rei de Cambaia. A primeira lhe dizia que Lopo Soares d'Albergaria tinha chegado ás Indias com 12 navios, e vinha para lhe ſucceder em Governador: que Diogo Mendes de Vaſconcellos vinha governar em Cochim, Diogo Pereira para Feitor, e que ElRei tinha aſſim diſpoſto de muitos poſtos. Acreſcentava que Melique Jaz eſtava taõ mortificado da ſua revocaçaõ, que naõ tinha tido animo de lhe eſcrever. O Embaixador de Iſmael lhe dezia quaſi o meſmo, e procurava azedar-lhe o animo com a ingratidaõ com que recompençavaõ os ſeus ſerviços, e lhe offerecia hum azilo junto de ſeu Senhor, com todos os bens, e todas as honras de que era digno.

Ann. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Albuquerque no eſtado em que eſtava, naõ podia exprimentar hum revez taõ pouco merecido, e eſperado. Suſpenſo com a viſta do triumfo dos ſeus inimigos, e do progreſſo que tinhaõ feito no eſpirito do Rei, naõ pôde evitar os teſtemunhos da ſua admiraçaõ. „ Que? gritou, Soares „ Governador das Indias? Vaſconcel- „ los, e Diogo Pereira que fiz paſſar „ a Portugal como criminozos, re- „ conduzidos com honra? Eu incorro

„ no

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

„ no odio dos homens pelo amor do „ Rei, e na disgraça do Rei pelo „ amor dos homens? A' sepultura, „ infeliz velho, he tempo, á sepul- „ tura. „ Repetio muitas vezes estas ultimas palavras penetrado da mais viva dor. Com tudo depois que esta primeira impressaõ passou, mostrou-se mais socegado, e se rezolveo a escrever a ElRei. O que fez nestes termos. „ Senhor, escrevo esta ultima „ Carta a V. Alteza com huma an- „ gustia, que para mim he hum sinal „ certo da minha morte proxima. Te- „ nho hum filho no Reino, rogo que „ o façais grande á proporçaõ de meus „ serviços, e eu lhe ordeno de volo „ requerer subpena d'incorrer na mi- „ nha maldiçaõ. Naõ vos digo nada „ das Indias, ellas vos fallaraõ assas, „ assim por si, como por mim. „

Fez depois queimar as cartas que os Mouros do Indostan escreviaõ a seus correspondentes d'Ormuz, advirtindo-os que naõ entregassem a Cidadella aos Portuguezes, que o Governador era deposto; e que tinha vindo hum novo bem diferente de seu predecessor, e que seria muito mais favoravel aos seus negocios. Depois disto naõ cuidou mais que na sua salvaçaõ, e quan-

quando foi perto de Goa, mandou buscar o Vigario Geral, e o Medico. O mal tinha-se adiantado muito para que este podesse ahi fazer proveito. O Vigario Geral lhe administrou os ultimos Sacramentos, que elle recebeo novamente com sentimentos de muito grande piedade. Sendo passada quasi toda esta noite em exercicios de Religiaõ, deo a sua alma a Deos hum pouco antes do dia 16 de Dezembro de 1515 aos 63 annos de sua idade, dos quaes os ultimos dez tinha passado nas Indias.

Ann. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Seu corpo foi levado a Goa, e sepultado na Igreja de N. Senhara do Monte, que elle tinha fundado. As exequias que lhe fizeraõ foraõ magnificas, e duraraõ quasi hum mez. Porém o fausto da pompa lugubre desta solemnidade lhe foi menos honrozo; que o lucto universal em que esta Cidade se sepultou, e as lagrimas que derramaraõ sem distinçaõ Christaõs, Musulmanos, e Gentios, cada hum dos quaes cria perder nelle seu pai, ou seu amparo. Mais de 50 annos depois, seus ossos foraõ tresladados para Portugal, onde lhes fizeraõ tambem grandes honras.

A sua caza procedia dos filhos natu-

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

naturaes dos Reis de Portugal, cujo ſangue foi honrado nelle como nos ſeus Principes legitimos. Era o ſegundo filho de Gonçalo d'Albuquerque, Senhor de Villa Verde, e de D. Leonor de Menezes, filha do primeiro Conde d'Atouguia. Na ſua mocidade tinha ſido eſtribeiro mór d'ElRei D. Joaõ II., e ſe havia ſempre diſtinguido; porém a ſua fortuna o eſperava nas Indias, onde devia fazer-lhe ganhar o nome de Grande, e polo a par dos Conquiſtadores mais celebres.

Era de figura mediocre, mas bem proporcionado, tinha o ar do ſemblante agradavel, o nariz aquilino, e hum pouco comprido, o ar nobre, e mageſtozo. A velhice o fez ainda mais veneravel pola extrema brancura dos ſeus cabelos, e d'uma barba taõ comprida, que a podia atar á ſua cintura. No governo parecia grave, e ſevero, e na colera terrivel: fóra diſto era engraçado, divertido, e amavel. Tinha cultivado o ſeu eſpirito nas bellas letras. Falava de repente com graça, e eſcrevia ainda melhor. Temperava ſempre o ſeu diſcurſo com alguns bons ditos, e affectava iſto particularmente quando fallava com auctoridade a fim de corregir o que o ſeu ar muito ſevero tinha de arrogante.

A

Ann. de J. C. 1515. D. Manoel Rei. Affonso d'Albuquerque Governador.

A rectidaõ, a justiça, e o amor do bem publico formavaõ propriamente o seu caracter. Era severo frequentemente até á crueldade, avaro pelos interesses d'ElRei, inflexivel no que era do serviço, e da disciplina militar, porém taõ afeiçoado no mesmo tempo a procurar o bem de cada hum, que deste composto de qualidades austeras, e officiozas, rezultava huma idéa geral que o fazia amavel daquelles mesmos que aborreciaõ a sua severidade excessiva. Sua rigida equidade, tinha feito huma grande impressaõ, que depois da sua morte os Gentios, e os Mouros hiaõ offerecer votos ao seu tumulo, para lhe pedirem justiça contra a tyrannia de alguns que lhe succederaõ no emprego, sem lhe succeder nas virtudes. Em quanto vivo, o seu rigor lhe fez grandes inimigos, e lhe cauzou muitos disgostos; porém a facilidade com que voltava a respeito delles, e os desculpava áquelles mesmos que o exortavaõ a se vingar, naõ servio pouco a elevar a sua gloria.

Na guerra foi verdadeiramente grande pela nobreza de seus projectos, pela prudencia com que os conduzia, e o vigor com que os executava. No conselho, e na acçaõ parecia haver nel-

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

le dois homens inteiramente differentes. Num dia de batalha era Capitaõ de tal forte, que todo parecia foldado, indo pelejar, e expondo-fe como hum moço perdido. Muitas vezes lhe deraõ reprehençoẽs inuteis, e na acçaõ de Benaftarim Diogo Mendes de Vafconcellos, pofto que defgoftozo delle, foi obrigado a advirtilo de que elle fe expunha com muita temeridade. Sem fazer injuftiça aos maiores Capitaẽs do feu tempo, naõ houve nenhum que tiveffe reputaçaõ mais dilatada que a fua nas tres partes do mundo, Europa, Africa, e Afia. Com tudo ifto era feliz, o que fez dizer a ElRei Fernando o Catholico fallando ao Embaixador de D. Manoel, que elle fe admirava que ElRei feu genro tiveffe penfado em o retirar das Indias; porém D. Manoel o fez pela mefma politica que tinha obrigado ao mefmo D. Fernando a retirar o grande Capitaõ Gonçalo de Cordova do Reino de Napoles. Albuquerque tinha pedido Goa a titulo de Ducado, e foi fobre efta petiçaõ, que feus invejozos acabaraõ de o fazer fufpeito.

Tres Reinos conquiftados, muitas Fortalezas edificadas, a paz eftabelicida em todas as partes da India,

mui-

muitos Reis vencidos, feitos tributarios, ou alliados, foraõ obra sua, de que naõ teve outra recompença mais que o pezar d'um desagrado, que o fez morrer lá mesmo, onde tinha começado a fazer-se heroe. ElRei D. Manoel conheceo com tudo o erro que fez, porém muito tarde, e sem lhe fazer justiça sobre os seus calumniadores. O que fez he, que verdadeiramente tomou cuidado do filho, que lhe tinha recommendado. Fez-lhe deixar o nome de Braz, para tomar o de Affonso. Cazou-o depois com Maria de Noronha sua parenta, filha do Conde de Linhares, e de Joana da Silva filha do primeiro Conde de Portalegre. E lhe faria grandes mercês, como o tinha prometido ao Conde de Linhares seu sogro; mas depois da morte d'ElRei D. Manoel, Affonso persuadio-se, que ignoravaõ no reinado seguinte as promessas que lhe tinhaõ feito, como tinhaõ esquecido os serviços de seu Pai. Assim os heroes só devem estimar a gloria que eterniza suas bellas acçoês, gloria que a inveja pode escurecer por algum tempo, mas de que o mesmo tempo os faz sempre triumfar.

Ann. de J. C. 1515.

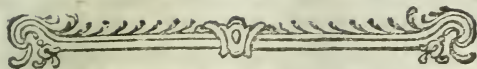
D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Albuquerque dezejou que alguem

Ann. de J. C. 1515. D. Manoel Rei Affonso d'Albuquerque Governador.

podesse escrever sua historia, elle o podia fazer, como Cezar escreveo a sua. Seus trabalhos o impediraõ; porém seu filho o suprio. He seu filho que publicou os Commentarios, que nós temos do seu nome. Nelles ha hum grande amor da verdade, grande moderaçaõ, muita prudencia para com os inimigos de seu Pai, e tanta modestia na relaçaõ das acçoẽs deste Herôe, que se pode dizer, que o retrato que faz, bem longe de o exceder, he muito inferior ao seu original.

Fim do Livro Sexto.

HIS-

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO. VII.

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

A Gloria da Naçaõ Portugueza voava com a fama por todas as partes do mundo, em quanto Portugal se enchia das riquezas do Oriente, e que a Europa abrio os olhos admirados, e invejozos sobre a sua prosperidade. D. Manoel pacifico sobre seu Throno gozava o lisongeiro prazer do grande nome, que lhe dilatavaõ até o fim do Uni-

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

Univerſo ſeus Capitaẽs pelos ſeus acontecimentos, trabalhos, e conquiſtas, e elle recolhia ſem fadiga os theſouros immenſos, que eraõ o fructo das incomprehenſiveis fadigas que elles tinhaõ ſofrido, e dos perigos ſem fim que haviaõ corrido.

Eſte Principe prudente, e ſempre zelozo da Religiaõ ſe fez claro, e famozo por ſuas vantagens na *Santa Sé* como Principe Chriſtaõ. Affonſo Rei de Congo lhe tinha enviado o Principe Henrique ſeu filho, com numeroza mocidade compoſta dos filhos dos principaes Senhores da ſua Corte. ElRei D. Manoel lhes fez dar a educaçaõ, que convinha ás ſuas qualidades, e os fez paſſar depois a Roma, onde viraõ com extrema ſatisfaçaõ eſtas premiſſas da Barbaria, virem dos limites da Africa reconhecer o Vigario de Jesus Chriſto, e exporem como a ſeus olhos as provas dos progreſſos que fazia a Fé.

Pouco tempo depois D. Manoel quiz fazer tambem em Roma apparato d'outra ſorte de bens, fazendo huma eſpecie de obſequio ao Soberano Pontifice, que entaõ era Leaõ X. das premiſſas das riquezas do Oriente. Triſtaõ da Cunha foi o Miniſtro deſta Embaixada, e conduzio comſigo tres

de

de ſeus filhos, dos quaes hum foi depois Governador General das Indias. Segundo as relaçoẽs que nos reſtaõ daquelle tempo, foi eſta huma das Embaixadas mais eſplendidas que ainda appareceo neſta Capital do mundo. A' magnificencia da entrada do Embaixador nada faltou, porém nada igualou a belleza dos prezentes. Conſiſtia em todos os ornamentos que convem á peſſoa do Papa, e á decoraçaõ de ſeus altares, quando faz Pontifical. Iſto tudo bordado de oiro, e prata, taõ carregado de perolas, e pedras preciozas, que cubriaõ tudo: taõ ricamente trabalhados, que o feitio excedia d'algum modo a materia. Os olhos dos Romanos ficaraõ encandeados; porém o que lhes naõ deo menos goſto, foi huma Panthera, e hum Elefante. O Elefante enſinado, ſe proſtrou tres vezes diante do Vigario de JESUS Chriſto, e divertio depois a Corte molhando os expectadores com agua que tinha tomado na ſua tromba. A Panthera deſtra na caſſa eſtrangolou alguns animaes a que a ſoltaraõ. ElRei de Portugal quiz tambem dar aos Romanos o expectaculo do combate d'um Elefante, e hum Renocerente; porém o Renoceronte

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES, D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

naõ

——— naõ pôde chegar a Roma, e morreo sobre as Coſtas de Genova.

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

Em quanto todo o Mundo aplaudia eſte Pincipe afortunado, elle meſmo preparava o tumulo, onde devia ſepultar com Albuquerque o mais belo da ſua gloria, e da de ſua Naçaõ. Arrependeo-ſe he verdade, de lhe ter enviado hum ſucceſſor, e eſcreveo a Soares limitando ſeu Governo de Cochim a Malaca, e deixando o mais a Albuquerque, como ſe vé na carta deſte Princepe copiada nos Cómentarios d'eſte grande homem. Outros dizem que eſcreveo a Albuquerque pedindo-lhe, que eſcolheſſe huma praça nas Indias a ſeu goſto onde ſeria independente do Governador, com promeſſa, que tanto que Soares expiraſſe, lhedaria o Governo com o titulo e as honras de Vice-Rei. Porém o tiro eſtava dado, e o mal naõ tinha remedio. Chegado Soares a Cochim, fez o que algumas vezes fazem as peſſoas que entraõ em emprego por reſpeito de ſeus predeceſſores, a que naõ crem ſucceder, ſe os naõ deſtruirem á elles e as ſuas obras; em que ſaõ aprovados commumente pelos ſubalternos, que mudando de intereſſe como de objecto, ou naõ tem outro merecimento que

o

Ann. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES, D. ALBERGARIA GOVERNADOR.

o de fazer corte a hum que vem de novo, ou eclipsaõ o merecimento que tem pondo-se da parte dos insipidos Aduladores. Vizitou as praças, em tudo fez mudanças, meteo em differentes postos creaturas suas; cassou e perseguio todas as de Albuquerque, destruhio todas as suas idéias, tomou sistemas inteiramente contrarios, e aplicou-se particularmente a disgostar com máos modos D. Garcia de Noronha, a quem seu tio havia feito partir primeiro para Cochim, permitindo-lhe tornar para Portugal. Em huma palavra fez tudo de novo, julgando sem duvida que fazia bem. Porém logo conheceraõ a differença que havia d'homem a homem. Os inimigos dos Portuguezes cobraraõ animo, seus amigos esmoreceraõ, os Reis de Cananor, de Calicut, e Cochim, particularmente este ultimo, perderaõ com elle a confiança que tinhaõ em Albuquerque, a quem elles naõ sabiaõ recuzar nada. Os mesmos Portuguezes pareceraõ degenerar; e aquelles que até entaõ tinhaõ sido Heroes, naõ pareceraõ muito mais que Mercadores, ou Piratas. Naõ he isto porque Soares naõ tivesse seu merecimento, porém podia ter muito, e

ser

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei.

Lopo Soares, d'Albergaria Governador.

ser muito inferior a Albuquerque. As infelicidades, e disgraças que aconteceraõ á profia, fizeraõ conhecer bem o parallelo pelo seu contraste; a fortuna muitas vezes se interessa na reputaçaõ dos homens grandes, e elipsando de ordinario suas belas qualidades, ou fazendo brilhar as mediocres, segundo lhe agrada servilos bem ou mal. Por esta razaõ sempre differaõ que os grandes talentos naõ bastaõ só aos que governaõ; mas que he precizo tambem attender se saõ felices na escolha que fazem das pessoas.

Havia ja alguns annos que ameaçavaõ os Portuguezes com huma frota do Caliphe, porem todo o rumor que se divulgava, se desvanecia depois, e nada apparecia. Com effeito, fosse porque este Princepe tivesse muitos outros negocios, ou porque se desgostasse do infelis successo da sua primeira tentativa, parecia dormir sobre seus enteresses. Duas couzas o despertaraõ deste profundo sono. A primeira foi a industria de Emir-Hocem. A segunda o medo que lhe causou a frota Portugueza entrada no mar Roxo commandada por Albuquerque. Hocem sendo desbaratado por Almeida, naõ ousou mais tornar ao Cairo, com medo de pagar

gar com a cabeça as faltas da ſua má fortuna. Os Principes Muſulmanos naquelles tempos naõ perdoavaõ a ſeus Generaes infelices. Porém como eſte era hum antigo Cortezaõ, rezolveo congraçar-ſe com o ſeu Principe irritado, por algum ſerviço importante, que o podeſſe ajudar a entrar no ſeu valimento. Neſta idéa tendo conferido as ſuas viſtas com o Rei de Cambaia, e Melique-Jaz, recolheo os fragmentos da ſua armada, e ſe retirou para Gidda, ou Judda, como os Portuguezes a chamaõ. Eſta Cidade que eſtá ſituada ſobre a Coſta da Arabia a 21 gráo, e meio de Latitude do Norte, ainda que antiga, e muito bella pelos ſeus edificios, naõ tinha outro merecimento, que ſer frequentada pelos Perigrinos, que hiaõ a Meca, donde diſta huma jornada. O territorio he eſteril; a agua ahi ſe paga muito cara, porque vem de muito longe em beſtas de carga. Naõ tinha ella entaõ muros alguns, e eſtava ſujeita ás invazoẽs dos Beduains Arabes, que a infeſtavaõ com os ſeus roubos.

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Hocem determinado a ſe eſtabelecer alli, fez ſaber aos habitantes, para lhe captar a benevolencia, que queria ficar entre elles, para os defender

da

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

da pilhagem dos Arabes, que vinhaõ cativalos até ás ſuas cazas. Porém no meſmo tempo eſcreveo ao Calife outros motivos que elle ſabia dever ſugerir. „ Começava a ſua carta expon- „ do d'uma maneira dilicada a infe- „ licidade da ſua deſtruiçaõ, que at- „ tribuia aos peccados dos Muſulmanos, „ e á indignaçaõ do ſeu grande Pro- „ feta. D'ahi paſſando aos progreſſos „ extraordinarios, que os Portuguezes „ tinhaõ feito nas Indias, contra o „ esforço de todas as Potencias da „ Aſia, ſupunha que a ſua principal „ mira era aſſenhorearem-ſe do ſepul- „ cro de Mahomet, para conſeguirem „ dos Mahometanos os meſmos tribu- „ tos que elles meſmos lucravaõ do „ Santo Sepulcro, e dos Chriſtaõs que „ o viſitavaõ. „ Naõ ſe enganava em hum ſentido; porque he certo que Albuquerque zelozo contra o Alcoraõ quanto pode ſer, tinha ideado deſtruir Meca, e Medina, ſem lhe deixar pedra ſobre pedra; e deſpojalas dos thezouros que tem; e teria executado eſte projecto, ſe tiveſſe vivido. Elle o havia tentado no principio eſtando no mar Roxo, quando fez derrota por Guidda, porém os ventos o deſviaraõ. Iſto naõ lhe fez perder de viſ-

vista esta rezoluçaõ, que julgou poder effectuar quando fosse Senhor d'Ormuz, e de alguns outros postos no Golfo Persico, e no Yemen, donde pertendia enviar por terra gente determinada a tomalas n'uma volta de maõ. „ Hocem representava logo como „ hum meio efficaz de se oppor á em„ preza delles, a idéa que tinha de „ fortificar Gidda, que seguraria o Se„ pulcro de Mahomet contra as armas „ dos Christaõs, e faria tambem o Ca„ life Senhor do mar Roxo. „

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES, D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Aproveitou o artificio d'Hocem. Cativado o Califе por este zelo appatente de Religiaõ, e pelo enteresse pessoal que alli tinha, o soccorreo com gente, e dinheiro: ordenou-lhe que cercasse Gidda com muros, e nella fundasse huma boa Cidadella, a fim de conter os habitantes sujeitos; o que fez. Porém como o temor, que o Calife teve da frota de Albuquerque, e dos progressos deste Conquistador, fez ainda maior impressaõ, pençou seriamente a fazer huma nova frota para ás Indias. Fez o corte das madeiras em Asia, como na primeira vez. E ainda que o Balio Portuguez da Ordem de S. Joaõ de Jerusalem desbaratou tambem esta frota no Mediterraneo, e

me-

Ann. de J. C. 1515. D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

meteo feis navios no fundo, e tomou finco, falvou muita madeira de conftruçaõ, com que fez em Suez 27 embarcaçoẽs, galioẽs, galeras, fuftas, e gelvas, nas quaes trabalharaõ diligentiffimamente.

Na força defte trabalho Rais Solimaõ, Corfario celebre, chegou a Alexandria, para lhe offerecer feus ferviços. Era hum homem de nafcimento humilde, natural de Mytilere nas Ilhas do Archipelago. Tinha fido no principio pirata, e adquirido alguma reputaçaõ; porém as queixas que os Turcos mefmo fizeraõ contra elle á Porta, havendo-o feito incorrer na indignaçaõ defta Corte, veio cruzar nas Coftas d'Italia, e Sicilia, onde tendo feito prezas confideraveis fe pôz em eftado de fe fazer receber pelo Calife, com tanta mais eftimaçaõ, por fe aprezentar em melhor fortuna.

Com effeito Sultaõ Sampfon o recebeo como hum homem, que lhe era enviado do Ceo neftas circunftancias, e logo o nomeou General da frota, que tinha feito apparelhar em Suez. E lhe deo Hocem para Tenente General, com ordem de o hir tomar a Gidda, e de hirem juntos a Adem para

ta o tomarem, e se naõ o podessem conseguir, que fossem construir huma Fortaleza na Ilha de Camaraõ, onde sabia que os Portuguezes tinhaõ tentado fazer huma.

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Solimaõ executou a sua commissaõ com a maior fidelidade, e promptidaõ que lhe foi possivel, e foi aprezentar-se defronte d'Adem. O Rei d'Adem prevenido da chegada da frota Musulmana, e naõ podendo duvidar das más intençoẽs do Califa, com quem estava mal, tinha posto a Cidade em defença. Tinha tirado de Elach, e d'outras praças dos seus Estados, poderozos soccorros de tropas, e muniçoẽs, que havia enviado a Emir Amirjam para poder sustentar hum sitio. Solimaõ vendo o pouco cazo que fizeraõ da sua submissaõ, bateo a praça com furor, fez huma grande brecha, e tomando-a d'assalto, entrou na Cidade. Porém perdeo ahi tanta gente, que admirado d'uma taõ vigoroza resistencia, se retirou, e foi para Camaraõ para alli começar a Cidadella que tinha ordem de fundar.

A molesta vivenda desta Ilha, onde a fome, e a cede naõ podiaõ tardar em se fazerem sentir, junta a hum trabalho desagradavel, e opposto

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

ao ſeu genio activo, e atrevido, tendo-lhe deſagradado, deixou Hocem continuar a obra d'uma praça, de que o Calife lhe havia deſtinado o Governo, e paſſou com a melhor parte das tropas á terra firme, para hir ſenhorear a Cidade de Seibit, que tomou.

Neſte tempo chegou a noticia a Camaraõ, que o Calife tinha paſſado á Syria na teſta d'um poderozo exercito contra Selim Emperador dos Turcos, e que o tinha desbaratado junto d'Alep em batalha campal, e alli tinha perdido a vida. Poſto que diſto naõ houveſſe mais que hum rumor ſurdo, e incerto, Hocem que eſtava picado de lhe terem preferido Solimaõ no Commando General, diſto ſe ſervio para ſeduzir as tropas que tinha comſigo. Naõ faltáraõ razoẽs, nem meos para perſuadir a gente oprimida; de ſorte que todos d'acordo deixaraõ a Ilha, e ſe retiraraõ a Gidda. Solimaõ que diſſo foi logo ſabedor, para alli correo da ſua parte. Hocem lhe fechou as portas. Eſtavaõ para recorrer á força d'uma, e d'outra parte, quando Muphti de Meca tranſportado do zelo de Religiaõ, e horrorizado dos damnos que hia cauzar eſta guerra civil, acudio a Gidda, e terminou as differen-

ren-

renças dos dois compitidores. Hocem foi a victima desta falça paz, posto que della desconfiasse. Solimaõ se apoderou da sua pessoa com o pretexto de o enviar ao Califе para o sentencear, e o fez deitar secretamente no mar com huma pedra ao pescoço. Os rumores da morte de Sampsom, tende-se verificado depois, Solimaõ se declarou por Selim, e disto fez serviço para com o Sultaõ, que tendo no anno seguinte acabado de destruir o Imperio dos Mamelus, pagou a Solimaõ o que tinha feito, e reconheceo seus serviços.

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES, D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

ElRei D. Manoel, que tinha tido noticias certas dos novos preparos, que o Califе fazia em Suez para esta frota, de que acabo de fallar, havia tambem enviado novas ordens ao Governador, e poderozos reforços para hir combatela. Soares tinha sido instruido d'outra parte por D. Alexo de Menezes, que havia invernado em Ormuz, d'uma parte das coisas, que eu acabo de contar; de sorte que sem perder tempo, se meteo ao mar. A sua frota composta de 47 navios, era a mais bella, e a mais numeroza que os Portuguezes tinhaõ tido nestes mares. A escolha dos seus Capitaẽs era de gen-

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

te valeroza, e distincta; porém com tudo muito inferiores áquelles velhos Officiaes, que tinhaõ servido com Almeida, e com Albuquerque, e que o disgosto do novo Governo tinha obrigado a passar pela maior parte descontentes para Portugal com D. Garcia de Noronha.

Entrando no porto d'Adem, Soares salvou a Cidade com toda a sua artilheria, e com grande numero de instrumentos, e trombetas, que durou perto de duas horas. A Cidade naõ respondeo ás salvas, o que admirou o Governador, e começou a embaraçalo; porque elle naõ tinha vontade de attacar a praça. Pouco tempo depois se certificou, vendo vir hum escaler a seu bordo com huma bandeira branca em final de paz. A brecha que Solimaõ tinha feito, naõ tinha sido reparada. Amirjam em attençaõ á necessidade em que se achava, enviou tres pessoas das mais notaveis da Cidade para levarem as chaves ao Governador, dizendo-lhe.,, Que elle se re-,, conhecia por vassallo d'ElRei de Por-,, tugal, e deixava a Cidade á sua dis-,, cripçaõ: que haveria feito o mesmo,,, quando Albuquerque alli se aprezen-,, tou; se este General muito austero

naõ

„ naõ tiveſſe logo revoltado todos os
„ habitantes contra elle, e inſpirado
„ hum temor, que os obrigou a ſe po-
„ rem em defenſaõ. „

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Nunca houve occaſiaõ melhor para tomar Adem, e nella conſtruir huma Fortaleza: e até o ultimo moço da frota, naõ havia quem julgaſſe que naõ a deixariaõ eſcapar. Soares ſó penſou d'outro modo, e nem ſe dignou de convocar Conſelho ſobre a conjuctura prezente. Fez reſponder ao Emir, que elle rezervava a ſua boa vontade para á volta, que era obrigado a hir buſcar a frota do Sultaõ para a combater, que lhe pedia ſómente alguns Pilotos, e mantimentos que pagaria bem. O Emir naõ cabendo em ſi com goſto deſta repoſta, que nunca tinha ouſado eſperar, e eſperando ſó o feliz momento da partida deſta frota, fez quanto pôde para a apreſſar, enviando-lhe quanto lhe pediaõ, e iſto com muitas attençoẽs, que Soares cego tomou diſto accaſiaõ de ſe applaudir da enormidade do ſeu erro.

Levando ancora oito dias depois, fez derrota para o mar Roxo, e cuidou morrer no eſtreito, por querer andar de noite. Huma tempeſtade, que ſe levantou, maltratou muito a ſua fro-

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

——ta, e a pôz em grande perigo. Escapou della com a perda de hum dos seus navios, que estando taõ carregado das prezas, que tinha feito, foi ao fundo: digna recompença da avareza do Capitaõ, que teve a mesma sorte, que seus thesouros.

Depois d'outras muitas disgraças a frota se aprezentou defronte de Gidda. O medo intentou affugentar todos os habitantes. Solimaõ os assegurou. A prudencia do General Portuguez os tranquilizou ainda mais: he verdade que o porto era de dificil accesso, que só lhe podiaõ chegar por hum canal torcido, que estava fortificado com alguns reductos, e algumas batarias. Soares intentou empenhar-se alli. Em quanto elle perde o tempo em irrezoluçoẽs, Solimaõ, que conheceo que tinha negocio, lhe enviou propor hum dezafio só por só. Soares teve a prudencia de naõ aceitar. Seria bem, se tivesse ousado enprehender tomar a Cidade, e queimar a frota do Calife, como podia, e que todos os Officiaes, que bramiaõ de colera, e vergonha, o pediaõ; porém naõ tendo podido tomar isto sobre si, vendo-se insultado de todos os modos pelos inimigos, e naõ podendo rebater as in-

ju-

jurias dos ſeus, de que a maior parte morriaõ de cede, fez-ſe á vela para á Ilha de Camaraõ.

Ann. de J. C. 1516.

Experimentou lá novas anguſtias. Tendo fugido os habitantes, a penas pôde alcançar alguns viveres d'uma Ilha viſinha, onde alguns dos ſeus foraõ tomados por traiçaõ, e enviados a Solimaõ. Por falta de comodidades para acabar a Cidadella, que os Mameluz tinhaõ já bem adiantada, o General a deſtruio. A peſte, fome, cede faziaõ entre tanto furiozas deſtruiçoẽs na ſua gente, as tempeſtades tendo-lhe tambem feito perder alguns navios, e as naçoẽs das duas bordas do mar Roxo eſtando como conjuradas para lhe negarem toda a ſorte de ſoccorro, tornou a paſſar o eſtreito de Babelmandel, e foi cahir ſobre Zeila na Coſta d'Africa.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES, D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Eſta Cidade muito povoada, era toda aberta, e ſem defenſſaõ; porém como ahi tinhaõ em pouco o General, do qual ſabiaõ todos os deſaſtres, o deſprezo deo valor aos ſeus habitantes, que tendo feito ſahir mulheres, e as bocas inuteis, para as pôr em ſeguro no centro das terras, ſe armaraõ, e fizeraõ hum bom apparato ſobre a praia. A neceſſidade fez

com

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

com que se rezolvessem a desembarcar. Os inimigos se admiraraõ pouco, e reprehendendo aos Portuguezes a fraqueza que tinhaõ mostrado em Gidda, os insultavaõ, prometendo-lhes que elle lhes fária melhor acolhimento, do que lhes tinha feito Solimaõ. A vanguarda, e o corpo de batalha tinhaõ já posto pé em terra, e se impacientavaõ furiozamente das demoras do General, que conduzia a rectaguarda. O disgosto das suas dilaçoẽs por huma parte, e a injuria dos insultos dos inimigos pela outra, estimulando-o na sua obrigaçaõ, todos de acordo cahiraõ sobre estes habitantes bazofios, que mal sustentaraõ a apossa. Apenas fizeraõ alguma resisten cia. Ganharaõ-lhes a Cidade, entraraõ por huma porta, e sahiraõ pela outra, antes que o General, que procedia com muito vagar, tivesse desembarcado. Fosse zombaria ou naõ, Simaõ d'Andrade lhe enviou dizer, que se apressa-se, que podia vir com toda a confiança, e naõ acharia quem lhe fizesse cara. O cumprimento naõ agradou muito a Soares, e mostrou-se muito picado, que lhe tirassem a gloria que devia ganhar nesta acçaõ.

A Cidade foi saqueada tomaraõ

alli

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES, D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

alli algumas provizoẽs, mas poucas. O Governador fez lançar fogo a todo o resto, esperando prover-se abundantemente de tudo em Adem, a onde tornou cheio d'aquella confiança com que tinha partido. Porém naõ era já tempo: o habil Amirjam tinha-se aproveitado do seu erro, e tinha-se fortificado o melhor que pôde. As brechas estavaõ reparadas, as muralhas guarnecidas d'artelharia, e a Cidade cheia de boa soldadesca prestes a defendela bem. Assim naõ tendo mais nada que temer d'um homem, que tinha logo perdido toda a sua estimaçaõ, e que no estado em que se aprezentava, era mais capaz de excitar a compaixaõ, que ao terror, negoulhe até esta mesma compaixaõ, naõ quiz consentir que o fornecessem de viveres, e apenas permitio, que podesse fazer aguada, que lha fez pagar muito cara. Nesta extremidade, Soares confuzo, e redusido a huma especie de desesperaçaõ voltou sobre a Costa d'Africa para á Cidade de Borbora; porém encontrando calmas, se vio obrigado pelo primeiro vento a ganhar Ormuz, e de lá as Indias, tendo perdido tambem na derrota huma parte da sua frota, que as tempesta-

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

peſtades deſtroçaraõ, ſem ter recolhido d'um armamento taõ formidavel outro fructo, mais que a injuria de naõ ter abſolutamente executado nada do que ElRei lhe havia ordenado, e ter perdido por ſua culpa duas das melhores occazioens, que a fortuna lhe poude aprezentar.

Quaſi ſempre huma infelicidade he ſeguida d'outra. Em quanto *Soares* eſtava occupado da ſua triſte expediçaõ, penſou Goa tornar ao ſeu primeiro Senhor pela falta do ſeu Governador, D. Gutierres de Monrroi, homem de qualidades, e proximo parente do General, com quem tinha vindo ás Indias provido por ElRei do Governo deſta praça. Exaqui a occaziaõ. Fernando Caldeira que tinha ſido pagem de Albuquerque, ſe havia eſtabelecido em Goa com a protecçaõ deſte General, e ahi eſtava cazado. Foi pouco depois accuzado á Corte de ter ſido traidor, naõ poupando amigos nem inimigos, e foi tranſportado a Portugal carregado de ferros. Como era homem de juizo, defendeoſe tambem, que foi abſoluto, e reſtituido com honra. Tornou a paſſar com *Soares*, e ſe embarcou no navio que commandava Monrroi. Eſtando eſ-

te

te em Goa tinha galanteado a mulher de Caldeira, e na derrota, foſſe porque Caldeira alli deſcubriſſe entaõ alguma coiſa, ou que a lembrança do paſſado fizeſſe naſcer idéas deſagradaveis, tiveraõ razoẽs taõ fortes, que Caldeira deixando a frota em Moçambique, paſſou a Goa noutra pequena embarcaçaõ. Tendo chegado alli, e tendo tido novas luzes ſobre as ſuas ſuſpeitas, cortou a cara, e as couchas a Henrique de Toro, que tinha ſido o medianeiro das intrigas de Monrroi. Deſconfiando depois da paixaõ, e da vingança deſte, n'uma praça onde elle era o Governador, e vendo-ſe d'outra parte ſem protecçaõ pela morte d'Albuquerque, retirou-ſe a Pondá, praça do Idalcaõ, e conduzio ſua mulher, e todos os ſeus bens. Ancoſtan, que alli governava pelo Idalcaõ, ſabendo que elle era valente, o recebeo com goſto, e travou amizade logo com elle.

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES, D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

D. Gutierres obrigado pelo ſeu amor, e dezejo de ſe vingar, irritou-ſe muito com a retirada de Caldeira, e por diverſos correios naõ ceſſava de ſolicitar Ancoſtan para lhe remeter eſte dezertor, para o caſtigar. Ancoſtan que tinha probidade, naõ quiz nunca attender ás ſuas propoſiçoẽs, e ſe offen-

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

fendeo de que o quizessem obrigar a violar o direito da hospitalidade, e d'azilo, o qual devia ser inviolavel nas terras de seu Senhor. Naõ aproveitando estas negociaçoẽs, Monrroi sobornou hum Portugues chamado Joaõ Gomes para assassinar Caldeira. Gomes aceitou a commissaõ, e foi estabelecer-se a Pondá. Caldeira que o conhecia o recebeo c'os braços abertos, deo-lhe hum quarto da sua caza, introduzio-o com Ancostan, e lhe conseguio o seu agrado. Alguns dias depois montando Ancostan a cavallo, e hindo passear com elles fóra da Cidade, fingio Gomes ter que fallar em particular com Caldeira; e o apartou hum pouco, e mata-o á vista mesmo d'Ancostan, e em despique dos dois. Ancostan irritado, mandou-lhe no alcance, e sem outra fórma de processo, lhe cortou a cabeça, logo que lho aprezentaraõ.

Mais irritado ainda contra Ancostan, do que tinha sido contra Caldeira, Monrroi sentia ainda hum dezejo mais violento de se vingar, e naõ o podendo fazer com honra, quiz executalo por huma traiçaõ. A fim de melhor emcubrir o seu designio com as apparencias d'um simplez divertimento,

to, preparou-se para dar humas cavalhadas, canas, e outros espectaculos pela Festa de Pentecostes. Para o que convidou toda a mocidade da Cidade, e dos suburbios, assim Portuguezes como Mouros, e Gentios, e com este pretexto, exercitou por muito tempo a sua cavallaria a fazer diversos movimentos.

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOGO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

No dia mesmo de Pentecostes sobre a tarde, sem dizer nada do seu projecto, tomou 80 cavallos, 70 arcabuzeiros Portuguezes, e perto de quinhentos, ou seiscentos Malabares, que conduzio até ao Paço de Benastarim, onde chegaraõ á entrada da noite. Tendo-lhe lá declarado os seus intentos, achou alguma difficuldade nas pessoas de probidade, aos quaes esta trahiçaõ naõ agradou; porém tendo entreposto a auctoridade d'ElRei, pretextando-a com o bem do serviço, os fez partir na mesma noite para Pondá, depois de haver empenhado Joaõ Machado, para deixar o governo do partido a seu irmaõ D. Fernando de Monrroi. Machado mais experimentado do que este, lhe aconselhou, que segurasse hum desfiladeiro para assegurar a sua retirada; o que elle fez. Porém D. Fernando naõ foi taõ docil ao conse-

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

selho, que lhe deo de fazer o attaque da noite, era quando todos estavaõ sepultados no sono. Quiz esperar o dia claro, o que tendo-o feito descubrir, Ancostan passou para á outra parte do rio com as suas tropas, e a maior parte dos moradores, com que fez hum corpo. Os Portuguezes tendo entrado em Pondá alli passaraõ á espada tudo o que acharaõ; porém o seu Commandante perdendo a esperança de destruir o batalhaõ quadrado, que estava d'além da ponte, e conhecendo o erro que tinha cometido, mandou dizer a Machado, que se retirasse com a sua infantaria, e que elle hia fazer o mesmo com a cavallaria, com a qual elle o defenderia.

Ancostan, tomando esta retirada como huma fugida, passa a ponte: dá sobre D. Fernando, e faz chover sobre elle huma taõ grande quantidade de flexas, que o pôz em desordem, e o fez cahir sobre a sua Infantaria, que foi ainda mais perturbada, e se pôz em derrota. Peior foi ainda quando chegaraõ ao desfiladeiro: aquelles que o deviaõ guardar, tendo-o abandonado para terem parte no saque da Cidade de Pondá, naõ deixou Ancostan de o occupar; e aproveitando-

se

se da vantagem do lugar, metco os fugitivos em hum taõ grande aperto, que naõ foi mais que huma carniceria. Machado, para dar lugar a D. Fernando de se escapar, fez-se firme por algum tempo, e mataraõ-no depois de ter feito prodigios de valor, para naõ cahir nas maõs dos inimigos. Se elles tivessem querido, quasi ninguem escaparia deste partido. Com tudo tiveraõ lugar de se lisongearem: ficaraõ sincoenta Portuguezes na praça; houveraõ 27 prezos, e mais de cem Indios mortos, ou prizioneiros. D. Fernando de Monrroi salvando-se com trabalho, e com muito pouco sequito, chegou a Benastarim, onde D. Guttieres o esperava, soccegado seu espirito do gosto da vingança, que julgou tomar de Ancostan, e naõ attendendo a nada menos, que á sahida d'um taõ triste acontecimento.

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares, d'Albergaria Governador.

Aconteceo mais. Ancostam soberbo da sua victoria, e indignado desta complicaçaõ de perfidias d'um só homem, despachou logo para o Idalcaõ, a lhe dar conta do que se tinha passado, despertando-lhe a esperança de se fazer Senhor de Goa, que a infracçaõ da paz lhe dava direito de attacar, e que estando bem debilita-

da

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

da pela perda que acabava de experimentar, cheia de trifteza, e medo, faria taõ pouca refiftencia, que naõ eftando aparelhada para fufter hum fitio, naõ poderia fer foccorrida, por eftarem na entrada do inverno. O Idalcaõ tinha feito huma tregoa com o Rei de Narfinga. Aproveitou-fe da conjuntura, e fez partir Sufolarim com finco mil cavallos, e vinte e feis mil homens de pé. Sendo ifto junto a Ancoftan, occupou todos os portos da terra firme. Na verdade naõ pôde chegar a entrar na Ilha; porém fechou-lhe tambem todas as paffagens, que Goa apertada pela fome eftava na precizaõ de fe render, a naõ ferem os foccorros que lhe trouxeraõ Joaõ da Silveira, que tinha invernado em Quiloa, Rafael Pereftrello que voltava de Malaca, e Antonio de Saldanha que vinha efte anno de Portugal com huma efquadra de feis navios. Que crimes naõ comete hum homem empregado que naõ teme fer punido! E quam dignos de compaixaõ faõ os Reis, fe os naõ conhecem, ou fe naõ tem força para os caftigar.

A avareza, e a concorrencia de dois competidores, pozeraõ Malaca nos mefmos rifcos em que Goa fe tinha

vifto

visto reduzida por hum louco amor. Jorge de Brito, que succedeo a Jorge d'Albuquerque em lugar de soccegar os animos, que o supplicio do Rei de Campar havia alli cauzado, naõ fez mais que irritalos pela sua indiscriçaõ. A Corte mal informada lhe hia dando ordens, que Jorge d'Albuquerque lhe aconselhou que naõ seguisse, prevendo os inconvenientes que lhe aconteceriaõ. Estas ordens pretenciaõ aos *Ambarages*, e *Ballates*, que se chamavaõ os escravos do Rei. Esta gente era sustentada pelo Fisco. Eraõ só obrigados a certos trabalhos; fora disso os deixavaõ viver em paz com as suas familias, com suas mulheres, e filhos. Brito seguindo as suas instrucçoens, lhes diminuio os soldos, e os fez verdadeiramente escravos, repartindo-os entre os Portuguezes. No mesmo tempo intentou meter Portuguezes em todos os Juncos, e navios que abordavaõ á Malaca, para fazerem commercio. Estes odiozos disignios dictados por huma insaciavel cubiça, e contra todas as regras da prudencia, reduziraõ a Cidade a huma total solidaõ, e a fez padecer muito. Em vaõ quiz Brito corregir o que tinha feito, naõ o pôde conseguir, e neste disgosto morreo.

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Sua

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

Sua morte foi seguida d'uma calamidadade para esta pobre Cidade. Estando para morrer nomeou Nuno Vaz Pereira, para governar em seu lugar. Pereira se tinha apoderado da Cidadella, onde se conservava em virtude desta nomeaçaõ, e tambem das ordens da Corte. Antonio Pacheco, que era Capitaõ do Porto, e General do mar nestas paragens, pretendeo que lhe pertencesse o governo, e se valeo da ordem que o grande Albuquerque tinha estabelicido, substituindo Fernando Peres d'Andrade a Rui de Brito Patalim, supposto que este faltasse sobre isto, os Portuguezes se dividiraõ em duas facçoẽs. Pacheco, que queria evitar as occasioẽs das vias de facto, se retirou com a sua frota para huma pequena Ilha visinha. Hum dia, que Pacheco tinha vindo a Malaca para ouvir Missa, bem acompanhado, Pereira appareceo ao postigo da Fortaleza, chamou-o, e mostrou querer entrar em ajuste por via de louvados. Pacheco subio na boa fé, e foi apanhado com alguns dos seus partidistas. Esta violencia acendeo os animos, e augmentou o fogo da divizaõ. O Rei de Bintam aproveitou-se della. Fez avançar hum corpo de

de tropas hum Raja, que estava a seu serviço, chamado Cerebige, que tinha adquirido muita reputaçaõ entre os seus. Este veio acampar-se a sinco legoas de Malaca na entrada do Rio Muar. Fortificou-se de modo alli, que naõ poderaõ lança-lo fóra. Dahi fazendo corsos por mar e terra, incommodou de modo a Cidade, que nenhum navio ousava apparecer; o que com o tempo teria abatido esta praça, se huma Providencia particular naõ tivesse velado sobre os Portuguezes, d'alguma sorte, a pezar delles mesmos.

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares, d'Albergaria Governador.

A conducta destes naõ era melhor por todo a parte; como se a morte d'Albuquerque tivesse espalhado entre elles hum espirito de loucura, e que se ajustassem para trabalharem em se destruirem: de sorte que encorrendo ao mesmo tempo no desprezo, e indignaçaõ dos Gentios, e Mouros; pareciaõ que lhes inspiravaõ valor, para se sublevarem contra elles. Em Baticala houveraõ 27 mortos em hum levantamento. Em Cochim outros sinco, que tinhaõ hido á caça na terra firme, tiveraõ a mesma sorte. Pouco faltou que naõ assacinaissem em Coulaõ todos os que ali se achavaõ. Heytor

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

Rodrigues, que ahi tinha ſido enviado, para procurar a licença para ſe conſtruir huma Cidadella, evitou o golpe pelas ordens ſeveras que deo para ninguem ſahir, e de eſtarem ſempre acautelados. Quinze fuſtas de Melique Jaz correraõ ſobre Joaõ de Monrroi, que cruzava ſobre as Coſtas de Cambaia. Hum Portuguez arrenegado conduzia a empreza, e lhes fez naſcer a eſperança de o tomarem: a vontade naõ lhes faltou; porém Monrroi os desbaratou. Contraverteraõ, em odio a Albuquerque, as principaes condiçoés do tratado, pelo qual o Rei das Maldivas ſe havia feito vaſſallo d'ElRei de Portugal, e alienaraõ o eſpirito deſte Principe. Finalmente os Reis de Pegu, e de Bengala por ſi meſmos ſe retiraraõ da aliança dos Portuguezes.

Era tempo que o Governador General voltaſſe da ſua expediçaõ para remediar todos eſtes males, e foi logo a que ſe applicou. He verdade que quando chegou teve alguns diſgoſtos, que fizeraõ huma diverſaõ no ſeu eſpirito. A Corte quartava, e limitava a ſua auctoridade. Porque além de nomear todos os Governos, que eſtavaõ antes no arbitrio do General,

en-

envio tambem Fernando d'Alcaçova por Intendente da fazenda e direitos d'ElRei, e tinha dado huma comissaõ particular a Antonio de Saldanha, para cruzar sobre toda a costa da Arabia, com poderes muito amplos, assignando-lhe hum consideravel numero de navios. Soares teve disto muito disgosto. Porém depois, como hum Governador Geral se reconhece ter sempre a principal auctoridade na maõ, e que nesta distancia naõ faltaõ pretestos, nem cores para interpretar, ou suspender as ordens da Corte, Soares tanto fez, assim por si, como pelos seus, que disgostozo Alcaçova, tornou para Portugal neste mesmo anno com os navios de transporte. As queixas que fez produziraõ seu effeito, e se fizeraõ sentir a seus adversarios no seu retorno. Porque d'entaõ se estabeleceo o costume de mandar citar os Governadores perante o Tribunal da Fazenda Real para alli darem conta. Naõ deixou com tudo de achar meios occultos para escapar depois ao rigor deste Tribunal. No que respeita a Antonio de Saldanha, foi obrigado a contentar-se com huma esquadra mediocre, com a qual naõ fez outra cousa mais, que tratar a Cidade de Bor-

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

bora do mesmo modo que tinha sido a de Zeila.

Soares despachou depois D. Aleixo de Menezes para Malaca, a quem deo tres navios, com ordens d'ahi estabelecer Governador Affonso Lopes da Costa, e Duarte de Mello em General do mar, e de fazer passar Duarte Coelho a Siam, a fim d'ahi renovár a aliança com o Rei, e obrigar este Principe a mandar seus navios a Malaca, para animar o commercio desta Cidade. Enviou tambem Manoel de Lacerda a Diu, D. Tristaõ de Menezes ás Molucas, e D. Joaõ da Silveira ás Maldivas, donde devia passar a Bengala, e de lá tornar á Ilha de Ceilaõ, sobre a qual o Governador tinha intentos.

D. Aleixo de Menezes satisfes bem a sua commissaõ. Nuno Vaz Pereira era morto, e tinhaõ-se alevantado dois novos Competidores, mais assiduos ainda do que os primeiros; de sorte que d'ambas as partes era precizo estar prevenido: tanto, que o Rei de Bintam aproveitando-se destas discordias, tinha formado hum novo campo sobre o rio Muar, para aproveitar o de Cerebige, e infestava de modo Malaca, que a tinha como sitiada.

Me-

Menezes teve trabalho para tranquilizar os Portuguezes. Naõ era efte o tempo de punir os culpados, contentou-fe de foltar Pacheco, e os outros prezioneiros, e de ordenar a huns, e outros, que efqueceffem as injurias paffadas. Coelho, que Menezes envio a Siam, fegundo as ordens que ahi havia executar, confeguio perfeitamente a fua negociaçaõ, e na fua retirada foi devedor a huma tempeftade, d'outra boa fortuna que naõ procurava. Porque fendo deitado fobre as terras do Rei de Pam, genro de Mahmud Rei de Bintam, que eftava mal com feu fogro, efte Principe recebeo Coelho com todas as demonftraçoẽs poffiveis d'amizade, e fe fez vaffallo de Portugal, obrigando-fe a pagar hum vazo d'oiro d'um certo pezo por tributo annual.

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Fernam Peres d'Andrade tendo chegado entretanto das partes da China, onde tinha fido enviado, como diremos noutro lugar, Malaca fe achou hum pouco aliviada, e o Rei de Bintam muito deftruido. Porém efte Principe recorrendo a feus artificios ordinarios, moftrou querer paz, e fez propofiçoẽs, de que fe naõ queria fervir fe naõ para entreter, fabendo bem que

An-

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Andrade, e Menezes naõ fariaõ longa residencia em Malaca. Com effeito estes dois Officiaes, que ardiaõ em dezejos de voltar para Portugal, quizeraõ a penas começar huma negociaçaõ, de que deviaõ mandar a concluzaõ ao Governador, e partiraõ o mais prestes que poderaõ, trazendo comsigo quasi todas as forças de Malaca.

Entaõ o Rei de Bintam tirando a mascara, appareceo diante da Cidade taõ innopinadamente, que Costa, que esperava a concluzaõ da paz, cuidou que o tomavaõ com a praça nos primeiros momentos do assalto. A frota inimiga composta de 85 embarcaçoẽs das chamadas *Lancharas*, e *Calaluzes*, appareceo primeiramente no porto, e lançou fogo a dois navios mercantes, e a huma galera, que naõ poderaõ soccorrer, por cauza de estar na baixa mar. Havia em Malaca só 70 Portuguezes, a maior parte doentes. O medo lhes fez passar a febre. Todos se armaraõ para correr ao porto; porém no tempo que para ahi correraõ, o exercito do Rei de Bintam appareceo da outra parte. Foi huma especie de milagre, que neste momento de perturbaçaõ naõ fosse a Cidade tomada. Mas a pezar da desordem insepa-

ſeparavel deſtes attaques innopinados, Indios, e Portuguezes, fizeraõ tambem o ſeu dever, que o Rei de Bintam, tendo-ſe enregelado perto de 20 dias diante da praça, foi obrigado a retirar-ſe para o ſeu campo de Muar, limitando-ſe, como d'antes, a evitar os viveres aos ſitiados.

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Por eſte meio pode ſer tiveſſe conſeguido fazer cahir a Cidade, ſem huma acçaõ, que d'um hoſpede lhe fez hum inimigo, do qual recebeo depois hum damno, que lhe fez perder hum dos ſeus dois campos. Tinha tomado hum Java homem rico, e poderozo, que vinha eſtabelecer-ſe em Malaca com toda a ſua familia, eſte Java tinha huma mulher muito bella, de que o Rei ſe apaixonou, e foi correſpondido. O Java ſe eſtimulou logo da affronta que lhe era feita, e cheio de dezejo de ſe vingar, paſſa ſecretamente a Malaca, poem-ſe á teſta d'um corpo de Portuguezes, ſuſtentado da parte do mar por Duarte de Mello, attaca o primeiro campo de Mahmud, e o tomou; infeliz comtudo na ſua vingança porque alli foi morto.

D. Joaõ da Silveira foi feliz na ſua viagem ás Maldivas. O Governador

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

dor o dezejava com paixaõ, para o que tinha muitos motivos. Estas Ilhas compoem hum Archipelago de fronte da peninsula da India á quem do Ganges, quasi a 70 legoas da Costa do Malabar. Os Arabes as contaõ por milheiros, a maior parte de pouca extençaõ, e separadas humas das outras por canaes muito pequenos. Tem-nas repartido em treze partes, que os Indios chamaõ *Atollons*, e que se dividem por muis largos braços de mar. Todos se persuadem, que ellas fizeraõ n'outro tempo, com a Ilha de Ceilaõ, parte do continente, e que foraõ separadas por alguma violenta revoluçaõ succedida na terra. O que poderia favorecer esta opiniaõ he, que se vé ainda no mar grande numero de coqueiros. Os fructos que as tempestades arrancaõ, e que vem á supreficie d'agua, saõ muito procurados, e se vendem bem, porque os estimaõ como hum antidoto taõ efficaz, como o bezoartico. Os coqueiros que cressem nas Indias, saõ a maior riqueza do paiz. He de todas as arvores a que tem mais uzos, assim como os antigos escreveraõ do Lotos, e da planta Papyros. O principal de todos he, que fornece o *Cai-*

ro,

ro, dandolhe materia para ás cordas. Ella consiste nos fios que se achaõ entre a primeira casca, e o craneo, ou corpo lignozo do coco. Esta materia he taõ abundante, que tem para fornecer com factura a Asia, e Africa, e para dar parte á Europa. O paiz produz além disto diversas qualidades de fructos. Tem minas d'oiro, e prata, pedras preciozas, conchas que servem de pequena moeda nas Indias. Acha-se tambem quantidade de Ambar de toda a especie nas Costas. Estas Ilhas reconheciaõ hum Soberano, o qual fazia a sua residencia em Mâle, Capital, que dá o nome a todas as outras.

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Quando os Mouros negociantes das Indias se viraõ expostos aos corsos dos Portuguezes, que pertenderaõ logo ser os unicos Senhores do mar, abandonaraõ as Costas, e tomando mais ao largo, a fim de lhes escaparem, faziaõ derrota pelas Maldivas, e de lá hiaõ carregar á Malaca, á Sumatra, nas outras Ilhas da Sunda, e em todas as paragens onde os Portuguezes naõ estavaõ ainda estabelicidos. D. Francisco d'Almeida sendo disto instruido, enviou D. Lourenço seu filho para descobrir estas Ilhas, com

ordem

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

ordem de cruzar ſobre eſta paragem. Aſſim D. Lourenço d'Almeida foi o primeiro dos Portuguezes que ahi foi: com tudo poſto que alguns Autores affirmaõ, que elle ahi naõ abordou, e ou foſſe por ſe deſviar, ou por que os ventos lhe foſſem contrarios, deſcobrio ſó a Ilha de Coilaõ, de que tomou poſſe em nome d'ElRei de Portugal, tendo ancorado no porto de Galla, e feito hum tratado d'aliança com o Rei.

O que reinava entaõ nas Maldivas, tinha hum competidor, que poſſuia algumas deſtas Ilhas, e tomava tambem o titulo de Rei. Era eſte hum Mouro de Cambaia chamado Mamale, eſtabelecido no Malabar, e amigo dos Portuguezes. Foi eſte o motivo que chegou ſeu Competidor a procurar a aliança deſtes, e voluntatariamente ſe fez tributario da Coroa de Portugal, com a condiçaõ que obrigaria Mamale a renunciar ás ſuas pretençoẽs. Mamale o fez em conſideraçaõ a Albuquerque; porém os inimigos deſte grande homem, tendo zombado da ſua condeſcendencia, quiz tornar entrar nos ſeus direitos, apoyado meſmo pelos Portuguezes, o que deſgoſtou muito o Rei das Maldivas.

Com

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares, d'Albergaria Governador.

Com tudo ſobre as inſtrucçoēs, que Albuquerque tinha dado a Coſta, deſtas Ilhas, e das vantagens que d'ellas poderia tirar ElRei, D. Manoel deo ordem a Soares que dirigiſſe o animo deſte Principe, e formaſſe hum eſtabelicimento ſolido nos ſeus Eſtados. Em conſequencia deſtas ordens he, que Soares tinha deſpachado Silveira. Como eſte tinha em ſuas inſtrucçoēs ordem para prometer ao Rei toda a ſatisfaçaō, que podeſſe dezejar, obteve tambem quanto quiz.

Era no meſmo tempo ordenado a Silveira, que deſſe caça aos navios que tomavaō eſta derrota do largo, e principalmente a hum Mouro Guzarate chamado Alle-Cam, que tinha ſete embarcaçoēs a remos, com as quaes devia comboyar ſeis navios de Cambaia, e impedir que naō trouxeſſem ás feitorias Portuguezas o *Cairo*, ou eſta materia para cordas que ſe carrega nas Maldivas. Silveira bem deo caça a Ale-Cam; porém eſte, que conhecia perfeitamente o laberinto de todas eſtas Ilhas, lhe eſcapou ſempre, canſou-lhe a paciencia, e o obrigou a hir-ſe ſem ter feito outra coiſa, que tomar dois navios, que vinhaō de Bengala, e que envio a Cochim.

A

Ann. de J. C. 1517.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

A preza deſtes dois navios, foi cauza de ſer taõ mal ſuccedido no Reino de Bengala, como o tinha ſido bem na Corte do Rei das Maldivas. Os navios que Silveira tinha tomado pertenciaõ ao cunhado do Governador de Chatigan, Cidade do Reino de Bengala, onde Silveira foi ancorar. Hum moço deſtes navios a penas pôz pé em terra, declarou ſer Silveira quem os tinha tomado, e que elle, e todos os da ſua cometiva eraõ ladroens, e velhacos. O que mais certificou eſta opiniaõ, foi a maneira com que Silveira ſe compórtou a reſpeito de Joaõ Coelho, que Fernam Peres d'Andrade enviara á Coſta de Bengala em nome d'ElRei de Portugal, de quem paſſava por Embaixador. Porque tendo Coelho inocentemente hido a bordo do navio de Silveira, eſte, que queria ter a honra d'eſta Embaixada, reteve Coelho prizioneiro. O Governador de Chatigan que amava Coelho, e que naõ podia duvidar, que elle naõ tiveſſe hido lá em nome d'ElRei de Portugal, naõ pôde deixar de concluir deſta detençaõ, de que era com effeito hum pirata, Portuguez na verdade, mas que o medo de ſer punido por algum

cri-

crime pelo Governador General, o havia obrigado a tomar eſte expediente; de ſorte que tendo toda a Cidade ſublevado contra elle, teve muito que ſofrer, aſſim pela fome, como por cauza dos moradores, por todo o inverno, que foi obrigado a paſſar neſta enſeada. Coelho, dando-ſe-lhe a liberdade, ordenou hum pouco os ſeus negocios, mas o odio que tinhaõ áquelle, fez com que lhe urdiſſem huma traiçaõ, em que fizeraõ entrar o Rei d'Arracan. Silveira lhe eſcapou feliſmente. Com tudo vendo o pouco que adiantava, e perdia o ſeu tempo, partio para ſe hir ajuntar com o General na Ilha de Ceilaõ, onde devia eſtar occupado a conſtruir huma Cidadella, cujo Governo tinha Soares promitido dar a Silveira.

ANN. de J. C. 1517.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Ceilaõ era hum grande objecto para os Portuguezes: e Coſta tinha tambem dado as ordens prefixas ao Governador para ahi ſe eſtabelecer, e fundar huma Fortaleza. A Ilha que he d'uma fórma quaſi oval, e colocada defronte do Cabo Comorim para a ponta da Peninſula d'aquem do Ganges, tem quaſi 70 legoas de comprido, e perto de 50 de largo. Parece que a natureza a fizera para recreio,

e el-

ANN. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

e ella ainda hoje conserva com que autorizar a opiniaõ dos seus moradores, que crem, que lá era o Paraizo terrestre. O seu ar he muito saõ, e a terra por extremo fertil. As arvores de canella difundem hum cheiro dos mais suaes, que se sente bem longe no mar, e a annuncia antes que a vejaõ. As arvores de que a tiraõ, as larangeiras, e cidreiras formaõ bosques espessos, e preciozos, sem precizarem de cultura. Tem muitas pedras preciozas. Tem minas d'oiro, prata, e outros metaes. Pescaõ sobre as suas costas muito bellas perolas. Os Elefantes saõ mais fermozos, e mais doceis, do que em nenhuma outra parte das Indias. Os Ilheos professaõ pela maior parte a Religiaõ antiga do paiz, tal como lha ensinaõ os Brachmanes. Tem particularmente huma pura veneraçaõ a hum monte, que se eleva no meio da Ilha, que os Portuguezes chamaraõ *Pico d'Adam*. Vesse sobre o seu cume huma ou duas pegadas, que os Ilheos dizem ser dos pés do primeiro homem. Pretendem, que lá he que elle foi creado, e que foi sepultado com sua espoza, sob duas pedras sepulchraes, que ainda alli se descobrem, pelo que referem al-

alguns Autores. Posto que este monte seja extraordinariamente escarpado, e que se naõ suba sem atravessarem horrorozos precipicios, e continuos perigos de morte, os devotos do paiz, e principalmente os Jogues por elle fazem frequentes perigrinaçoẽs, para satisfazerem á sua devoçaõ. A Ilha era dividida em nove Reinos, de que o principal era o de Colombo, onde o General tinha ordem de hir.

ANN. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Soares tinha invernado em Cochim, para fazer os preparos da sua expediçaõ, no que trabalhou com muito mais ardor, por ter sabido, que lhe enviavaõ hum successor, intentou que a sua vinda o naõ surpreendesse, e lhe arrebatasse huma pequena gloria, de que tinha muita precizaõ, para reparar hum pouco suas disgraças passadas. Partio em fim perto do meado de Setembro com huma frota de 17 navios, sete para oito centos Portuguezes, muitos Naires de Cochim, e algumas tropas Malabares. Com brevidade chegou á vista de Coilaõ, e aportou á Galle, onde os ventos contrarios o demoraraõ quasi hum mez. Donde fazendo-se á vela para Colombo, na estrada vio huma pequena bacha que formava hum belissimo porto,

Ann. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

to, na qual se lançava hum rio que vinha das terras. Demorou-se alli, rezoluto a edificar a Fortaleza neste sitio. Despachou logo para o Rei a pedir-lhe licença. Este Principe assás antevia os inconvenientes desta petiçaõ, que foi bem combatida no seu Conselho. Porém reflectindo nas vantagens que o Rei de Cochim tinha tirado da sua alliança com os Portuguezes, pelo meio dos quaes estava rico, e poderozo de muito pequeno Principe que era, captivado além disso pelos prezentes, e boas palavras do Enviado do Governador, concedeo tudo com a melhor graça do mundo. Porém os Mouros estrangeiros, que se achavaõ nos seus portos, tendo trabalhado para fazerem mudar esta rezoluçaõ, naõ sómente o Rei se retractou; mas fez ainda tanta diligencia para se pôr em defeza, que Soares achou no outro dia huma especie de entrincheiramento feito no lugar onde queria fundar, e battarias preparadas que começaraõ a atirar-lhe.

Menos admirado, que indignado da ligeireza do Principe, que lhe faltava á palavra, naõ duvidou de o attacar, e depois de alguma resistencia forçou o entrincheiramento onde perdeo

deo alguns dos ſeus, e entre outros Veriſſimo Pacheco. Porém a perda dos inimigos foi mais conſideravel. Determinado a edificar a ſua Fortaleza com beneplacito, ou ſem elle, o Governador fez abrir hum foſſo ſobre huma das pontas da Bahia, e levantou daquem hum muro de pedra para cobrir os gaſtadores. O Rei vendo o muro levantado, e deſcorſoado pela primeira deſgraça, enviou a dar deſculpas, e requerer que ſe ſeguraſſe a negociaçaõ. Soares conſentio niſſo; porém acrecentou que era juſto, que em caſtigo da traiçaõ que lhe tinha feito, ſe fizeſſe vaſſallo da Coroa de Portugal, e pagaſſe hum tributo annual, d'huma certa quantidade de Canela, de Elephantes, e de pedras preciozas encravadas em ſeus aneis. Em tudo conſentio: a Cidadella ſe fez com huma grande diligencia, fornecendo o Rei os Officiaes, e os materiaes. Soares tendo dado o Governo a Silveira, e deixando Antonio de Miranda para commandar neſta paragem, tornou a partir para Cochim, onde achando Diogo Lopes de Siqueira ſeu ſucceſſor, lhe entregou o Governo da Indias, e ſe fez á vela para Portugal, onde chegou em Ja-

ANN. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1518.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

neiro de 1519 mais rico dos bens que trazia do novo Mundo, que de gloria que ahi tivesse adquirido.

Diogo Lopes de Siqueira que succedeo a Soares, naõ tendo melhor fortuna do que elle, naõ teve tambem nada em que o reprehender. Proveo logo nos differentes governos, segundo as ordens que tinha da Corte, expedio os navios de carga para o Reino, e repartio os que deviaõ ficar na India, segundo o para que os distinava. Antonio de Saldanha teve ordem de hir crusar sobre as Costas da Arabia, em quanto o General se preparava a hir lá reparar as faltas de seu predecessor. Christovaõ de Sá, e Christovaõ de Souza com suas esquadras deviaõ vigiar sobre as Costas de Diu, e de Dabul, contra as fustas destas duas praças. Affonso de Menezes foi enviado a Baticalá, cujo Senhor reffusava o tributo ordinario. Joaõ Gomes Cheira-Dinheiro partio para ás Maldivas, com ordem de fundar alli, segundo o tratado feito, huma Feitoria que servisse de Fortaleza. Heitor Rodrigues foi continuando no seu posto da Coulam, para executar a commissaõ, que tinha tido de Soares, d'ahi fundar huma Cidadella. Antonio

Cor-

Correa chamado para hir com Embaixada á Corte do Pegu, devia conduzir hum ſoccorro a Malaca, e Simaõ d'Andrade com huma eſquadra de ſinco navios foi deſtinado para a China.

Ann. de J. C. 1518.

D. Manoel Rei

A expediçaõ de Antonio de Saldanha ſe contentou com algumas prezas. Menezes, obteve o que quiz em Baticalá, porque feliſmente o Governador General indo a Goa, chegou quaſi no meſmo tempo, que elle, defronte deſta praça. Chriſtovaõ de Souza perdeo hum dos ſeus navios, que foi deſpedaçado: as fuſtas de Dabul lhe tomaraõ outro carregado de effeitos para ElRei de Portugal, e elle meſmo tendo deſembarcado, foi taõ maltratado, que teve todos os incommodos poſſiveis para ſe tornar a embarcar. Joaõ Gomes tendo chegado ás Maldivas fundou a ſua Feitoria, onde ficou com 15 homens ſómente para alli ter a adminiſtraçaõ da fazenda; porém em lugar de ſe portar niſſo com prudencia, tendo-ſe tornado hum pequeno tyranno, e ſeguindo o ſeu genio arrebatado, e ſoberbo, ſoblevou contra ſi os Mouros eſtrangeiros, que o mataraõ, e deſtruiraõ todos os ſeus. Heitor Rodrigues teve muito trabalho para con-

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Ann. de J. C. 1518.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

seguir os seus fins. Ninguem consentia que elle construisse hum Forte. Da sua parte fingia querer só hum armazem; porém os fundamentos que elle deitava o trahiaõ a seu pezar: entaõ elle se vio muitas vezes nos termos de ser degolado. Como a Rainha o ajudava, e o favorecia contra o parecer do seu Conselho, e de todo o seu povo, pôz a sua obra em estado de poder ser aperfeiçoada sem temor. Tanto que chegou a este estado, suscitou as dividas antigas, com o que alienou o espirito da Rainha que as tinha satisfeito em centuplo. Esta Princeza se arrependeo muito tarde dos serviços que lhe havia feito, e experimentou o que lhe tinhaõ dito muitas vezes, que ella mesma trabalhava para se submeter ao jugo. As tentativas que fez para o sacudir, foraõ inuteis, e foi obrigada a pedir a paz, depois de a ter rompido.

Simaõ d'Andrade destruio na China tudo o que seu irmaõ, que lá tinha estado antes delle, havia feito de bom. Depois da tomada de Malaca, nada era mais conveniente aos Portuguezes, que fazerem-se conhecer no grande Imperio dos Chinos, estabelecer alli huma boa correspondencia, e commerciar.

Tem

Ann. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Tem apparecido prezentemente tantas hiſtorias, e relaçoẽs do Eſtado deſta grande Monarquia, taõ reſpeitavel pela ſua antiguidade, pela longa ſerie, e mageſtade de ſeus Emperadores, a prudencia do ſeu Governo politico, a extençaõ, o numero, a fertilidade das ſuas Provincias, que comprehendem hum paiz taõ grande como a Europa, a multidaõ infinita de ſeus povos, a beleza de ſuas Cidades, e edificios, o caracter culto, e polido de ſeus moradores, a variedade das artes, e Sciencias que alli florecem, as riquezas immenſas que tem, o fructo da induſtria, da arte, ou das vantagens da natureza, que ſeria ſuperfluo fazer huma digreſſaõ inutil, para dar a conhecer coiſa que hoje quaſi ninguem ignora. Aſſim enviando o meo leitor a eſtas meſmas relaçoẽs, deixo tudo o que pertence á Religiaõ, Coſtumes, e Governo, e ás outras noticias deſte Imperio, cuja deſcripçaõ me apartaria muito, para vir ao que he precizamente da minha hiſtoria.

Os primeiros Chinezes, que os Portuguezes viraõ, foraõ os que Diogo Lopes de Siqueira achou no porto de Malaca, de quem recebeo toda

a for-

Ann. de J. C. 1518.

D. Manoel Rei.

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

a ſorte de civilidades, e bons conſelhos, como ja diſſe. O grande Albuque, que ahi tornou a encontrar outros, quando veio para tomar eſta Cidade, e achou naquelles os meſmos modos atractivos, que o obrigaraõ a travar amizade com elles. Eſte General que tinha hum grande deſcernimento, concebeo huma alta idéa d'uma Naçaõ, que a ſe fazia eſtimar até nos meſtres dos navios, e nas equipagens compoſtas de gente humilde, cujo miniſterio naõ ſe ajuſta ſempre com as civilidades. Fez-lhes ſaber na ſua partida, que quando foſſe ſenhor da praça, teria exceſſivo goſto de que os Chinezes a quizeſſem frequentar, e elles lho prometeraõ na ſua partida, porém a guerra, que alli ſempre tinha continuado depois, os tinha apartado com as outras Naçoens.

Sobre iſto a Corte de Portugal, determinou enviar huma eſquadra á China para conduzir hum Embaixador. A eſquadra compoſta de nove navios era commandada por Fernam Peres d'Andrade, que alli ſe achou no primeiro anno do governo de Lopo Soares d'Albergaria. Quando Peres chegou ás Ilhas viſinhas de Cantaõ, o Mandarim General do mar veio com

as

as ſuas embarcaçoens diante delle com o eſpirito de deſconfiança, que devia cauzar a primeira viſta dos navios Portuguezes. Peres naõ deo idéa de ſe pôr em defeza, e ſe portou em tudo com muita prudencia. Tendo chegado a Cantaõ algum tempo depois, deo parte aos Mandarins do motivo da ſua vinda, confiou-lhes o Embaixador, e ſete peſſoas da ſua comitiva, aturando todo o ceremonial ordinario naquelle paiz. E depois de quatorze mezes de demora, nos quaes fez viſitar as Cidades maritimas por Jorge Maſcarenhas, que a iſſo enviou. Procurou tomar por ſi meſmo todo o conhecimento que pôde do paiz ſem deſprezar ſeus entereſſes peſſoaes, e ſe diſpoz á voltar. Porém antes de ſe fazer á vela, fez publicar nos portos de Cantaõ, Tamaõ, e Nanto onde ſe tinha demorado, que ſe alli houveſſe alguem que tiveſſe motivo para ſe queixar d'algum, Portuguez poderia vir livremente para receber ſatisfaçaõ, e pelo eſplendor de huma taõ bella acçaõ, deixou eſta ſabia Naçaõ cheia de huma alta idéa d'elle, e de todos os vaſſallos d'ElRei de Portugal. O ſeu retorno a Malaca foi de grande ſoccorro para a Cidade. Paſſan-

Ann. de J. C 1518.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Gôvernador.

Ann. de J. C. 1518.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

ſando de lá para o Indoſtan, voltou para á Europa, onde chegou feliſmente com grande contentamento de ElRei D. Manoel, que naõ podia ſatisfazer-ſe de ouvir as relaçoẽs, que lhe fez da ſua viagem.

Com tudo o Embaixador Thomaz Peres foi conduzido a Pekim, com todas as honras que fazem aos Miniſtros dos maiores Reis. A ſua viagem de Cantaõ a Pekim foi de quatro mezes. Tudo eſtava nas mais favoraveis diſpoſiçoẽs para conſeguir a a ſua negociaçaõ. O Emperador tinha concebido muita eſtimaçaõ dos Portuguezes, cujo nome ſe tinha eſpalhado por toda a Aſia. O Enviado do Rei de Bintam, que tinha hido pedir ſoccorro contra elles, em vaõ ſe eſforçava para os deſtruir. Porém Simaõ d'Andrade naõ tinha inteiramente chegado com a ſua eſquadra á Ilha de Tamaõ, por que tomando huma conducta toda oppoſta á de ſeu irmaõ, e crendo tratar com os Chinezes, como com os Cafres do Cabo de Boa Eſperança, começou a deitar os fundamentos d'uma Fortaleza na Ilha, armar battarias, diſpor ſentinellas, correr ſobre os navios mercantes, filhar os que vinhaõ da India ſem paſſaporte do Governa-

vernador, e tirar-lhe a força o dinheiro. Dando consequentemente carreira livre para tudo o que a libertinagem tem de mais desenfreado: elle, e os seus insultaraõ os Chinos como a inimigos, roubando as filhas das cazas, fazendo escravas as pessoas livres, e vivendo n'uma dissoluçaõ igualmente injurioza á nossa Santa Religiaõ, e á honra da sua Naçaõ; de sorte que tendo irritado, e escandalizado estes povos moderados, e judiciozos, tudo se armou para os destruir. Naõ poderaõ evitar o serem tomados, e tratados como ladroẽs, e piratas; porém huma borrasca decipando a frota Chineza, lhe deo tempo a se escaparem. Thomaz Peres, e os da sua comitiva pagaraõ pelos culpados, e sofreraõ a pena que lhes era devida. Tendo chegado á Corte, á noticia desta desordem consideraraõ-nos sómente como espioẽs. Foraõ reconduzidos a Cantaõ, onde consumidos de disgostos, e tristeza, Peres, e os da sua comitiva morreraõ mizeravelmente. O que foi mais deploravel, he que a Naçaõ Portugueza ficou desacreditada d'esta má conduta, e foi como banida da China, que lhe fechou as suas portas por huma longa serie de annos.

ANN. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1518.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Simaõ d'Andrade eſtava taõ dezejozo de hir á China para fazer eſta bela manobra, que paſſando por Malaca naõ lhe deixou ſoccorro algum, poſto que a Cidade ſempre opprimida tinha muito grande precizaõ. Antonio Correa indo ao Reino de Pegu, naõ fez o meſmo. Achou a praça reduzida a muito grandes neceſſidades. Huma mui pequena medida d'arros cuſtava hum cruzado, naõ ſe dizia Miſſa, por falta de vinho; as vias eſtavaõ fechadas a todos os ſoccorros pelos contrarios; os inimigos ſe lhe aprezentavaõ frequentes vezes, ſem que os Portuguezes ouſaſſem ſahir para lhes dar em ſima; o Governador eſtava morrendo, e huma parte da guarniçaõ doente. Os tres navios que Correa tinha levado alegraraõ mais hum pouco a Cidade. Naõ obſtante o ſoccorro, Correa por dois mezes naõ teve pequeno embaraço em reſiſtir aos frequentes aſſaltos dos inimigos, que expertados pela meſma chegada do reforço, ſe fizeraõ taõ importunos, que Correa, por quem tudo ſe movia, naõ comia, nem dormia ſem eſtar armado, fatigado ſem deſcançar o corpo, nem o eſpirito. Finalmente os inimigos cançaraõ, e ſe retiraraõ para mais lon-

ge,

ge, o que o facilitou a ſeguir a ſua derrota para hir para onde era deſtinado.

Ann. de J. C. 1519.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqveira Governador.

Do porto de Pedir, onde Correa foi tomar carga, ſe tranſportou ao de Martabam, donde enviou á Coſta do Pegu duas ou tres peſſoas em ſeu nome, para dar parte da ſua vinda. O Rei do Pegu era entaõ hum poderoſiſſimo Principe, que tinha muitos outros por ſeus tributarios. O Rei de Siam, e elle occupavaõ toda a peninſula d'além do Ganges. As ſuas forças, e a ſua viſinhança os faziaõ ſempre inimigos. Os povos deſtes dois Principes ſe aſſimilhavaõ muito na ſua Religiaõ, coſtumes, e inclinaçoẽs.

O Rei do Pegu agradando-ſe dos motivos da Embaixada, deſpachou os Enviados de Correa, e fez partir com elles o *Rolin* da Corte, que he o Chefe da Religiaõ do paiz, e hum dos principaes Miniſtros d'Eſtado, para hir regular as condiçoẽs do tratado. Depois que ſe ajuſtaraõ, e que trataraõ de o ratificar, o Rolin, e o Miniſtro do Rei juraraõ com muita ceremonia ſobre os livros da ſua Religiaõ. Correa, que tinha feito tomar huma ſobrepelis ao Capelaõ do ſeu navio,

Ann. de J. C. 1519.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

vio, para dar tambem alguma dignidade ao ſeu juramento, ou por naõ ſe contentar com o breviario deſte Capelaõ, que eſtava muito mal tratado, ou porque perſuadido como máo casuiſta, que naõ devia guardar fé aos que naõ eraõ do gremio da verdadeira Religiaõ, e que naõ quizeſſe profanar os livros ſantos com hum juramento, que eſtava determinado a naõ guardar, ſe naõ em quanto convieſſe a ſeus negocios, mandou trazer hum livro de cançoés, e trovas, ſobre o qual diſſe tudo o que quiz. O acazo com tudo fazendo abrir ſobre eſtas palavras da Eſcritura, *vaidade das vaidades, e tudo he vaidade*, foi penetrado d'um interino horror, e ſentio hum juſto eſcrupulo da profanaçaõ que tinha feito, o que teria ſem duvida eſcandalizado os meſmos pagaós, ſe elles comprehendeſſem eſte dolo. Feito por eſte modo o tratado, e regulado o commercio a contento dos contractantes, Correa ſe fez á vela, e voltou a Malaca acompanhado de muitos Juncos carregados de viveres, e provizoens, que trouxeraõ para alli a abundancia.

Garcia de Sá tinha chegado a eſta Cidade na auzencia de Correa, e de-

e depois da ſua partida para o Reino de Pegu. Pelos intereſſes peſſoaes de Diogo Lopes de Siqueira he que alli viera. Porém Coſta, que eſtava ſempre doente, lhe entregou o Governo da praça para hir morrer a Cochim. Mahmud eſtava ſempre acampado ſobre o Rio Muar, cuja viſinhança tinha tambem ſempre a Cidade inquieta. Com a vinda de Correa reſolveraõ livrar-ſe deſte embaraço. Correa, e Mello commandaraõ o partido. Por fortes que foſſem os entrincheiramentos, e obſtaculos que o inimigo tinha poſto por todo o comprimento do Rio, tudo foi deſtruido. Os Portuguezes ſeguindo ſua victoria, vaõ até ao Pagode onde eſtava o quartel do Rei. Tinha já ſahido, e metido ſuas tropas em batalha com ſeus Elefantes. Parecia dever pelejar como homem de valor, no modo com que fez jogar a ſua artilheria, e que ſuas tropas pareciaõ animadas. Porém eſte brio mudado ſubitamente em hum terror panico, vio-ſe abandonado dos ſeus por huma vergonhoza fugida, e obrigado a deixar todas as ſuas bagagens em preza ao vencedor, e retirar-ſe a Bintam para ahi eſperar melhor fortuna.

Os Reis d'Achem, e Pacem, ainda

Ann. de J. C. 1519.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1519.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

da que alliados dos Portuguezes, aproveitando-se do estado d'afflicçaõ em que estava Malaca, se tinhaõ comportado mal a respeito delles. Este ultimo em particular, debaixo naõ sei de que pretextos, tinha saqueado a feitoria d'elles, e no tumulto que se fez nesta occasiaõ, houveraõ 25 mortos, e muitos maltratados, e postos em prizaõ. Garcia de Sá vendo-se hum pouco mais ao largo, depois de desbaratado o Rei de Bintam, julgou conveniente mostrar-lhe entaõ o seu ressentimento. Deo commissaõ a Manoel Pacheco, que era hum pouco enteressado na vingança, de seu irmaõ Antonio, que era do numero dos que elles tinhaõ feito prizioneiros. Ainda que Pacheco naõ tinha mais que hum só navio, com tudo o temor que inspirou foi tal, que naõ somente apartou destes quarteis todos os navios estrangeiros; mas nem ainda hum barco de pescador ousava apparecer.

Os inimigos ousando attacar o navio, se contentaraõ de saber as occasioés em que Pacheco enviava a sua chaiùpa á terra. Occorreo huma taõ favoravel, que parecia que esta chalupa naõ poderia escapar. Tinhasse adiantado pelo rio de Jacoparim para

hir

hir fazer aguada. Tendo-a percebido os inimigos, chegaraõ ás duas praias do rio, e começaõ a atirar huma chuva de flexas, em quanto preparaõ com a mais possivel prontidaõ tres lanchas, cada huma com 150 homens. Na chalupa só estavaõ sinco, assás occupados em se defenderem c'os seus escudos dos tiros que lhe lançavaõ. O vento, e a maré lhes eraõ contrarios, e favoraveis aos inimigos. Estes sinco valerozos nesta extremidade, tomaraõ o unico partido, que podia insspirar-lhes o valor, que era morrer fazendo os ultimos esforços de valentes. Tanto que o primeiro batel, que commandava o Raja Sudamicin chegou á chalupa, hum dos sinco homens forte, e robusto o agarrou, e os outros quatro tomando o nome de JEZUS por voz de guerra, entraõ de salto, e com as lanças passaõ todo o que se lhes aprezenta, tendo-os seguido o quinto, e fazendo igualmente o seu dever, os inimigos admirados se confundem, cahem huns sobre outros, e em fim se lançaõ á agua a pezar dos esforços de Sudamicin, que obrigado a imitalos, de raiva, e desesperaçaõ naõ cessou de ferir, ou matar os seus que lhe cahiraõ á maõ, senaõ depois

ANN. de J. C. 1519.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

que

ANN. de J. C. 1519.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

que ſe afogou. As duas lanchas que ſeguiaõ, deſanimadas pela infelicidade da primeira, ſe pozeraõ em fugida á viſta de ſinco homens enfraquecidos do trabalho, e do ſangue que perdiaõ pelas feridas; e deixando-lhes aſſim huma plena victoria, pozeraõ o ſeu Rei na precizaõ de pedir paz.

O Governador General partindo para Lisboa com nove navios, tinha feito huma feliz viagem, conduzindo conſigo toda a ſua frota ás Indias. No anno ſeguinte ElRei fez partir outra de 14 velas, commandada por Jorge d'Albuquerque, que levava Provizoẽs da Corte para ſer ſegunda vez Governador de Malaca. O deſtino deſta ſegunda frota foi inteiramente deploravel. Separando-a huma tormenta no mar Atlantico, hum deſtes navios tornou para Lisboa. Outro commandado por hum Eſpanhol de grande nome, mas em quem a ſua conducta moſtrou hum juizo pouco ſaõ, naõ podendo dobrar o Cabo de Boa Eſperança, deſcahio ao Braſil, onde os Salvagens lhe mataraõ até 70 homens da ſua equipagem. O Capitaõ naõ ſe entriſteceo com eſta perda; porque pondo-ſe ſuperior aos Portuguezes, que elle deſarmou de accordo com os ſeus Caſtilha-

tilhanos, se fez pirata, e morreo depois miseravelmente. Outro commandado por Manoel de Souza, tendo perdido o Capitaõ, Piloto, e muita parte dos seus, perto das Ilhas visinhas a Quiloa, pela traiçaõ dos Ilheos, o navio desgovernado se foi espedaçar sobre a praia, onde os Mouros mataraõ tudo o que lhe cahio nas maõs, á excepçaõ d'um moço de que o Rei da Ilha de Zanzibar, fez prezente ao Rei de Mombaça. Nove mais destas embarcaçoẽs abordaraõ a Moçambique, onde foraõ obrigados a invernar com Jorge d'Albubuerque seu General. Só quatro chegaraõ neste anno á India.

Ann. de J. C. 1520.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Esta frota trazia hum novo Intendente da Fazenda, que era o Doutor Pedro Nunes, que ElRei enviava para o lugar de Alcaçova, que Soares tinha maltratado muito. Numes foi exempto da jurisdicçaõ do Governador General. Além do governo da fazenda, tinha tambem o da politica, e da justiça. ElRei lhe havia assignado 20 homens para sua guarda, grandes soldos, e privilegios consideraveis, por cuja razaõ o Governador General se achava quasi limitado ao militar sómente.

Siqueira, que tinha invernado

Ann. de J. C. 1520.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

neste anno em Cochim para fazer os preparativos da sua viagem do mar Roxo. Sabendo pelos quatro navios que tinhaõ chegado á India, o armamento que ElRei tinha feito para entregar a Jorge d'Albuquerque, despachou huma embarcaçaõ para Moçambique, para dar ordem a este, de vir esperalo junto ao Cabo de Rosalgate: e no cazo que tivesse já passado, de o hir encontrar no mar Roxo, e de o seguir até Gidda. Porém os navios que commandava, sendo quasi todos navios de carga, alguns Capitaẽs, que tinhaõ suas commissoẽs para outra parte, e naõ eraõ obrigados a servir nesta sorte d'expediçoẽs, naõ quizeraõ obedecer. Parecendo justas suas instancias, foi determinado, que dos nove navios que commandava Albuquerque, quatro passariaõ em direitura á India com o Intendente, e que os outros sinco hiriaõ com Albuquerque ao encontro do Governador. Porém Siqueira tendo já entrado no mar Roxo, os Capitaẽs naõ quizeraõ ainda obedecer; e Albuquerque tendo tomado auto da sua recusaçaõ, fez derrota para Ormuz, e foi obrigado a aportar a Calaiate. Onde tendo-se deixado persuadir por Duarte Mendes de

Vascon-

Vaſconcellos de fazer prizioneiro o Rei Zabadim Governador deſta praça, ſegundo as ordens ſecretas, que Mendes tinha do Rei meſmo d'Ormuz, o negocio foi taõ mal dirigido, que naõ poderaõ conſeguir a ſua tentativa, e ahi morreraõ 20 Portuguezes, e mais de 50 feridos, Zabadim tendo perdido ſó tres dos ſeus, adquirio tanta honra neſte encontro, quaõ pouca os Portuguezes.

Ann. de J. C. 1520.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Siqueira tinha em fim partido deſde o mez de Fevereiro com huma frota de 24 velas, e de tres mil homens de tropas, dos quaes eraõ 1$800 Portuguezes, para ſe unir á partida do mar Roxo: empreza tantas vezes recomendada pela Corte, tantas vezes tentada, e ſempre infeliz. Deitou logo para o Cabo de Guardafu, fugindo da Coſta d'Adem, que parecia naõ querer tocar. Sua viagem foi prompta até o Cabo, onde chegou quaſi taõ de preſſa como as curvetas, as quaes tinha feito hir diante para baterem eſte mar, e procurar ſaber noticias dos Rumes, que dezejava tomar de repente. Tinha ordenado a eſtas curvetas, que deſſem de paſſagem caça aos navios, que encontraſſem; a fim de que crendo ter ſó quatro, ou ſinco embarca-

Ann. de J. C. 1520.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

ções á cara, os inimigos tomassem confiança, e cahissem no engano. Alguns dias se passaraõ, sem que lhes acontecesse coisa consideravel, mais do que tomar huma pequena aldea, onde naõ ficara mais do que huma velha, a quem obrigaraõ a procurarlhes agua de que tinhaõ grande necessidade, em reconhecimento de naõ quererem lançar fogo á povoaçaõ. Passou depois á Costa da Arabia por baixo d'Adem, e foi dar sobre hum penedo onde o seu navio se partio, e pereceo. D'ahi tendo entrado no Estreito, soube pelas prezas que fez, que tinhaõ vindo de Gidda seis galeras Turcas, e 1$500 homens de reforço: que as intençoẽs da Porta eraõ de tomar Zeibit, e marchar depois contra Adem. Sobre isto houve Conselho, e expôz as ordens que tinha, que consistiaõ em marchar contra a frota do Sultaõ, ou a naõ poder, procurar tomar algum conhecimento das terras do Preste Joaõ, abordar a ellas, e deitar em terra o Embaixador, que tinha vindo a Portugal da parte deste Principe, e aquelle que ElRei D. Manoel lhe enviava.

Tendo o Conselho votado sobre o primeiro partido, tomaraõ o Cabo so-

ſobre Gidda, porém começando a ſoprar os ventos Nortes, e ſendo duraveis neſta ceſaõ, o temor que houve de experimentar as meſmas diſgraças, que tinhaõ acontecido aos dois precedentes Governadores, fez que depois de terem lutado alguns dias inutilmente, foſſem obrigados a tomar o ſegundo partido, e a fazer derrota para á Ilha de Maçuá, que deſcubriraõ em dia de Paſcoa, e onde ancoraraõ no outro dia dez d'Abril. Os moradores a tinhaõ abandonado, crendo, que a frota de que tinhaõ tido noticia por huma gelva, era a dos Turcos, cujo tratamento temiaõ, poſto que Mahometanos tambem; de ſorte que o General foi obrigado a fazer avançar alguns brigantins para tomar lingoa. Hum deſtes brigantins deſcobrindo de muito perto a terra, veio hum pequeno batel a bordo, conduzido por tres homens, que tendo reconhecido os Portuguezes, ſaltaraõ no brigantim com grandes demonſtraçoẽs de alegria, moſtrando huma Carta, e hum anel que traziaõ.

ANN. de J. C. 1520.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Eſtes homens eraõ enviados pelo Governador de Arquico, Cidade ſogeita ao Imperador da Ethiopia, e porto conſideravel. A Carta eſcrita

em

Ann. de J. C. 1520.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

em Arabe testemunhava „ O gosto in-
„ finito que elle tinha de ver em fim
„ cumpridas suas antigas Profecias, que
„ lhes annunciavaõ que veriaõ hum dia
„ sobre suas terras Christaõs d'um po-
„ derozo Reino do Occidente, que se
„ deviaõ unir por amizade, e interes-
„ ses com elle, como elles o esta-
„ vaõ já pela fé que professavaõ. Que
„ o Rei David seu Senhor naõ sus-
„ pirava senaõ per esta uniaõ, pela es-
„ perança que tinha concebido, que
„ ella serviria para destruiçaõ da Seita
„ de Mafoma: Que lhe tinha dado as
„ ordens as mais precizas para os re-
„ ceber bem quando apparecessem:
„ Que hia dar parte ao Barnages,
„ Governador da Provincia, desta boa
„ fortuna: Que entre tanto elle roga-
„ va ao General, que quizesse per-
„ mitir aos habitantes da Ilha de Ma-
„ çuá, que voltassem para suas ca-
„ zas, e de os considerar ainda que
„ fossem Mahometanos, como vassallos
„ do Emperador dos Abexins. „

A leitura desta Carta encheo os Portuguezes de consolaçaõ. Siqueira principalmente, que se considerou como o homem mais afortunado por ter feito este descubrimento, naõ podia exprimir, nem conter o gosto que sentia.

tia. Reſpondeo ao Governador o mais agradecido que pôde; e deo a ſeus Enviados huma bandeira com huma Cruz como a da Ordem de Chriſto, para lhe ſervir de protecçaõ. Eſte Eſtendarte taõ reſpeitavel da noſſa Religiaõ, apenas foi viſto pelos habitantes da Cidade d'Arquico, logo todos correraõ de tropel, como em prociſſaõ, com o Governador na frente para o receber, e o trouxeraõ depois cantando Hymnos, e Pſalmos até ſeu Palacio, ſobre o qual o fez arvorar.

ANN. de J. C. 1520.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Tendo havido mutuos prezentes, e eſtabelecido maior ſegurança de ambas as partes, os que vieraõ fallar da parte de Governador d'Arquico procuraraõ noticias d'um certo Embaixador, que o Emperador da Ethiopia tinha enviado ás Indias para o fazer paſſar de lá a Portugal. Era eſte o que eſtava na frota, e que tinhaõ occultado pelas razoẽs que eu vou á dizer: porém he precizo, que eu tome d'um pouco mais longe a ſua hiſtoria.

Nós temos viſto até aqui os cuidados infinitos que tinhaõ tido os Reis D. Joaõ II. e D. Manoel, para deſcubrir as terras d'um Principe Chriſtaõ, conhecido na Europa deſde o tempo

das

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

das Cruzadas, pelo nome de Preste Joaõ, e as diferentes pessoas que tinhaõ enviado por diversas derrotas para delle terem algum conhecimento. Os seus cuidados naõ foraõ d'algum modo innuteis, e nós temos notado, que pelos indicios que lhes haviaõ dado, era este o Emperador dos Abexins, ou da Ethiopia alta. Pedro da Covilhá hum dos primeiros, que tinhaõ sido enviados a este descobrimento, tinha chegado á Corte deste Principe onde nós o deixamos. Aquelles que depois tentaraõ hir lá pelo Senegal, naõ o conseguiraõ por artificio dos mesmos Portuguezes. Os que foraõ pelo Egypto, e pela Costa do Zamguebar, foraõ os mais felices, principalmente os tres que Tristaõ da Cunha tinha desembarcado em Quiloa, e que Affonso d'Albuquerque fez saltar á terra perto do Cabo Guardafu.

Pedro da Covilhá tinha sido muito bem recebido do Emperador Escander, ou Alexandre que reinava entaõ. Este Principe vendo as suas cartas de crença o tratou muito bem, e concebeo grandes esperanças sobre a aliança que lhe era proposta. Porém a morte levando-o na flor de sua idade, seu irmaõ Nahu, que

que lhe ſuccedeo, ſe achou ter outros penſamentos, e por hum principio de Politica, ordinario neſta Monarquia, tirou a Pedro da Covilhá toda a eſperança de poder tornar á ſua patria; de maneira que Covilhá tomando partido da neceſſidade, ſe cazou, e naõ penſou mais que em acabar os ſeus dias neſte deſterro. Sendo morto Nahu pouco tempo depois de ſeu irmaõ, David ſeu filho ainda menino, ſubio ao Throno na tutella da Emperatriz Helena ſua Mái.

Eſta Princeza que tinha muito juizo, e valor, emendou os erros de Eſcander com todo o goſto, por ſaber pela voz publica as grandes coiſas que os Portuguezes tinhaõ feito nas Indias; de ſorte que ella reſolveo reſponder á Embaixada d'ElRei de Portugal. Naõ pôz ella os olhos em Pedro da Covilhá, do retorno do qual ſe naõ podia aſſegurar; porém eſcolheo hum Chriſtaõ chamado Mattheus, Armenio de Naçaõ, que tinha aſſiſtido muito tempo no Cairo, e feito muitas viagens á Ethiopia, de quem ſe havia ſervido em muitas negociaçoẽs, e que por iſſo havia merecido a ſua confidencia. A's Cartas de Crença ajuntou hum Santo Lenho em hum

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

hum relicario d'oiro, de que fazia prezente a ElRei de Portugal. Deo-lhe depois por companheiro da Embaixada hum moço Abexim, homem nobre, e os fez paſſar ambos ſecretamente ás Indias, onde deviaõ pedir ao Governador huma paſſagem para Portugal.

Affonſo d'Albuquerque, que eſtava entaõ ſervindo, tirou o Embaixador das maõs do Tanadar de Dabul, que o tinha como em prizaõ. Fez-lhe todas as honras na Cidade de Goa, e o fez paſſar a Cochim, como já diſſe, para o fazer embarcar no melhor navio, que ouveſſe de partir neſte meſmo anno para Portugal. Porém o Embaixador naõ tendo nada de reſpeitavel mais do que o ſeu proprio merecimento, coiſa pouco conhecida em hum eſtrangeiro, e pouco eſtimada daquelles, que naõ fazem cazo ſe naõ d'um certo eſtrondo, que ſe naõ via nelle, os inimigos d'Albuquerque, aquelles meſmos que tinhaõ mais auctoridade em Cochim, o trataraõ como hum impoſtor, e lhe fizeraõ toda a qualidade d'affrontas, as quaes augmentaraõ ainda os Capitaẽs Bernardim Freire, e Franciſco Pereira Peſtana, pelo que ſoffreo muito

na

na viagem, e particularmente em Moçambique.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

D. Manoel, que disto foi informado ainda antes que chegassem, indignou-se tanto disto, que enviou ao encontro destes dois Capitaés para os meterem á ferros, e os transportarem depois para ás cadêas de Lisboa, onde expiaraõ por muito tempo a sua culpa, e d'onde naõ sahiraõ se naõ pelas repetidas instancias do Embaixador, que tinhaõ maltratado. No que toca ao Embaixador ElRei lhe fez todas as honras que merecia a Magestade do Monarca que o enviara, e de quem elle tinha procurado o conhecimento com tanta paixaõ. Depois de se demorar alguns mezes D. Manoel o fez tornar para ás Indias com o moço Abexim, e o fez acompanhar por hum novo Embaixador, que enviava elle mesmo á Corte da Ethiopia, dando ordem a Soares, que era entaõ Governador, de os conduzir pessoalmente na frota, que devia conduzir para o mar Roxo, e de os dezembarcar onde podesse nas terras dos Abexins.

ElRei testemunhava quanta paixaõ tinha por este negocio, e a grande opiniaõ que delle tinha concebido,

pe-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

pela efcolha da peffoa, que chamou para efta Embaixada. Era efte Duarte Galvaõ, depois de fe ter diftinguido nas guerras de Africa, tinha commandado os corpos de tropas auxiliares, que ElRei de Portugal havia enviado aos Principes feus alliados, e fe havia ainda feito mais recommendavel pelos importantes negocios, que tratara com grande politica na maior parte das Cortes dos maiores Principes da Europa, e que eftando entaõ em huma idade muito adiantada, devia admirar-fe muito de fe ver encarregado d'uma commiffaõ para o fim do mundo, que tinha mais ar d'uma aventura, que de huma Embaixada. Com tudo o zelo, e o efpirito de Religiaõ lha fizeraõ aceitar com gofto, na efperança de nella procurar a gloria de Deos. Porém como Soares na fua empreza do mar Roxo, naõ executou nada de quanto ElRei lhe tinha ordenado, Galvaõ morreo por caufa das fadigas, e fome que fofreo na Ilha de Camaraõ, á vifta, para affim dizer, da de Maçuá, naõ lhe faltando mais que dois paffos para entrar no porto taõ dezejado. Galvaõ era hum fanto; o naufragio de Jorge feu filho, que elle vio c'os olhos do efpirito, e que elle

le declarou quando morreo, augmentou muito a opiniaõ, que tinhaõ de ſua virtude, quando o ſucceſſo juſtificou a verdade da profecia.

Ann. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

O Embaixador Mattheus tendo tornado ás Indias com Soares, foi obrigado d'alli eſperar até á expediçaõ de Siqueira, que ſe embarcou de novo com Rodrigo de Lima, que D. Manoel ſubſtituira a Galvaõ. Em todo eſte entervalo naõ foi maltratado, como o tinha ſido por ſeus primeiros perſeguidores, tinha com tudo o diſgoſto de ſe ver em pouca eſtimaçaõ, e pelo menos ſuſpeito a huma infinidade de gente, que o conſideravaõ como hum impoſtor, hum vagabundo, e hum eſpiaõ.

Porém quando o aprezentaraõ a eſtes Abexins, que por elle procuraraõ, o momento deſte reconhecimento fez chorar a todos. Eſta boa gente ſe proſtrou logo beijando-lhe a maõ, e chamando-lhe muitas vezes *Abba Mattheus*, que quer dizer, Pai Mattheus. Eſte veneravel velho, chorando elle meſmo de goſto, e de ternura, e banhando a ſua branca barba c'o ſeu pranto, abraçando-os em torno de ſi, deſprezando ſuas penas paſſadas, e as immenſas fadigas de dez

an-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

annos ſucceſſivos, dava publicamente graças a Deos, de que tendo ſó propoſto a ſua gloria, ſe havia dignado d'abençoar ſeus trabalhos, unindo de tamanha diſtancia duas taõ poderozas Naçoẽs, para o bem, e augmento da Religiaõ. Suas palavras, e o ar com que as dizia, tocavaõ vivamente o coraçaõ de todos os que eſtavaõ prezentes, principalmente dos Portuguezes a quem eſte expectaculo reprehendia vivamente as injurias que lhe tinhaõ feito padecer.

Eſperavaõ o Barnagues, ou Governador General da Provincia, que he huma das primeiras peſſoas do Reino, d'ordinario hum proximo parente do Emperador, e elle meſmo Rei do Reino de Figre-Mahon. Neſte intervallo Siqueira tomou conhecimento da Ilha de Maçuá, fez purificar huma das ſuas Meſquitas, que converteo em Capella de N. Senhora da Conceiçaõ, onde celebraraõ os Santos Myſterios. Pedro Gomes, Preſidente do Conſelho das Indias d'outra parte com o Embaixador Mattheus, foraõ viſitar hum celebre Moſteiro da Ordem de Santo Antonio, chamado de Jesus, ou da Viſaõ, onde receberaõ toda a ſorte de attençoẽs da parte dos ſeus Religiozos. Final-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Finalmente o Barnagues chegou: houveraõ logo algumas difficuldades, por cauza do ceremonial da ſua audiencia para o General. Regularaõ com tudo que ſe faria n'um vaſto campo, onde eſtariaõ tres cadeiras, huma para o Barnagues, a ſegunda para o General, e terceira para o Embaixador Mattheus. O Barnagues chegou alli com dois mil homens de pé, e duzentos cavallos. Siqueira conduzio ſó 600 homens, que diſpôz em bela ordem, e ſe adiantou ſómente na frente de 60. Depois d'alguns cumprimentos, que foraõ ſeguidos de mutuos prezentes, o General entregou ao Barnagues os dois Embaixadores, e a ſua cometiva. Falaraõ depois no projeƈto de fundar huma Forteleza em Maçuá, ou na Ilha de Camaraõ, ſobre o que ſe naõ pôde concluir nada de repente. Em fim juraraõ de parte a parte huma eſpecie d'alliança ſobre os Santos Evangelhos, e cada hum ſe retirou para ſua parte.

Os Embaixadores Mattheus, e Rodrigo de Lima foraõ entregados ao Governador d'Arquico, que os devia fazer conduzir á Corte, para onde os deixaremos ir, para ſeguirmos Siqueira, que ſe pôz em caminho para ás Indias. O retorno deſte General naõ te-

Ann. de J. C. 1521.

D. MAMOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

teve nada memoravel até ao Golfo Persico, a naõ ser o estrago que fez na Ilha de Deloca, que achou abandonada, e perdeo ainda hum dos seus navios commandado por Jeronymo de Souza. Em Calaiate achou Jorge d'Albuquerque a quem deixou o Governo da sua frota, para hir elle mesmo com as pequenas embarcaçoës invernar a Ormuz, donde partio no mez d'Agosto para tornar para o Indostam, sem ter feito mais nada, que seus predecessores, com todo este poderozo armamento, a naõ se contar por alguma coisa o que fez em Arquico, o que teria feito huma simplez galera, taõbem como elle com toda sua frota.

Na auzencia de Siqueira, o Rei de Narsinga, e o Idalcaõ tiveraõ guerra. O primeiro a declarou, e rompeo a tregoa que tinha feito. Tinha para isso muito fortes motivos. O Idalcaõ dava hum asilo a todos os fugitivos contra as leis estabelicidas entre elles; porém como a queixa podia ser illudida por falças cores, o Rei de Narsinga querendo ter hum pretexto mais plausivel, uzou deste estratagema. Enviou a Goa hum Mouro, chamado Cid-Mercar para comprar cavallos, deolhe grossa somma de dinheiro, e cartas

pa-

para o Governador. Como o Mouro devia paſſar pelas terras do Idalcaõ; porque o negocio naõ era occulto, nem o devia ſer ſegundo as intençoẽs de quem o enviava, ſoubeo o Idalcaõ, e fez mil agrados a Mercar, como para honrar nelle o ſangue de Mafoma, e o turbante verde, e ſeparando-o do ſerviço do Rei de Narſinga, o fez Commandante de huma das ſuas praças, onde o fez depois matar ſecretamente, e roubou ſeus thezouros. O Rei de Narſinga, que naõ eſperava mais que eſte momento, pôz em pé hum exercito ſimilhante em numero ao de Xerxes, e foi ſitiar Rachol, praça forte que o Idalcaõ lhe tinha tomado. Pondo-ſe o Idalcaõ em movimento para fazer levantar o ſitio, perdeo a batalha, na qual 40 Portuguezes arrenegados ſe deixaraõ matar por defenderem hum dos Generaes do Idalcaõ, que foi feito priſioneiro. Depois deſta victoria, Rachol foi obrigada a render-ſe ao vencedor pela determinaçaõ d'outros 20 Portuguezes, que ſerviaõ no exercito do Rei de Narſinga, cujo Chefe ſe chamava Chriſtovaõ de Figueiredo: tendo feito maior impreſſaõ eſtes 20 homens ſobre os ſitiados, do que eſta multidaõ innume-

Ann. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

ravel de barbaros victoriozos, contra os quaes estavaõ determinados a se defender.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

O Idalcaõ reduzido a huma vergonhoza retirada experimentou novas disgraças da fortuna. Os Gines, que saõ huma casta de Indios estabelecidos nas terras maritimas, antes que os Mouros os tivessem expulsado, vendo o Idalcaõ occupado com esta guerra, desceraõ do monte de Gate em numero de 8$000 homens, e se apoderaraõ d'uma parte da terra firme nos suburbios de Goa. O Tanadar do Idalcaõ querendo converter em seu proveito o que tinha em seu poder do producto das suas rendas, avizou promptamente a Rui de Mello Governador de Goa, da irrupçaõ dos Gines, persuadindo-o que só delle dependia o apoderar-se das Alfandegas da terra firme, e que o Idalcaõ dezejaria antes que ellas estivessem em poder delle, do que no dos seus vassallos rebeldes. Mello pôz o negocio em Conselho: o cazo tinha facil decizaõ. Os Gines eraõ alliados, e estavaõ em paz com o Idalcaõ; porém a cubiça tendo achado pretextos para illudir os tratados, e a fé dos juramentos, cubiçozamente se aproveitaraõ desta occasiaõ,

e

e Rui de Mello Jusarte foi enviado pelo Governador seu tio contra os Ginnes na frente de sete, ou oito centos homens. Naõ se achando estes em estado de contrastar com os Portuguezes, lhes abandonaraõ o territorio de Goa, e passaraõ mais longe. O Tanadar aplaudindo a sua perfidia, fez passar secretamente grossas somas á Goa, para onde se retirou para estar seguro. Porém Deos vingador da má fé, permite que ella naõ utilize a ninguem. A traiçaõ do Idalcaõ lhe custou caro pelas perdas que fez. A do Rei de Narsinga lhe aproveitou pouco, porque perdeo pouco tempo depois a Cidade de Rachol, que tinha sido objecto da infracçaõ da paz. O perfido rendeiro querendo retirar o dinheiro de seu Senhor, que elle tinha em deposito, o amigo Portugues, de quem o confiou, negou a divida, o que pôz o Tanadar em taõ grande furor, que endoudeceo. O infiel depositario naõ gozou do seu roubo, e da sua falsidade: huma morte precepitada o levou poucos dias depois. Finalmente os Portuguezes perderaõ tambem as Alfandegas, que tinhaõ tirado com mais facilidade, que justiça.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Os Portuguezes tiveraõ entaõ hu-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

ma occaſiaõ de fazerem ainda melhor os ſeus negocios n'outra parte, com a apparencia da equidade, e da defença do direito dos pupillos; eu naõ ſei com tudo ſe o fundamento deſta equidade he bem ſolido. No tempo que Affonſo d'Albuquerque foi tomar Malaca, fazendo-ſe encontradiço com hum Junco, que naõ pôde tomar, porque todos os que eſtavaõ dentro ſe achavaõ determinados a morrer, antes do que ſe deixarem tomar por viva força. Quando porém deſcorſoava de o conſeguir, vieraõ de livre vontade fazer propoſiçoẽs, e rogar eſte grande homem para tomar em protecçaõ hum Rei infeliz expulſado de ſeus Eſtados por hum injuſto uſurpador. Era eſte Sultaõ Zeinal, que tinha ſido deſpojado do Reino de Pacem. Albuquerque aceitou com goſto a propoſiçaõ, e conduſio eſte Principe a Malaca, reſoluto de ſe ſervir delle para bem de ſeus negocios, depois da tomada da Cidade. Zeinal vendo que eſte General lhe tinha faltado na primeira experiencia achou meio de ſe eſcapar, e paſſar para o campo de Mahmud. Sendo a Cidade tomada voltou ainda a Albuquerque; porém perſentindo que Albuquerque o conduſia para o Indoſtan,

tan, e que o ſoccorro que lhe prometiaõ podia demorar-ſe, tornou a paſſar ainda para o campo inimigo, e ſeguio a fortuna de Mahmud deſpojado de ſeus Eſtados como elle.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI.

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Os Reis da Ilha de Sumatra eraõ de tal modo dependentes do capricho dos ſeus vaſſallos, que era coiſa eſpantoza, haver quem o quizeſſe ſer. O menor fanatico alli cauzava hum arroido popular, e tanto que hum inſpirado tinha pronunciado no ſeu entuziaſmo, morra o Rei, eſtava eſte ſentenciado de morte, era degolado, e matavaõ todos os que eraõ ſeus apaixonados, ſem encontrar da parte delles a menor reſiſtencia. Deſte modo tinhaõ matado muitos em Pacem, quando Zeinal ajudado das tropas de Mahmud recuperou o Throno de ſeus pais. O ultimo Rei que Zeinal deſpojou, deixou hum filho de quaſi 12 annos de idade. O *Molona*, ou cheſe da Religiaõ ſalvando eſte menino o conduſio ao Indoſtan para implorar o ſoccorro dos Portuguezes, e metello na protecçaõ do Governador General, offerecendo fazerem-no a elle, e ao ſeu Reino tributarios de Portugal, e que daria lugar para fazer huma Fortaleza em Pacem. Sendo aceitado eſte partido,

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

tido, Jorge d'Albuquerque, que hia tomar posse do Governo de Malaca, foi encarregado da commissaõ de restituir este Principe á posse dos seus Estados.

Ainda que Sultaõ naõ recebeo os soccorros de Mahmud, que de proposito o havia feito seu genro para o obrigar mais, se naõ com as condiçoẽs de se servir delle contra os Portuguezes, com tudo este Principe mudando de enteresses com a sua boa fortuna, naõ desejava outra coisa mais que a alliança delles. E porque no tempo de revoluçaõ o feitor que estava em Pacem, tinha fugido pelo temor que teve delle, do que se disgostou muito, mandou rogar ao Governador de Malaca, que lhe mandasse algum com quem podesse fallar nos negocios, o que foi feito. Porém a paz naõ durou pela imprudencra de Diogo Vaz, que lhe foi enviado. Este homem insolente, tendo perdido muitas vezes o respeito devido a este Principe, foi a victima da indignaçaõ dos seus Cortezaõs, que o apunhalaraõ com alguns dos seus, sem para isso esperarem ordem.

Jorge d'Albuquerque tendo-se aprezentado no porto de Pacem com o seu

seu pupillo Zeinal, para serenar a tempestade, offereceo todas aquellas condiçoés, e as mesmas vantagens, que os Portuguezes podiaõ esperar daquelle de quem tinhaõ tomado a defença. Albuquerque naõ quiz atender a coisa alguma, e se dispoz a uzar de força descuberta. Zeinal, temendo as alteraçoés populares, se tinha fortificado em hum campo fóra da Cidade com hum dobrado cerco. As tropas Portuguezas de hum lado com as do Rei d'Auru do outro, o attacaraõ, e o tomaraõ. Zeinal combatendo com valor alli o mataraõ. O Principe pupilo naõ tendo competidor, foi restituido ao Throno. Os Portuguezes fundaraõ a sua Fortaleza, e se aproveitaraõ de muitos despojos.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

No mesmo dia que Albuquerque ganhou esta formoza victoria, os Portuguezes receberaõ pouco depois huma perda consideravel, que servio de desconto. Jorge de Brito tinha passado neste anno de Portugal para ás Indias, commandando huma esquadra de nove navios. Tendo chegado a Cochim, foi despachado pelo Governador General para ás Malucas, para onde estava destinado com huma esquadra de sete navios. Pouco depois par-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

partio Jorge d'Albuquerque, em cuja conserva naõ pôde hir. Aportando a Achem, hum Portuguez chamado Joaõ de Borba, veio a seu bordo para o saudar. Este homem depois de ter naufragado, e lutado por nove dias em hum pequeno escaler, contra a fome, ventos, e ondas, tinha arribado a Achem, onde tinha sido recolhido pelo Rei da maneira mais afavel do mundo. Borba reconheceo mal os favores deste Principe; porque tanto que chegou a bordo, persuadio Brito; que se apoderasse d'um Pagode, dizendo-lhe, que nelle acharia riquezas immensas. E a fim de o animar a esta acçaõ, lhe fingio que o Rei d'Achem tinha aproveitado as reliquias do naufragio d'um dos seus navios, e feito morrer os Portuguezes, que delle se tinhaõ salvado. Brito, enganado pola esperança destas riquezas, que cria já possuir, enviou fazer proposiçoẽs muito extraordinarias ao Rei, que lhe respondeo com tudo de modo que satisfaria todo o homem, que fosse persuadido de que era dotado de razaõ. Brito receou no mesmo tempo o soccorro d'outro navio Portuguez, que se achava no porto, com o pretexto de naõ ser da sua esquadra, e muito

mais

mais para naõ ser obrigado a lhe dar parte no roubo do Pagode.

Ann. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Determinado em attacar a Cidade, mandou 22 homens para o desembarque, os Capitaẽs na frente delles nas suas chalupas á excepçaõ de Francisco Godinz, que os seguia com a sua fusta onde estava a artilheria, e os arcabuzeiros em numero de 70. Tendo-se as chalupas adiantado, porque a fusta naõ podia andar tanto, Brito quiz esperalla, porque ella trazia as suas principaes forças, que devia além disso defender, e favorecer o desembarque; porém hum vento de terra, que engrossava as aguas da embocadura do rio, dando-lhe muito trabalho, e alguns falconetes, que atiravaõ d'um pequeno baluarte visinho, os seus o constrangeraõ a ferrar a praia, e a desembarcar. O que levava a bandeira de Brito, tendo-se atordoado á força de vinho para ter mais animo, partio desmandadamente, tanto que pôz pé em terra sem esperar ordem. Brito c'os seus gritos, fez quanto pôde para o demorar, e os aventureiros que o seguiraõ; mas estando todos surdos á sua voz, e o numero delles engrossando cada vez mais, elle mesmo foi arrastado contra seu gosto. Naõ estive-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

tiveraõ muito tempo que naõ cahiſſem ſobre hum corpo de mil homens conduzido pelo Rei em peſſoa. Como os Portuguezes naõ tinhaõ conſigo os ſeus arcabuzeiros, foraõ logo debaixo. O Alferes autor da diſgraça commum teve o caſtigo da ſua imprudencia, ſendo o primeiro que mataraõ. Jorge de Brito, e outros tres Capitaẽs da ſua frota tiveraõ a meſma ſorte. Gaſpar Fernandes, bom Official, chegando-ſe muito a hum Elefante para o paſſar com a ſua lança, eſte animal o tomou na tromba, e o arremeçou taõ alto que cahio morto. Pondo-ſe o reſto em fugida, Lourenço Coutinho, hum dos Capitaẽs que vinha unir-ſe ao groſſo, e fazia como o corpo de rezerva, vendo eſta deſtruiçaõ, ſe deitou a fugir, em vez de eſperar para ſuſter os fugitivos. O que dando animo aos inimigos, ficaraõ 70 Portuguezes mortos neſta vergonhoza retirada. Só dois, a ſaber Luiz Rapozo, e Pedro Vellozo, cujos nomes merecem ſer immortaes, repararaõ a honra da ſua Naçaõ. Eſtando preſtes a ſe embarcarem, e naõ vendo o ſeu General, determinaraõ-ſe a hirem-no buſcar, e o reconduzirem, ou morrerem com elle; e depois

pois de fazerem prodigios de valor, morreraõ trafpaffados. O Capitaõ da fufta julgando pelo eftrondo que tinhaõ travado peleja, fez quanto pôde para abordar; mas encalhando, foi obrigado a efperar a preiamar, para fe defencalhar. Depois defta infelicidade tendo todos ganhado a fua frota como poderaõ, fe fizeraõ á vela para Pedir, onde Antonio de Brito, que fe achou nefte porto, foi eleito General em virtude d'uma commiffaõ d'ElRei, que achou nos papeis de feu irmaõ, a quem era fubftituido. Do porto de Pedir foraõ ao de Pacem, onde achando Jorge d'Albuquerque preftes a partir, todos juntos fe fizeraõ á vela para Malaca.

Ann. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Tendo Albuquerque tomado poffe do governo, e achando taõ boa companhia, quiz affignalar os principios indo expulfar Mahmud da Ilha de Bintam. Haviaõ-lhe feito a empreza facil, e elle confiava muito em 18 navios, que levava a efta expediçaõ, e 600 homens de boas tropas. Porém tendo deixado de levar comfigo efcadas, por lhe fegurarem que naõ teria precizaõ, fez inuteis esforços contra hum baluarte fó, que Laczamana defendeo taõ vigorozamente, que Albuquerque tendo nelle perdido

mui-

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

muita gente, perdendo tambem a esperança de o tomar, se tornou a embarcar pouco airozo, para tornar a Malaca. Antonio de Brito com a sua esquadra tendo-se separado delle para seguirem sua derrota ás Malucas, Laczamana que o vio debilitado por esta divizaõ de forças, o seguio logo com 15 lancharas armadas, de taõ perto, que entrou com elle no porto, onde tomou o brigantim de Gil Simaõ, que alli o mataraõ com todos os que o defendiaõ.

Neste mesmo tempo, os Portuguezes se acharaõ reduzidos a huma grande extremidade na Ilha de Ceilaõ. Lopo de Brito, que tinha succedido a D. Joaõ da Silveira no Governo da Fortaleza, que Soares tinha fundado, emprehendeo acrescentala, e para este effeito levou comsigo hum reforço de soldados, e de trabalhadores. Os Chingules, que saõ os Nobres do paiz, o acharaõ muito máo, e se queixaraõ altamente como de huma infracçaõ feita ao tratado, e de huma tentativa arriscada para lhes oprimir a liberdade. Fora sem duvida prudencia suspender huma obra, contra a qual todos pareciaõ que se revoltavaõ. Porém Lopo desprezando os rumo-

mores populares teve mais animo, e determinaçaõ em feguir feu trabalho. Tendo-fe nefta occafiaõ irritado os animos, atiçando os Mouros o fogo da divizaõ, como coftumavaõ, fe enterrompeo o commercio da Fortaleza com a Cidade, de modo que a fome fe fentio brevemente alli. Adiantou-fe mais a ouzadia dos habitantes, porque fe achavaõ alguns Portuguezes desgarrados os infultavaõ, e maltratavaõ.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Lopo de Brito diffimulou eftes infultos, pode fer mais do que devera; porém animado depois pelas murmuraçoẽs dos feus, que tachando-lhe a fua muita paciencia, acuzavaõ o feu valor, paffou d'uma vez a outro extremo fem prever as confequencias. Porque hum dia, no tempo do repouzo, e do grande calor, tendo fahido do feu forte com 150 homens, entrou na Cidade de Columbo, onde nada menos fe efperava, que efta hoftilidade, alli levou hum tal medo, que no efpanto d'uma irrupçaõ taõ fubita, cada hum dos habitantes fó cuidou em fugir. Porém depois reunidos fóra da Cidade, e paffado efte primeiro momento de terror, attrahidos pelo amor de fuas mulheres, e filhos,

torna-

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

tornaraõ a entrar com furor. O eſpectaculo deſtas mulheres, e filhos que Brito ſe tinha contentado de fazer prender, augmentando tambem a ſua animoſidade, os Portuguezes foraõ obrigados a retirar-ſe, com mais de 30 feridos, recolheraõ-ſe á ſua Fortaleza com trabalho, e pode ſer que naõ conſeguiſſem entrar nella, ſe o fogo que Brito tinha prudentemente feito lançar ás cazas da rua principal, naõ cauzaſſe diverſaõ, e facilitaſſe a retirada.

Naõ foi iſto mais do que os principios dos ſeus males. A indignaçaõ que cauzou em toda a Ilha huma irupçaõ arrebatada, e taõ pouco disfarçada a ſublevou toda inteira. Naõ houve quem ſe naõ quizeſſe armar para os deſtruir „ diziaõ, de indignos piratas, „ que tendo ſido recebidos com huma- „ nidade, naõ ſe contentavaõ de ſe „ fazerem ſenhores do paiz, e do com- „ mercio, para o fazerem ſó ſegundo „ as leis que lhes aprouve preſcre- „ ver, mas pareciaõ ainda cubiçozos do „ ſangue de quem os hoſpedou, em- „ pregavaõ para o derramar as mais „ vergonhozas traiçoẽs, moſtravaõ-ſe „ inimigos com as armas na maõ, „ ſem motivo, e alguma denuncia- „ çaõ de guerra, e deſtas formalida- „ des

,, des que os povos mais barbaros tem
,, coſtume de guardar.,, De repente
ahi ſe acharaõ mais de 2000 homens
juntos, em que o furor augmentando
o valor natural deſtes Ilheos, lhes fez
tomar as medidas as mais efficazes para
aſſegurar a ſua juſta vingança. A
Fortaleza foi ſitiada em fórma. Os inimigos
a cercáraõ da parte da terra por
linha, e reductos, aos quaes ajuntaraõ
dois cavalleiros, d'onde a artilheria
dominando a praça, deo lugar por
ſinco mezes inteiros a Brito de ſe arrepender
da ſua imprudente ſahida,
e aos ſeus de o obrigarem a iſſo.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Deſde os principios do ſitio, Brito
tinha dado avizo a Cochim do
aperto que o eſperava; mas como
o General tinha deſprovido todas as
praças do Indoſtan, para a grande empreza
de que vamos fallar, naõ lhe
poderaõ enviar mais que 50 homens
em huma galera, commandada por Antonio
de Lemos, que gaſtou muito
tempo a lá chegar por cauza do inverno.

Com a chegada deſte fraco ſoccorro,
conhecendo Brito que naõ devia
eſperar outro, ſegundo a ſua deſeſperaçaõ,
e reſolvendo arriſcar tudo
em huma acçaõ deciziva, de fazer
levantar o ſitio dos inimigos, ou de

mor-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

morrer como valerozo, antes que deixar-se consumir pela fome, e as outras disgraças que saõ consequencias dos longos sitios.

Ordenou a Lemos, que chegasse a sua galera o mais que podesse aos entrincheiramentos inimigos, e que os varejasse toda a noite. Esta manobra chamou a esta parte a attençaõ dos sitiantes, assim como o tinha esperado, desde o principio do dia seguinte, attacou os entrincheiramentos da parte opposta na frente de 300 homens com tanta impetuosidade, que os que os defendiaõ, tomados do repente, os desempararaõ para se retirar para á Cidade. Porém como a multidaõ dos inimigos era sem numero em comparaçaõ dos Portuguezes, e que além disso naõ lhe faltava gente habil na arte da guerra, reuniraõ-se, fizeraõ hum corpo de 150 cavallos, e 25 Elefantes, sustentados por huma especie de batalhaõ quadrado, e tornaraõ em boa ordem para os entrincheiramentos, que acabavaõ de perder. Brito, que tinha já sahido em seguimento delles, vendo-os vir naõ se admirou, e tendo ajuntado os seus bésteiros, lhes ordenou que fizessem a sua descarga sobre os Elefantes. Elles

o

o fizeraõ com tanta deſtreza, e felicidade, que eſtes animaes eſpantados, e irritados pelas ſuas feridas, voltando ſobre os ſeus, desbaratando homens, e cavallos, cauſaraõ ſobre o campo huma deſtruiçaõ taõ geral, que os Portuguezes naõ achando ninguem que lhe fizeſſe cara, entraraõ com os fugitivos confuſamente na Cidade, e os perſiguiraõ ainda mais até á hum boſque de palmeiras, onde Brito temendo que os ſeus ſe demandaſſem, naõ julgou util obrigalos mais, e mandou tocar á retirada.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

A paz foi o fructo d'uma taõ bela victoria. Porque o Rei do Colombo indignado porque os Mouros, que o tinhaõ movido a eſta guerra, tinhaõ ſido os primeiros a fugir, e além diſſo enfadado das perdas que tinha tido neſta occaõ, e no ſitio, ſe reconciliou de boa fé com os Portuguezes, e viveo depois com elles em boa armonia.

D. Manoel deſejava com paixaõ ter huma Fortaleza em Diu. Tinha ordenado iſto muitas vezes aos Governadores das Indias. Porém Melique Jaz os havia ſempre illudido com a ſu eſperteza. ElRei enfadado dos ſeus artificios tinha em fim ordenado a Si-

ANN. de J. C. 1521. D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

queira que fizeſſe de modo, que alcançaſſe o conſentimento por bem, ou por mal. Alli havia logo huma modificaçaõ a eſta ordem; porque ElRei querendo poupar as ſuas tropas dezejava que iſſo ſe fizeſſe de modo, que naõ empregaſſe inteiramente a força, que eſta naõ fizeſſe mais que ajudar á aſtucia, e a induſtria. Com tudo depois diſto eſta modificaçaõ foi tirada, e a ordem foi enviada pura, e ſimplez: que ſe Melique Jaz naõ conſentiſſe na petiçaõ, que de novo lhe requereſſem, lhe declaraſſem guerra. ElRei eſtava taõ perſuadido, de que o negocio ſeria facil, que havia feito partir Fernando de Beja com as provizoẽs de Governador da nova Fortaleza.

Siqueira, que recebeo eſtas ordens em Ormuz no retorno da ſua expediçaõ do mar Roxo, as conſervou em ſegredo, e foi na paſſagem ancorar defronte de Diu, bem determinado a aproveitar a occaſiaõ, ſe a achaſſe favoravel. Foi illudido na reſpoſta como dantes. Elle bem o eſperava, mas diſſimulou. O Feitor Portugues o tinha aviſado de que a praça eſtava muito bem munida, para que elle podeſſe lizongear-ſe de á tomar, no eſtado em que elle ſe achava, de ſorte que com effei-

effeito naõ ſe achando aſſaz forte, continuou ſua derrota até Cochim, para alli hir fazer maiores preparativos.

Ann. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Jaz, que era bem ſervido de eſpias a quem pagava bem, foi logo aviſado dos movimentos de Governador, de que era proprio que tiveſſe alguma deſconfiança. Para melhor ſe aſſegurar, enviou a Cochim hum Official, ſem que moſtraſſe outra tençaõ, que a de conduſir alguns prezentes da ſua parte ao General, que continuando a diſſimular, os recebeo muito bem, e moſtrou ſempre ao Official muita eſtimaçaõ por ſeu Senhor, e hum grande deſejo de viver em boa correſpondencia com elle. Porem era impoſſivel que eſte homem, vendo huma frota de mais de 80 velas, a mais bela que os Portuguezes nunca tiveraõ, naõ ſuſpeitaſſe algum grande deſignio, e que o Melique naõ concluiſſe diſſo, que eſte diſignio o reſpeitava. Siqueira partindo de Cochim trouxe o Official até Goa; porém lá elle ſe eſcapou, e foi dar avizo de tudo a ſeu Senhor.

Jaz, que ſe naõ queria achar á chegada da frota, partio logo para á Corte de Cambaia, deixando na praça Melique Saca ſeu filho, bem inſ-

 trui-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

truido de tudo o que devia dizer, e com elle hum valente Capitaõ chamado Aga-Mahmud, homem de valor, e de conſelho, que podia ſervir de tudo em precizaõ. Siqueira tendo ancorado na enſeada com eſta frota formidavel, enviou logo ſaudar o moço Melique, para lhe dar aviſo da ſua chegada, ou para melhor dizer, da ſua paſſagem. Seu deſignio era, dizia elle, de hir a Ormuz, onde a ſua prezença era neceſſaria; mas que lhe rogava ao meſmo tempo, que quizeſſe effectuar o que lhe tinha prometido tantas vezes, de lhe aſſignar hum lugar para fundar huma Fortaleza. Saca, que por percauçaõ tinha feito prender todos os Portuguezes diſperſos pela Cidade, a fim de que elles naõ communicaſſem com o ſeu General, naõ duvidou de praticar cara á cara com elle, tomando as percauçoẽs que convinhaõ á ſua ſegurança.

Neſta pratica, que foi cheia de civilidade,,, Excuſou-ſe elle por naõ
,, poder conceder o que lhe pediaõ,
,, ſem a permiſſaõ de ſeu Pai, que elle
,, meſmo tinha niſſo a melhor vontade,
,, de, e naõ tinha ido peſſoalmente
,, á Corte mais que a fim de obrigar
,, o Rei a conceder eſta graça, á qual
,, eſte

„ eſte Principe tinha huma oppoſiçaõ „ invencivel. „ Tendo Siqueira feito inſtancia para falar ao menos aos Portuguezes que eſtavaõ na praça. O moço Melique reſpondeo : „ Que devia „ eſtar muito deſcançado ſobre o eſtado delles, que eſtavaõ livres, contentes, e que gozavaõ de todas as „ vantagens d'uma boa correſpondencia : Que a petiçaõ que lhe fazia „ de lhos aprezentar, lhe era injurioza por moſtrar huma deſconfiança „ que fazia á ſua civilidade : Que elle „ naõ os aprezentava em quanto a frota naõ partiſſe, com medo de que „ naõ pareceſſe, que ſe deſconfiava da „ ſua ſinceridade, ou que elle meſmo „ o fazia por puſſillanimidade, e por „ medo. „

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Sobre eſtas coiſas houve o Governador muitos conſelhos com os ſeus Capitaés. A maior parte tinhaõ ſuas commiſſoés para portos, onde eſperavaõ enriquecer-ſe, e ſerviaõ de má vontade em huma empreza, onde ſe naõ ganhava nada. Aſſim a maior parte votou, que a praça ſendo tambem fortificada como eſtava, era huma temeridade emprehender o attacala. Além diſſo apoiando as raſoens de Melique, concluiraõ que ſeria ajuntar

a in-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

a injuſtiça e imprudencia, porque com effeito naõ pertencia, nem a ſeu Pai, nem a elle, que lhe naõ deſſem a ſatisfaçaõ que elle pedia.

Os ſoldados ſempre animozos, que naõ pertendem mais, que ſer conduſidos, apenas ſuſpeitaraõ eſta determinaçaõ do Conſelho, bramindo de vergonha, e de colera, naõ ſe ouvia mais que huma voz em toda a frota, que taxando o General de cobarde, e poltraõ, lançavaõ-lhe em roſto a gloria da Naçaõ abatida na perda deſta occaſiaõ, a mais bela que podia haver, e que naõ achariaõ mais. O que foi peior alguns dias depois: vindo o Feitor á bordo pela permiſſaõ que o General tinha alcançado, dando refens, e tomando por diverſas vezes caixoẽs d'ouro, e de prata, que eraõ os ſeus effeitos, que ſalvava da juſta aprehenſaõ d'uma guerra que previa, diziaõ claramente que o General vendia a Naçaõ, e os entereſſes d'ElRei por boa moeda corrente. Os Capitaẽs da frota fallando no publico d'um modo differente do que o tinhaõ feito no Conſelho, approvavaõ eſtes inſolentes diſcurſos; mas que ſó tinhaõ muito fundamento apparente. Siqueira que o ſoube tendo-os revocado ao Con-

ſelho,

ſelho, dando-lhes reprehençoẽs muito acres, que elles mereciaõ bem, lhes fez dar de novo ſeu voto por eſcrito. Aſſignaraõ tudo o que elle quiz, promptos tambem a fazer proteſtaçoẽs contra ſi. Deſte modo o General julgando-ſe ſeguro a reſpeito da Corte por eſta percauçaõ, reſolveo de proſeguir ſua derrota para Ormus: erro conſideravel, que todos os Chefes devem examinar, havendo conjunturas em que os Governadores devem tomar ſobre ſi os acontecimentos, principalmente quando tem ordens precizas que os favorecem, ſem o que perdendo a occaziaõ de boas acçoẽs, perdem tambem a ſua reputaçaõ, naõ obſtante as apparencias de prudencia, com que ſuppoem cubrilla, e com a reputaçaõ delles a confiança das tropas, a quem he dificil de impor.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Em fim tendo feito ſaber a Melique Saca a determinaçaõ que tinha de continuar ſua derrota, o fez rogar que quizeſſe bem facilitar a Rui Fernandes a viagem da Corte de Cambaia, onde o enviou para concluir eſte negocio. Saca livre d'uma extrema inquietaçaõ, prometeo tudo, e deſde logo fez levar á frota toda a ſorte de refreſcos. Siqueira expedio para Cochim

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

chim D. Aleixo de Menezes, que devia commandar na India em auzencia do General, e com elle, fez partir Jorge d'Albuquerque, e Jorge de Brito para onde eſtavaõ deſtinados, de que já fallamos, e vimos os ſucceſſos. Com elles partiraõ tambem Coutinho, e Pereſtrello deſtinados para á China, e os outros que deviaõ commandar os navios de carga de retorno para Portugal; o que fazia por tudo o numero de 20 Capitaẽs mais mercadores que ſoldados: mas pode ſer tambem que tiveſſem ſido mais ſoldos que mercadores, ſe o General tiveſſe amado mais a ſua gloria, que o ſeu entereſſe. Iſto he o que he dificil de dezatar.

Finalmente o General, fazendoſe á vela para Ormuz, deixou Fernando de Beja, e Pedro d'Utel com ſeus navios, os dois irmaõs Nuno Fernandes, e Manoel de Macedo com ſuas caravellas, com o pretexto de carregarem algumas provizoẽs; mas com ordem ſecreta á Beja de tirar logo todos os Portuguezes que eſtavaõ em Diu, e no cazo que a negociaçaõ de Rui Fernandes naõ tiveſſe effeito, que declaraſſe logo a guerra. Outro erro muito grande: porque ſe elle naõ tinha

tinha ouzado declaralla elle mesmo, tendo huma taõ bela occaziaõ, e huma frota taõ formidavel, parecia bem pouco prudente fazer esta declaraçaõ taõ fóra de proposito, e com taõ poucas forças.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Alguns annos depois ElRei d'Ormuz naõ pagava exactamente o tributo que devia á Coroa de Portugal, desculpava-se com a diminuiçaõ dos seus rendimentos, e tinha alguma razaõ. As Ilhas de Baharem, e de Catife no Golfo Persico eraõ do dominio deste Principe. A pesca das Perolas que alli se faz naõ he taõ abundante, como a das Indias; mas as Perolas ahi tem huma sombra mais bela, e saõ de melhor qualidade. Estas Ilhas que faziaõ huma parte consideravel da riqueza deste Principe, lhe foraõ tiradas por hum dos seus vassallos chamado Mocrim, Rei de Lazah, e genro do Chec de Meca, que fez sublevar Baharem em seu favor, no mesmo tempo que Hamed seu sobrinho fez o mesmo em Catife. O desprezo que conceberaõ ambos de hum Rei, que se tinha feito tributario d'um punhado de estrangeiros, auctorizando-lhes a revolta, foi tambem o motivo que o Rei Torun-Cha fez valer na prezença do Gene-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

neral para o ajudar a ſubmeter eſtes vaſſalos rebellados, ou para naõ eſtranhar que elle naõ pagaſſe hum tributo, cujo pezo excedia as ſuas forças. O General perſuadio-ſe das ſuas razoẽs com melhor vontade, porque Mocrim naõ ſe contentando da ſua uſurpaçaõ, entretinha huma pequena frota, que arruinava o commercio d'Ormus, tomando todas as embarcaçoẽs que vinhaõ da Baçorá, e das outras partes do Golfo.

Como o negocio era urgente, Siqueira mandou para eſta expediçaõ Antonio Correa com 7 fuſtas, e 400 Portuguezes, que deviaõ ſer ſeguidos da frota de Torun-Cha compoſta de perto de 200 embarcaçoẽs pequenas, conduzidas por Rais Seraf ſeu primeiro Miniſtro. Huma violenta tempeſtade dividindo-os, Correa foi obrigado a eſperar alguns dias ſobre ſuas ancoras á viſta de Baharem, para ſe dar tempo de ſe ajuntarem áquelles que poderiaõ vir unir-ſe-lhe. Mocrim ſe aproveitou deſta dilaçaõ, para ſe fortificar cada vez mais. Tinha 12$ homens de tropas, 300 beſteiros de flexa Perſianos, e 20 beſteiros de beſta. Correa deſembarcou ſoccegadamente; porém como elle deſconfiava das tropas

pas Armuzianas, ordenou a Seraf, que fizesse o attaque d'um lado, que elle se obrigava a combater o outro. O que quiz escolher partido segundo os acontecimentos, sobio a hum alto para dalli se determinar segundo o successo. D'outra parte os Portuguezes postos em movimento, Ayres Correa, irmaõ de Antonio guiando a vanguarda composta de 70 homens, pela maior parte gente distincta, deixou-se hum pouco levar da vivacidade do seu animo: e seguindo o methodo que os Portuguezes entaõ tinhaõ de combater sem ordem, arrebatados pelo seu impeto, deo sobre os inimigos de furia com os seus, que tendo-se demandado para fazerem cara à multidaõ, foraõ mui maltratados, sendo muitos feridos, e principalmente Ayres Correa que foi ferido com muitas flexas, e o teriaõ matado, a naõ ser o soccorro d'alguns valerozos, que o rodearaõ para o defenderem. Sobrevindo Antonio com o corpo de batalha passou a diante sem se deter, naõ lhe obstando o triste estado em que via seu irmaõ. Os entrincheiramentos inimigos foraõ ganhados; porém foi logo precizo abandonallos, e ceder á força, e ao valor de Mocrim, que combaten-

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

batendo na frente dos ſeus, naõ ſe intimidou, ainda que debaixo delle lhe matáraõ dois, ou tres cavallos, e naõ deſcanſou ſe naõ depois de rechaçar os Portuguezes já victoriozos.

O exceſſivo calor do dia obrigando os dois partidos a fazer huma eſpecie de tregoa para reſpirarem, cada hum cuidou nos ſeus feridos. Mas deſcançando hum pouco, Antonio Correa tornando aó porto, o combate ſe renovou com mais furor. A victoria eſteve muito tempo duvidoza, em quanto Mocrim pôde animar as tropas com a ſua prezença; porém recebendo hum tiro, de que morreo tres dias depois, foi obrigado a mandar-ſe levar para fóra da refrega, entaõ os ſeus enfraqueceraõ, e ſe pozeraõ em fugida. Seraf ociozo até entaõ, ſe apreſſou para vir tomar parte no deſpojo, antes que na victoria. Correa diſſimulando o que naõ podia punir, o deixou ſatisfazer hum pouco á ſua cubiça, e o mandou em ſeguimento dos fugitivos que buſcavaõ o Reino de Laſah. Seraf os alcançou, e voltou com a cabeça de Mocrim, que ſendo embalſamada, foi enviada ao Rei d'Ormuz. Eſte Principe eſtimou muito iſto, e a fez colocar em hum

monu-

monumento que erigio na ſua Capital com huma inſcripçaõ em lingoa Perſiana, e traduzida na Portugueza, para immortalizar a gloria deſta Naçaõ.

Ann. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Tendo ſubmetido Correa as duas Ilhas de Baharem, e de Catife, e tendo alli deixado Seraf, tornou a Ormuz, onde foi igualmente recebido do Rei, e do General, como merecia ſer. Por ſer iſto verdadeiramente huma bela acçaõ d'armas, que lhe fez dar o ſobrenome de Baharem, ao qual ElRei de Portugal concedeo depois hum novo ſinal de honra, permitindo-lhe ajuntar huma cabeça de Rei ao antigo brazaõ das armas da ſua caza.

O Governador cubiçozo de tornar á India, tendo licença d'ElRei, ſe fez á vela, e veio apparecer diante de Diu, fazendo ſempre cara de proſeguir o projecto de conſtruir alli huma Fortaleza. As coiſas tinhaõ alli mudado bem de face, e teve entaõ motivo para ſe arrepender do paſſado. Rui Fernandes tinha vindo da ſua Embaixada ſem ter conſeguido nada. Fernando de Beja tinha declarado guerra em todas as formas, e tinha corrido ſobre alguns navios de Cambaia, que tinha tomado; mas eſte dezafio

lhe

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

lhe cuſtou caro. As fuſtas de Melique Jaz, commandadas por Aga Mahmud, lhe cahiraõ em ſima, e achando a ſua pequena eſquadra ſeparada em hum tempo de bonança, Mahmud achando ſeus navios hum atras do outro, os attacou com tanto vigor, que meteo a pique Pedro d'Utel, e mal tratou de modo a Caravela de Nuno Fernandes de Macedo, e o Galiaõ de Fernando de Beja, que teriaõ tido a meſma ſorte de Utel, ſe hum vento freſco, terminando a calma, naõ obrigara Aga a retirar-ſe.

Beja reparando-ſe hum pouco no porto de Chaul, veio á prezença de Sequeira ſegundo as ordens que tinha. Encontrou-o na altura de Diu, e lhe deo eſtas triſtes noticias, que o afligiraõ por extremo. O General julgou remediar tudo, tomando diſignio de fundar em Madreſaba, ſinco legoas abaixo de Diu. Porém além de Melique Jaz, que alli tinha tido fortuna, ter fortificado eſte poſto, foi tambem impedido por outro acontecimento. Os Mouros d'uma embarcaçaõ que tinha tomado, e que tinha feito paſſar para á de Ayres Correa ſeu irmaõ, onde eſtavaõ todas as coiſas neceſſarias para eſta Fortaleza, naõ poden-

podendo ſofrer o captiveiro deitáraõ fogo á polvora, e fizeraõ voar o navio, embaraçando-ſe pouco de morrer, com tanto que fizeſſem morrer com ſigo aquelles, que conſideravaõ ſeus injuſtos opreſſores. Deſte modo ſervio pouco a Ayres Correa ter ganhado muita gloria em Baharem, e lhe teria ſido mais vantajozo morrer no campo da batalha, do que ſobreviver poucos dias para ter hum taõ triſte fim.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI.

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

O General naõ podendo conſeguir o ſeu projecto, mudou tambem de penſamento, e reſolveo fundar a Fortaleza em Chaul. Nizamaluco conſentio niſſo, e lhe adiantou meſmo a execuçaõ. Devia tirar d'ahi muitas vantagens, e com iſto tinha a doce ſatisfaçaõ de fazer deſpeito a Melique Jaz, com quem eſtava actualmente em guerra. Siqueira aproveitou-ſe da occaziaõ com goſto, e apreſſou a obra com todo o ſeu poder, porque ſoube entaõ da chegada do ſeu ſucceſſor. A Fortaleza foi fundada meia legoa diſtante da Cidade na embocadura do rio da parte do Norte, e em pouco tempo ſe pôz em eſtado de ſer levada á ſua inteira perfeiçaõ, ſem temer nada da parte dos inimigos, os quaes eſtavaõ ainda embargados por huma

obra

obra avançada que defendia os trabalhadores.

Anno de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Esta Fortaleza, que criaõ, dever arruinar absolutamente o commercio de Cambaia, era muito prejudicial aos interesses de Melique Jaz, para que elle naõ fizesse todos os seus esforços para a impedir. Aga Mahmud infatigavel nos seus corsos favorecia tambem suas intençoẽs, que naõ deixava passar alguma occasiaõ de attacar os Portuguezes. Meteo logo a pique o navio de Pedro da Silva de Menezes, que voltava d'Ormuz, e estava prestes a entrar na barra de Chaul; sem que D. Aleixo de Menezes, que tinha vindo de Cochim, e que por ordem do Governador hia a encontralo, lhe podesse dar algum soccorro, por cauza da calma que encontrou. Soberbo com esta acçaõ o Aga, continuou ainda mais de 20 dias successivos a affrontar as duas galeras, que commandava Fernando de Mendonça, e D. Jorge de Menezes, aproveitando-se tambem do vento, e dos mares, porque D. Aleixo de Menezes naõ lhe podia fazer nada, e porque elle varejava á sua vontade as duas galeras sobre as quaes a sua artilheria levava sempre vantagem.

Siquei-

Siqueira que ſe achava lá no eſtreito, e a quem eſta pequena guerra naõ dava muita honra, ſentindo ſua auctoridade pouco reſpeitada, depois que ſabiaõ que tinha já ſucceſſor, deſejozo além diſto do tempo da partida dos navios, que deviaõ traze-lo a Portugal, ſe diſpoz a partir para Cochim, deixando Henrique de Menezes ſeu ſobrinho para commandar no Forte de Chaul, e Fernando de Beja para General do mar com dois galioẽs, tres galeras, huma fuſta, e hum bargantim, com o que eſtava em eſtado de fazer cara a Aga.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI.

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Apenas o General entrou no mar o vento lhe eſcaceou, e ſe vio obrigado a ancorar diſtante hum tiro de canhaõ do ſitio onde eſtava Fernando de Beja com a ſua pequena frota. Favorecendo a calma a confiança de Mahmud, eſteve eſte logo a braços com Beja á viſta do General, a quem hum vento, que ſe levantou da terra, impedio de fazer o menor movimento em favor dos ſeus. Todo o eſforço do combate cahio logo ſobre a galera de Andre de Souza, que foi muito maltratada pela artilharia, até que D. Jorge de Menezes chegou em ſeu ſoccorro, e fez retirar hum pou-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

co as fuſtas de Aga, onde cauzou alguma deſordem. Fernando de Beja, que tinha paſſado do ſeu galiaõ para á galera de Fernando de Mendonça, ſobrevindo com tres chalupas bem armadas, e hum eſcaler, os inimigos ſe pozeraõ em fugida, naõ obſtante os esforços de Aga, que fez quanto pôde para os reter.

Porém enfurecendo-o ainda mais a vergonha deſta fugida, voltou no outro dia com maior furor. E como naõ achou mais do que as duas galeras, porque André tinha tido ordem de hir apparecer ao Governador com a má equipagem em que os inimigos o haviaõ deixado, Aga teve mais vantagem, e o combate foi mais cruento, que no dia precedente. Aga ſe lançou á galera de D. Jorge de Menezes, para á qual Fernando de Beja havia paſſado. Beja combatendo valerozamente alli o mataraõ rodeado dos ſeus, que pela maior parte foraõ feridos: a galera ficou crivada pelo continuo fogo do inimigo. D. Jorge de Menezes longe de ſe aſſuſtar animando o valor dos ſeus, fez huma taõ bela manobra, que os inimigos intimidados, faraõ os primeiros a retirar-ſe com grande admiraçaõ de todo o po-

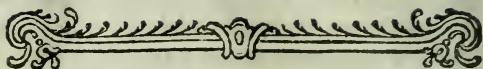
vo,

vo, que ſobre a praia era expectador do combate. D. Jorge todo altivo deſta retirada ancorou, como para dizer que era ſenhor do campo da batalha, e fez empavezar a ſua galera para anunciar a victoria. Porém de tarde com Juſam, foi dar conta ao General das perdas que tinha tido, e da terrivel ſituaçaõ em que a artilheria do inimigo tinha poſto a ſua galera, que inteiramente eſtava incapaz de ſervir. Beja foi muito chorado, e na verdade o merecia ſer. Antonio Correa foi deixado em ſeu lugar até á chegada de D. Luiz de Menezes, irmaõ do novo Governador General, que tinha provizoẽs de General do mar. Siqueira tendo depois partido para Cochim, achou ahi D. Duarte de Menezes já de poſſe da Fortaleza, e apoderado do Governo, ſem outra formalidade mais do que algumas demonſtraçoẽs de civilidade, que naõ ſignificavaõ nada. Depois do que Siqueira partio com os navios de carga para Portugal, para onde dizem havia já enviado muito dinheiro antes de vir. Accuſaõ-no com effeito, ſeja verdade, ou inveja, de naõ ſe ter deſcuidado, e de ter feito melhor os ſeus negocios, q̃ os d'ElRei ſeu Senhor.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Fim do ſetimo Livro.

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO VIII.

Ann. de J. C. 1521.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

A Morte d'ElRei D. Manoel, que foi no fim do anno de 1521 submergio Portugal em profunda tristeza na maior força das suas prosperidades: huma molestia de nove dias o lançou na sepultura aos 53 annos de sua idade, e no principio do 27 do seu reinado. Naõ foi sem razaõ que lhe chamaraõ o filho da fortuna, tendo chegado á Co-

Coroa, donde parecia apartado pelos Principes que o precediaõ, e tendo-o levantado depois ao ponto o mais brilhante de ſeu eſplendor. A perda do filho da ſua primeira mulher lhe fez faltar eſta celebre ſucceſſaõ, que cauzou depois a elevaçaõ da caza d'Auſtria; porém elle teve com que ſe conſolar pelos ſeus deſcubrimentos, e conquiſtas no novo Mundo. S'elle foi o filho da fortuna, naõ o foi certamente d'uma fortuna cega. Eſte Principe tinha verdadeiramente as qualidades heroicas, que formaõ os grandes homens; e o ſeu Reino, que elle fez florecer por tantos modos, gozou todas as vantagens, que pode procurar hum Rei, que he digno de o ſer. D. Joaõ III. ſeu filho de idade de 20 annos ſubio ao Throno depois delle, e ſe moſtrava herdeiro de ſuas virtudes, principalmente do eſpirito de Religiaõ, que lhe grangeou o apelido de Piadozo.

ANN. de J. C. 1521.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

D. Duarte de Menezes naõ tinha ainda tomado poſſe do ſeu governo, quando morreo ElRei: naõ entrou nelle ſe naõ no mez de Fevereiro do anno ſeguinte: porém a noticia deſta morte ſó chegou ás Indias, quaſi no meio deſte meſmo anno; aonde naõ dei-

ANN. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

deixou de levar alguma mudança nas fortunas, assim como de ordinario acontece na mudança de Senhor. O Governador principalmente se perturbou com ella, porque sentia bem que o grande favor que seu pai tinha tido d'ElRei defunto, de quem era Mordomo Mor, naõ se conservaria com o novo Monarca.

No principio se havia apoderado do Governo por via de facto, como homem que conta sobre o seu credito. O primeiro acto que fez da sua jurisdiçaõ, foi d'enviar a Chaul seu irmaõ D. Luiz de Menezes, e de tirar o Governo desta Praça a Henrique de Menezes sobrinho de Siqueira, para o dar a Simaõ d'Andrade. Muitas pessoas se offenderaõ com este dispotismo d'autoridade, que fazia huma afronta a seu predecessor, tanto mais que este tinha autoridade de nomear hum Governador, até que a Corte nisso provesse. D. Duarte córou a sua conducta, dizendo que neste emprego se precizava de hum homem de reputaçaõ, como era Simaõ d'Andrade, que além disso se offerecia a armar, e sustentar á sua custa seis galeras do numero de doze, que o General queria pôr no mar

mar contra as fuftas de Melique Jaz. Porém a verdadeira razaõ era por fer pobre o fobrinho de Siqueira; pelo contrario Simaõ d'Andrade, que fe tinha enriquecido muito na fua viagem da China, e que havia prometido a D. Duarte de efpofar huma filha natural, que elle tinha em Portugal.

ANN. de J. C. 1521.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Os Portuguezes de Chaul eftavaõ fempre opprimidos. Aga Mahmud a quem a retirada de Siqueira fez mais valente, tinha ido aprezentar-fe á barra com as fuftas, para obrigar Antonio Correa a expor-fe a huma acçaõ. Elle o varejou com muita valentia. Correa, por falta de muniçoẽs, fe poz na defenfiva atirando mui devagar, por naõ extinguir as poucas que lhe reftavaõ. Aga tendo tomado ainda mais confiança, intentou tomar hum dos reductos que defendiaõ a entrada da barra. A iffo tinha fido folicitado por hum dos mais confideraveis Mouros de Chaul, que chamavaõ tambem Mahmud. Pedro Vaz, antigo Official, que tinha fervido em Italia, commandava no reducto, onde naõ tinha mais que trinta homens. O Aga pòz a fua gente em terra, que eraõ 300 voluntarios, quafi todos peffoas qualificadas, fem que os do reducto

os

Ann. de J. C. 1521.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

os podessem perceber. Aquelles tendo-se escondido a traz d'uma eminencia, que dominava o reducto, pelejaraõ logo, que poderaõ ser descubertos. A acçaõ foi das mais vivas. Pedro Vaz, e os mestres artilheiros foraõ mortos: os outros se defenderaõ com todo o valor que se pode imaginar, e depois da acçaõ acharaõ que tinha no seu broquel até 27 flexas. Fora precizado a ceder á força, se Correa lhe naõ tivesse enviado 60 homens em dois bateis bem armados, que dividiraõ da sua sorte em seu favor. O Aga admirado da morte dos dois Chefes deste partido, e de quasi 90 homens estendidos na praça, tomou o partido de se retirar. O traidor Mahmud, crendo que ignoravaõ a sua perfidia, enviou felicitar Correa desta victoria, e lhe fez levar refrescos. Correa por resposta lhe enviou as cabeças dos seus Deputados, e fez pendurar-lhes os corpos nas vergas dos seus navios.

D. Luiz de Menezes chegou durante este tempo: Correa, coroado d'uma nova gloria por esta nova vantagem, lhe entregou o governo da frota, e foi ainda a tempo de se embarcar com Siqueira seu tio, nos navios

vios de carga. Melique Jaz ſabendo da chegada de Menezes, e temendo ainda mais Simaõ d'Andrade, que tinha já chegado a Chaul, havia obrigado na ſua derrota a Cidade de Dabul a lhe entregar duas galeras inimigas, e a pagar hum tributo annual á Coroa de Portugal, chamou o Aga, e as ſuas fuſtas, e enviou pedir paz ao novo Governador, deſculpando-ſe do paſſado com a má conduta de Siqueira ſeu predeceſſor. D. Duarte lha concedeo de melhor vontade, do que ſe ſuſcitaſſe huma nova guerra, cujas conſequencias tinha razaõ de temer.

ANN. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Houve ainda aqui hum effeito da cubiça coberto com as apparencias do bem publico. O Rei d'Ormuz naõ pagando, e nem podendo pagar o tributo pela diminuiçaõ das ſuas rendas, como já diſſemos, alguns particulares avizaraõ á Corte de Portugal, que iſto era pela má adminiſtraçaõ das rendas deſte Principe, o qual era roubado pelos Miniſtros que o governavaõ. Ainda que huma das condiçoẽs do tratado, que tinhaõ feito com elle, foi que naõ ſe embaraçariaõ com os negocios do ſeu Governo, com tudo o cazo tendo ſido propoſto em Portugal aos Doutores, todos reſponde-

Ann. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

deraõ unanimemente, que ſendo o Reino de Ormuz tributario á Coroa, ElRei de Portugal era abſolutamente o Senhor dos Eſtados deſte Principe.

Sobre eſta diviſaõ D. Manoel enviou ordens ao Governador General, que pozeſſe Portuguezes em todas as alfandegas do Reino de Ormuz, como ſe os Portuguezes eſtando huma vez neſtas alfandegas, naõ podeſſem roubar o Principe, aſſim como o tinhaõ feito os Officiaes Arabes, ou Perſas, que alli eſtavaõ dantes já, que roubavaõ tambem o meſmo Rei de Portugal. Eſtando Siqueira em Ormuz executou as ordens d'ElRei ſeu Senhor contra o ſeu proprio ſentimento. Iſto tinha grandes dificuldades; porém como Torun-Cha Rei d'Ormus preciſava entaõ do ſoccorro dos Portuguezes, para tornar a conquiſtar as Ilhas de Baharem, e de Catife, tomou o partido de diſſimular, e de ſubmeterſe. A diſſimulaçaõ ſervio ſó de augmentar o mal, porque depois da partida de Siqueira os novos Feitores da Alfandega naõ deixaraõ de dar muitos motivos de queixa: por outra parte os Miniſtros do Rei d'Ormuz achando occaſiaõ de o irritarem exceſſivamente, eſte Principe d'acordo com el-

elles, tomou a resoluçaõ de fazer assacinar todos os Portuguezes, n'um mesmo dia, e á mesma hora, em toda a extençaõ dos seus Estados.

Ann. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

O negocio foi conduzido com muito segredo, e artificio. Porque para melhor conseguirem o seu designio, e para enfraquecerem os Portuguezes, persuadiraõ a Manoel de Souza Tavares, que commandava sobre esta Costa, que fosse ao encontro dos Nautaques, ou Baloches, corsarios Arabes, os quaes infestavaõ estes mares no tempo da monçaõ. Apenas Souza partio arrebentou a conjuraçaõ pelo attaque de dois navios, que restavaõ no porto. O fogo que lançáraõ ao primeiro, foi o final de assacinarem os Portuguezes. Alli morreraõ 120, sem fallar dos escravos de ambos os sexos, em Ormuz, Curiate, Soar, Baharem, e n'outras partes. Rui Boto mais felis do que os outros na infelicidade commum, acabou por hum gloriozo martyrio em Baharem, tendo estimado mais sofrer todas as sortes de tormentos, que renunciar a sua Religiaõ para abraçar a lei de Mahomet. Só o Governador de Mascate naõ quiz executar as ordens sanguinarias do seu Principe, e avizou a Ma-

ANN. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Manoel de Souza Tavares de tudo o que ſe urdia, o que logo o obrigou a retroceder.

D. Garcia Coutinho Governador da Fortaleza d'Ormuz, antevendo bem que o menor mal que tinha para temer, era a fome, e ſede em quanto duraſſe hum ſitio dificil a ſupportar, com a pouca gente que tinha eſcapado ao aſſacinio, fez partir com preſſa huma caravela, para avizar o Governador General do eſtado em que ſe achava. Com tudo Souza ſe apreſſava para tornar a Ormuz. Huma tempeſtade o ſeparou de Triſtam Vaz, que no ſeu paráo paſſou pelo meio da frota dos inimigos, compoſta de mais de 160 *Terradas*, de que naõ recebeo damno algum, ou foſſe por naõ ſer percebido ou por ter a felicidade de ſofrer todo o fogo delles, ſem receber prejuizo. Manoel de Souza tendo depois ancorado na diſtancia de duas legoas da Cidade, o perigo a que Coutinho o vio expoſto, fez com que elle ſe determinaſſe a enviar à ſua prezença Triſtam Vaz, que teve tambem o valor de paſſar pelo meio da frota inimiga para hir ter com elle. Torun-Cha encolerizado com a fraqueza dos ſeus, que naõ ouſavaõ abordalo, fez pôr dian-

diante de si sobre duas mezas duas bacias. Huma estava cheia d'oiro, e a outra de joias, e adornos de mulheres para excitar-lhes o valor com esta vista, que era o simbolo de duplicada recompença. Com effeito esta vista animando os brios dos mais fracos, toda esta frota se pôz em movimento. Naõ obstante todos os seus esforços, os dois navios abriraõ passagem, e vieraõ colocar-se no porto, debaixo do fogo da Fortaleza; porém taõ cheios de flexas, que estavaõ cobertos dellas, de modo que tiveraõ de que fazer fogo por muitos dias.

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

A Fortaleza tendo sido depois attacada da parte da terra por dois mezes successivos, porém sem muito effeito, Torun-Cha irritado por huma parte contra os Ministros, que o tinhaõ metido neste máo negocio, e temendo pela outra ainda mais o castigo devido á sua traiçaõ, tomou a mais extranha resoluçaõ do mundo, que foi deixar a Cidade d'Ormuz, e hir estabelecer-se na Ilha de Queixome, que dista dalli só tres legoas, e tem 15 de longo, no seguimento da terra da Costa de Carmania. Para o que publicou hum edicto com pena de mor-

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

te a cada hum dos ſeus vaſſallos para ſe embarcarem com todos os ſeus bens para o ſeguirem. Poſto que eſta determinaçaõ extravagante encheo á Cidade de diſgoſto, foi obedecido. Os Officiaes, que deixou para fazerem executar as ſuas ordens, enganaraõ tambem o Governador da Fortaleza, que naõ conheceo o diſignio do Principe, ſe naõ quando o mal naõ tinha remedio, e que vio toda a Cidade em fogo. Entaõ temendo algumas ſiladas, e naõ ouſando enviar alguem para ſaber o que ſe paſſava, eſta Cidade ſoberba pela beleza dos ſeus edificios, eſteve á deſcripçaõ das chamas, que a deſtruiraõ em quatro dias, e quatro noites. Eſpectaculo digno de compaixaõ, e capaz de arrancar lagrimas. Os Portuguezes perdido o medo quaſi no fim deſte incendio, eſperaraõ ainda achar nelle de que ſatisfazer á ſua cubiça, e ſe lançaraõ por entre as chamas para a contentar. Porém tiradas algumas provizoens de boca, que naõ foraõ inuteis, naõ acharaõ mais do que cinzas, e carvaõ.

Torun-Cha tornou a ſi, naõ podia deixar de ſe arrepender do mal que tinha feito a ſi meſmo. Além dos incommodos ordinarios a todo o novo

eſta-

eſtabelecimento, bem de preſſa ſe vio reduzido na ſua Ilha á todas as mizerias, que ſofriaõ os Portuguezes em quanto durou o cerco. Porém eſtes foraõ os primeiros a ſoccorrelo. D. Garcia Coutinho, tendo intereſſes peſſoaes que ajuſtar com eſte Principe, entrou com elle em ſecreta correſpondencia, e lhe deo todas as inſinuaçoẽs neceſſarias tocante á maneira com que ſe devia comportar para fazer a ſua paz com Joaõ Rodrigues de Noronha, que vinha para lhe ſucceder no Governo da Fortaleza, e que eſperavaõ todos os dias. Pouco depois D. Gonçalo Coutinho primo de D. Garcia ainda fez pior; porque tendo ſido deſpachado por D. Luiz de Menezes, para annunciar da ſua parte o ſoccorro, que elle conduſia em peſſoa, foi carregar-ſe de proviſoẽs a Maſcate, e as foi vender ao Rei Torun-Cha a Queixome, antes de hir a Ormuz, onde a ſua chegada naõ deixou de cauzar muita alegria. Eſta prevaricaçaõ fez muito prejuizo a ElRei de Portugal; porém he aſſim que quaſi ſempre os Reis ſaõ ſervidos por vaſſalos entereſſeiros.

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Com tudo Torun-Cha naõ tardou em ſer a victima da ambiçaõ, e da divi-

Ann. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

divifaõ dos feus. Rais Seraf zelofo da autoridade que tinha tomado Mahmud Morad, de quem o Rei via a mulher com muita privança, e que com o favor defte fraco Principe, tinha tomado quafi toda a auctoridade, fez afogar o Rei fecretamente, e pôz fobre o Throno em feu lugar a Cha-Pat-Cha Mahmud, hum dos filhos do defunto Rei Ceifadim. Morad, que conheceo bem depois defta acçaõ que para elle naõ havia outra falvaçaõ fenaõ na fugida, abandonou a parte ao feu concorrente, o qual fe vio com hum Rei pupilo fó Senhor do Eftado, como o havia fido feu pai Nordim depois da morte do Rei Hamed.

D. Luiz de Menezes fabendo na fua derrota huma parte deftas coifas, e o fim tragico defta revoluçaõ, foi ancorar defronte da Ilha de Queixome. Seus Capitaẽs eraõ de parecer que elle a deftruiffe bem, como o podia fazer facilmente, porém D. Luiz temendo a defefperaçaõ de Seraf, que fazia femblante de fugir com o Rei para o interior das terras, e conhecendo de que importancia era obrigar efte principe a tornar para Ormuz, defprezou os pareceres dos feus Officiaes, e nem fequer fe dignou cha-

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

chamar a Confelho. Com tudo defejou bem caufar alguma defordem no Governo defta Corte, por má vontade á Seraf, que lhe era odiozo, e de quem temia igualmente os artificios, e as defconfianças. Para efte effeito folicitou dois Cheques vifinhos, e tributarios do Rei d'Ormuz, que lhe prometeraõ logo de excitar algum movimento, e depois lhe faltaraõ á palavra. A negociaçaõ com tudo corria feu curfo entre Seraf, e elle. Finalmente regularaõ, que o Rei tornaria para Ormuz, e que pagaria d'alli em diante 25ф ferafins d'oiro de tributo, e que feria compenfado todo o prejuizo que tinha fido feito aos Portuguezes; porém que eftes tirariaõ os Officiaes, que tinhaõ nas alfandegas, e naõ fe embaraçariaõ mais com os negocios do Governo.

Affignado o tratado, Cha-Mahmud enviou prezentes de confideraçaõ em joias, e peças preciozas para El-Rei, e a Rainha de Portugal, para o Governador das Indias, e para D. Luiz. Porém D. Luiz em toda a fua conducta, moftrou hum defintereffe digno de admiraçaõ. He verdade que elle naõ oufou recufar o prefente do Rei d'Ormuz, porém naõ o quiz re-

Ann. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

ceber para ſi, e o fez ajuntar ao preſente deſtinado para á Corte de Portugal. Eu eſtou perſuadido que D. Luiz ſeguio niſto os ſentimentos que lhe inſpirava a nobreſa do ſeu ſangue. Eu creio com tudo que eſtes ſentimentos foraõ hum pouco deſpertados nelle por huma carta que elle recebeo de Ignacio de Bulhoẽs feitor d'Ormuz. Eſte homem que havia ſido criado em caſa do Prior do Crato pai de D. Luiz, uſando da auctoridade que commummente tomaõ os antigos creados acreditados, lhe eſcreveo huma carta, que chegou primeiro que elle, e na qual lhe dizia com huma liberdade nunca aſſás louvada, que os Miniſtros dos Reis d'Ormuz eraõ peſſoas a quem os maiores crimes naõ cuſtaraõ nada, porque eſtavaõ na poſſe de os lavar com o ſeu dinheiro. Porém que conhecendo o ſeu modo de obrar, ouſava liſongear-ſe de que elle naõ quereria manchar o ſeu ſangue, nem o ſeu naſcimento obrando como os outros. Eſta carta fez o ſeu effeito em D. Luiz mais do que em D. Duarte ſeu irmaõ, que quando elle veio depois á Ormuz, deo ſuſpeitas de que tinha ſeguido outras maximas, o que irritou por modo D. Luiz, que quebrando com elle, ſe ſeparou. D.

ANN. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

D. Luiz com tudo me parece que ofuſcou o bem que tinha feito por huma parte, com a traiçaõ que fez pela outra. Porque antevendo bem que Seraf naõ cumpria o principal artigo do tratado, que era de reconduſir o Rei para Ormuz, entrou em negociaçaõ ſecreta com Rais-Cha-Miſir parente de Seraf, aquelle meſmo de quem Seraf ſe tinha ſervido para afogar o Rei Torun-Cha. Prometeo-lhe fazello Xabandar d'Ormuz, ſe elle quizeſſe aſſacinar Seraf, e Rais Sabadim, em cujas maõs reſidia toda a auctoridade do moço Rei. Cha-Miſir eſcutou a propoſiçaõ; porém naõ podendo executar o negocio em quanto a frota Portugueza eſtava no porto, por cauſa das cautelas que tomava Seraf para á ſua conſervaçaõ, naõ póde empenhar-ſe em quanto o tempo lhe naõ deſſe comodidade. Iſto obrigou D. Luiz a tornar para ás Indias, onde perſuadio o Governador ſeu irmaõ a hir peſſoalmente a Ormus, para alli conſumar o que ſó havia delineado, e pouco depois elle meſmo ſe expedio para o mar Roxo.

Cha-Miſir cumprio a palavra. Tanto que Seraf, e Sabadim viraõ que a frota ſe partira, julgaraõ-ſe em liber-

Ann. de J. C. 1518.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

dade, e naõ tiveraõ tanta cautela nas suas pessoas. Entaõ Cha-Misir aproveitando-se da occasiaõ, foi assacinar Sabadim, que foi o primeiro que cahio nos seus laços. Seraf intimidou-se tanto disto com a primeira noticia que teve, que se salvou de casa em casa, como hum homem que vai fugindo á justiça. Com tudo tornando a si, voltou para sua casa, fez carregar os seus thesouros em huma *Terrada*, po-los em seguro, foi atrevidamente salvar-se entre as maõs dos Portuguezes, e tomou a Fortaleza delles por asilo. Cha-Misir ficando Senhor da Corte pela retirada de Seraf, fez escrever a Noronha, Governador da Fortaleza d'Ormuz, em nome do Rei, e seu, para prender Seraf como culpado d'uma longa serie de crimes, dos quaes lhe enviava a lista. Instruia-o depois de tudo o que se tinha passado entre D. Luiz, e elle. Seraf foi retido por causa destas cartas, e constituido presioneiro na torre, a isto se seguio a vinda do Rei para Ormuz. Porém Seraf taõ culpado como era achou meio de fazer a sua causa boa. Noronha se fez mesmo o seu maior partidista, e quando D. Duarte de Menezes chegou, Noronha o obrigou a ver secretamente

te o ſeu preſioneiro, com o que elle concluio o reſtabelece-lo em todas as ſuas honras, alcançando 200$ ſerafins, de que daria logo metade, e o reſto a pagar em diverſos termos, e o augmento do tributo annual até a 60$ ſerafins. Peſo enorme que o Eſtado naõ podia ſupportar no ſeu eſplendor, e que muito menos o podia ſofrer naquella occaſiaõ, que eſtava eſgotado, e arruinado. Porém o proprio do intereſſe he cegar. Por eſte modo Seraf, o inimigo mortal dos Portuguezes, foi reſtabelecido pelos Portuguezes meſmo, e Cha-Miſir, que os tinha ſervido, foi obrigado com as ſuas creaturas a prover na ſua ſalvaçaõ pelo meio da fuga.

Ann. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

D. Luiz de Menezes tornando d'Ormuz ás Indias, perdeo hum dos ſeus navios pelo máo tempo. Era commandado por Duarte d'Ataide, que nelle morreo com ſeu filho, e D. Garcia Coutinho, a quem Noronha tinha ſuccedido no Governo d'Ormuz. D. Duarte de Menezes fazendo derrota para eſta meſma Cidade, perdeo huma das ſuas galeras por hum accidente, de que elle naõ foi a cauſa, porém que ofuſcou muito a ſua gloria, e a da ſua Naçaõ. Sebaſtiaõ, e Luiz de Noronha

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

nha ambos irmaõs, e commandando cada hum huma galera, eſtando diante da frota do General, deraõ caſſa a hum navio de Reiner, Cidade do Golfo de Cambaia, que voltava do Reino de Pegu carregado de riquezas, e ſe achava na paſſagem de Diu, para onde moſtrava hir. Os dois irmaõs chegando-ſe a elle, o varejaraõ com a ſua artilheria até á entrada da noite, contentando-ſe entaõ de o terem á viſta, e aſſentando toma-lo no outro dia. O navio eſtava taõ crivado, que corria rez d'agua. Os que eſtavaõ dentro ſentindo o perigo, ſalvaraõ-ſe por hum eſtratagema dos mais attrevidos. Elles fizeraõ encoſtar o ſeu navio a huma das galeras em que ſe ouvia menos eſtrepito, pela verga ſe eſcorregaõ para dentro, e logo ás pedradas, e com flexas encoſtaraõ os Portuguezes á poupa, que ſem fazerem a menor reſiſtencia, ſe lançaraõ ao mar para ganharem a galera de Luiz de Noronha. Tendo eſte recolhido huma parte deſtes infelices, entre os quaes eſtava ſeu irmaõ, podéra facilmente recuperar a galera perdida, porém faltou-lhe a lembrança, ou o valor. Os Mouros mais altivos com eſta preſa, do que aflictos com a perda do

do ſeu navio, conduſem a ſua preſa a Diu, onde Melique Saca fazendo trofeo deſta vantagem, quiz que a galera foſſe metida em hum arſenal, como hum monumento eterno da ſua gloria, moſtrando eſta galera a todos os eſtrangeiros, a quem perſuadia que ella tinha ſido tomada pelos ſuas fuſtas. Concebeo além diſto tanto deſprezo a reſpeito do General, que deſde entaõ começou os ſeus corſos, e piratagens. O Melique Jaz ſeu pai tinha morrido alguns tempos antes; homem digno de viver para ſempre na hiſtoria pela rara prudencia, que o fez taõbem negociar todos os tempos com os Portuguezes, que fez ſempre com elles a guerra, ou a paz a ſeu proveito, e ſoube merecer-lhes eſtimaçaõ, logrando-os ſempre.

ANN. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Os negocios ſentiaõ por outra parte a fraqueza do Governo. O Idalcaõ, que tinha feito a ſua paz com o Rei de Narſinga, tornou a entrar pouco a pouco na poſſe das alfandegas da terra firme, de que os Portuguezes ſe tinhaõ aſſenhoreado. Franciſco Pereira Peſtana Governador de Goa, poſto que muito bom Official naõ o pôde impedir, ſem embargo de algumas pequenas vantagens, que teve

Ann. de J. C. 1522.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

ve em differentes occasioẽs. Porém o que alli causou maior incomodo, foi que a duraçaõ deste homem fez desertar de Goa muitas familias, que estimáraõ antes hir estabelecer-se noutra parte do que viver debaixo das suas ordens. O Governador General naõ ignorava as queixas que faziaõ contra Pestana; porém elle fechava os ouvidos aos gritos do povo, comprado pelos presentes, e bons regalos que Pestana lhe havia feito.

De todos os Officiaes que tinhaõ tido commissoẽs da Corte para hir á China, e que todos suspiravaõ por esta viagem, na esperança dos immensos lucros, que alli podiaõ fazer, e de que tinhaõ exemplo em Perestrello, e nos dois Andrades, Duarte deixou só partir Martinho Affonso de Mello Coutinho com huma esquadra de quatro navios, de que dois outros irmaõs de Coutinho, e Pedro Homem eraõ os Capitaẽs. Martinho Affonso tendo chegado a Malaca, pôde tanto com os seus rogos, e com os de Jorge d'Albuquerque, que Duarte Coelho, e Ambrosio do Rego se ajuntaraõ a elle para esta viagem, para á qual naõ tinhaõ inclinaçaõ. Coelho, que tinha tido parte nas extravagancias de Simaõ d'An-

d'Andrade, naõ ignorava a que ponto os Chinezes eſtavaõ irritados; conhecendo bem a má recepçaõ que elles deviaõ fazer-lhes. Com effeito logo que elles appareceraõ, o Mandarim guarda-coſta tendo aviſado á Cantaõ da chegada delles, recebeo ordem dos primeiros Magiſtrados de os perſeguir á ferro, e á fogo, de naõ eſcutar propoſiçaõ alguma da parte delles, e de fazer os ultimos esforços para os deſtruir. Mello que ſó tinha no coraçaõ o travar a boa correſpondencia entre as duas Naçoẽs, ſofreo todo o esforço da frota Chineza ſem reſponder, e ſe indignou contra Ambroſio do Rego, que naõ tendo tanta paciencia fizera jogar a ſua artilheria com baſtante eſtrago dos navios, que ſe lhe tinhaõ aproximado muito. Porém vendo depois que a paciencia naõ lhe ſervia de nada, Mello naõ teve mais do que ardor para ſe vingar.

Ann. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Os ſeus Capitaẽs naõ julgaraõ ſer util ajudar-lhe o valor, e foi elle obrigado a penſar na retirada; o que ſe naõ pôde fazer taõ promptamente, e taõ a propoſito, como ſe deſejava. Perdeo alguma da ſua gente em huma aguada. Por cumulo de diſgraça, o navio de ſeu irmaõ Diogo ſe perdeo pe-

lo

Ann. de J. C. 1522.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

lo fogo que ſaltou na polvora. O de Pedro Homem foi tomado pelos inimigos. Mello meſmo teve muito trabalho para ſe ſalvar com o reſto, deixando aos Chinezes com o goſto de o haverem poſto em fugida, e de ſe aproveitarem dos ſeus deſpojos, e de fazerem muitos preſioneiros, dos quaes morreraõ alguns de fome nas priſoẽs de Cantaõ. Elles evitaraõ em eſta morte a ſentença do Imperador, que os condenava a ſerem eſquartejados, como eſpias, e como ladroẽs. Sobre o que, diz hum Autor Portuguez, que os Chinezes lhes faſiaõ menor injuſtiça ſobre o ſegundo artigo, do que ſobre o primeiro. Houveraõ 23 que experimentaraõ o rigor deſta cruel ſentença.

No ſeu retorno, Mello quiz dar huma viſta d'olhos á Fortaleza de Pacem, para ver ſe lhe poderia ſervir d'alguma utilidade. O ſucceſſo moſtrou quanto eſta idéa era ſaudavel. Depois da morte de Jorge de Brito, o Rei d'Achem ſoberbo com a ſua victoria. naõ tinha ainda depoſto as armas, e ſe tinha aſſenhoreado dos Reinos de Pedir, e d'Aia. Tendo depois entrado no Reino de Pacem, alli fez huma conquiſta tanto mais facil, por ſer

o

o Rei trahido pelos ſeus proprios vaſſalos; e por muita felicidade ſe pôde ſalvar, ſem ſe ter podido valer do ſoccorro que lhe davaõ os Portuguezes, que vendo-ſe eſtes meſmos trahidos, alli perderaõ 35 dos ſeus, e entre outros o ſeu Chefe D. Manoel Henriques, irmaõ de André Governador da Fortaleza. O Rei d'Achem mais altivo com eſta victoria, mandou citar eſte para entregar a praça, que fez inveſtir logo, que recuſou entrega-la. Neſtas circunſtancias he que appareceo a frota de Mello Coutinho, cuja ſó viſta fez levantar o cerco.

ANN. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Porém Mello tendo continuado a ſua derrota para ás Indias, os Portuguezes ſe acharaõ novamente embaraçados. André Henriques pedia ſoccorro a Rafael Pereſtrello, que eſtava em Chatigam no Reino de Bengala. O Official que Pereſtrello enviou, ſe fez traidor. Faltando os ſoccorros deſte, Henriques recorreo ao Governador General, que lhe enviou Lopo d'Azevedo para lhe ſucceder, aſſim como o meſmo Henriques lho tinha pedido. Razoẽs peſſoaes d'intereſſe tendo impedido a Henriques de lhe entregar o governo da praça, Azevedo ſe retirou como tinha vindo.

D.

Ann. de J. C. 1522.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

D. André Henriques naõ deixava de se defender bem, e tinha tido tres vantagens assás consideraveis; porém a inquietaçaõ em que estava por causa dos seus effeitos, que elle temia perder, e a inveja de os pôr em seguro, tendo tomado o seu principal cuidado, embarcou-se, e deixou no seu lugar Ayres Coelho seu parente, que aceitou a commissaõ como homem valeroso. Henriques fazendo-se á vela para ás Indias, achou no seu caminho Sebastiaõ de Souza, e Martinho Correa, que hiaõ carregar ás Ilhas de Banda. O primeiro tinha tido ordem para hir construir huma Fortaleza na Ilha de S. Lourenço, ou de Madagascar no porto de Matatane, e naõ o podendo conseguir, porque o navio que levava os materiaes, tinha sido separado delle por huma tempestade, Henriques tendo-lhes dito o estado em que elle tinha deixado a Fortaleza de Pacem, elles julgaraõ serem obrigados a hirem soccorrela, em quanto o Governador desta mesma praça, cego pela sua ambiçaõ, trabalhava por se apartar della. Porém elle trabalhava por se apartar della. Os ventos contrarios o obrigaraõ a ceder.

O Rei d'Achem posto que admira-

ra-

rado da chegada deſte ſoccorro, com tudo mais ſe animou a fazer os ultimos esforços para tomar a praça. Fez-lhe plantar a eſcalada huma noite. Tinha 8ↀ homens, muitos Elefantes, e lhe fez applicar mais de 708 eſcadas. Os Portuguezes ſe defenderaõ como heroes, e obrigaraõ os inimigos a retirar-ſe com perda de 2ↀ mortos. Havia 350 Portuguezes no forte, e viveres para muitos mezes. Com iſto quem ſe perſuadiria que eſtes valeroſos, que acabavaõ de ſe aſſignalar por huma acçaõ capaz de os immortaliſar, tomaſſem logo a reſoluçaõ mais fraca, e mais inſenſata do mundo. Porque tendo concluido todos, que o forte naõ podia conſervar-ſe, determinaraõ fazelo arrazar. Porém como cada hum cuidava mais em ſalvar ſeus bens do que em outra coiſa, o negocio foi taõ mal executado, como concebido. O fogo que elles lançaraõ na retirada, foi logo apagado pelos inimigos. As minas naõ puderaõ rebentar. As peças que tinhaõ carregado para as fazerem arrebentar, naõ pegaraõ fogo, nem fizeraõ effeito algum. A perturbaçaõ, o medo, a precipitaçaõ deſtes fracos fugitivos, eraõ taes, que elles ſe metiaõ na agua até o peſcoſſo para ſe embar-

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei

D. Duarte de Menezes Governador.

embarcarem, conſtrangidos pelos Ilheos, que atiravaõ ſobre ellas nuvens de flexas, e os inſultavaõ com horriveis alaridos, reprehendendo-lhes o ſeu terror panico. Bem longe finalmente de terem tempo para ſalvarem os ſeus bens, por cauſa da ſua funeſta cobardia, a penas o tiveraõ para ſalvarem as ſuas vidas, picando inceſſantemente as amarras dos navios.

Ainda elles naõ tinhaõ bem acabado eſta indigna acçaõ, de que eſtavaõ já arrependidos, quando para augmentarem a ſua deſeſperaçaõ, viraõ apparecer o ſoccorro do Rei d'Auru, que conſtava de 4000 homens, e de 30 lanchas cheias de todas as caſtas de proviſoẽs. Pouco depois elles encontraraõ logo Azevedo, que conduſia tambem hum novo reforço de Malaca. Porém o erro eſtava feito, e o mal naõ tinha remedio. Os Portuguezes perderaõ para ſempre a Ilha de Sumatra. O Rei d'Auru eſteve tambem expulſado por hum tempo do ſeu Reino, e obrigado a hir procurar hum aſſilo á Malaca, onde eſtavaõ já os Reis de Pedir, e de Pacem, onde alguns acabaraõ alli os ſeus dias, depois de experimentarem os rigores d'uma extrema pobreza.

Jor-

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes, Governador.

Jorge d'Albuquerque Governador de Malaca, depois da difgraça que tinha tido no attaque de Bintam, fuftentava mal a alta reputaçaõ que o grande Affonfo tinha feito ao feu nome. He verdade que a principal caufa era por falta de fortuna, e naõ do feu valor. D. Sancho Henriques feu genro, que era General do mar neftes diftrictos, tendo hido por fua ordem attacar a frota de Mahmud no rio Muar, levantou-fe huma borrafca de furiofo vento, que levando huma parte das fuas lanchas para entre os inimigos, pareceo ter-fe ajuftado com elles para lhas entregar nas fuas maõs. Depois da tempeftade D. Sancho, por hum máo confelho, tendo enviado Manoel de Berredo na fua galiota, e Francifco Fogaça em huma lancha á occupar a entrada do rio, os inimigos os inveftiraõ, e pofto que os Portuguezes fe defendeffem com o feu coftumado valor, foraõ finalmente vencidos pela multidaõ; de forte que defta pequena frota, fó Duarte Coelho, e o General, apenas fe poderaõ falvar em Malaca, d'onde efte foi morrer pouco depois no Reino de Pam.

O Rei de Pam, que tinha deixado o partido de Mahmud, Rei de Bintam,

Ann. J. C. 1523. D. Joaõ III, Rei. D. Duarte de Menezes Governador.

tam, para se entregar aos Portuguezes, tinha de novo contractado alliança com elle. Huma das principaes condiçoẽs do seu tratado, foi que elles conservariaõ esta alliança muito em segredo, e que o Rei de Pam, continuando a mostrar-se amigo dos Portuguezes, lhes faria occultamente todo o mal que podesse. Este perfido Principe lhe cumprio fielmente a palavra. Antonio de Pina foi o primeiro que cahio nos laços, e foi tomado com o Junco que elle commandava. O Rei de Pam enviou Pina com os seus a Mahmud, que tendo feito esforços inuteis para lhes fazer abjurar a sua Religiaõ, os fez atar á boca d'uma peça, e voar despedaçados. André de Brito, que o Governador General havia mandado traficar áquelles quarteis para os seus interesses particulares, tendo hido abordar a este mesmo porto, alli morreo com 12 Portuguezes, que tinha no seu navio, e foraõ todos mortos exceptuando hum irmaõ de Brito, que tendo feito tudo quanto se pode esperar da força, e do valor d'um homem, preferio antes deitar-se á agua com hum pezo, que atou logo aos pés, e afogar-se, que cahir vivo naõs mas destes

tes traidores, ou deixar-lhes a gloria de o matarem. D. Sancho Henriques ignorando todas eſtas traiçoẽs, veio tambem entregar-ſe á crueldade. O Rei para melhor o enganar, o enviou logo ſaudar, e lhe fez levar refreſcos. Repetio depois as attençoẽs, e os preſentes, quando ſoube a qualidade de quem commandava o navio; porém apenas D. Sancho ancorou, vio cahir ſobre ſi duas lanchas do Rei, com 30 de Lac-zamana General da frota do Rei de Bintam, o qual tinha chegado na veſpera, e ſe tinha eſcondido no rio. D. Sancho ſó tinha 30 homens e aſſentando que era impoſſivel, poderem ſalvar-ſe, exhortou-os a que morreſſem com valor. Com effeito morreraõ todos, depois de terem feito tudo o que ſe pode deſejar das peſſoas mais reſolutas.

Ann. de J. C. 1523.

D. JOAÕ II.. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

A traiçaõ produſia o meſmo effeito na Ilha de Java, onde foraõ tambem alguns Portuguezes aſſacinados. Depois de tantas diſgraças ſuccedidas humas ſobre outras na viſinhança de Malaca, eſta Cidade ſe vio em tormento, e ſepultada em conſternaçaõ. Eſtava cercada de inimigos conjurados para á deſtruirem. Ninguem ouſava levar-lhe viveres, e ella experimen-

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

tava todos os rigores da neceſſidade. Obrigada a mandalos buſcar, era entaõ neceſſitada a deſpojar-ſe dos ſoccorros, que a podiaõ defender. E em quanto aquelles, que ella enviava, hiaõ cahir nos laços que lhes eſtavaõ armados, ficava ella expoſta aos inſultos. Lac-zamana, que naõ ignorava nada do que ſe paſſava, e que como habil General ſe aproveitava de todas as occaſioẽs, teve o atrevimento de vir queimar o navio de Simaõ d'Abreu no porto meſmo de Malaca, onde o Governador o vio queimar, ſem lhe poder valer. Eſte meſmo General tomou tambem duas caravelas da eſquadra de D. Garcia Henriques, que Albuquerque tinha enviado contra elle á entrada do rio Muar. Finalmente o Rei de Bintam fez inveſtir a Cidade por mar, e terra. Lac-zamana, que commandava no mar, tinha 20ↀ homens na ſua frota. Hum Portuguez arrenegado commandava o exercito, que era de 16ↀ homens. Tiveraõ a Cidade bloqueada por eſpaço de hum mez; e poſto que alli naõ houveſſem mais do que 80 Portuguezes effectivos com os naturaes do paiz, os inimigos naõ fizeraõ grandes progreſſos, por cauſa da vigoroſa reſiſtencia que acharaõ.

Lou-

Louvaraõ muito Albuquerque, que em todo o tempo animou sempre os seus pela sua liberalidade, e cuidado para com os pobres, e doentes, e pela sua urbanidade, que lhe adquirio os coraçoẽs de todos; Este Governador tinha despachado para Cochim, para representar ao General á triste situaçaõ em que se achava. Porém como o espirito de enteresse naõ morre no meio das maiores calamidades, elle lhes pedio o Governo das Molucas para D. Sancho Henriques seu genro, ou para D. Garcia Henriques seu cunhado, na supposiçaõ que D. Sancho fosse morto, como haviaõ graves suspeitas. D. Duarte de Menezes fez logo partir sete navios para Malaca, condusidos por Martinho Affonso de Souza. Depois do que elle mesmo partio para hir invernar a Ormuz, e receber o resto dos pagamentos, que tinha ajustado com Seraf. D. Luiz de Menezes ficou em Cochim para commandar nas Indias, na auzencia do General.

Tendo Souza chegado á Malaca, naõ sómente conseguio para esta Cidade affligida mais algum alivio, e facilidade para subsistir, porém á vingou ainda de muitos damnos, que

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

os ſeus inimigos lhe haviaõ feito padecer. Jorge d'Albuquerque tendo-o metido de poſſe do Generalado do mar, lhe ordenou que foſſe occupar a embocadura do rio Muar com ſinco navios: elle alli ſe conſervou tres mezes, nos quaes Lac-zamana naõ ouſou ſahir, e naõ podendo nenhum navio eſtrangeiro levar alli mantimentos, ou mercadorias, Bintam teve a ſua vez nos rigores da neceſſidade. Sendo Souza obrigado pela intemperie a deixar eſte poſto, foi viſitar o Rei de Pam para punir as ſuas perfidias. Queimou nos ſeus portos os Juncos deſte Principe, e os dos negociantes das Ilhas de Java que alli ſe achavaõ. Contaõ que alli fizera morrer até 6000 peſſoas, e que cativara tantos outros, que cada Portuguez tinha pelo menos ſeis. Souza tendo d'alli hido á Patane, fez huma execuçaõ ainda mais violenta: porque além de muitos Juncos que tomou, ou que queimou, lançou tambem fogo ao do Rei de Patane, que eſtando auzente, voltava para ſoccorrer a ſua Cidade. Eſte Principe infelis tendo-ſe deitado á agoa para ſe ſalvar á nado, foi morto com todos os da ſua embarcaçaõ. Os moradores de Patane atemorizados, ſalvaraõ-ſe nas

nas terras. Naõ achando Souza com quem combateſſe, deſtruhio toda a Cidade, e de modo que ficou ſó o chaõ, e tornou para Malaca, contente das ſuas façanhas, poſto que ſó foſſem pequenos acontecimentos, que pouco decidiaõ.

ANN. de J. C. 1523. D. JOAÕ III. REI.

D. Gracia Henriques, para quem Jorge d'Albuquerque tinha pedido o Governo das Malucas, tinha alli feito já huma viagem; porém antes de o ſeguirmos niſto, nos he precizo ver o eſtado em que eſtavaõ as coiſas, por reſpeito á eſtas Ilhas, que faziaõ hum grande objecto para os Portuguezes, e que na Europa haviaõ de ſer huma ſemente de diviſaõ entre as Coroas de Portugal, e de Caſtella.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

As Ilhas de Banda, e as Ilhas Molucas ſituadas perto da linha equinocial no Oceano das Indias, ſaõ do numero das que chamaõ da *Sunda*, e ſe reduzem ſegundo as antigas relaçoés ao numero de 20; ſinco debaixo do nome de Banda, que he a principal; e outras ſinco debaixo do nome generico de Molucas. Ellas ſe diſtinguem das outras Ilhas deſte archipelago aſſim pela ſua pequenhez, porque a maior naõ tem mais de ſeis legoas de circuito, como pela ſingu-

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

ſingularidade do fruto que ellas produſem, e lhes dá todo o valor, porque ſó lá unicamente ſe acha. As Ilhas de Banda ſaõ as unicas, que daõ as nozes muſcadas e a ſua flor. As Molucas ſaõ igualmente as unicas que daõ o cravo da India.

A arvore que dá a noz muſcada aſſemelha-ſe muito a huma pereira, e o ſeu fruto a hum peſſego. Eſte fruto he viſtoſiſſimo quando eſtá ſazonado, pela variedade das ſuas cores. Quando o poem a ſecar, elle ſe abre, e lança certas pequenas pelinhas finas, que ſaõ a flor, debaixo da qual ſe acha a noz muſcuda, que he como o caroço deſte fruto. A arvore que produz o cravo da India, he quaſi do meſmo tamanho dá que produz a noz muſcada. Aſſemelha-ſe hum pouco mais ao loureiro, e a ſua folha á da oliveira: o ſeu fruto vem em ramalheres, eſtá ſempre verde na arvovore: e depois ſe pinta de vermelho, e finalmente ſe faz tal como no ló trazem. Em o colhendo, a arvore fica de modo cançada, que naõ torna a dar fruto, ſe naõ depois de deſcançar hum anno.

Os povos deſtas Ilhas tem ſó propriamente eſte fruto que faz o ſeu com-

Ann. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

commercio. O *Sagu*, que he a medula d'uma arvore, lhes ſerve para fazerem o ſeu pam, como a raiz de mandioca na America Meridional. No mais quando os Portuguezes fizeraõ o ſeu deſcubrimento, eraõ eſtes huma eſpecie de ſalvagens, que conheciaõ chefes, a quem prodigalizavaõ o nome de Reis; porém que ſó tinhaõ huma auctoridade muito dependente dos ſeus vaſſallos. Sua Religiaõ antiga era hum Paganiſmo muito bruto, de que ſegundo as apparencias, conſervaraõ ainda as ſuperſtiçoẽs com o Mahometiſmo, que havia pouco tempo tinhaõ recebido.

Antonio d'Abreu, que o grande Albuquerque enviou para deſcubrir eſtas Ilhas, naõ pôde ganhar pela contrariedade dos ventos ſe naõ a Ilha d'Amboine, que fica perto dalli, e tornou para Malaca. Voltou depois para ás Ilhas de Banda, e achando alli a ſua carga de cravo, naõ teve precizaõ de hir ás Molucas, onde naõ poderia tomar nada, por eſtar carregado, e ſe fez á vela para ás Indias. Donde pondo-ſe em derrota para tornar para Portugal na eſquadra de Fernam Peres d'Andrade que voltava da China, morreo no caminho.

Franciſco Serram, que era da eſqua-

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

quadra d'Antonio d'Abreu na ſua primeira viagem das Molucas, delle ſe ſeparou por huma tempeſtade, e foi naufragar ſobre as Ilhas de Lucopim, de modo porém que perdendo alli o corpo do navio, ſalvou toda a ſua gente. Pouco entereſſe ſe conſegueria, porque a Ilha era deſerta. Hum caſo ſingular dirigido pela providencia foi a ſua ſalvaçaõ. Os Ilheos viſinhos tendo ſido teſtemunhas do ſeu naufragio, vieraõ para ſe aproveitarem dos ſeús deſpojos; Serraõ que percebeo iſto, meteo-ſe n'uma embuſcada, deixou-os deſembarcar, e ſe fez ſenhor dos ſeus bateis. Eſtes ſurprendidos pediraõ miſericordia; e por ſinal, ou por outro modo, lhe perſuadiraõ que ſe elle quizeſſe tornallos a embarcar, elles o conduſiriaõ a lugar onde elle ſeria bem recebido. Serraõ ſe deixou perſuadir pela neceſſidade em que elle meſmo ſe achava, e com tudó naõ ſe fiou deſtes Ilheos ſem cautela. Elles lhe compriraõ a palavra, e o conduſiraõ á Amboine, onde lhe fizeraõ toda a ſorte de agrados, e bom acolhimento.

Os habitantes deſta Ilha eſtavaõ em guerra com os da Ilha de Batochim, e elles a fizeraõ com vantagem

por

por causa da ajuda de Serraõ, e dos seus. O eco que se espalhou pelas Molucas, onde os Portuguezes eraõ já conhecidos pelos cuidados que tinha tido o grande Albuquerque dalli enviar hum Malaio negociante de Malaca, para aplanar os caminhos a Antonio d'Abreu. Tendo a sua reputaçaõ adquirido hum novo lustro pela noticia deste successo da guerra d'Amboine, os Reis de Ternate, e de Tidor ambos á profia procuravaõ chamar para si estes estrangeiros. Boleife Rei de Ternate mais deligente venceo o seu rival, e os chamou para si. Francisco Serraõ, e os seus foraõ por este modo os primeiros Portuguezes que chegaraõ ás Molucas. Antonio de Miranda de Azevedo, e Tristaõ de Menezes, foraõ alli enviados depois. Os dois Reis os solicitaraõ para que construissem hum Forte cada hum sobre o seu terreno, por preferencia ao do outro, considerando este Forte como hum penhor seguro da superioridade que elles tomariaõ sobre seus visinhos. Porém estes julgaraõ arrasoado demorar esta obra por algumas rasoēs de politica, de que eu creio que a mais solida era, que elles tinhaõ feito huma boa carregaçaõ, e que desejavaõ an-

antes hirem-lhe procurar os lucros, do que penſar em edificar.

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Antonio de Brito, que tinha ſuccedido a ſeu irmaõ D. Garcia que a Corte enviou ás Molucas com provisoẽs de Governador, partio, como já diſſe, da Ilha de Bintam depois da tentativa infelis, que Jorge d'Albuquerque tinha feito ſobre eſta Ilha de Java, donde ſoi depois á de Banda. Achou lá D. Garcia Henriques, que Jorge d'Albuquerque alli havia enviado por ſúa conta. D. Garcia eſpantou Brito com a noticia que lhe deo de que tinhaõ chegado ás Molucas dois navios da Coroa de Caſtella, que alli tinhaõ tomado carga, e partido, deixando doze homens em Tibor, onde elles tinhaõ eſtabelecido huma eſpecie de feitoria. Julgando Brito que a coiſa era de grande conſequencia para á Coroa de Portugal, convidou Henriques para o ſeguir, e para ajuntar as ſuas forças, que pode ſer que foſſem neceſſarias para expulſar os Caſtelhanos. Poſto que eſta propoſiçaõ deſordena-ſe os negocios de Henriques, naõ deixou elle de a aceitar, preferindo como fiel vaſſallo os entereſſes do ſeu Principe, aos ſeus particulares.

A

Ann. de J. C. 1523. D. JOAÕ III. REI. D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

A noticia era certa, e eiſaqui o que a occaſionou. Franciſco Serraõ extremamente unido por amizade com Fernando de Magalhaẽs, lhe eſcreveo á Portugal o ſeu novo deſcubrimento, do que lhe fazia huma bela relaçaõ, exhortando-o a que foſſe alli ter com elle, e ſegurando-lhe que o ſeu trabalho ſeria bem recompenſado. Magalhaẽs eſtava entaõ deſgoſtozo com a Corte. Elle tinha ſervido bem na Affrica, e nas Indias, e pretendia que ElRei lhe augmentaſſe 200 réis por mez, certas moradias, que a Corte de Portugal eſtava no coſtume de pagar, e que tinhaõ lugar de alimentos, e que os Reis davaõ antigamente áquelles, que eraõ do eſtado da ſua caſa. Eſtas moradias poſto que muito modicas, intereſſavaõ mais que tudo a Nobreza, que fazia conſiſtir huma parte da ſua honra, e da ſua gloria em ter maior ou menor moradia. D. Manoel que eſtava prevenido contra Magalhaẽs por alguma falſa informaçaõ, lhe recuſou a petiçaõ; iſto o offendeo taõ vivamente, que elle paſſou ao ſerviço da Coroa de Caſtella com alguns outros deſcontentes, reſolvido a vingar-ſe de hum repudio que conſiderava como huma afronta. El-

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Elle naõ achou melhor meio que a propoſiçaõ que fez ao Imperador Carlos V., de hir tomar poſſe em ſeu nome das Ilhas Molucas, que elle pretendia eſtarem no deſtricto que pertencia á Heſpanha, em conſequencia da doaçaõ dos Soberanos Pontifices, e da diviſaõ que elles tinhaõ feito em favor das Coroas de Caſtella, e Portugal, quando eſtas duas Potencias, repartiraõ entre ſi o novo Mundo quaſi no meſmo tempo em que ellas começaraõ a deſcubrillo. Magalhaés fundou as ſuas razoés nas d'um Mathematico, chamado Faleiro, que tinha conduſido com ſigo. O Imperador, que tratava entaõ o caſamento de ſua irmá D. Leonor com ElRei D. Manoel, naõ ſe inclinava muito a favorecer a propoſiçaõ de Magalhaés: porém o ſeu Conſelho pelo contrario a recebeo com muita ambiçaõ. O Embaixador de Portugal fez tudo quanto póde para evitar o golpe; fallou fortemente aos Miniſtros, e intentou comprar Magalhaés com grandes promeſſas; porém naõ adiantando nada por eſta parte, aviſou diſto á ſua Corte. Com eſta noticia ficaraõ conſternados; e ſobre iſſo fizeraõ conſelhos ſobre conſelhos. Hum Senhor dos mais acre-

acreditados alli votou, que ſó ſe poderia evitar eſte damno chamando Magalhaés por grandes dadivas, ou fazendo-o aſſacinar. Nem huma, nem outra coiſa ſe fez, e Magalhaés tendo feito ſeu tratado com a Corte de Caſtella, partio de Sevilha no fim do anno de 1519 com ſinco navios, e hum poder mui diſpotico de vida, e morte ſobre todos os que eſtavaõ debaixo das ſuas ordens. Eraõ em numero 250 homens, entre os quaes havia 30 Portuguezes. Huma das condiçoés com tudo do tratado, foi que elle tomaria o ſeu caminho pelo Occidente, e ſe apartaria da derrota ordinaria, que os Portuguezes tinhaõ para hir ás Indias, aſſim como tinha ſido já regulado entre as duas Coroas.

Magalhaés tirou direito ao Braſil, e ſeguindo ſempre a Coſta, chegou á ponta mais meridional da America, onde ſe acha hum montaõ de Ilhas, que alli formaõ diverſos canaes, nas quaes ſe embaraçou. Porém, como no deſcobrimento das terras novas, a incerteza em que ſe eſtá ſobre o termo, a ignorancia dos meſmos lugares onde ſe achaõ, trazem ao eſpirito inquietaçoens, e imaginaçoens maiores, que o comprimento da viagem, e as diffi-

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

difficuldades prefentes crecem fempre nas almas viz, e timidas, Magalhaés teve incriveis trabalhos para vencer. Os rigorofos frios, e o medo dos povos gigantefcos, e barbaros que achou, foraõ os menores. As frequentes conjuraçoens feitas contra a fua vida, era o que tinha mais para temer. A fua firmefa d'alma venceo tudo. Algumas execuçoens fanguinofas que fez a tempo, infpiraraõ maior terror, do que as fantafmas de medo, que caufavaõ a divifaõ na fua frota. Finalmente depois de ter perdido dois navios, dos quaes hum naufragou de modo porém que tudo fe falvou, á excepçaõ do corpo da embarcaçaõ, e o outro tornou para Hefpanha, elle defembocou no mar do Sul pelo famofo eftreito, que depois tomou o feu nome, e o fará immortal.

Elle correo ainda 1$500. legoas fegundo a fua eftimaçaõ tirando para o Equador para bufcar as Molucas. Tendo-fe elevado algum tanto mais, perdeo o que procurava, e voltou para ancorar em huma Ilha chamada Zubo, a dez gráos de latitude do Norte. Alli foi beliffimamente recebido pelos Ilheos, cujo Rei com toda a fua familia, e parte dos feus vaffal-

los

los se fizeraõ baptisar, antes ainda de poderem conhecer que cousa era o Baptismo. Este Principe, que estava em guerra com os seus visinhos, os habitantes da Ilha de Mathan, se servio com vantagem de Magalhaés, e dos seus. Elle desbaratou duas vezes os inimigos; porém no terceiro encontro Magalhaés tendo cahido em hum laço, alli morreo com huma parte dos seus. Triste fim para hum homem d'este merecimento.

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Depois d'este desastre o Rei vencido ajustando-se com o vencedor, naõ fez mais caso da Religiaõ que professara, nem das leis da hospitalidade, nem dos serviços que havia recebido dos seus hospedes. Tendo tirado á terra huns vinte por causa de hum festim, os fez assacinar exceptuando hum só chamado Joaõ Serraõ, do qual intentou poder sevir-se para fazer huma traiçaõ aos outros, que trataváõ do seu resgate. A má fé destes Ilheos tendo-se manifestado muito, o infelis Serraõ ahi foi deixado. Os outros redusidos ao numero de 180 homens, tendo queimado o corpo de hum dos seus navios, fizeraõ-se á vela com os dois, que lhe restavaõ, e depois de terem por muito tempo erra-

———rado, chegaraõ em fim ás Molucas, deonde Almanſor Rei de Tidor os recebeo com todo o contentamento poſſivel. Tendo-ſe alli refeito hum pouco, e carregados do que poderaõ trazer de mercadorias do paiz, com tanta maior facilidade por os Portuguezes eſtarem entaõ auzentes, ſe fizeraõ á vela para Heſpanha no mez de Dezembro de 1521. deixando em Tidor os 12 homens, de que já falamos.

Ann. J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Antonio de Britto tendo ido abordar á Tidor para ſe apoderar logo dos Heſpanhoés, naõ achou alli nenhuma dificuldade da parte d'elles, nem da de Almanſor, que ſe achou com tudo hum pouco ſurprendido, e começando a fazer baſe ſobre os Caſtelhanos, eſperava poder-ſe mudar dos Portuguezes, nos quaes tinha experimentado ſerem mais inclinados para Boleiſe do que para elle.

Brito uſou alli muito bem com os Heſpanhoes, e ainda que lançou maõ de todos os ſeus effeitos, os fez com tudo regiſtar. Dos dois navios que reſtavaõ da frota de Magalhaés, hum veio buſcar a ſua protecçaõ. Eſte que devia fazer a derrota para hir buſcar as Antilhas, depois de ter lutado dois mezes com os ventos, ſe

vio

vio obrigado a descahir ás Molucas, posto que fosse distante dellas mais de 800. legoas, fazendo agoa, que quatro bombas naõ podiaõ esgotar. Abatidos com miserias, e fadigas, fizeraõ pedir a Brito, que sabiaõ ter chegado, que tivesse compaixaõ delles, e que lhes enviasse soccorro. Brito lhes enviou huma caravela com refrescos, e ancoras. A caravela era seguida de muitas *caracoras*, ou grandes embarcaçoens á remos, condusidas por gente do paiz. D. Garcia Henriques alli foi tambem com ordem de fazer quanto podesse para salvar a embarcaçaõ; porém elle naõ a pôde impedir de dar á Costa, e de naufragar. No tocante aos homens, que estavaõ mais mortos do que vivos, tiveraõ alli taõ grande cuidado, como se elles fossem Portuguezes. Hum só que o era na verdade, e que se tinha unido em Tidor aos Castelhanos cortaraõ-lhe a cabeça, como culpado de traiçaõ. Os outros tendo sido condusidos ás Indias, foraõ condusidos a Portugal, donde se passaraõ para Hespanha.

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

O segundo navio, chamado a Victoria, que tinha governado direito sobre o Cabo de Boa Esperança, abordou ás Ilhas de Cabo Verde: o Go-

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

vernador o fez reter, e meter toda a equipagem em prisaõ, onde muitos morreraõ de miseria. Os que sobre viveraõ a esta disgraça, tendo sido depois soltos, e sendo-lhes entregue o navio, vieraõ aportar á Sevilha, onde este navio, considerado como huma maravilha do mundo, por ser o primeiro que alli tinha feito o giro, foi posto n'hum arsenal, para ser conservado, e mostrado á posteridade.

Carlos V. a quem este descobrimento causou hum gosto excessivo, entristeceo-se com a morte de Magalhaẽs, que elle teria dignamente recompensado. Joaõ Sebastiaõ Cano natural de Biscaia, que tinha reconduzido o navio, recebeo grandes honras do Imperador, e por armas hum globo terrestre com estas palavras em torno, *Primus me circumdedisti*. Com tudo este descobrimento despertou o ciume, e a pretençaõ das duas Cortes, sustentando cada huma, que as Molucas estavaõ no seu destricto. Fizeraõ muitas conferencias de Jurisconsultos, de Mathematicos, e de Maritimos, sem decidirem nada. Por fim as questoẽs se accommodaraõ depois de terem sido muito tempo debatidas na Europa com a pena, e nas Molucas com a espada.

Bo-

Ann. de J. C. 1523. D. João III. Rei. D. Duarte de Menezes Governador.

Boleife Rei de Ternate, e Francisco Serraõ estavaõ mortos quando Brito chegou ás Molucas. Este Princepe, que fora sempre apaixonado dos Portuguezes lhes deo a ultima prova da sua affeiçaõ quando estava para morrer; porque elle naõ tinha nada sobre o coraçaõ como recomendar á sua esposa, que elle deixava tutora dos seus filhos, e dos quaes o que o succedia tinha só sete annos, que se conservasse sempre unida á Coroa de Portugal cuja protecçaõ seguraria a sua casa. As ultimas vontades deste Principe tinhaõ feito impressaõ sobre o coraçaõ da Rainha, e dos Governadores da sua Corte. E com effeito os Portuguezes tinhaõ achado até entaõ em Ternate todas as demonstraçoens d'hum amor cordial, e sincero.

Se Brito tivesse seguido as ordens cheias de prudencia, que o grande Affonso d'Albuquerque tinha dado a Antonio d'Abreu quando o enviou ás Molucas, e se elle tivesse remediado os erros de Martinho Affonso de Mello Jusarte, que pelos seus caprichos, suas altivesas, e sua ambiçaõ tinha sublevado toda a Ilha de Banda, onde teria morrido, a naõ ser o soccorro que lhe deraõ Simaõ de Sousa,

Ann. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

sa, e Martim Correia, elle teria sido o Senhor de todas estas Ilhas, das quaes todos os coraçoens lhe eraõ affectos, e teria evitado muitas infelicidades cuja causa naõ se pode atribuir se naõ a elle mesmo.

Nos principios a Rainha de Ternate, e o Rei de Tidor naõ tiveraõ outra ambiçaõ que a de o grangear: se nisso houve alguma contrariedade, e algum motivo de disgosto, foi porque elles disputaraõ vivamente qual teria a felicidade de ter a Fortaleza nas suas terras; e que Brito tendo preferido o porto de Ternate, Almansor Rei de Tidor foi taõ mortificado de se ver privado della, como os de Ternate tiveraõ verdadeira satisfaçaõ de terem a preferencia. Almansor com tudo posto que penalisado interiormente, naõ desconfiava d'isto, e era facil a Brito conservar a tranquilidade, se tivesse sabido conduzir-se.

Sendo a Rainha de Ternate a filha d'Almansor, temeo Brito que esta Princesa d'acordo com seu pai, naõ entrasse pelo decurso dos tempos nos movimentos que elle poderia causar, se se resentisse do despreso que lhe tinhaõ feito, ou se elle causasse inveja aos Castelhanos de tornarem a

Ti-

Tidor, como elles lho haviaõ promittido. Nesta idéa elle se unio estreitamente com Cachil d'Aroes, hum dos filhos naturaes de Boleife moço ardente, e animoso, amigo por extremo dos Portuguezes, porém que debaixo das apparencias d'amisade, cobria huma grande ambiçaõ, e ambos unidos, trabalharaõ para fazerem tirar a Regencia á Rainha. Com toda a surpresa que lhe causou a proposiçaõ que lhe fizeraõ para a deixar, ella com tudo esteve por isso, consentio que Cachil d'Aroes governasse em seu lugar, e obrigou mesmo os grandes do Estado a que o aprovassem. A Rainha com tudo naõ deixou de sentir, como tambem os Governadores o golpe que lhe tinhaõ dado. Porém Almansor, a quem o enteresse da sua filha tocava mais vivamente, foi d'isto mais vivamente penetrado.

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Cachil Mamoll, outro filho natural de Boleife, que em vida de seu pai tinha sido desterrado, e se conservava na Ilha de Gilolo, irritado porque Cachil d'Aroes seu irmaõ se oppunha á sua revocaçaõ, tomou o partido dos descontentes, trabalhou occultamente a estimular o animo da Rainha, e dos seus partidistas. Preten-

Ann. de J. C. 1523. D. JOAÕ III. REI. D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

tendem mesmo que elle viesse de noite a Ternate para procurar o matar seu irmaõ. Ou naõ fosse mais que huma pura supoſiçaõ o diſignio d'este assacinio, ou com effeito elle o tivesse formado, Cachil d'Aroes o suspeitou, de modo, que determinou prevenilo, e que os Portuguezes o ajudassem; Cachil Mamoll apareceo assacinado junto da Fortaleza.

Esta morte, de que facilmente podiaõ suspeitar os autores, tendo ainda mais soffocado os animos, a Rainha temendo-se, tomou a resoluçaõ de se retirar para seu Pai com os Principes seus filhos, isto teria feito de Ternate huma solidaõ. Pode ser que lhe inspirassem este parecer para fazerem o que depois fizeraõ. O que quer que fosse, Brito unido com Cachil d'Aroes intentou tirar o Rei, e os seus irmaõs, e metellos na Fortaleza. Sabendo-o a Rainha, teve tempo de se salvar nas montanhas, e de se retirar para Tidor, deixando seus filhos em poder dos seus arrebatadorès, que iriaõ ter lugar de se felicitarem deste succeſſo. Com o noticia que o povo teve da retençaõ do Rei, e dos Principes, se moveo; porém o Cachil d'Aroes, e Brito o apaſiguaraõ

raõ, sem com tudo curarem a chaga que tinhaõ feito todos estes golpes de altivez.

Neste mesmo tempo, algumas embarcaçoẽs da Ilha de Banda tendo ido carregar a Tidor, pretendeo Brito que Banda como sugeita á Ternate, só deviaõ vir buscar carga á Ternate. Elle queixou-se a Almansor: e tendo-lhe respondido este Principe que os tornasse se quisesse, Brito o fez sem duvidar. O Rei, e o povo se irritaraõ ao ultimo ponto. Nesta mesma occasiaõ houveraõ alguns Portuguezes mortos. Brito em vez d'abrir os olhos, fez pedir com soberba que lhe entregassem os autores destes assacinios. Almansor lhe entregou alguns. Brito naõ se persuadio que fossem esses os culpados; porém que eraõ miseraveis que tinhaõ merecido a morte, e dos quaes o Rei tinha vontade de se desfazer.

Ann. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Com tantos motivos de rompimento, a guerra naõ se declarava, e os Tidorianos ficavaõ quietos; porém isto mesmo dava suspeita. Maiores eraõ as offensas, e mais suspeitavaõ do mysterio no silencio d'uma paciencia cançada e levada ao fim. Porém como hũma guerra aberta pareceo menos prejudicial do que as traiçoẽs que inten-

ta-

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

tavaõ maquinar, Brito, e o Cachil d'Aroes a fizeraõ determinar por hum bando que publicaraõ, pelo qual o primeiro ſe obrigava a dar huma peça de panno fino á qualquer que lhe troxeſſe a cabeça d'um Tidoriano. Poſto que a maior parte dos habitantes de Ternate eſtiveſſem taõ irritados como os de Tidor, o intereſſe com tudo, que pode ſempre muito ſobre almas viz, os animou de modo, que em pouco tempo foi obrigado Brito a deſtribuir mais de 600 peças de panno, em que eu creio que elle teve pezar de ſe ver taõbem ſervido.

A diſſimulaçaõ naõ podia ter mais lugar depois de taõ terriveis actos de hoſtilidade. A guerra ſe fez de veras, e os principios foraõ favoraveis a Almanſor. Os Portuguezes foraõ mal dirigidos em tres ou quatro encontros. Brito arrependeo-ſe dos ſeus primeiros procedimentos, e teria penſado ſolicitar huma paz que elle meſmo tinha duvidado, ſe Cachil d'Aroes lhe naõ tiveſſe animado o ſeu valor abatido. Martinho Correa, e o Cachil tomando pouco depois a Cidade de Mariaque antiga Capital do Reino de Tidor, e os Tidorianos tendo alli perdido muita gente, Almanſor ſentia da meſ-

mesma sorte o pezo da guerra, e pedio a paz. Brito a quem este successo tinha feito passar d'uma extremidade á outra, lha recusou, e Almansor naõ a pôde alcançar se naõ do successor de Brito, e com mui duras condiçoés.

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

O Estado das Indias pedia huma cabeça que podesse alli pôr em boa ordem os negocios da Coroa. Como ElRei D. Joaõ III. naõ tinha ainda enviado ninguem para governar, quiz honrar-se com a escolha, que fez. Pôz os olhos para isso sobre o Almirante, o celebre Vasco da Gama, Conde da Vidigueira, que tendo elle primeiro descuberto as Indias, naõ tinhaõ feito caso delle no reinado precedente, posto que parecesse merecer melhor do que ninguem ser alli enviado, para possuir bens, e honras. ElRei lhe deo titulo de Vice-Rei, huma frota de 16 navios, e 3000 soldados, com que partio em 10 de Abril de 1524.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

D. VASCO DA GAMA VICE-REI. 1524.

Além da infelicidade que elle teve de perder no caminho o navio de Francisco de Brito, e a caravella de Christovaõ Rosado, que pereceraõ no mar largo, e o navio de Fernando Monrroi que naufragou nos baixos de Melinde, porém de que se salvou a

equi-

ANN. de J. C. 1524.

D. JOAÕ III. REI.

D. VASCO DA GAMA VICE-REI.

equipagem, lhe aconteceo hum accidente muito extraordinario, que pôz toda a frota n'um grande movimento. Foi em huma sexta feira sete de Setembro depois das oito horas da noite que estando no mar de Cambaia, com hum tempo sereno, e sem que o vento respirasse, todos os navios, em lugar da inclinaçaõ costumada nas calmas; foraõ agitados taõ vivamente, e por hum modo taõ irregular, que cada hum julgou tocar sobre hum baixo, e achar-se na sua ultima hora. A inopinada perturbaçaõ que causou este movimento, junto com os horrores da noite, e a ignorancia do que se passava nos outros navios, produsio logo huma extrema confusaõ. Fizeraõ sinal d'huma embarcaçaõ á outra para pedir soccorro. Hum corre á sonda, o outro á bomba, muitos ás manobras. Os mais medrosos agarraraõ tudo a que se podiaõ afferrar, e o consideraraõ como a ultima prancha no naufragio. O General naõ foi tambem izento do medo; porém finalmente tendo advinhado a verdadeira causa d'este movimento singular, animou toda a sua gente com huma especie de vangloria. „ Coragem, „ meus filhos, disse elle, a terra das

„ In-

„ Indias treme , he isto hum bom
„ agouro , ella tem medo de nós. „
A tranquilidade seguio-se logo ao tumulto. Houve só hum homem que deitando-se ao mar , alli se perdeo pelo excessivo dezejo de se salvar.

Ann. de J. C. 1524.

D. João III. Rei.

D. Vasco da Gama Vice-Rei.

Desta infelicidade resultou grande bem para muitos outros. Porque como o terremotu durou muito tempo, o medo fez huma revoluçaõ nos doentes tal , que a fevre passou a todos , e os pôz em pé como por milagre.

Outro accidente ainda mais raro nestas paragens se seguio logo ao primeiro ; porque sem vento , e sem nuvem foraõ inundados por huma chuva taõ copiosa , que parecia hum annuncio d'hum segundo diluvio. Ella durou pouco ; porém o gosto que tiveraõ de se verem livres d'ambos os perigos , foi seguido d'hum novo embaraço. O General tinha mandado dar huma vista d'olhos a Diu , e tinha ordenado ao piloto da barra , que governasse para esta Cidade. Deviaõ vella em tres dias , porém como passaraõ mais de seis sem a poderem descubrir , entaõ sem reflectirem, que elle tinha feito mudar a ordem , e feito governar sobre outro rumo , que os apartou , a lembran-

ANN. de J. C. 1524.

D. JOAÕ III. REI.

D. VASCO DA GAMA VICE-REI.

brança dos dois accidentes que acabavaõ de acontecer-lhes, deo materia a novas especulaçoens, e a novos temores, fundados sobre as predicçoens dos Astrologos, que tinhaõ annunciado que neste mesmo anno achando-se todos os Planetas em conjunçaõ no signo Piscis, haveriaõ diluvios prodigiosos, e revoluçoens espantosas nas terras maritimas. Estas predicçoens tinhaõ feito tanto estrondo na Europa, que muitas gentes dando-lhe excessiva fé, tinhaõ já tomado suas precauçoens, e feito armazens sobre as altas montanhas para se alli refugiarem como em hum seguro azylo. Os nossos Argonautas depois do que lhe tinha acontecido, criaõ já que a India estava submergida no fundo das aguas; porém elles fóraõ agradavelmente tirados do cuidado pelo mesmo piloto, que tendo explicado a causa do erro d'elles, os certificou de que no outro dia veriaõ ou Baçaim, ou Chaul. Com effeito elles foraõ ancorar no dia seguinte no porto d'esta ultima Cidade.

O Vice-Rei começou logo por entrar nas honras, a nas funçoés do seu emprego. Entre as ordens que deo, huma das principaes foi, que se

o

o Governador General, que eſtava ainda em Ormuz, vieſſe alli apreſentar-ſe, lhe naõ permitiſſem que deſembarcaſſe. Paſſando a Goa, recebeo as queixas que lhe fizeraõ contra o Governador Franciſco Pereira Peſtana, e o tratou com o meſmo rigor de que tinha eſte meſmo uſado a reſpeito dos outros. De Goa pondo-ſe em derrota para Cochim, fez retroceder o caminho a D. Luiz de Menezes, que encontrou hindo receber ſeu irmaõ, e lhe ordenou que o ſeguiſſe.

Ann. de J. C. 1524.

D. João III. Rei.

D. Vasco da Gama Vice-Rei.

Porém Vaſco da Gama pareceo naõ ter hido ás Indias ſe naõ para lá morrer, como ſe tiveſſe ſido do ſeu deſtino vir aprender que era mortal neſte novo Mundo, cujo deſcobrimento naõ podia immortalizar mais que o ſeu nome. Foi na verdade huma perda; elle amava a juſtiça, e começava já a comportar-ſe alli muito bem, para reſtabelecer a boa ordem, e a gloria da ſua Naçaõ. A lembrança do que tinha feito nas ſuas primeiras viagens, tinha dado delle huma alta idéa. Os Mouros principalmente o temiaõ em extremo, e ſendo já menos atrevidos, a aprehenſaõ ſó que delle tinhaõ, parecia reduzilos aos termos da ſua obrigaçaõ.

D.

Ann. de J. C. 1524.

D. João III. Rei.

D. Vasco da Gama Vice-Rei.

D. Vaſco da Gama era de eſtatura mediocre; porém pouco deſembaraçado por ſer muito gordo. Seu ſemblante corado, e inflammado. Tinha o parecer terrivel na colera. O ſeu fogo o levava algumas vezes muito longe, e paſſava os limites d'uma juſta ſeveridade no modo, e na precepitaçaõ com que punia. No mais tinha alma grande, e capaz de grandes coiſas. Os obſtaculos, e as difficuldades ſó ſerviaõ de mais o animarem. O deſcubrimento das Indias fez o ſeu maior luſtre, porém pode ſer que ſeja mais admiravel de ter n'huma idade avançada ſacrificado o ſeu deſcanço á vontade do ſeu Principe, que pareceo dezejar que elle para alli tornaſſe. Seu corpo ficou depoſitado em Cochim até o anno de 1538, que ſeu filho Pedro da Silva teve a licença de o tranſportar para Portugal, onde ElRei lhe fez dar as maiores honras, que ainda ſe fizeraõ á huma peſſoa particulár, e que naõ era de ſangue Real. O que alli ha de ſingular, he que á caſa d'Albuquerque naõ pôde alcançar ſe naõ muito tempo depois a meſma graça para o corpo do grande Affonſo. Tambem lhe fizeraõ honras muito inferiores, como ſe foſſe mais glo-

glorioſo deſcubrir as Indias, do que conquiſtallas. He verdade ſe nós acreditarmos niſſo o autor dos Commentarios deſte grande homem, que a razaõ porque ſe precizou tanto tempo para ter eſta permiſſaõ, foi por cauſa da paixaõ dos habitantes de Goa, o porque ſe naõ pôde alcanſar, ſe naõ por virtude d'uma Bulla do Papa, a qual fulminava grandes excommunhoẽs contra os que a iſſo ſe oppoſeſſem. E a ſer aſſim, huma paixaõ taõ conſideravel he ainda mais honroza para Affonſo, do que as mais ſoberbas pompas funebres, e os panegyricos mais eloquentes dos maiores Oradores.

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. VASCO DA GAMA VICE-REI.

Parecia que a Corte tinha previſto a morte proxima do Vice-Rei. Porque attendendo por huma parte aos ſeus annos; e ás ſuas infirmidades, e por outra aos inconvenientes, que podiaõ naſcer em paiz taõ diſtante, no cazo de morrer o Governador, eſtabeleceo ella neſta occaſiaõ, e que depois ſe praticou ſempre, o que chamaõ *Succeſſoens*, o que ſe faz por eſte modo. ElRei de tempo em tempo envia ás Indias cartas fechadas com o ſello da Coroa até numero de quatro, ou ſinco, em cada huma das quaes

achaõ

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Vasco da Gama Vice-Rei.

achaõ o nome do ſugeito, que deve tomar o Governo depois da morte do que eſtá no emprego. Eſtas cartas trazem a inſcripçaõ da primeira, ſegunda, terceira ſucceſſaõ, &c. Antigamente ficavaõ em depoſito na maõ do Intendente da Fazenda Real, e hoje ficaõ na do Arcebiſpo de Goa, que naõ pode abrir, ſe naõ na preſenſa das peſſoas determinadas pela Corte, e ſegundo a ordem da inſcripçaõ, de ſorte que ſó podem abrir a ſegunda no caſo de ter ſido inutil a primeira, e aſſim nas outras.

O Vice-Rei D. Vaſco da Gama levava com ſigo as primeiras cartas, e conduſia na ſua frota ſem o ſaber, os que eſtavaõ deſtinados para ſeus ſucceſſores, e alguns dos quaes fizeraõ depois eſtranhas ſcenas.

D. Henrique de Menezes Governador.

Sendo aberta a primeira ſucceſſaõ, moſtrou o nome de D. Henrique de Menezes, filho de Fernando de Menezes, de alcunha o Roxo, que tinha vindo ás Indias com proviſoens de Governador d'Ormuz. Porém Fernando de Monrroi, que tinha as do Governo de Goa, tendo naufragado nos baixos de Melinde, e eſtando auzente, o Vice-Rei tinha mudado o deſtino de Menezes, e o havia

via fubftituido a Monrroi no Governo defta praça que tirou a Peftana. Lopo Vaz de Sampaio, Governador de Cochim, que o Vice-Rei moribundo tinha eftabelicido em feu lugar, e reveftido de toda a fua auctoridade até que aquelle a quem a fucceffaõ declaraffe foffe em eftado de tomar poffe do Governo, procedeo muito bem a refpeito de D. Henrique. Defpachou logo para Goa a dar-lhe avifo da fua promoçaõ, e lhe enviou huma efcolta para o condufir á Cochim.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

D. Duarte, e D. Luiz de Menezes, que eftavaõ ainda em Cochim, quiferaõ aproveitar-fe da conjunctura da moleftia, e da morte do Vice-Rei, para fazerem durar o feu Governo. Elles tinhaõ feu partido na Cidade, e tudo alli caminhava á huma fediçaõ aberta; porém D. Duarte naõ tendo nunca tido a liberdade de pôr pé em terra, e D. Luiz tendo tido ordem de tornar para bordo, Sampaio conteve tambem todos os feus partidiftas na fua obrigaçaõ, que eftes dois Senhores foraõ obrigados a partir contra fua vontade, com tanta infelicidade para ambos, que D. Luiz perdeofe, fem que fe foubeffe mais onde, nem como; e D. Duarte tendo che-

gado á Portugal, alli morreo á vista do porto.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

D. Henrique recebeo a noticia da sua elevaçaõ, com aquella indifferença, que he a prova d'hum coraçaõ sem ambiçaõ. Era este hum homem da idade d'Ouro, e do antigo tempo, que contente com a sua virtude, com a sua probidade, com a nobreza dos seus serviços, amava antes merecer as honras do que possuillas; e que pisando aos pés todas as idéas da paixaõ, e do enteresse, como indignas d'um espirito vam, prezando pouco empregos, que os outros só procuravaõ com tanto ardor, porque achavaõ nelles huma ampla comodidade para satisfazerem á todas as suas fraquezas. As suas primeiras acçoens foraõ provas da sua equidade, da sua modestia, e da sua applicaçaõ ás suas obrigaçoens. Porque elle disfarçou de baixo de diversos pretextos para naõ chegar á Cochim antes da partida de D. Duarte, e de D. Luiz de Menezes seus proximos parentes, ò naõ dar aos enteresses do sangue o que a justiça do Vice-Rei lhes havia recuzado. Prohibio depois absolutamente que lhe dessem o tratamento de Senhoria, e que lhe fizes-

zeſſem as honras coſtumadas á entrada dos Governadores, debaixo do pretexto de que eraõ pouco decentes nas circunſtancias do luto pela morte do Vice-Rei, o que depois ſervio de regra. E em fim entregou-ſe todo ao bem publico.

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

Depois da morte do grande Albuquerque, a attençaõ que tinhaõ tido os que lhe tinhaõ ſuccedido aos ſeus entereſſes particulares, antes que ao bem commum, e o pouco que eſtimavaõ ſuas peſſoas, tinha auctoriſado huma multidaõ de Corſarios, Mouros, e Gentios, que infeſtavaõ por modo eſtes mares, que os navios da Coroa ſó podiaõ ſahir em frota. D. Henrique tinha começado a ſentir d'iſto a injuria, e o prejuizo, logo que tomou poſſe do Governo de Goa; porque paſſava todos os dias á viſta d'eſta Cidade quantidade deſtes piratas, e de navios mercantes, que hiaõ de baixo de ſua eſcolta, ſem lhe poderem fazer nada.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

O Vice-Rei tinha começado a dar ordens muito preciſas para alimpar as coſtas de todos eſtes ladroens. Chriſtovaõ de Souſa tinha deſbaratado por duas occaſioens hum dos mais famoſos Chefes d'elles, chamado Cutial;

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

que o tinha attacado com 4 paráos, e depois com 80. Vicente Sodré enviado tambem com huma esquadra de 4 navios ás Maldivas, deu caſſa a Mamale, Mouro o mais acreditado da India, e que ſe intitulava Rei das Maldivas, como já diſſe. Tomou-lhe duas Fuſtas, e o fez fugir com quatro outras até Cananor, onde naõ tardou em pagar aos Portuguezes a pena que lhe era devida, pelo mal que lhes tinha feito. Porque D. Henrique tendo chegado alli pouco depois, e tendo-o achado preſioneiro na Cidadella, onde o Rei de Cananor, que ſe comunicava ſecretamente com elle o tinha feito meter para dar alguma moſtra de ſatisfaçaõ ao Vice-Rei D. Vaſco da Gama, lhe fez fazer o ſeu proceſſo ſem dilaçaõ, e o fez enforcar, antes que o Rei de Cananor o podeſſe repetir.

D. Henrique antes de chegar a Cananor tinha já conſeguido algumas vantagens ſobre os piratas, por meio de Jorge de Melo ſeu Sobrinho, que desbaratou tambem Cutial em huma occaſiaõ, e n'outra deſtruio 36 paráos ſahidos de Diu. D. Henrique em peſſoa decipou na ſua derrota 30. paráos, que elle encontrou brigando com D.

Jor-

Jorge de Menezes, que tendo ſó hum Galiaõ eſtava bem embaraçado para ſe defender. O General enviou depois Heitor da Silveira a requerimento do Rei de Cananor para a nacente do rio que paſſa por diante deſta Cidade, para deſtruir algumas povoaçoens, onde muitos d'eſtes piratas ſe acolhiaõ, e viviaõ em huma eſpecie de independencia; o que fez Silveira com muita felicidade. Chriſtovaõ de Brito caſtigou igualmente os de Dabul. He verdade que alli o mataraõ; porém a ſua morte foi compenſada pela d' hum grande numero de inimigos, e do ſeu Chefe, que ſendo apanhado, e levado á Goa ahi morreo das ſuas feridas, e tendo a vantagem de morrer Chriſtaõ.

ANN. de J. C. 1525. D. JOAÕ III. REI. D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

O ſupplicio de Mamale intimidou todos os Mouros do Indoſtam, que julgando do Governador pelo deſentereſſe que tinha moſtrado, recuſando conſtantemente as immenſas ſommas offerecidas pelo ſeu reſgate, conheceraõ por iſſo o que elles meſmos deviaõ entender. A ſeveridade que uſavaõ com os que eraõ apanhados, naõ ſervio pouco para remediar a deſordem. Porque os navios dos Portuguezes victorioſos quando voltavaõ d'eſ-

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

d'eſtes combates, em lugar de Flamulas, e Paveſes naõ apreſentavaõ de longe ſe naõ os corpos deſtes infelices pendurados das vergas, e as ſuas cabeças poſtas em fileira ſobre os bordos. Os que traſiaõ vivos, largavaõ-nos aos rapaſes que ſe recreavaõ de os matar ás pedradas.

Iſto propriamente era huma pequena guerra, logo ſe levantou huma mais conſideravel, que o meſmo Governador foi obrigado a começar. Naubeadarim que tinha ſempre eſtado unido aos Portuguezes por inclinaçaõ, e por eſtima, naõ tinha tido por muito tempo o Sceptro de Calicut. O Samorim, que lhe tinha ſuccedido, naõ tendo os meſmos ſentimentos, e entregando-ſe aos conſelhos dos Mouros, ſe tinha picado em muitas ocaſioés contra D. Joaõ de Lima, Governador da Fortaleza de Calecut. E ou porque os Portuguezes eſtiveſſem muito deſcuidados dos ſeus direitos, e das ſuas pretençoés, ou porque os Indios aproveitando-ſe da fraqueza do Governo lhe fizeſſem velhacarias, as coiſas tinhaõ chegado a ponto, que tinhaõ havido já muitas hoſtilidades, que ſe aproximavaõ muito a hum rompimento aberto. O Samorim, acommo-

modando-se com hum estado indeciso, que naõ era nem paz nem guerra, tinha enviado hum Embaixador ao novo Governador para o enganar, fazendo proposiçoẽs d'hum ajuste, que elle naõ observaria se naõ em quanto lhe achasse enteresse, na esperança da occasiaõ em que elle podesse dar algum grande golpe. D. Henrique naturalmente inimigo da perfidia, e bem determinado interiormente á castigar este Principe, divertio o seu Embaixador com boas esperanças, até que elle se pôz em estado de lhe ensinar por hum golpe estrondozo, de que maneira queria obrigalo a viver com elle.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Tendo em fim despedido o Embaixador com boas palavras, e com promessa de que em pouco tempo iria visitar seu Senhor, partio com huma armada de 50 velas de toda a especie, e de 2ↀ homens de desembarque, com que foi cahir sobre Panane, huma das principaes praças do Samorim, bem provida de gente, e d'artilheria, debaixo da conducta d'um Portuguez arrenegado. D. Henrique naõ tendo alcançado a satisfaçaõ que pedia, pôz as suas tropas em terra, e dividindo-as em tres corpos, de que Pedro de Mascarenhas, e D. Simaõ

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

maõ de Menezes commandavaõ os dois primeiros, e o General o terceiro, attacou a praça, tomou-a, e destruio-a, só com perda de poucas pessoas, e de quasi 50 feridos. O numero dos mortos foi muito consideravel da parte dos inimigos: acharaõ entre elles o corpo do arrenegado; porém taõ desfigurado no parecer, que tiveraõ trabalho para o reconhecer.

No dia seguinte, o Governador foi apresentar-se de fronte de Calecut, queimou grande numero de navios no porto, em quanto por sua ordem D. Joaõ de Lima tendo feito huma sortida, lançou fogo aos suburbios da Cidade. Dalli D. Henrique tendo reforçado a guarniçaõ da Fortaleza d'homens, e de muniçoẽs, passou até á Couletta, seis legoas para sima de Calecut.

Esta praça assentada sobre o porto em amfitheatro, era taõ forte pela arte, e pela natureza, pela quantidade de artilheria, e pelo numero dos inimigos, que o conselho do General julgou logo, que ella era inconquistavel, e que era temeridade intentar attacalla. Isto era bastante para D. Henrique, se elle quisesse só justificar huma retirada por escrituras;

po-

porém como era hum homem este, que olhava para o enteresse do Rei, e gloria da sua Naçaõ, primeiro que para á sua propria, que elle tinha muito bem estabelecida por muitas bellas acçoẽs em Africa, quando foi Capitaõ de Tangere, fallou taõ fortemente, que redusio todos os pareceres ao seu, e decidio pelo attaque. Sobre o que, tendo regulado a disposiçaõ, deo hum corpo de 400 homens a D. Simaõ de Menezes, e condusio outro de 1000, deixando ao resto da frota a commissaõ de desbaratar a dos inimigos que estava no porto. O fumo da artilheria das duas armadas favoreceo o desembarque. Combatiaõ com extremado valor d'ambas as partes. Os Mouros, que se tinhaõ sacrificado á morte, todos se fizeraõ matar, o resto fugio. Esta acçaõ custou só 14 homens aos Portuguezes, sem fallar dos feridos. Tiveraõ com que se consolar na presa. Trezentas e sessenta peças de canhaõ, innumeraveis arcabuzes, e espingardas, 53 embarcaçoẽs carregadas, muitas riquezas achadas na praça, foraõ a presa do vencedor. Deraõ por despojo ás chammas a Cidade, e o resto das embarcaçoẽs. Depois disto D. Henrique contente da

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

sua

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

ſua expediçaõ, fez-ſe á vela para Cananor, e de lá para Cochim.

Em vez deſtes golpes de valor fazerem entrar em ſi o Samorim, ſó ſerviaõ de o irritar mais; porém para ſegurar melhor a ſua vingança, julgou dever recorrer á diſſimulaçaõ, e enviou ao Governador General huma peſſoa de confiança para fazer algumas propoſiçoens de paz, a fim de que á ſombra d'eſte tratado o General naõ penſaſſe mais em reforçar a guarniçaõ da Fortaleza, que eſte Principe eſtava já reſoluto de a ſitiar no inverno em que eſtavaõ para entrar. O General naõ eſtava longe da paz, porque tinha na idéa hum deſignio de maior importancia: aſſim tendo-a capitulado com muito duras condiçoens para o Samorim, as quaes o ſeu Enviado acceitou facilmente, eſte Enviado partio com o tratado que o Principe devia aſſignar. Porém como tudo ſó era fingimento da ſua parte, deſde eſte principio tomou as ſuas medidas para ſitiar a Fortaleza.

Mandou logo 12ↀ. homens, debaixo da conducta d'hum Siciliano arrenegado, habil engenheiro para o tempo que tinha ſervido ás ordens de Solimaõ na tomada de Rhodes.

Eſ-

Eſte tinha ordem de fazer linhas, e de cercar a Fortaleza da parte da terra; e como ella eſtava ſobre huma lingoa avançada para o mar, elle abraçava todo o terreno por huma eſpecie de obra em cornos, terminada em cada ponta por hum baluarte ou baſtiaõ, d'onde o canhaõ batia de perto o comprimento das Coſtas. O ſeu foſſo era de 25 pés de largo, ſeu terrapleno da outra parte tinha 8, ou 10, e era fortificado com quatro, ou 5 redutos entre os baſtioens. D. Joaõ de Lima fez tudo quanto pôde para impedir o progreſſo d'eſta obra. Fez muitas ſortidas a tempo. Servio-ſe com vantagem de algumas caſas, que eſtavaõ defronte da Fortaleza, o que lhe ſerviaõ de armazens. Porém naõ tendo mais que 300 homens, dos quaes perdeo 50 neſtas ſortidas, naõ pôde impedir que os inimigos, infinitamente ſuperiores pela multidaõ dos ſeus combatentes, e dos ſeus gaſtadores, naõ conduſiſem a obra á ſua perfeiçaõ. O que elle fez tambem com muita prudencia para conſervar a comunicaçaõ do mar, foi conduſir hum caminho bem coberto de gabioens, e fortificado por modo de couraçá, o que foi depois a ſua ſalvaçaõ. Com tudo como as Coſtas

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

eraõ muito altas, que o mar batia alli quasi sempre com muita violencia, que naõ havia porto, porém sómente algumas enseadas muito más, os soccorros eraõ tanto mais dificeis, por naõ poderem chegar alli se naõ em mui pequenas embarcaçoens, e sómente com tempo de bonança.

O Siciliano tendo aperfeiçoado as suas linhas, e as suas obras, confiava tanto em tomar a praça, que naõ duvidou em fazer vir o Samorim em pessoa. Vindo este Principe ao campo com hum exercito de 90ф. homens, começaraõ logo as batarias a jogar. Se estas batarias tivessem sido bem servidas, a praça naõ podia conservar-se muito tempo. Porque além da sua artilheria numerosa, tinhaõ peças que levavaõ bombas, ou balas de dois pés de diametro. Faltava-lhes só a arte. Os Portuguezes pelo contrario serviaõ muito bem a sua. Porém o estrago que ella podia fazer era pouco sensivel, porque as perdas dos inimigos eraõ de pouco momento, em razaõ do seu grande numero.

D. Henrique tendo recebido a noticia do sitio, enviou logo dois navios commandados por Christovaõ Jusarte, e Duarte da Fonseca, para dei-

ta-

tarem na praça 140 homens de reforço com muniçoés. Jufarte chegou primeiro, e ancorou muito perto da Fortaleza. Fonfeca detido pelas calmas, foi obrigado a ancorar hum pouco mais longe. Efte foccorro era taó pouco confideravel, que D. Joaó de Lima naó queria que elle tentaffe o defembarque. Comtudo Jufarte, a quem naó faltava valor, de oitenta homens que tinha, metendo 35 na fua chalupa, arrifcou o tiro, e procurou ganhar o fim da couraça, porem a força d'agua tendo-o levado mais longe, teve alli hum combate dos mais afperos. Efte pequeno foccorro entrou finalmente na praça, tendo fó perdido quatro homens, com Manoel Cerniche, que tendo voltado para falvar hum dos feus amigos, recebeo àlli tantas feridas, que morreo pouco depois. Fonfeca tendo tido prohibiçaó de Lima para tentar a mefma coifa, tornou por fua ordem para Cochim para pedir hum foccorro mais confideravel. Empreza mais difficil pelo rigor da cezaó, que naó era a de paffar á travez do inimigos mais para temer, do que a violencia dos Tyfoens.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÓ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

O fitio fe apertava fempre com muito vigor da parte dos inimigos,

que

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

que empregavaõ tudo para tomar a praça antes do fim do inverno. Os ſitiados naõ ſe defendiaõ com menor valor; e certamente alli ſe fizeraõ acçoẽs taõ belas como nos cercos mais memoraveis. D. Joaõ de Lima alli ſe portou como ſoldado, e como Capitaõ. Era perfeitamente auxiliado por ſeus irmaõs, e por ſeus ſobrinhos, que alli ſe deſtinguiraõ. As granadas, que até entaõ ſó tinhaõ ſervido nos combates de mar, e que foraõ entaõ poſtas em uſo pela primeira vez nos ſitios, fizeraõ maravilhas. O ponto eſſencial era refreſcar a praça; ó que foi facil pelas diligencias do Governador General, e porque os inimigos naõ tinhaõ armada. António da Silva, Heitor da Silveira, e Franciſcò Pereira Peſtana levaraõ-lhe em diferentes tempos ſoccorros, que o Samorim naõ pôde impedir. Finalmente quando chegou a primavera; o meſmo General veio em peſſoa com huma frota de 20 velas, e 1$500 homens de boa tropa.

Os inimigos á viſta da frota Portugueza ſe apreſentaraõ ſobre a praia em taõ boa ordem, e em taõ grande número, que a maior parte dos Capitaẽs, e dos Officiaes lhe tomáraõ al-

algum medo, e o moſtraraõ no Conſelho, onde o General os achou quaſi todos oppoſtos ao diſignio que elle tinha de fazer levantar o cerco. O General, que tinha ordens para naõ hir contra o ſeu Conſelho o ajuntou muitas vezes, ſem o poder dobrar para o ſeu parecer, iſto o obrigou a conſervar-ſe alguns dias em innacçaõ. Como elle tambem naõ queria retratar-ſe, recorreo ao arteficio, e empenhou ſecretamente D. Joaõ de Lima para attacar o baluarte dos inimigos, que eſtavaõ no fim da meia lua da parte do meio dia. O aviſo foi enviado a Lima por hum mergulhador que levava huma carta n'uma bola de cera. O attaque do baluarte ſe fez á viſta da frota com muita felicidade. D. Henrique louvou muito a acçaõ, e depois concluindo que com pouca gente ſe podia vencer huma multidaõ de barbaros, declarou ao Conſelho, que elle meſmo eſtava reſoluto a attacar com todas as ſuas forças; e por eſta declaraçaõ reunio todos os votos, que até entaõ lhe tinhaõ ſido contrarios.

ANN. DE J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

D. Henrique mandou dar os parabens á Lima da bela acçaõ que tinha feito, e ſaber delle em que parte

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

te poderia mais facilmente desembarcar. Este lhe respondeo por D. Jorge de Lima, que quiz hir á frota em hum pequeno batel condusido por hum só marinheiro. O batel foi metido á pique pelos inimigos; porém D. Jorge achou meio de se salvar, e tendo ganhado a Capitania á nado, instruio de tudo o General.

Sobre isto tendo D. Henrique feito avançar os seus navios o mais perto da terra, que lhe foi possivel, limpou muito bem a praia com a sua artilheria, e os inimigos naõ ousando a apparecer, fez deitar em duas noites successivas na Fortaleza 150 homens por cada vez sem obstaculo algum. O Samorim naõ o ignorou, nem se entristeceo, persuadindo-se que o General naõ ousando entrar em huma acçaõ com elle, se contentaria de fornecer a Fortaleza de gente, e de provisoés, depois do que se retiraria; o que naõ lhe tirava a esperança que tinha de se assenhorear della: porém elle se enganou na sua esperança.

Porque algum tempo antes do dia, na mesma noite em que o segundo soccorro tinha entrado, D.Henrique tendo ajustado com Lima todos os finaes, desembarcou nas chalupas com todas

as

as tropas de desembarque, vogando a remos surdos para naõ ser persentido. Lima no mesmo tempo fez attacar as linhas dos inimigos por Heitor da Silveira, e Fernando de Moraes por hum lado; e elle mesmo deo o assalto pelo outro com muito vigor. Os que estavaõ nas trincheiras as abandonaraõ com muita precipitaçaõ; porém ellàs foraõ logo soccoridas por outros que desceraõ aos fossos, e que crendo que encontrariaõ poucos como nas sortidas ordinarias, lisongeavaõ-se de concluir logo tudo. Com isto D. Henrique desembarcou socegadamente ao som de trombetas, e instromentos belicos. D. Jorge de Menezes, e D. Jorge Tello de Menezes, tendo-se escondido nos fossos cada hum com 60 homens, deitaraõ quantidade de granadas, que causaraõ perturbaçaõ entre os inimigos. Pouco depois, o General tendo tambem penetrado com o corpo de tropas que commandava, naõ houve mais do que huma estranha confusaõ entre os sitiantes. Os Portuguezes como lobos famintos entrados em hum curral, naõ faziaõ mais que matar. Admirou D. Jorge de Menezes, que depois de ter feito acçoens prodigiosas com hum montante,

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI

lançando-se ao forte da peleja para salvar hum dos seus, que se tinha empenhado muito, o livrou, e recebendo hum golpe que lhe estropeou a maõ direita, naõ cessou com a esquerda de combater, com a espada d'aquelle que elle tinha taõ nobremente soccorrido.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Em fim os inimigos depois de terem perdido 3000 homens, abandonaraõ as suas trincheiras para se salvarem na Cidade, e n'hum bosque de palmeiras que lhe ficava visinho, e onde o General naõ quiz que os seguissem. Esta victoria foi huma das mais belas que se ganhou na India. Tendo-se divulgado o ecco até à Porta, Solimaõ, que alli reinava entaõ, se encheo de pasmo, e de admiraçaõ, pela alta idéa que tinha das forças do Samorim, e pela comparaçaõ que fazia do pequeno numero dos Portuguezes com a inumeravel multidaõ dos inimigos que elles tinhaõ á testa.

Quasi todos os Reis tributarios do Samorim retirando-se para os seus dominios depois d'esta acçaõ, este Principe achou-se muito embaraçado, temendo principalmente muito que o vencedor fizesse cortar o bosque de palmeiras, que ficava junto da Cidade.

Além

Além da perda que isto lhe teria causado, como he nas Indias o final mais estrondozo d'huma victoria, teria isto sido para elle a mais cruel affronta que poderia receber. Agitado d'esta inquietaçaõ, fez comque viesse Coje-Bequi, que desde a entrada dos Portuguezes nas Indias se tinha declarado á favor d'elles, e lhes tinha sido sempre seu fiel amigo. Prometeo-lhe de o fazer Chabandar de Calecut, se elle podesse sómente alcançar-lhe quatro dias de tregoa para poder fallar da paz.. Coje-Bequi se escusou pela sua velhice, e pedio o cargo para hum dos seus filhos, no caso que alcançasse o negocio; porém o Samorim prevenindo este acontecimento, lho deo logo, testemunhando assim o quanto amava a paz.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

A trêgoa foi facilmente concedida em atençaõ ao medianeiro; naõ foi o mesmo a respeito da paz. As expediçoẽs que propunha o General eraõ duras por extremo, e o Samorim as naõ podia acceitar sem deshonra. O artigo de todos, que mais o incommodava, era o requerer-lhe o General que lhe entregasse Arel de Porca.

Este Senhor era visinho, e tributario do Samorim, tinha sempre se-

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

guido o partido dos Portuguezes contra o enteresse do seu Principe. No negocio de Coulete D. Henrique tendo percebido que se conservava ociozo, esperando mais pela occasiaõ de hir ao saque, do que procurar ter parte na acçaõ, mandou que para o acordarem lhe atirassem huma pequena peça de campanha, que lhe quebrou huma perna. O Arel irritado d'hum proceder taõ offensivo, virou a casaca, fez a sua paz com o Samorim, e procurou depois as occasioens de se vingar, como fez em quanto durou este sitio; e pouco depois contra Jorge d'Albuquerque, que sendo relevado do seu governo de Malaca, e voltando só em hum Junco, foi attacado por 25 Catures condusidos pelo Arel em pessoa; porém Albuquerque o tratou taõ mal, que o obrigou a retirar-se com perda de mais de 300. homens.

Naõ se podendo concluir a paz amigavelmente, D. Henrique que fazia pouco caso do Samorim, do qual naõ tinha precisaõ, e que havia recebido ordens da Corte para destruir as fortalezas de Calecut, de Pacem, e de Ceilaõ como inuteis, tomou o partido de as executar; fez despejar a pra-

ça,

ça, fez mina-la bem, e se fez á vela. O Samorim, e a sua Corte a quem naõ pôde occultar os preparos d'huma partida que parecia fugida, estavaõ em admiraçaõ, e naõ podendo comprehender qual fosse o fructo d'huma taõ bela victoria. Porém tanto que viraõ que tinhaõ aparelhado, e que a frota tomava o largo, e que naõ podiaõ duvidar mais, entaõ a Fortaleza abandonada, se encheo em hum instante de Indios curiosos, e cubiçozos dos quaes parte para se assegurar do facto, parte para roubar, entrararaõ por todas as partes á montaõ. Porém naõ tiveraõ muito tempo para se felicitarem de se verem senhores della. Jogando as minas com horrivel ruido, a fizeraõ arrazar quasi toda inteira, e sepultaraõ esta multidaõ de miseraveis debaixo das ruinas. O Samorim desesperado, naõ sabendo em quem se vingasse, descarregou toda a sua ira sobre o infelis Coje-Bequi, a quem fez cortar a cabeça, imputando-lhe ter sido hum obstaculo da paz. Os filhos deste infelis velho, que o seu zelo pelos Portuguezes faziaõ dignos de melhor fim, se retiraraõ para Cananor, onde a pensaõ que a Corte de Portugal dava a seu Pai, lhes foi con-

continuada, e os ajudou a viver.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

O victoriozo D. Henrique naõ descansou sobre as suas victórias. Sempre occupado unicamente do bem do Estado punha todos os seus disvelos a conservar a paz onde a havia, e a preparar-se efficazmente a fazer guerra aonde era precizo. Principalmente a sua maior attençaõ era conter os seus Officiaes, pôr limites ás suas rapinas, e injustiças. Mostrou bem quaes eraõ os seus sentimentos sobre este ponto depois do negocio de Coulete. Porque tendo recebido hum expresso que o Rei d'Ormus, e Rui Seraph tinhaõ despachado ao Vice-Rei D. Vasco da Gama, para se queixarem das tiranias que contra elles exercitara D. Duarte de Menezes no tempo do seu Governo, e que exercitava ainda D. Diogo de Mello Governador da Fortaleza d'Ormuz, D. Henrique a quem o Enviado entregou as cartas do seu Principe, escreveo a Mello com hum modo decente na verdade. „ pedindo-lhe „ em nome d'ElRei de Portugal, e „ no seu que fizesse cessar as queixas. „ fazendo elle mesmo cessar as suas ex- „ torsoens; porém ajuntando que se el- „ le naõ tinha respeito ás suas roga- „ tivas, se veria obrigado assim mo-

„ ço

„ ço como era, a enſinar prudencia „ ás ſuas cans. „ E a fim de que Mello naõ ſe ſerviſſe d'huma carta que elle podia ter occulta, aviſou de tudo o que lhe eſcrevia ao Rei d'Ormuz, e a Seraph. Enviou no meſmo tempo ordem ao Auditor d'Ormuz, que lhe remeteſſe em ferros hum confidente de Mello, d'eſta eſpécie d'homens, de que os Governadores cubiçozos achaõ ſempre bom numero, que carregaõ de todas as iniquidades de que elles meſmos ſaõ os autores, e nas quaes naõ querem apparecer. Eſta ſeveridade que naõ foi ignorada, contribuio muito para reſtabelecer a boa ordem.

ANN. de J. C. 1525. D. JOAÕ III. REI. D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Depois do negocio de Calecut D. Henrique tornando á Cochim, começou fazer novos preparativos para hum grande diſignio que revolvia na mente; mas de que ninguem podia penetrar o ſegredo. Com tudo fez diverſas expediçoens para differentes partes. Partio depois elle meſmo para Goa, d'onde tinha reſolvido hir invernar á Maſcate. De Goa fez partir Heitor da Silveira com quatro navios, com apparencia de hir buſcar D. Rodrigo de Lima, que havia 6 annos que eſtava na Corte do Imperador da Ethiopia; porém occultamente lhe ordenou

que

ANN. de J. C. 1525. D. JOAÕ III. REI.

que o esperasse no Cabo do Guardafú até quasi ao fim de Março, no qual tempo elle poderia deitar até á Ilha de Malaca, se até entaõ o naõ tivesse encontrado.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Como a Corte de Portugal tinha fundado grandes esperanças sobre a uniaõ das suas forças com as do Imperador da Ethiopia para se servir em beneficio do Christianismo, contra as Potencias Musulmanas da Africa, e de Asia, os Governadores tinhaõ sempre tido ordens muito apertadas de trabalharem para facilitar o retorno de D. Rodrigo de Lima. Em consequencia d'estas ordens D. Duarte de Menezes tinha enviado seu irmaõ D. Luis com huma frota de 9 navios para o mar Roxo. D. Luis na sua derrota saqueou a Cidade de Xael sobre a Costa da Arabia, queimou algumas embarcaçoens inimigas, varejou a Cidade d'Adem, e tendo hido até á Ilha de Maçua sem que encontrasse D. Rodrigo de Lima, escreveo-lhe huma carta, na qual lhe fixava hum tempo dentro do que o esperaria. Porém tendo-se passado este termo sem que elle aparecesse, D. Luis tornou para ás Indias, sem haver recolhido fruto algum da sua viagem.

D.

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

D. Vaſco da Gama, no tempo em que morreo, fazia os preparativos d'uma frota conſideravel que queria fazer commandar por ſeu filho D. Eſtevaõ da Gama. Lopo de Sampaio depois da morte do Vice-Rei, ſem mudar o deſtino deſta frota, que devia hir buſcar D. Rodrigo de Lima, mudando de General, cortou o numero dos navios, e deo o governo della a Antonio de Miranda. D. Henrique vindo a Cochim para tomar poſſe do ſeu Governo, tendo encontrado Miranda na ſua derrota, lhe tirou os navios da ſua eſquadra, e ſó lhe deixou huma Caravela, com ordem tambem de ſe ajuntar a 4 navios, que tinha mandado cruſar ſobre a Coſta de Cambaia, para obſervar duas embarcaçoẽs que deviaõ ſahir de Diu carregadas de madeiras de conſtruçaõ para ſerviço dos Turcos que eſtavaõ em Gidda. Miranda cruſou vantajozamente para o eſtreito de Meca, ſem hir mais longe. Heitor da Silveira fez melhor, ſaqueou a Cidade de Dofar, ſubmeteo as Ilhas de Dalaca, e Maçua, e lhes impôs hum tributo, e em fim trouxe hum novo Embaixador do Imperador de Ethiopia, com D. Rodrigo de Lima, e Franciſco Alves, de que he precizo en-

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

entre tanto que eu diga os ſucceſſos, depois que eu tiver dado huma idéa geral, e abreviada da peſſoa, dos Eſtados, e dos vaſſallos d'eſte Principe, menos conhecido que procurado, debaixo do nome ſuppoſto de Preſte Joaõ.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Ninguem duvida, creio eu, hoje, que eſte nome de Preſte ou Padre Joaõ ſeja fundado ſobre huma etymologia conhecida, que nos vem dos tempos das cruzadas, e ſe formou da idéa popular, que havia hum grande Monarca do Oriente, que ſe chamava Joaõ, e era Padre da Lei de Jeſus Chriſto, da qual elle, e os ſeus vaſſallos faziaõ huma profiſſaõ aberta. Que o Chriſtianiſmo tinha ſido eſpalhado por toda a grande Aſia, e até ao Imperio da China, iſto parece certo pelos veſtigios, que ainda hoje ſe achaõ, ainda que naõ hajaõ provado que tenha ſido a Religiaõ dominante, e geral d'algum Eſtado em particular. Que tenha havido igualmente na grande Aſia hum poderoſo Principe Chriſtaõ, iſto parece igualmente ſeguro. Os Soberanos Pontifices, e os Principes Cruſados tiveraõ com elle algumas relaçoens, muitas infructiferas. Os que lhe foraõ enviados, fizeraõ rela-

ço-

çoens taõ pouco exactas, que só servem para nos pôr em confuzaõ, de sorte que he dificil hoje, ou mesmo impossivel dizer ao justo onde eraõ os seus Estados. No tempo do primeiro cerco de Damitta, que foi tomada por Joaõ Brienne, se espalhou o rumor, de que o Principe que reinava entaõ, chamado David, vinha na frente d'hum poderoso exercito em soccorro das enfeadas, em quanto a Rainha de Jorgia se dispunha a entrar por outra parte na Palestina, o que obrigou Corradim, e Seraph, que acodiraõ á soccorrer Meledim Sultaõ do Egipto seu irmaõ, para tornar prontamente para os seus Estados para se oppor a estas duas Potencias. Porém David naõ lhe custou pouco a defenderse. Os Tartaros o desbarataraõ, e desapossaraõ, ao menos d'huma parte dos seus Estados, ou das suas conquistas. No seculo treze perto do anno 1240 houve ainda hum d'estes Principes, que oprimido pelos Tartaros successores de Gentchiscan na Tartaria Occidental, recorreo ás Potencias da Europa. Depois d'aquelle tempo achaõ-se muito poucos vistigios.

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Com tudo como a idéa deste Principe, posto que confusa, era muito

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

to viva no tempo dos primeiros descubrimentos dos Portuguezes, depois dos esforços que os Reis D. Joaõ, e D. Manoel tinhaõ feito para o descubrirem, persuadiraõ-se, naõ sem algum fundamento que o Preste Joaõ era o Imperador da Ethiopia, a quem deraõ tambem os nomes de grande Negus, e de Rei dos Abexins. He preciso conceder que todos os signaes se assemilhavaõ. Os nomes d'estes Principes tirados do Testamento velho, a Magestade d'estes Monarchas, que respeitavaõ como huma espécie de Divindade, as cruses que elles faziaõ levar diante de si, a Religiaõ Christá corrompida pelos erros dos Nestorianos, e dos Jacobitas, &c. Só alli ha a diferença dos Estados d'hum, que suppoem terem sido muito remotos na grande Tartaria ou na India, em lugar que os do outro saõ na Africa.

Eu creio em fim, que sem se apartar muito da verdade (o que só dou como huma simples conjectura) podem dizer, que este era o mesmo Monarcha, que era Imperador da Ethiopia, e que tinha feito na Asia grandes conquistas, que elle tinha podido dilatar até á India, e á Tartaria, e que por huma destas revoluçoens da

for-

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

fortuna, de que ha infinitos exemplos, teria ſido rechaſſado até nos ſeus Eſtados hereditarios, com tanta facilidade, quanta elle tinha tido em ſe dilatar, para os paizes mais apartados.

O Imperio dos Ethiopes pode andar a par com todas as outras Naçoens pelas fabulas da ſua antiguidade; mas atravez do que ſe pode deſenredar da fabula, parece conſtante principalmente pelo teſtemunho de Herodoto, que he hum dos mais antigos, e maiores Imperios do Mundo. Era certamente muito mais extenſo do que he hoje: e eu creio que he demonſtrado, que as Arabias, que tem igualmente tomado os nomes de India, e de Ethiopia, foraõ antigamente, e muito tempo do ſeu dominio. Sendo aſſim, naõ ſerá maravilha, que hum Principe, que tinha hum taõ grande Imperio na Aſia, tenha podido fazer os progreſſos d'hum Conquiſtador rapido; e ſofrido depois na ſua peſſoa, ou na de ſeus ſucceſſores os reveſes d'huma fortuna pouco eſtavel, quando ſe trata de conſervar Eſtados taõ extenſos, e pela maior parte novamente conquiſtados.

O que eu ſigo pode ſer confirmado por huma carta do Gram Senhor de Rhodes, que eſcrevendo a ElRei

de

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

de França Carlos VII. diz expressamente, que o Imperador da Ethiopia era o verdadeiro Preste-Joaõ. A mesma carta que o Papa Alexandre III. escreveo a hum Rei da India Chamado Joaõ, caracteriza bastantemente o Imperador da Ethiopia. Assim antes dos descobrimentos dos Portuguezes, haviaõ já noticias muito consideraveis do Rei dos Abexins, e huma especie de persuasaõ de que elle era o Preste-Joaõ.

Herodoto que já citei, e os outros de antiguidade profana nos representaõ os Ethyopes, como hum dos primeiros povos do Mundo, iguaes, ou anteriores mesmo aos primeiros Egypcios. Os Ethiopes d'hoje dizem ser descendentes de Haback neto de Noé, donde se formou o nome d'Abassia, e por corrupçaõ d'Abyssinia. Depois daquelle tempo contaõ huma larga serie de Reis, cujos fastos nos parecem fabulas, ou porque com ellas tenhaõ engrossado os seus annaes, assim como o fizeraõ todos os outros povos, ou porque depois de tantos seculos tem para nós hum ar de novidade, que nós naõ podemos ajustar com as nossas preocupaçoẽs. Entre as suas epocas tem duas muito celebres,

a

a que he dificil negar alguma crença. A primeira he aquella da Rainha de Sabá. A segunda he a da Rainha Candace.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

A primeira que elles chamaõ Maqueda, teve, dizem elles, hum filho de Salomaõ chamado David, ou Menilehek, donde descenderaõ todos os seus Reis por huma longa serie de seculos, naõ sem alguma interrupçaõ, depois da qual tornaraõ a subir ao Throno, que esta familia occupa ainda hoje. O que fez com que David, que Reinava no tempo d'ElRei D. Manoel, tomasse estes titulos. „ David amado de Deos, columna da „ fé, do sangue, e da linha de Judá, „ filho de David, filho de Salomaõ, „ filho da columna de Siaõ, filho da „ semente de Jacob, filho da maõ de „ Maria, filho de Nahu pela carne. „ Imperador da grande, e alta Ethyo„ pia, e de todos os Reinos seus de„ pendentes. „

Pretendem que Menilehek tendo sido enviado a seu pai, fora instruido na Religiaõ dos Hebreos, que tornando aos seus Estados com hum grande Padre filho de Sadoc, e 12000 homens, mil tomados de cada tribu, se estabeleceraõ na Ethyopia: que depois

del-

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

delle a Ginecocracia antiga fora mudada, ſuccedendo os filhos dos Reis no Throno contra a lei immemorial, que eſtabelecia a ſucceſſaõ na linha das filhas. Com tudo cuſtame a comprehender a ſerie dos tempos moſtrando-nos Rainhas muito celebres entre elles, donde eu concluiria facilmente, que elles tem ainda huma eſpecie de Ginecocracia tal como ſe vê em ambas as Indias, aſſim como eu já expliquei no meu livro dos coſtumes dos Americanos, com eſta diferença naõ menos que ſe pode fazer, que depois daquelle tempo os Reis ſe cazavaõ nas ſuas meſmas familias, o que terá mais facilmente conſervado a deſcendencia pela multiplicidade das geraçoẽs no meſmo ſangue. De lá he que tem ainda conſervado muitos uſos do Judaiſmo, entre os quaes ſe naõ deve pôr a Circumciſaõ que elles tinhaõ antes, aſſim como Herodoto o certifica, e que he uſada pelo ſexo que naõ era entre os Judeos.

Candace, que fórma a ſegunda epoca, he aquella Rainha celebre, de que S. Filippe Diacono baptizou o Eunuco, e he d'uma, e da outra que elles receberaõ a Religiaõ Chriſtáa. Pertendem que eſte nome, Candace,

ſe-

hoje hum nome generico, que ſe dava a todas as ſuas Rainhas, como davaõ o de Faraó a todos os Reis do Egypto.

Ignoraõ-ſe os limites da Etyopia antiga. He quaſi certo que ella ſe extendia, aſſim como já diſſe, pelas duas Arabias. Iſto he o que ſe pode conjecturar da natureza meſmo dos preſentes que a Rainha de Saba trouxe á Salomaõ. As Cidades de Saback, e d'Axuma, cujas ruinas ſe vem ainda na alta Ethyopia, podiaõ ſer as Capitáes do Imperio; mas pode-ſe concluir pelas grandes riquezas que julgaraõ á Rainha de Saba, que ella tinha hum Imperio muito extenſo.

A Ethyopia d'Africa era limitada, pouco antes que os Portuguezes alli abordaſſem, ao Septentriaõ pelo Egypto, e pela Nubia, ao Oriente pelo mar Roxo, e a Coſta de Zanguebar, ao meio dia pelo Monomotapa, e ao Occidente pelo paiz dos Negros. Porém quando os Portuguezes alli entraraõ, os Muſulmanos ſe tinhaõ apoderado de todas as praças maritimas, exceptuando Arquico, que nunca tiveraõ; e no centro das terras muitos povos barbaros, e os Galles em particular, ſe tem levan-

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

tado, e feito como independentes.

O Imperador d'Ethyopia era como hum Idolo, que os ſeus vaſſallos meſmos, e principalmente os eſtrangeiros naõ viaõ quaſi nunca; a maior graça que elle fazia aos Reis tributarios era de lhes apreſentar a ſua maõ, ou o ſeu pé para o beijarem, debaixo de hum vêo que o occultava aos ſeus olhos. Os Portuguezes o familiarizaraõ hum pouco mais, de ſorte que hoje ſe moſtra, e naõ ſegue mais a etiqueta rigoroſa do ceremonial dos primeiros tempos. Traz huma touca particular coberta de tecido d'ouro, e prata, e adereſſada com algumas perolas. Tem de ordinario na maõ huma pequena Cruz, que he o ſimbolo da Ordem de Diacono, que elle recebe ſempre para commungar debaixo das duas eſpecies, e entrar no Sanctuario, o que naõ podem fazer os leigos.

Eſte Principe naõ tem morada fixa. A Capital do ſeu Imperio he huma Cidade ambulante, e propriamente hum campo de quaſi 40 para 50 mil homens de guerra, os dois terços de Infantaria, e o reſto de Cavallaria. Além diſto elle tem mais o duplo, ou triplo de outras peſſoas do ſerviço para conſervaçaõ do campo. Todos

dos moraõ em barracas, a meſma Igreja, e o Palacio do Imperador. Porém a ordem he taõ bela, que naõ ha Cidade mais bem governada, e com melhor policia. Os Abexins naõ ſabem o que ſaõ Cidades muradas. Elles tem por principio, que a força d'uma praça conſiſte no valor, e na multidaõ dos homens, e naõ em baſtioẽs, e parapeitos. Tem com tudo quantidade de Aldêas aſſentadas em planices immenſas, e que fazem maravilhoſo effeito á viſta pela ſua proximidade apparente. As ſuas caſas ſaõ ſó de madeira, e tem ſó hum andar. Em cada Provincia naõ ha mais do que ſó huma caſa de pedra, que he a caſa da Juſtiça, onde ninguem pode entrar na auſencia do Governador, ainda que ella eſteja ſempre aberta. O Padre Paez Jeſuita tendo edificado huma caſa de muitos andares para lhe ſervir de habitaçaõ, e de Igreja, eſta caſa foi pela ſua ſingularidade hum objecto de curioſidade para todo o paiz. Iſto naõ era aſſim nos primeiros tempos. Achaõ-ſe na Ethyopia ruinas de Cidades ſoberbas, e de edificios magnificos, que dizem ſer da primeira antiguidade. Eu eſtou perſuadido que eſta ſua politica de habitar ſempre em tendas, he que

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

tem abatido o poder deſte Principe, e o que confirma a conjectura que eu tenho, de que elle poderia n'outro tempo ſer poderoſo, e ter eſtendido o ſeu dominio muito longe pela Aſia, ſem que alli reſte diſto algum veſtigio.

A Ethyopia he hum paiz cheio de montanhas d'uma exceſſiva altura, e muito agreſtes, porém as planices ſaõ fermozas, e muito ferteis. O que tem de mais curioſo, ſaõ as naſcentes do Nilo, taõ procuradas, e taõ deſconhecidas da antiguidade profana. Os Jeſuitas as deſcubriraõ viajando na comitiva do Imperador. O Grande Albuquerque tinha, ſegundo dizem, formado o projecto, de concerto com o Imperador, de mudar o curſo deſte rio, e de o fazer deſaguar no mar Roxo. Iſto teria feito morrer todo o Egypto, que naõ recebe outras aguas mais, ſe naõ as do Nilo, taõ celebrado, pela fecundidade que alli lhe leva. Porém affirmaõ que eſte projecto he abſolutamente impoſſivel na ſua execuçaõ; mas ainda ſendo quimerico, he belo o telo concebido, e faz honra ás idéas deſte grande homem.

Os Abexins ſaõ muito ſuperſticioſos: a ſua Religiaõ, ainda que Chriſtãa, corrumpida pelas herezias de Neſto-

torio, e de Diofcoro, he além d'ifto mifturada de Judaifmo, e de Paganifmo, e da infatuaçaõ das advinhaçoẽs. Tem huma ordem Hierarchica todos os gráos do Sacerdocio, até ao Abuna, que he o Bifpo da Corte, e o unico de todo o Imperio. Efte Abuna, he enviado pelo Patriarca Scifmatico d'Alexandria, que elles reconhecem por Soberano Paftor. Tem além difto huma quantidade prodigiofa de Monjes, que alli fe introdufiraõ antigamente pelo Egypto, e de que a maior parte feguem a regra de Santo Antonio. Todos tanto feculares, como regulares, affectaõ huma grande auctoridade, e faõ muito abftinentes. Com tudo ifto faõ muito ignorantes, pouco verfados nas materias Theologicas, obftinados, e preocupados das fuas falfas opinioẽs, como fe naõ pode expreffar, principalmente os Ecclefiafticos, e Religiofos: e como o povo lhes tem muito grande refpeito, e faõ em grande numero, porque o feu eftado os livra d'uma efpecie de efcravidaõ, e que o mefmo Imperador tem alguma forte de dependencia do Abuna, por efte motivo fe tem feito a converfaõ deftes povos muito dificil, e efgotado em vaõs esforços todos os

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

os trabalhos dos Miſſionarios que tem cultivado eſta vinha infructifera.

Tornemos entre tanto á viagem de D. Rodrigo de Lima, que Siqueira tinha entregado ao Barnagais, e ao Governador d'Arquico, com as 13 peſſoas da ſua comitiva, antes que partiſſe do porto de Maçua. Pondo-ſe eſtes em marcha, para hirem á Corte do Imperador, perderaõ nos primeiros dias o bom Embaixador Mattheus, que morreo no Moſteiro de Biſan com grandes ſentimentos de piedade, e d'uma doce conſolaçaõ, na eſperança das grandes recompenças que teriaõ ſuas fadigas pelo bem eſpiritual, e temporal da Ethyopia, pela uniaõ de dois grandes Principes, que podiaõ para iſſo concorrer. A morte deſte ſanto homem foi huma perda para os Portuguezes, a quem faltava na maior neceſſidade. Porque além de que lhes teria ſervido d'interprete fiel, tinha tido muito credito ſobre o eſpirito de D. Rodrigo, para lhe fazer conhecer a razaõ em muitas occaſiões, em que elle excedeo todos os limites.

Bem diferente do Embaixador Galvaõ, que a Corte tinha enviado, e que morreo na Ilha de Camaraõ, D. Rodrigo de Lima, em lugar da pruden-

dencia, da experiencia, e da ſagacidade, que Galvaõ tinha moſtrado em tantas negociaçoẽs, e intereſſes nas principaes Cortes da Europa, ſó tinha huma mocidade imprudente, hum genio arrebatado, e incivil, altivezas extravagantes, idéas quimericas, e huma impaciencia exceſſiva, que lhe cauſaraõ muitos diſgoſtos, ſem o corrigir, e embaraçando-o igualmente com os Abexins, e os ſeus meſmos.

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Depois de muitas fadigas, e deſgoſtos de viagens, finalmente chegou Lima á Corte com a ſua comitiva. Quiz o Imperador dar-lhe audiencia com huma mageſtade, e magnificencia, cuja deſcripçaõ, que deo o Padre Franciſco Alvares Capelaõ da Embaixada, o qual eſcreveo a hiſtoria della, faz baſtantemente ver a grandeza deſte Principe. He verdade que tem pretendido depois, que em todo eſte preparo, havia huma oſtentaçaõ extraordinaria conforme á vaidade deſta Naçaõ, cujo fim era entaõ engrandecer os objectos na preſença deſtes eſtrangeiros, para lhes fazer eſtimar muito a ſua aliança. O Embaixador foi chamado muitas vezes com a meſma pompa até aos pés do Throno, ſem nunca ver a peſſoa do Monarca; o que lhe

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

lhe deo muito difgofto: e eu creio que ifto foi em parte para o caftigar dos feus furores, e da pouca modeftia da fua conducta, pelo que lhe retardaraõ a graça que elle defejava com tanta paixaõ, e que lhe fizeraõ fofrer hum ceremonial inteiramente novo, e que o abatia muito.

Na primeira audiencia, D. Rodrigo offereceo feus prefentes, que confiftiaõ em huma efpada, e hum punhal ricamente guarnecidos, huma couraça, todas as armas defenfivas, duas pequenas peças de canhaõ de bronze, balas proporcionadas ao calibre das duas peças, dois barrís de polvora, quatro peças de tapeçaria da melhor, hum orgaõ, e hum mappa do mundo, a que o Embaixador ajuntou quatro facos de pimenta, que elle tinha para feu ufo. Efte prefente, que pode fer que foffe bem recebido, o foi muito mal, porque os domefticos do defunto Embaixador Mattheus tinhaõ feito faber ao Imperador, que naõ era efte o prefente que lhe tinha mandado ElRei de Portugal. Efte accidente caufou tambem a D. Rodrigo novas mortificaçoẽs, e foi obrigado a conceder para adoçar o efpirito do Principe, que era verdade, que o prefente d'ElRei ef-

tava

tava ainda em poder do Governador General das Indias, e que feria enviado fielmente á sua Mageftade, porém que o General naõ tinha nunca efperado aportar em Maçua, que o havia feito fó por huma efpecie d'acafo, e que elle tinha fuprido por efte prefente, que elle da fua parte fazia, ao que eftava em Goa, tendo affima neceffidade, e a conjuntura dos tempos difpofto das coifas como elle naõ efperava. E ou o Imperador fe fatisfizeffe com eftas rafoẽs, ou naõ, moftrou com tudo que defprefava o prefente, e o fez diftribuir pelos pobres, e pelas Igrejas.

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Em fim depois de ter canfado a paciencia de D. Rodrigo por mais d'hum mez, correo o vêo que lhe occultava a peffoa do Principe. Appareceo affentado fobre hum Throno alto, com a Coroa na cabeça, e o rofto meio coberto com huma garça, que hum pagem abaixava, e levantava de de tempo em tempo. Parecia ter pouco mais de 20 annos, e tinha muito bom agrado, ainda que moreno como faõ os Abexins. A audiencia foi de mercês, e o Imperador certificou a fatisfaçaõ que tinha de entrar em aliança com ElRei de Portugal, a quem permi-

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

mitio desde logo fundar Fortalezas em Maçua, e Suaquem, e em Zeila, prometendo ajudallo, para a fundaçaõ, com homens, viveres, dinheiro, e materiaes.

Depois disto, o Imperador se mostrou muitas vezes, sem este fasto que o cercava, e com mais familiaridade vio, e conversou muitas vezes em particular com o Padre Francisco Alvares sobre os negocios da Religiaõ. Quiz-lhe ver dizer Missa conforme o Rito Latino, e lhe assistio com toda a sua Corte. Mostrou-se edificado das ceremonias da Igreja Romana, e concebeo no mesmo tempo huma alta idéa de Alvares, que adquirio a reputaçaõ de hum santo. Os Portuguezes tiveraõ da sua parte a satisfaçaõ de verem Pero da Covilhãa, que naõ podia conter a alegria de encontrar os seus nacionaes, e ao mesmo tempo derramava muitas lagrimas com a lembrança da sua patria, que naõ devia ver mais por causa da sua grande idade, e das obrigaçoẽs que tinha tomado.

O Imperador forneceo sempre com abundancia a sustentaçaõ do Embaixador, e dos seus que seguiaõ a Corte nas diferentes marchas que elle fez,

e

e de que Alvares nos deixou huma relaçaõ magnifica.

Desde a primeira distribuiçaõ que se fez por ordem do Imperador, Lima, que julgou que tudo era para si, repartio pouco com os da sua comitiva; o que escandalizou de modo Jorge de Abreu, e Lopo da Gama, que chegaraõ ás palavras mais injuriozas, e às acçoẽs, em presença mesmo dos primeiros Ministros do Imperador, que ficaraõ mito escandalizados, e relataraõ tudo a este Principe.

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Este procedimento taõ indecente em hum homem revestido de caracter, foi sustentado por outro ainda pior. Porque tendo-se o Imperador empinhado duas vezes para os reconciliar, e fazer cessar o escandalo, nunca D. Rodrigo quiz admitir reconciliaçaõ alguma, de sorte que na comitiva do Imperador foi obrigado a tomar elle mesmo as medidas convenientes para evitar maiores arroidos.

Em fim D. Rodrigo tendo tido sua audiencia de despedida, e tendo-se posto em caminho, o Imperador, que o fez acompanhar pelo seu Mordomo mór, e por outro dos grandes Senhores da sua Corte, que devia ser tambem da viagem, lhe fez dizer por

elles,

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

elles, que queria abſolutamente, que elle ſe reconciliaſſe com Abreu. Para iſto ſe precizaraõ muitas conferencias. Com tudo conſeguio-ſe a paz. Abraçaraõ-ſe finalmente, mas deſde entaõ ſe quizeraõ cada vez pior. D. Rodrigo ordenou ao ſeu deſpenſeiro que naõ deſſe viveres a Abreu. De balde o Mordomo mór lhe moſtrou a ſem razaõ que fazia, e perſiſtio profiadamente, e Abreu mais irritado que nunca, reſolveo fazelos dar por força, e chegou á acçoés ainda mais moleſtas, ſem que o Barnagais em peſſoa podeſſe moderar as violencias deſtes dois homens. Iſto indignou por modo eſte Principe, que depois de lhes ter tirado as cartas, e o preſente que o Imperador enviava a ElRei de Portugal, os fez recondusir para á Corte para alli os fazer caſtigar.

Os negocios ſe acommodaraõ hum pouco na Corte, ao menos em quanto ás apparencias. Com tudo D. Rodrigo recebeo as cartas que lhe eſcreveo D. Luiz de Menezes, que tinha vindo á Malaca para o reter, e naõ o achando, lhe aſſinalou hum dia até o qual o eſperaria. Por eſtas meſmas cartas o aviſava da morte d'ElRei D. Manoel, de que o Imperador moſtrou

hum

hum grande ſentimento; pelo que ordenou hum jejum rigoroſo de tres dias ſucceſſivos, dentro dos quaes todas as logeas ſe fecharaõ, Naõ ſe comprava nem vendia nenhuma das coiſas mais neceſſarias para á vida. Depois deſte luto, ao qual ſuccedeo o acontecimento de ſaberem que D. Manoel eſtava ſubſtituido na peſſoa d'ElRei D. Joaõ III. ſeu filho, foi Lima deſpedido de novo; porem tendo paſſado o dia que lhe havia ſido preſcrito, foi obrigado a voltar ſobre ſeus paſſos, e tornar á preſença do Imperador, que, com o favor dos preſentes que D. Luiz lhe tinha deixado no porto de Maçua, o recebeo completamente bem.

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Em fim depois de ſeis annos de aſſiſtencia na Ethyopia, D. Rodrigo teve do Imperador ſua audiencia de licença, que o fez acompanhar por hum Embaixador que enviava a ElRei de Portugal. Heitor da Silveira os recolheo no porto de Maçua, donde os conduſio para ás Indias. De lá ſe embarcaraõ para Lisboa onde chegaraõ feliſmente. ElRei D. Joaõ III. os recebeo em Coimbra com honras extraordinarias, e fez hir recebelos ao caminho todos os Prelados, e Titulos que alli tinha na ſua Corte.

El-

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

ElRei tendo enviado depois D. Martinho de Portugal ſeu ſobrinho com Embaixada ao Papa Clemememente VII. Alvares ſeguio eſte Principe tendo tambem o caracter de Embaixador do Imperador d'Ethyopia, e em eſta qualidade teve a honra de praticar com Sua Santidade, que ſe achava em Bolonha, onde devia coroar o Imperador Carlos V. A aſſemblea era das mais auguſtas; e ſe Alvares teve a ſatisfaçaõ de apparecer nella com hum caracter muito ſuperior á ſua primeira fortuna, o Soberano Pontifice naõ a teve menos de receber as cartas, que elle lhe apreſentou da parte d'hum Principe, de que havia na Europa huma idéa bem ſupperior ao que elle na verdade era, que lhe dava titulos magnificos, e o liſongeava com a eſperança de fazer entrar o ſeu Imperio nos ſentimentos de ſumiſſaõ á Igreja Romana.

Fim do Livro oitavo, e do Tomo ſegundo.